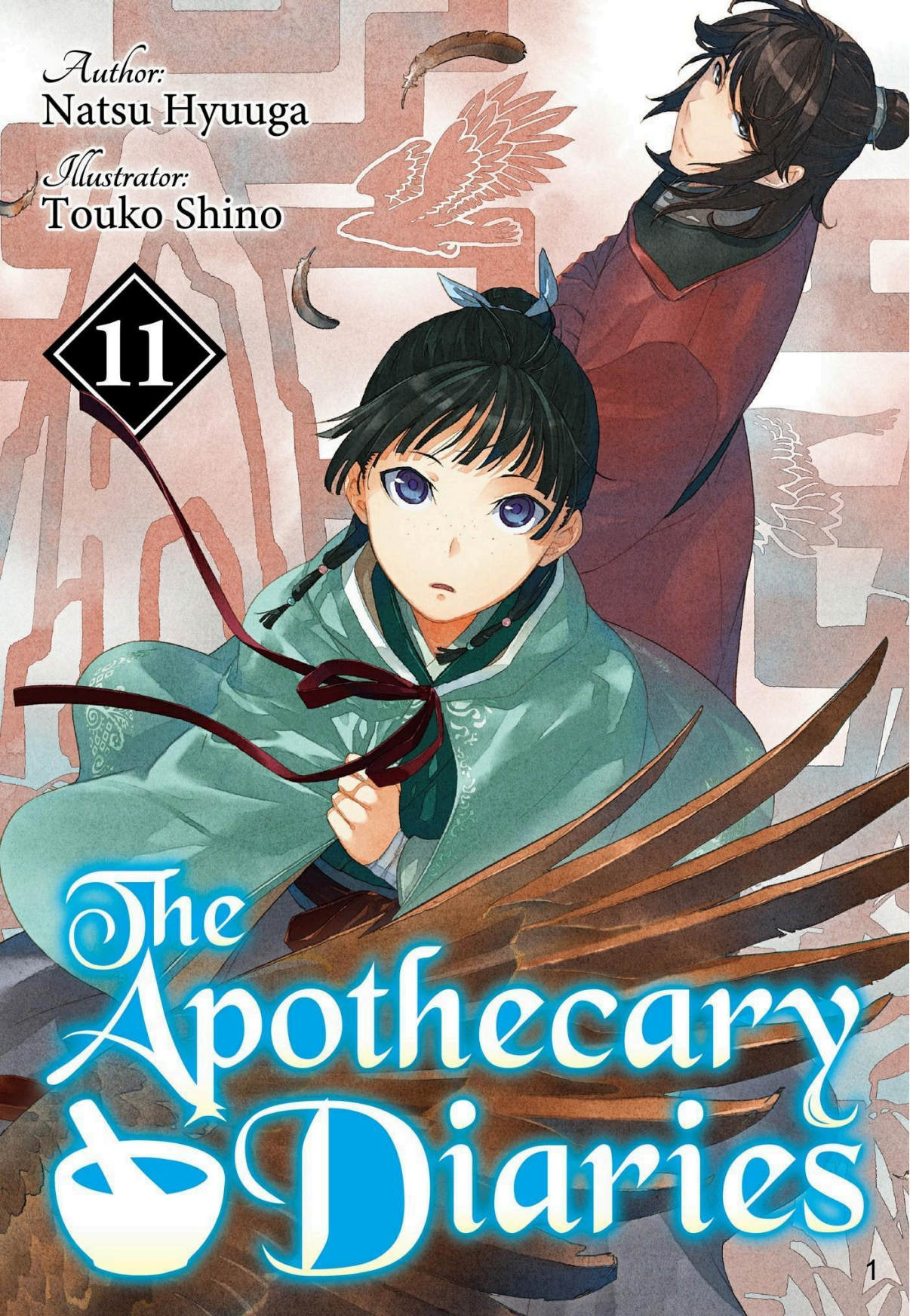
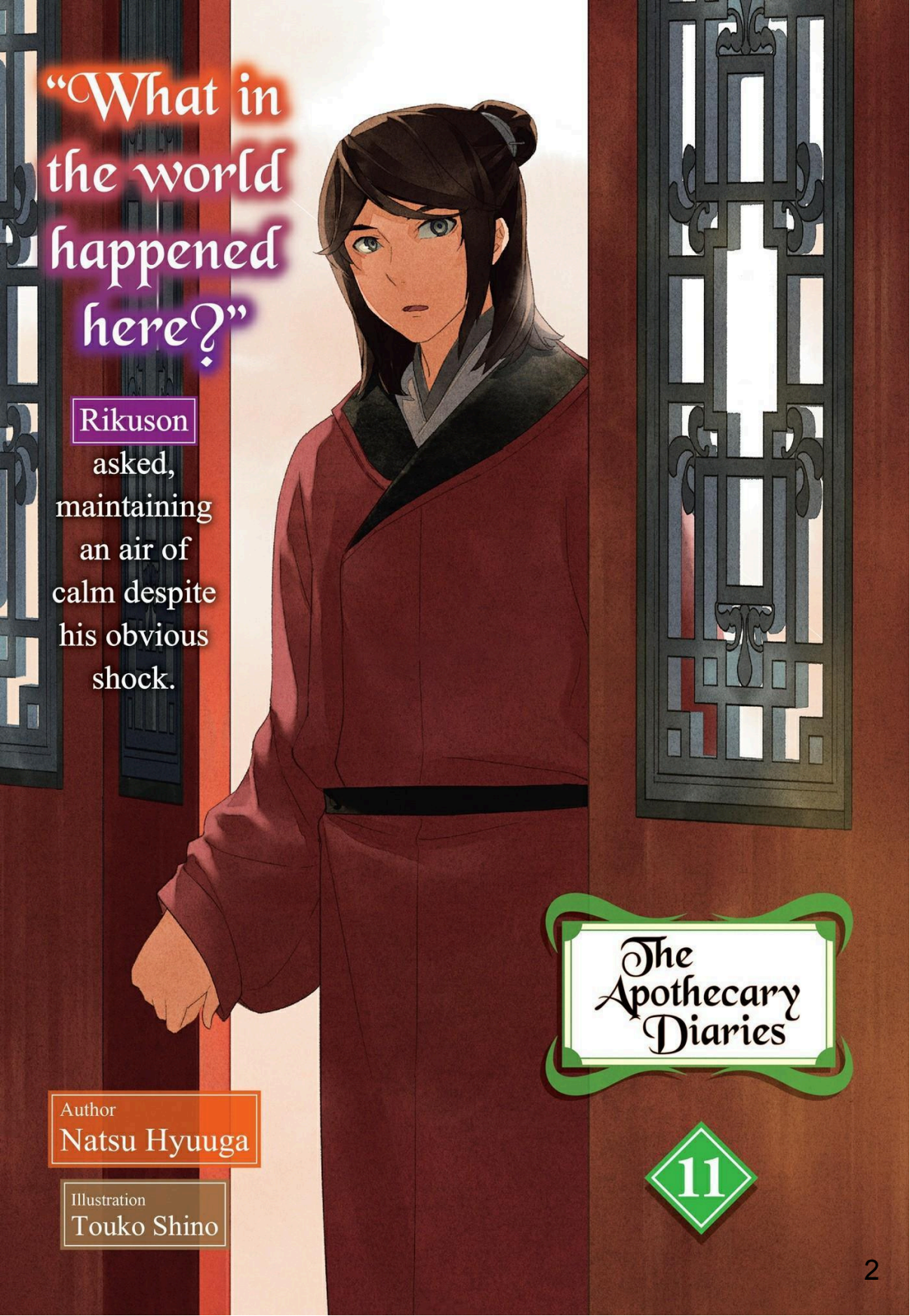
Author:
Natsu Hyuuga

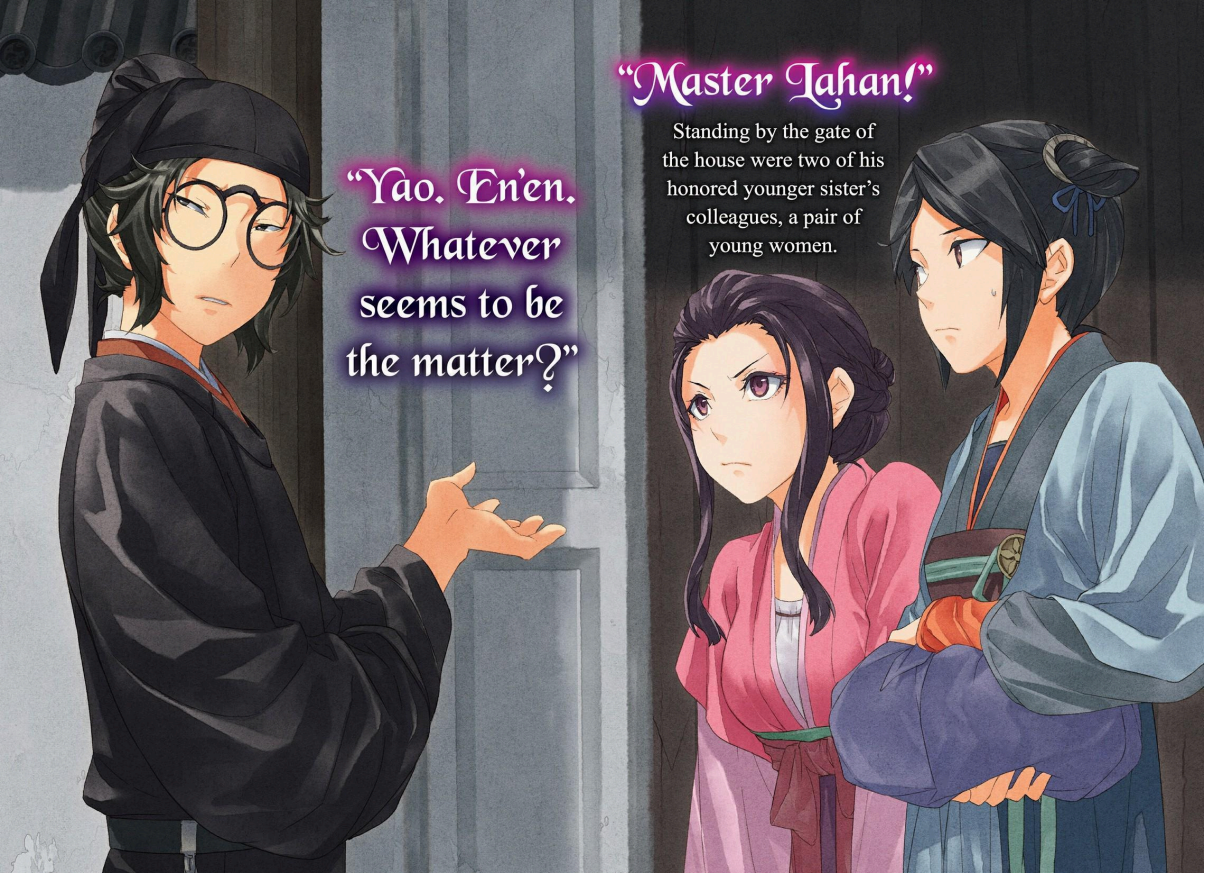
Illustrator:
Touko Shino

11



The Apothecary Diaries


"What in the world happened here?"
Rikuson asked, maintaining an air of calm despite his obvious shock.
The Apothecary Diaries
11
Author
Natsu Hyuuga
Illustration
Touko Shino


"Yao. En'en. Whatever seems to be the matter?"
"Master Lahan!"
Standing by the gate of the house were two of his honored younger sister's colleagues, a pair of young women.

In front of him was Gyoku-ou, interposing himself between Jinshi and the masses. The people were keeping a respectful distance, almost like spectators at a play.

Maomao watched
Onsou lead
the freak strategist
away.
"What is it? You can ask your daddy anything!"

"I need a charge."
"What are you doing?"
Jinshi's long fingers pressed into the back of Maomao's hand, while his palm pressed against hers.

The Apothecary Diaries

Introduction

Jinshi's Success, Jinshi's Guilt

Jinshi uses his position as Imperial younger brother to obtain support for I-sei Province from the central government. As supplies remain scarce, Maomao finds problems drifting down on her like burning cinders.

There's Gyoku-ou's granddaughter, suffering from a mysterious stomach ailment; the old man that the freak strategist, Lakan, drags into things, whom he calls the Sage; the eccentricities of her colleague, Tianyu.
And then there is he of whom there has been no news...
Is he finally coming home?!

Despite all his efforts, resentment toward the Imperial younger brother mounts in the western capital. As the people are tormented by starvation and sickness brought on by the insect swarm, they begin to point their rage toward Jinshi, and he finds himself the object of hatred by the very commoners he thought he was protecting.
How will he respond? Then there's the acting governor, Gyoku-ou himself—what is he really up to?
Will Maomao escape all this danger in one piece?

Perfis de Personagens

Maomao

Anteriormente um boticário no distrito do prazer. Completamente obcecado por remédios e venenos, mas em grande parte desinteressado em outros assuntos. Tem profundo respeito por seu pai adotivo Luomen. Vinte anos de idade.

Jinshi

O irmão mais novo do Imperador. Desumanamente lindo. Ele é notavelmente pé no chão para alguém tão lindo, mas não há como dizer o que ele pode fazer se ele se deixar levar. Tem um complexo de inferioridade sobre suas habilidades intelectuais não mais do que a média. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte e um anos de idade.

Basen

Filho de Gaoshun; assistente de Jinshi. Não sente dor tão intensamente quanto a maioria das pessoas, o que lhe dá capacidades físicas muito maiores do que a maioria. Ele é muito sério, mas isso o torna fácil de ajustar. Apaixonado pela Consorte Lishu.

Gaoshun

Pai de Basen. Um soldado bem constituído, ele era anteriormente assistente de Jinshi, mas agora serve o Imperador pessoalmente. Ele está acompanhando Jinshi em sua expedição por ordem de Sua

Majestade.

Chue

Esposa de Baryou e mãe de seu filho. Não é muito atraente, mas compensa com sua iniciativa e personalidade boba.

Lakan

Pai biológico de Maomao e sobrinho de Luomen. Um esquisito com monóculo. Ele é um membro de alta patente do exército, mas seu comportamento bizarro faz com que as pessoas o evitem. Ele ama Go e Shogi e é um jogador formidável.

Imperatriz Gyokuyou

A esposa legal do Imperador. Uma beldade exótica com cabelos ruivos e olhos verdes. Vinte e dois anos.

Rikuson

Antes ajudante de Lakan, ele agora serve na capital ocidental. Ele tem memória fotográfica para rostos de pessoas.

Gyokuen

Pai da Imperatriz Gyokuyou. Oficialmente o governante da capital ocidental, mas quando sua filha ascendeu ao trono, ele se mudou para a

capital real.

Gyoku-ou

Filho mais velho de Gyokuen; meio-irmão da Imperatriz Gyokuyou. Atualmente lidera a capital ocidental enquanto seu pai está fora.

Suiren

A dama de companhia de Jinshi e ex-ama de leite.

Taomei

Mãe de Basen e esposa de Gaoshun. Cega de um olho. Uma "obra-prima de mulher" que lembra um animal predador. Seis anos mais velha que Gaoshun.

Baryou

Filho de Gaoshun e irmão mais velho de Basen. Passa a maior parte do tempo escondido atrás de uma cortina.

Tianyu

Um dos colegas de Maomao; um jovem médico. Ele pode parecer frívolo e tem uma queda por En'en. Ele é rápido em meter o nariz sempre que algo lhe interessa.

Dr. You

Um médico de alto escalão que vem da capital ocidental.

Irmão de Lahan

Irmão mais velho de Lahan; sobrinho e filho adotivo de Lakan. Uma pessoa perfeitamente

comum que brilha quando faz piada

Índice

1. Capa
2. Ilustrações coloridas
3. Introdução
4. Perfis dos personagens
5. Prólogo
6. Capítulo 1: Frutas secas
7. Capítulo 2: O estrategista ataca!
8. Capítulo 3: Grande Lin
9. Capítulo 4: Pequeno Lin
10. Capítulo 5: O Retorno de um Irmão
11. Capítulo 6: Da Capital
12. Capítulo 7: As Cartas que Chegaram
13. Capítulo 8: As Cartas que Não Chegaram
14. Capítulo 9: O Encontro
15. Capítulo 10: A Proporção Áurea
16. Capítulo 11: A Mina de Carvão
17. Capítulo 12: Mãe versus Filho
18. Capítulo 13: Uma Visita aos Doentes
19. Capítulo 14: Tianyu
20. Capítulo 15: Violência
21. Capítulo 16: Os Filhos de Gyokuen
22. Capítulo 17: Na Sombra do Ritual
23. Capítulo 18: A Conferência dos Irmãos
24. Capítulo 19: O Vento Chorão (Parte Um)
25. Capítulo 20: O Vento Chorão (Parte Dois)
26. Capítulo 21: O Estrategista Assume o Comando
27. Capítulo 22: O Irmão Mais Novo Imperial Reclamação

28. Epílogo
29. Notas do Tradutor Bônus

Prólogo

Ele gostava do som das carruagens: o relinchar dos cavalos, o ranger das rodas, os gritos dos condutores.

Ele gostava do som do mercado: os chamados dos mercadores, a agitação das multidões, o riso das crianças.

Mesmo aqui, neste lugar árido e seco onde as pessoas tinham que lutar contra a própria terra, elas viviam bravamente.

Isso era uma coisa maravilhosa, sua mãe lhe ensinara. O menino estava sempre com ela e a ouvira dizer isso muitas vezes.

Sua mãe trabalhava com pássaros; ela observava o mundo inteiro de uma mesa. Ela ria e dizia a ele que um dia ele também seria capaz de fazer isso. Às vezes, ela olhava fundo em seus olhos e parecia estar pensando em algo. Ou às vezes, parecia a ele, lembrando-se de alguém.

"Só certifique-se de proteger esta cidade", ela disse. O menino assentiu assiduamente. "Ajude-a a crescer grande e forte."

O menino disse a ela que entendia.

“Cresça para ser igual ao seu pai”, ela disse a ele, e ele respondeu rindo que é claro que ele faria isso.

Se o menino crescesse grande e forte, a cidade

também cresceria.

Eles teriam tanta abundância que uma colheita ruim não significaria nada para eles, tanta força que eles não temeriam nenhum ataque inimigo...

Ele queria ser como sua mãe com sua gentileza; portar-se com a autoridade de seu pai.

Ele queria essas coisas para que sua casa, a capital ocidental, pudesse ser mais rica e mais bonita do que qualquer outro lugar.

Capítulo 1: Frutas secas

Maomao estava em um dos fogões, cozinhando. Com medo de se envenenar se não respirasse um pouco, ela respirou fundo, expirou novamente e enrolou uma toalha de mão em volta do nariz e da boca.

Fazia cinco dias desde o enxame, e eles finalmente estavam quase livres dos gafanhotos ao redor do consultório médico. Havia alguns sobreviventes

—pelo menos até Maomao encontrá-los, quando ela os esmagaria sob os pés.

"Ainda precisamos dessas plantas venenosas?" Lihaku perguntou enquanto mexia uma panela grande.

"Sim. Pode haver uma segunda onda." Maomao cortou algumas das ervas em questão com um cutelo e as despejou na panela. "Você precisa ter certeza de cobrir sua boca, Mestre Lihaku."

"Ah, é só um pouco de fumaça, não é?" Ele franziu a testa, não querendo se dar ao trabalho.

"Nós nos lembramos do que aconteceu quando não fomos cuidadosos perto do armazém queimado? Lembramos de ter queimado a

cabeça?”
“Urk...” Lihaku obedientemente cobriu o nariz e a boca.
“Senhorita Maomao! Senhorita Maomaaaao!”
Chue apareceu, anunciada por seus passos característicos de ponta a ponta. Ela carregava uma caixa grande. “Eu trouxe os remédios e bandagens extras que você queria!”
“Obrigada,” disse Maomao, inspecionando o conteúdo da caixa. “É só isso?”
“Temo que sim,” disse Chue com um olhar de desculpas. Apesar do tamanho da caixa, não havia muita coisa nela. Certamente não tanto quanto Maomao havia pedido. “Os suprimentos estão escassos em todos os lugares. Acho que teremos que nos virar.”
“Sim, claro. Você está certa.”
Os gafanhotos podem ter ido embora, mas isso não significa que eles poderiam relaxar.
As pessoas estavam nervosas, e esse tipo de ansiedade poderia levar a surtos de violência. Algumas pessoas ficaram feridas, e muitas outras estavam com problemas de saúde. Os remédios sempre pareciam estar em falta — com um contágio por perto, é claro que eles não teriam o suficiente.
Maomao passou um pilão e um almofariz para Chue, encorajando-a a trabalhar

também. Chue gentilmente, mas resignadamente, arregaçou as mangas.
Não acho que ficaremos sem comida de verdade. Mas há outros problemas.
Os insetos não tinham chegado a todas as provisões nos silos de grãos, mas havia uma escassez de frutas e vegetais, o que significa que todos teriam uma dieta desequilibrada no futuro previsível.
O verdadeiro problema é daqui a alguns meses. Os suprimentos precisariam ser regulados de perto até a próxima colheita.
As pessoas podem ser complexas e difíceis. Apenas dizer a elas que tudo ficaria bem e que relaxassem não resolveria. Assim que percebessem que não haveria o suficiente para todos, começariam a acumular. Logo haveria escassez, e então as pessoas começariam a passar fome.
Maomao disse: "Tenho certeza de que nosso querido governador em exercício está bem ciente de tudo isso..."
"Quando você chega ao fundo da questão, Mestre Gyoku-ou é um fazedor", Chue respondeu incisivamente.
"Um fazedor?"
Por uma variedade de razões, Maomao não era pessoalmente um grande fã de Gyoku-ou, mas uma marca da idade adulta era a capacidade de

separar o ânimo pessoal da avaliação objetiva.
"Ele enviou provisões e distribuiu comida pela capital ocidental e pelas cidades vizinhas, onde quer que não houvesse o suficiente para comer. Ser rápido para agir, isso vale muito."
Uma resposta inicial rápida faria muito para tranquilizar a população. "Começou a compartilhar imediatamente, hein? Generoso! Pensei que os poderosos
deveriam tentar manter tudo para si mesmos", disse Lihaku, impressionado.
"Certo? Mas ele enviou carruagens cheias de provisões, todas cuidadosamente calculadas com base na população e na extensão dos danos a cada área." Chue nunca deixou passar nada, não é? Ela parecia ter verificado tudo isso sozinha.
Espere. É isso... Era tudo o que Rikuson estava preparando há tanto tempo? Ele fez muitos relatórios para Gyoku-ou. Se o governante tivesse aproveitado isso, tudo faria sentido. Se isso for verdade... Isso mostraria que Gyoku-ou não estava preso ao seu orgulho, estava disposto a usar qualquer coisa e qualquer um que pudesse, mesmo aqueles que tinham vindo da região central. Talvez a razão pela qual ele ordenou que Rikuson ficasse para trás na aldeia em vez de voltar direto para casa fosse precisamente para ter uma ideia melhor do que

estava acontecendo no local.

Maomao não podia oferecer a Gyoku-ou sua aprovação incondicional, não quando ela sabia como ele tinha usado Jinshi como um contraponto conveniente, dificilmente o tratando como um verdadeiro parente imperial. Ainda assim, ela tinha que admitir que, como um daqueles políticos que sentia que seu primeiro dever era para com sua terra natal, Gyoku-ou estava se mostrando bastante eficaz. Eu conheço alguém que poderia aprender uma coisa ou duas com ele. Ela se perguntou como Jinshi se sentia sobre a maneira como Gyoku-ou o estava tratando. A audácia disso não parece incomodá-lo.

Ele, no entanto, se irritou com sua incapacidade de agir abertamente. Ele queria ajudar, mas suas mãos estavam atadas por seu status de convidado e visitante. Ainda assim, ele fez o que pôde, como enviar Lihaku com Maomao para a vila agrícola ou fazer com que o estrategista esquisito formasse uma equipe de extermínio de insetos. Jinshi era como um pato — remando como o diabo por baixo.

Jinshi nunca pareceu indevidamente apegado ao seu poder. Sim, ele às vezes agia como um homem f autoridade, mas quando ele realmente pressionou seu status como irmão mais novo

Imperial?
Durante a rebelião do clã Shi, talvez, mas essa é a única vez que consigo pensar.
Naquela ocasião, Jinshi exerceu seu status abertamente. Maomao não estava em posição de criticá-lo — ela foi uma das razões pelas quais ele fez o que fez — mas, de qualquer forma, esse foi o momento em que o irmão mais novo de Sua Majestade ficou mais visível ao público, reprimindo uma rebelião.
Maomao sabia que, depois disso, Jinshi começou a cumprir os deveres de sua posição na vida. Ele estava tão ocupado quanto durante seu tempo como "eunuco" — talvez até mais ocupado —, mas muito de seu trabalho eram coisas que lhe foram impostas. Quanto aos projetos que ele escolheu seguir por sua própria vontade...
Os preparativos para conter o enxame são a única coisa em que consigo pensar.
As pessoas diziam que ele estava se preocupando demais; diziam que ele estava aumentando os impostos de forma irracional; pessoas comuns e burocratas o olhavam com desdém, mas mesmo assim ele fez isso.
Ele deveria ter se tornado mais visível. Como quando era um eunuco. Desde que retornou à sua posição como irmão mais novo Imperial, Jinshi mal usou sua arma mais potente: sua

aparência.
Talvez ele esteja se segurando para não ser inundado de pretendentes.
Sem a proteção de ser um "eunuco", e agora com o incentivo adicional do poder de ser o irmão mais novo do Imperador, não haveria

nenhuma escassez de mulheres que desejassem se tornar sua rainha.
Pretendentes, hein...
Maomao se lembrou da piadinha de Rikuson. Ela só podia presumir que Chue havia relatado isso a Jinshi junto com todo o resto. Que problema.
"Senhorita Chue, você relatou tudo?" Maomao perguntou. Ela deliberadamente escolheu não dizer o que estava pensando — como Rikuson havia perguntado, de volta à aldeia, se ele poderia pedir sua mão em casamento.
“Não sei bem a que relatório você se refere, mas não se preocupe. Tudo é mantido em segredo do nosso honrado estrategista”, disse Chue.
Maomao fez uma pausa. Então ela havia contado a Jinshi. Lihaku olhou para eles — ele não sabia do que estavam falando — mas continuou mexendo na panela.
“Se foi só uma brincadeira, então não houve mal algum, certo?”, disse Chue. “Certo. E foi só uma brincadeira.”

“Certo. Mas algumas pessoas podem levar a sério.”
Isso foi premeditado! Chue sabia exatamente do que estava falando.
Maomao imaginou Jinshi no seu momento mais problemático. Rapaz, ela ia levar uma bronca sobre isso na próxima vez que se vissem? Mas talvez ficasse tudo bem...
“Tudo pronto, mocinha!”, disse o médico charlatão, mostrando a ela um prato grande e plano cheio de fileiras de pílulas. Cada uma das pílulas era do tamanho de um grão de arroz e muito consistente em tamanho, mostrando que ele havia usado um molde para fazê-las.
Maomao se lembrou de quando conheceu o charlatão — ela ficou chocada ao descobrir que ele estava produzindo as bolas de remédio manualmente, fazendo com que cada uma tivesse um tamanho ligeiramente diferente.
"Muito obrigada. Se você puder lidar com isso depois, por favor." "Claro! Não se importe se eu fizer isso." O charlatão estava de bom humor, embora fosse
difícil dizer qual deles era o médico e qual era o assistente.
Sem mencionar que, em algum momento, Tianyu havia desaparecido.
Quando Maomao foi procurá-lo para tentar fazê-lo ajudar, ela o descobriu dissecando

alguns antigos animais de criação no refeitório. Na província de I-sei, esperava-se que os adultos pudessem abater animais, então um médico que sabia fazer o mesmo não levantava sobrancelhas. Maomao até começou a pensar que talvez Tianyu tivesse se tornado médico precisamente porque gostava de dissecar coisas.
"Isso é prática. Não gostaria de perder minha vantagem", ele disse, balançando uma das pernas do animal provocativamente para Maomao. Sendo um idiota, como sempre.
Dr. You e os outros estavam ocupados tratando dos feridos e doentes na cidade.
Todos que estavam na casa principal e no escritório administrativo

estavam ocupados tentando lidar com as consequências da praga. O estrategista esquisito em particular estava sempre com falta de pessoal, então ele se apropriou de algumas pessoas do anexo como reforços, deixando o lugar mais silencioso do que o normal.
Maomao fez um balanço do anexo enquanto caminhava de volta para o consultório médico. Um punhado mínimo de pessoas havia sido deixado para trás para proteger Jinshi. A presença de almas animadas como o charlatão e Chue fazia o lugar parecer barulhento, mas elas eram duas das poucas vozes a serem ouvidas ao

redor do anexo. A agitação do mercado estava ausente, e não havia risadas de crianças brincando. Ocasionalmente, vozes elevadas podiam ser ouvidas em uma discussão menor, mas isso era tudo.

Gostaria de poder sair e dar uma olhada na cidade, pensou Maomao.

Infelizmente, não era hora para uma excursão. Mesmo que o tempo estivesse muito bom.

O médico charlatão também olhou pela janela enquanto espremia o mofo. Ele estava verificando a posição do sol. "Acho que é hora do lanche", ele murmurou com saudade.

Normalmente, a hora do lanche o levaria para a cozinha, de alguma forma conseguindo um pouco de comida.

"Hmm... Não tenho certeza se a hora do lanche está nos planos hoje, né "ela", disse Chue com um fungado. "Eles estão enchendo os armazéns e preocupados com alimentos básicos. Acho que nossos pequenos prazeres terão que esperar."

"Claro, claro..." disse o charlatão, que estava suportando a vida sem lanches por vários dias.

Se perder a hora do lanche é o pior dos seus problemas, ele tem muita sorte, pensou Maomao enquanto começava a misturar alguns remédios.

Ela estava tão focada em sua mistura que quase não percebeu a noite caindo. Ela estava apenas limpando as ferramentas quando alguém bateu alto na porta do escritório.

"Quem está aí?" Lihaku exigiu. Ele abriu a porta e encontrou uma jovem mulher, branca como um lençol. Uma das damas de companhia, talvez.

"O-Onde está o médico?", ela perguntou.

"O médico? Você quer dizer eu?" O charlatão trotou com uma expressão vazia. A mulher obviamente tinha vindo correndo o mais rápido que podia, e ele lhe ofereceu um copo de água.

"V-Venha comigo!" ela gritou. "Por favor! A jovem... A jovem amante!"

Jovem amante? Maomao se perguntou. Ela não tinha ouvido falar de nenhuma amante. Por outro lado, esta era a casa de Gyokuen, então ela tinha certeza de que quem quer que fosse

essa pessoa, devia ser parente dele. Mesmo com apenas alguns guardas restantes, ninguém de origem suspeita seria admitido no anexo.

Era óbvio pelo comportamento da mulher que era uma emergência, mas Maomao não achava que arrastar o médico charlatão para a cena levaria a pobre empregada muito longe.

Sabendo que não podia permitir que um dos parentes de Gyokuen ficasse sozinho, Maomao

levantou a mão. "Se você me der licença. O Mestre Médico está aqui exclusivamente para cuidar do Príncipe da Lua. Não podemos deixar você simplesmente levá-lo para algum lugar. Não há outros médicos nesta casa?"
Foi a maneira mais indireta de recusar que ela conseguiu pensar. "Eles estão todos fora! Por favor! Se alguém não a ajudar, a jovem senhora... Ela vai...!"
Imaginado.
Uma exceção especial foi feita para este anexo porque um membro da família imperial estava na residência — mas os outros médicos, incluindo o Dr. You, foram todos pressionados a servir para tratar os plebeus na cidade. Se até eles tinham que ir servir na cidade, quão mais ocupados os médicos locais deveriam estar?
"Você poderia pelo menos nos dizer o que está acontecendo com sua senhora?" Maomao perguntou, fazendo a mulher beber a água que o charlatão havia trazido para ela. Ela bebeu tudo de um só gole, então lentamente soltou um suspiro. "Para começar, quem é sua senhora?"
Maomao odiava o tempo que isso levaria, mas ela tinha que começar do começo.
Depois de um momento, a mulher disse: "Ela é neta do Mestre Gyokuen."
"Quantos anos ela tem?" "Oito."

"E seus sintomas?"
“Bem, ela nunca comeu muito, mas desde o enxame de gafanhotos, ela quase parou de comer qualquer coisa. A única coisa que ela está disposta a comer há dias é fruta, mas hoje ela reclamou que seu estômago doía e vomitou várias vezes.”
Dores de estômago e vômitos? Esses sintomas podem ser quase qualquer coisa.
“Que tipo de fruta ela comeu hoje?” Maomao perguntou. É possível que a garota tenha tido intoxicação alimentar por consumir frutas ruins, mas mesmo em uma emergência como essa, Maomao teve dificuldade em imaginar uma “jovem

amante” comendo algo podre. “A mãe dela deu frutas secas a ela.” “Passas, por acaso?”
A mulher balançou a cabeça. “Não. Algo que foi trazido da capital — eu não reconheci.”
“Da capital...” Maomao inclinou a cabeça. A província de I-sei produzia mais frutas secas do que a capital. O que havia na província de Kaou que eles não tinham aqui?
“Tinha casca marrom-avermelhada e parecia ter sido polvilhada com pó branco”, disse a mulher.
Os olhos de Maomao se arregalaram. A dama de companhia parecia estar descrevendo um caqui seco. “Tudo bem. Veremos sua patroa

imediatamente. Onde ela está?” Maomao correu para pegar ferramentas e remédios nas prateleiras do escritório e os enfiou em uma bolsa.

“S-Jovem senhora! Você não pode simplesmente sair correndo sozinha!” gritou o charlatão.

“Se a deixarmos, na pior das hipóteses, ela pode morrer!”

“M-M-Morrer?!” O charlatão tremeu visivelmente. Lihaku pegou a bolsa de Maomao, enquanto Chue parecia ter desaparecido nesse meio tempo. “Mas... Mas eu não posso sair do escritório...”

“Eu vou.” Maomao não tinha muita certeza, mas tinha quase certeza de que o charlatão não conseguiria tratar da garota. Ela imaginou que teria que lidar com isso sozinha, mas então outra pessoa falou.

"Não sozinha, você não vai, Niangniang. Você nem é médica."

Quem deveria ser senão o homem com o sorriso indolente? Tianyu estava encostado em um dos postes do consultório médico, uma bolsa cheia de suprimentos já na mão.

"Eu vou com você. Pelo menos eu tenho o título de médica."

Ele parecia ter ficado muito interessado no caso, mas sua presença deixou Maomao mais ansioso,

não menos.
"Você vem comigo?"
"Não, Niangniang. Você vem comigo."
Maomao ficou em silêncio por um momento. Ele estava certo de que, de acordo com a hierarquia, ela estava lá apenas para ajudar. E ela teve que admitir que Tianyu era melhor do que o charlatão quando se tratava de actual doctoring.
“Senhorita Maomao, Senhorita Maomao!” Chue reapareceu nesse meio tempo. “Eu me reportei ao Príncipe da Lua.”
Ela trabalhou rápido, tudo bem.

“E o que ele disse?” Maomao perguntou. Mesmo que ela e Tianyu estivessem dispostas a ir ver o paciente, elas não iriam a lugar nenhum sem a permissão de Jinshi. A dama de companhia também observava Chue atentamente.
“Ele disse que você pode ir em frente e ir! Apenas certifique-se de discutir o tratamento muito, muuuuito bem com o paciente!”
Lihaku parecia estar se preparando para acompanhá-los; ele estava ordenando que outro soldado cuidasse do charlatão.
Maomao virou-se para o servo preocupado e disse: “Mostre-nos para onde precisamos ir.”

A dama de companhia os guiou até uma casa perto do anexo. Quando foram conduzidos ao quarto do paciente, encontraram uma mulher de vinte e poucos anos ao lado da cama — Maomao pensou que fosse a mãe da criança.

Ela tremia violentamente. Os traços bem delineados de seu rosto eram a imagem de uma beleza ocidental clássica.

Uma jovem estava deitada na cama, seu rosto sem sangue. Ela parecia com sua mãe, mas algo, talvez o jeito que ela estava deitada ali, a fazia parecer magra e fraca.

Maomao e Tianyu pediram para Lihaku esperar na porta, então eles entraram no quarto. Chue queria ir com eles, mas dessa vez ela teve que ficar em casa.

"M-Minha filha! Por favor, ajude minha filha!"

A mãe parecia que nem teve tempo de escovar o cabelo; ele estava grudado em suas bochechas em mechas bagunçadas.

"Sim, senhora", disse Tianyu. Ele se moveu para puxar as cobertas da paciente, mas a mulher exclamou: "O que você está fazendo?!"

“Não posso examinar muito bem a paciente se não puder vê-la”, ele disse. Ele estava certo, até certo ponto, mas essas casas nobres estavam muito preocupadas com a castidade. Elas resistiam à ideia de um homem olhar para o corpo de uma mulher, mesmo que a mulher

fosse uma criança de oito anos.
Ficou claro pela expressão no rosto de Tianyu que ele não tinha interesse algum em uma criança como essa, mas sua mãe não percebeu.
Algumas pessoas pareciam pensar que os médicos eram todo-poderosos, que podiam adivinhar a condição da paciente, qualquer que fosse, apenas tomando o pulso.
Maomao olhou para Tianyu.
"Tudo bem", ele disse. "Haveria algum problema se minha assistente tocasse na paciente?"
"N-Não, acho que não tem problema..."

Maomao fez uma reverência e então rolou as cobertas. Ela pegou uma colher de sua bolsa de ferramentas e examinou o interior da boca da menina. Ela abriu as pálpebras da paciente e olhou para seus olhos.
"Gostaria de abrir o roupão da paciente. Tudo bem?", perguntou Maomao. Ela estava falando com a mãe, mas olhou feio para Tianyu, que levantou as mãos e se virou.
Maomao desfez o roupão e sentiu o abdômen da paciente. Estava visivelmente inchado. Ela deslizou os dedos pela pele e, quando encontrou algo que parecia duro e redondo, pressionou suavemente. A menina gemeu.
"O-O que foi isso?", disse a mãe.

“O gás está preso no estômago. Há um objeto estranho em seus intestinos que o impede de escapar.” Exatamente como eu pensava. Maomao adivinhou no momento em que a dama de companhia disse que a menina havia comido caquis secos.

“Um objeto estranho?” Os olhos da mãe se arregalaram. Ela parecia estar procurando em sua memória por algo incomum que sua filha pudesse ter engolido.

“Disseram-me que ela não comeu nada além de frutas nos últimos dias”, disse Maomao. “E hoje ela comeu frutas secas — caquis secos, sim?”

“Isso mesmo. Mesmo quando ela não parecia ter apetite, ela
comia coisas doces. Por causa daqueles gafanhotos horríveis, não conseguimos mel ou frutas frescas, então eu dei a ela alguns caquis secos que ganhamos de presente. Você não acha que eles estavam envenenados, acha?!”

“Não, não é veneno”, disse Maomao, gentilmente repelindo a mãe enquanto ela tentava se apertar mais perto da filha. “Comer muitos caquis pode causar pedras no estômago. Quantos caquis ela comeu?”

Depois de um momento, a mulher respondeu: “Três.”

“Três?” Muito bom trabalho para uma criança pequena. Mas não o suficiente para causar um

gastrólito, Maomao suspeitou. É possível? Três caquis poderiam fazer isso? Talvez eles tenham ficado presos nas fibras das outras frutas?

Ela pensou bem, tentando descobrir se havia algo que ela estava esquecendo. Uma gota de suor começou a escorrer pela testa da paciente, e Maomao distraidamente a enxugou com um pano.

Hein?!

Então ela percebeu por que a paciente parecia tão abatida. Ao contrário da abundante cabeleira de sua mãe, o cabelo da criança era fino e desgrenhado, e estava ficando branco na raiz.

Cabelo branco?

Dizia-se que uma experiência aterrorizante poderia deixar o cabelo branco — e não havia dúvida de que testemunhar um enorme enxame de gafanhotos seria um grande choque para uma criança de oito anos.

Bem, agora era hora de agir, não de pensar. Mas como explicar para a mãe? Eles não podiam simplesmente seguir em frente.

"Quando há um objeto estranho no estômago, há três modos principais de tratamento", começou Maomao.

"S-Sim?"

Maomao olhou para Tianyu. Ele ainda estava virado, mas mesmo com de costas para ela, ela

podia vê-lo assentir. Ele ia deixá-la cuidar dessa parte.

"Primeiro, você pode dar água ao paciente para ajudar a mover o objeto pelas entranhas e, eventualmente, evacuá-lo."

A mãe assentiu.

"A segunda maneira, por outro lado, é administrar medicamentos líquidos por baixo para estimular a evacuação."

Por baixo — em outras palavras, pelo ânus.

"Água! Traga água!" a mãe em pânico ordenou a um servo antes mesmo de ouvir qual era a terceira opção.

"Temo que, no caso da sua filha, não posso recomendar isso. Parece provável que ela simplesmente vomitaria qualquer água que bebesse."

"Então você vai com a segunda possibilidade?", perguntou a mãe. Ela não parecia gostar da ideia de inserir medicamentos pelo traseiro — mas se isso tivesse funcionado, eles poderiam se considerar sortudos.

"Não. Com base no que senti durante meu exame, não acho que estimular a evacuação vá expulsar o objeto."

"Você também não pode fazer a segunda coisa? Qual é a terceira coisa, então?" A mulher a encarou com um olhar que, embora não tão potente quanto o de Taomei, era formidável

mesmo assim.
“Abrimos o estômago dela e removemos a obstrução com as mãos.” Instantaneamente, o rosto da mulher endureceu e ela bateu em uma mesa próxima.
“Você acha isso engraçado?! Você quer abrir o estômago da minha filha?! Você não vai encostar um dedo nela!”
A mãe, naturalmente, recusou a sugestão. Ela deu a Maomao seu olhar mais assustador, os olhos brilhando.
Mais ou menos o que eu esperava.
“Você está nos ordenando a tentar o primeiro e o segundo métodos repetidamente

para remover a obstrução?” Maomao disse.
“Estou, e é melhor você fazer isso rápido!”
“Receio não poder fazer o que você está pedindo em sã consciência. O paciente provavelmente só morreria. Se você realmente precisa usar esses métodos, terá que fazer você mesma.”
Maomao manteve a voz calma e equilibrada. Ela sentiu pena da jovem deitada agonizante na cama, mas não podia simplesmente administrar um tratamento aleatório. Se a menina morresse, haveria sérias repercussões. Se ela ignorasse a mãe e simplesmente seguisse em frente com um tratamento chocante, no entanto, ela os

expulsaria.
Havia apenas uma escolha: ela tinha que persuadir a mãe.
"Tenho que avisá-la, não acho que haja tempo para consultar outro médico. Se possível, quero fazer a cirurgia aqui mesmo, agora mesmo." Ela olhou para a mãe, cujos olhos dispararam para Tianyu.
"Você é uma médica de verdade, não é? O que essa... sua assistente está dizendo não pode estar certo, pode?"
"Eu concordo com a opinião dela", Tianyu respondeu em seu tom mais sério. "Um simples gastrólito pode ser tratado com um dos dois métodos que ela descreveu. No entanto, o inchaço do estômago neste caso indica um bloqueio intestinal. Sua filha precisa de atenção imediata."
Ele soou muito mais oficial do que o normal, mas Maomao se viu nervosa do mesmo jeito. Ela estava preocupada que ele pudesse voltar ao seu tom despreocupado típico a qualquer momento.
"Se você cortar a barriga dela... Isso não significa que ela não poderá mais ter filhos?", perguntou a mãe.
"Não tocaremos no útero. O bloqueio está localizado longe dos órgãos reprodutivos", disse Maomao, comunicando os resultados do exame.

Ela teve sorte que o exame físico revelou a localização do problema. Se mantivessem a cabeça fria e trabalhassem com calma, esta seria uma cirurgia relativamente fácil.
Pelo menos, seria para alguém como o Dr. Liu. Não era como tentar remover lesões, ou mesmo extrair um osso quebrado. Maomao tentou parecer firme, para tranquilizar a mãe.
"Quanto dano você terá que fazer? Seja lá o que for, não é pequeno, é?", perguntou a mãe, olhando para Maomao com ansiedade por todo o rosto.
“Farei uma incisão de nove centímetros na pele. Então cortarei o estômago, removerei o bloqueio e costurarei tudo com linha.

Haverá uma cicatriz, mas ela deve desaparecer conforme ela crescer.”
Maomao não podia garantir que a cicatriz desapareceria — um pensamento terrível para a filha de uma família nobre como esta.
“Nove centímetros...” A mãe hesitou. Mas Maomao sabia que a vida da filha tinha que ser mais importante para ela.
“É quanto tempo vai demorar se eu fizer isso.”
“O que isso significa?”
Maomao olhou para Tianyu. “Se você permitir que o médico aqui faça a operação, espero que seja menos da metade desse comprimento.”

Por mais que me mate dizer isso.
Tianyu era, de fato, um cirurgião talentoso, como Maomao sabia por vê-lo dissecar animais e trabalhar com cadáveres. Ela poderia passar anos praticando antes de ficar tão boa quanto ele.
Só não deixe isso subir à cabeça, seu pequeno...
O Dr. Liu os havia alertado repetidamente durante as dissecações: quando fizessem uma cirurgia de verdade, não seria em um cadáver. Eles teriam um ser humano vivo e respirando na frente deles. Não haveria espaço para erros, ele os alertou, e eles sempre deveriam buscar melhores técnicas cirúrgicas. Eles não podiam se permitir matar um paciente porque estavam presos em seu orgulho. Em vez disso, eles deveriam jogar fora a autoimportação ance e confiar em qualquer um e em todos que pudessem.
Foi então que Maomao disse à mulher: "Um médico tem esse título por um motivo. Se você quer a melhor chance de salvar sua filha, então não peça a um simples assistente como eu para fazer isso. É melhor você confiar no médico."
A mãe ficou em silêncio por um longo momento, hesitante. Ela olhou para sua filha sofredora, então estreitou os olhos e cerrou o punho. "Vá em frente."
Maomao soltou um suspiro de alívio. "Vamos

precisar de água quente e bandagens limpas. E você poderia acender uma fogueira para nós?"
"Sim."
"Se possível, também precisamos de gelo, mas se não estiver disponível, o que for mais eficaz para resfriar o corpo."
A mãe chamou um servo e ordenou que preparassem tudo o que Maomao e Tianyu precisariam para a cirurgia. Enquanto esperavam, os dois abriram suas bolsas de ferramentas e tiraram roupas cirúrgicas e aventais brancos, que vestiram.
Enquanto se preparavam, Maomao contou a Tianyu o que ela havia observado durante

o exame do paciente, bem como o que ela suspeitava que fosse o bloqueio.
"Sério? Você acha que é...?" "Só posso especular, mas sim."
Ela pode ficar para trás na dissecação, mas em termos de experiência examinando pacientes e avaliando sintomas, Maomao estava confiante de que estava à frente. Ela se permitiu um breve sentimento de superioridade com a surpresa de Tianyu.
"Niangniang, eu vou fazer a cirurgia em si, mas talvez você possa..."
"Eu cuido da anestesia. Cada um de nós pode fazer o que faz de melhor. Você tem um bisturi

com você?"
"Mas é claro." Tianyu pegou um bisturi bem afiado. Maomao tirou os remédios que trouxera. Uma criança, oito anos, magra.
Sim, eles iriam abrir sua barriga, mas é claro que queriam minimizar a dor o máximo possível. Maomao tinha vários analgésicos com ela. Papoula, espinheiro e meimendro eram as ervas mais conhecidas, mas muitos remédios para dor também eram venenos. Uma dose mal calculada poderia ter consequências sérias.
Era espinheiro que Maomao tinha com ela; ela estava mais acostumada a usá-lo do que qualquer um dos outros. Ele é frequentemente dissolvido em vinho para administrá-lo, mas eu prefiro não fazê-lo. Luomen, o mentor de Maomao em todas as coisas médicas, não aprovava dar medicamentos com vinho. É verdade que isso contribuiria para amenizar a dor, mas também poderia causar mudanças no corpo. Poderia estimular o fluxo sanguíneo e tornar o sangramento mais difícil de parar. Era melhor evitar, especialmente com uma criança que não estaria acostumada.
Maomao havia, no passado, tratado uma queimadura sem ferramentas adequadas ou mesmo anestesia decente, mas esse tinha sido um caso especial em que ela suspeitava que a dor também trazia ao paciente um certo tipo de

prazer. Ela normalmente nunca faria isso. Não, ela nunca faria isso de novo.
Ela pesou um pouco de remédio com uma balança. A paciente pesa... Vamos dizer que é metade do que um adulto pesa. Ela não queria dar muito à menina e causar efeitos colaterais. Ela teria que trabalhar com muito cuidado.
Maomao gentilmente sentou a paciente. "Está doendo..."
A menina estava tão quieta que Maomao pensou que ela estava dormindo, mas agora ela falou.
Maomao sorriu um pouco, então levantou o queixo da paciente

para cima. "Tome isso. Vai ajudar."
Ela molhou os lábios da menina com o analgésico e a ajudou a beber. Levaria cerca de trinta minutos para o remédio fazer efeito. Durante esse tempo, eles poderiam se preparar.
"Eu trouxe gelo", disse o servo, que chegou com gelo enrolado em canudo. Maomao pegou e quebrou alguns pedaços, que ela colocou em uma bolsa de couro e pressionou contra o estômago da paciente.
Dizem que você nunca deve resfriar o abdômen, mas há exceções para cada regra.
Maomao queria minimizar a quantidade de analgésicos que dava à menina, então, em vez disso, ela anestesiou a área deixando-a fria,

assim como fez com Jinshi.
Tianyu poliu sua pequena faca e a aqueceu no fogo. Ele também tinha uma tesoura, assim como algo para manter aberta a incisão.
"O que fazemos com a linha?", perguntou Maomao.
"Para o exterior, seda. Tudo dentro, tripa", ele respondeu.
Tripa: literalmente, linha feita de intestinos de animais. Maomao tirou cuidadosamente um pacote de pano de linha e começou a inspecionar cada fio. O ideal seria que o tamanho fosse o mais consistente possível, e eles queriam evitar fios desfiados. Foi um momento tenso, avaliar os implementos; eles estavam, afinal, prestes a operar uma jovem.
Finalmente, Maomao teve que fazer um pedido à mãe da criança. Um pedido cruel.
"Às vezes, nós dois não temos mãos suficientes durante a operação. Alguns de seus servos podem nos ajudar? Alguém que não vai ficar muito perturbado com a visão de sangue?"
"O que... precisa ser feito?" a mãe da menina perguntou.
"Nós demos anestésicos a ela, mas pode não anestesiar toda a dor. Tentei usar os medicamentos com moderação para não haver muitos efeitos colaterais.
No entanto, isso significa que alguém pode ter

que segurar sua filha enquanto trabalhamos, caso ela comece a se debater de dor.”
“Há alguma chance de eu fazer isso?”
“Você acha que você consegue manter a compostura quando vê sua filha com tanta dor? Quando começarmos a cirurgia, não conseguiremos parar.” Maomao lançou à mulher seu olhar mais intenso. Não importa o quanto a mãe se importasse com a filha, se ela fosse atrapalhar, então Maomao precisava que ela saísse dali.
A mãe, no entanto, surpreendeu Maomao com sua aquiescência. “Tudo

certo,” ela disse. “Dois serão o suficiente?”
Eu tinha certeza de que ela me daria um tempo difícil sobre isso. O rosto da mãe estava pálido; ela devia estar perto do seu limite. Um servo ofereceu-lhe água.
A mãe chamou mais dois servos, e Maomao os instruiu a lavar as mãos, depois enxugou as mãos com álcool. Ambas as recém-chegadas eram mulheres corajosas de meia-idade que não pareciam se encolher diante de um pouco de sangue.
“Tudo bem. O que acha de começarmos?” disse Tianyu, que tinha enrolado um pano em volta da boca e outro em volta da cabeça. Eles transferiram a paciente para uma mesa cirúrgica

improvisada que os criados tinham criado juntando algumas mesas longas. A paciente estava respirando muito melhor; talvez os analgésicos estivessem fazendo efeito. Maomao colocou um pano na boca da menina para que ela não mordesse a língua.

Então eles fizeram os criados segurarem os braços e as pernas da menina. Maomao arrumou um avental para cobrir tudo, exceto o local da operação.

Estava completamente escuro lá fora, e eles trouxeram várias luzes para que pudessem ver onde deveriam cortar. Para Maomao, quase parecia que as chamas dançavam em resposta à respiração da paciente. Inspirando, expirando.

Era verdade: trabalhar com os vivos era diferente de trabalhar com os mortos. Por mais que tivessem esfriado a pele, haveria sangue. A lâmina da faca de Tianyu era tão fina quanto uma navalha.

As ferramentas são uma parte importante da medicina, pensou Maomao. O Dr. Liu poderia exortá-los o quanto quisesse para manter o ego deles fora disso; ainda irritava Maomao que ela não fosse tão habilidosa quanto Tianyu. Se ela pudesse colocar as mãos em algumas ferramentas que pudessem ajudar a fechar a lacuna, então ela queria.

A paciente parecia bem fora de si por causa dos

medicamentos, suas percepções anestesiadas com sucesso. Isso foi um alívio para Maomao, que limpou o sangue que escorria enquanto Tianyu trabalhava.

"Aqui está", disse Tianyu, seus dedos roçando o intestino delgado inchado. Ele gentilmente fez uma incisão com sua faca, então mergulhou um par de fórceps na abertura. Até mesmo os servos, que os tinham visto abrir o estômago da garota sem pestanejar, recuaram.

"Tem alguma coisa aí?" "Você disse, Niangniang."

Com o fórceps, Tianyu extraiu uma bola de fibras de frutas não digeridas e uma quantidade substancial de cabelo que saía do intestino. Saiu e saiu enquanto ele puxava, balançando grotescamente.

Maomao ofereceu uma bandeja a Tianyu, e ele colocou o pedaço de cabelo e fibras nela. Ainda havia cabelo nos intestinos, então Tianyu voltou com a pinça. Maomao tinha a boca e o nariz cobertos, mas mesmo assim o cheiro era nauseante, uma mistura acre de sangue, álcool e sucos estomacais. Os servos se afastaram o melhor que puderam, mas continuaram segurando os braços e as pernas da garota, fiéis até o fim.

"Não achei que um gastrólito formado

exclusivamente por caroços de caqui seria o suficiente para causar um bloqueio intestinal", disse Maomao. A falta de apetite da paciente provavelmente poderia ser explicada pelo hábito de comer o próprio cabelo. Não era totalmente incomum — algumas pessoas comiam coisas que não eram comida como resposta ao estresse. Nesse caso, a garota havia comido mais cabelo do que o normal por causa do estresse da praga dos gafanhotos e piorado com frutas fibrosas e depois caquis. Todos eles juntos formaram o bloqueio.

Tianyu decidiu que havia extraído todo o cabelo que podia e deixou o fórceps de lado. Provavelmente ainda havia fios ali, mas eles não conseguiriam tirar todos. O resto poderia ser resolvido bebendo bastante água e talvez tomando alguns laxantes para ajudar a removê-los.

Maomao passou a agulha e a linha para Tianyu. Ela usou um gancho para manter a incisão aberta, facilitando a visualização dos intestinos, e limpou o sangue enquanto ele continuava a fluir. Cada vez que Tianyu terminava um ponto, ele trocava para a tesoura e cortava a linha. Ele ficou curvado sobre o paciente enquanto o suor escorria pela testa.

Quando ela teve certeza de que tinham dado o último nó, Maomao sentiu uma onda de

exaustão. Ela desejou que pudessem simplesmente colocar o paciente de volta na cama, mas isso ainda não havia acabado. Ela limpou o local cirúrgico, tomando cuidado para não pressionar muito. Tianyu tinha sido a estrela da cirurgia em si, mas caberia a Maomao cuidar do paciente agora que o procedimento havia terminado.

Ela vai precisar de mais analgésicos com certeza, e eu deveria preparar algum remédio para febre. Algo para parar a infecção também; isso será crucial. E eu tenho que explicar a eles o que ela deve comer e como cuidar dela agora que a operação acabou.

Em outras palavras, havia muito a fazer. Ao mesmo tempo, Maomao queria fazer algumas perguntas à mãe da paciente.estions.

Os servos que estavam segurando a menina pareciam quase tão exaustos quanto os médicos. A criança nunca tinha lutado, felizmente, mas eles estavam exaustos mesmo assim.

"Diga, Niangniang", disse Tianyu, que já havia se livrado de sua vestimenta cirúrgica encharcada de sangue. Ele pegou a pinça e pegou o objeto que eles haviam extraído. "Os sucos gástricos fazem o cabelo mudar de cor?" A bola de pelo estava descolorida em alguns lugares, amarronzada.

"Um pouco, talvez. O suco cítrico pode fazer isso, afinal."
Maomao olhou novamente para o cabelo da paciente. Era fino porque ela o estava arrancando e comendo. As raízes eram brancas.
Maomao pegou a bandeja com o bloqueio e abriu a porta. "V-Você terminou?!" a mãe da menina perguntou. Ela estava lá, seu rosto desprovido de cor. Ela deve ter ficado esperando na porta o tempo todo. Lihaku estava simplesmente sentado em uma cadeira; ele estava acostumado a esperar.
“Sim, a cirurgia foi um sucesso”, disse Maomao. “Você poderia entrar para que possamos lhe dar algumas instruções?”
“Sim, claro.” A mãe e uma criada entraram. A criada foi quem convocou Maomao e Tianyu. Quando ela e sua patroa entraram, as outras duas criadas, as que seguraram a menina, saíram da sala.
“Quem você quer que cuide das instruções?” Maomao perguntou a Tianyu. “Hmm... Parece irritante. Faça você. Cada uma de nós faz o que é melhor,
certo? De qualquer forma, tenho a sensação de que você notou algo que eu não percebi.”
Por mais habilidoso cirurgião que fosse, Tianyu ainda era Tianyu.
Assim que a mãe e sua criada entraram,

Maomao se certificou de que a porta estava fechada e mostrou a bandeja a elas. “Isso é o que estava preso nos intestinos da sua filha.”
As outras duas mulheres se encolheram quando viram o pedaço não digerido de fruta e cabelo.
“Por que você não nos contou que sua filha tem o hábito de comer o próprio cabelo?”
A mãe não conseguia olhar nos olhos de Maomao.
Maomao deu sua própria resposta. “Nenhuma pessoa de alta linhagem suportaria a ideia de alguém saber que sua filha fez algo tão grosseiro, não é? Tudo bem.” Ela estava pensando em provocá-los um pouco mais, mas teria que deixar por isso mesmo. O problema era que eles não podiam se dar ao luxo de ter algo assim acontecendo de novo.
“Comportamentos anormais como comer o próprio cabelo são frequentemente causados por estresse. Aconteceu alguma coisa com sua filha que possa explicar isso?”
“Não”, a mulher disse lentamente. “Não, eu só a criei do jeito

que qualquer... qualquer mãe faria.”
Mentirosa. Maomao pegou o caroço com a pinça. Os cabelos claros e escuros formavam um padrão manchado. “O cabelo da sua filha é naturalmente castanho-avermelhado, não é?

Você o tem pintado de preto — essa é a fonte do estresse. Ou estou errada?”
A mãe estremeceu; ela franziu os lábios e um olho começou a tremer.
Sua dama de companhia olhou para o chão.
“Se não resolvermos a causa, isso só vai acontecer de novo. Quantas vezes você quer que o estômago da sua filha seja aberto?”
“Não é como se eu gostasse de fazer isso”, a mãe disse suavemente. “Mas a menina tem cabelo castanho claro, e o pai dela e eu... Nós dois temos cabelo preto...”
“Até dois pais com cabelo preto podem gerar uma criança com cabelo castanho. Isso deve acontecer com bastante frequência aqui na província de I-sei. Há sangue estrangeiro suficiente circulando.”
Depois de um longo momento, a mulher disse: “Meu pai não verá dessa forma.”
O pai dela? Seria Gyoku-ou. O que ele tinha a ver com isso?
“Meu pai odeia todo sangue estrangeiro. A província de I-sei faz parte de Li, então ele acredita que deveria ser governada por um Linese de cabelo preto. Eu sempre pensei a mesma coisa.”
Até que sua própria filha deu à luz uma neta de cabelos claros. “Meu pai ficou perturbado com sua neta. Eu tinha ouvido, no entanto,

que a cor do cabelo de uma criança pode escurecer com a idade, então eu disse a ele que ela teria cabelos pretos eventualmente. Mas ela nunca teve."

Então as raízes brancas não eram de cabelos que ficaram brancos de medo, mas porque a mãe não teve tempo de tingir o cabelo da filha durante o enxame. Considerando que a criada não estava dizendo nada, Maomao suspeitou que ela pudesse estar ajudando a tingir o cabelo da paciente.

Odeia estrangeiros, hein? Essa era uma filosofia difícil de se safar quando você vivia em um nexo de comércio. Por outro lado, às vezes a familiaridade era precisamente o que gerava desprezo.

Maomao pensou em sua Imperatriz ruiva. Gyokuyou e seu meio-irmão podem ser filhos de Gyokuen, mas a família não era monolítica, como esta história mostrou.

"Se ela não parar de comer o cabelo, então sugiro raspar a cabeça dela até que ela se acalme", disse Maomao. Parecia o jeito mais rápido.

"Raspar a cabeça dela?! O que ela é, uma freira?"

"Se você deixar crescer, ela só vai ter manchas calvas, e isso vai ficar melhor? Além disso, se

ela continuar a danificar as raízes, eventualmente o cabelo vai parar de crescer."
Enquanto falava, Maomao começou a tirar remédios da bolsa. Agentes anti-infecciosos, antipiréticos, analgésicos. "No momento, vê-la com segurança durante as horas e dias após a cirurgia é mais importante. Vou lhe dar detalhes instruções. Se você acha que não entendeu, posso anotar os pontos importantes. Ela precisa de alguém para ficar de olho no progresso pós-cirúrgico dela. Não precisa ser eu e esse médico se você não gosta de nós, mas certifique-se de chamar um médico para dar uma olhada nela. Tenho que avisá-la que mesmo que a cirurgia tenha sido um sucesso, ela pode piorar se não receber o tratamento adequado depois."
Se a ferida abrisse ou infeccionasse, por exemplo, haveria problemas.
"Por enquanto ela ainda está anestesiada, então ela está calma, mas conforme os analgésicos passarem, vai começar a doer. Não a deixe tocar no local da cirurgia. A dor pode mantê-la acordada e ela pode ter febre. Tenho remédios aqui para ambas as possibilidades que você pode usar conforme necessário."
Houve um momento em que a mulher absorveu tudo isso, então ela disse: "Eu entendo." Seu lábio tremeu quando ela se aproximou da cama

onde sua filha dormia. Ela escovou o cabelo fino, com um leve toque de alívio no rosto.
Finalmente Tianyu falou. "Eu mantive a incisão pela metade do que meu assistente disse!"
E era verdade: ele tinha cortado apenas metade do que Maomao havia ameaçado.
Além disso, os pontos eram tão delicados quanto a incisão; se tudo corresse bem, a cicatriz seria virtualmente invisível. Maomao não conseguiu suprimir um lampejo de aborrecimento, mesmo enquanto escrevia suas instruções.
Imagino se ela realmente seguirá essas.
Ela tinha suas dúvidas — mas estava muito, muito ansiosa para acabar com isso e ir embora.

Capítulo 2: O estrategista ataca!

Mal retornaram ao anexo e foram chamados aos aposentos de Jinshi.

Como se não pudesse esperar até amanhã!

Era madrugada; todos, exceto o guarda de plantão, dormiam profundamente. O ar estava frio — e pior, Maomao não tinha jantado. Ela estava desesperada para acabar com isso.

Quando chegou ao quarto de Jinshi, descobriu sua mesa cheia de rascunhos abandonados de inúmeras cartas. Suiren ou Taomei poderiam tê-los pegado, se estivessem lá; o fato de ainda estarem espalhados mostrava que as damas de companhia deviam estar realmente ocupadas. Maomao claramente não era a única a ficar acordada até tarde para trabalhar.

Por um momento, ela pensou que não havia

ninguém no quarto — mas então viu Baryou espiando por trás de uma cortina. Por um segundo, uma carga passou pelo ar entre eles, como dois gatos selvagens esbarrando um no outro, e então Baryou desapareceu de volta para trás de sua cortina sem dizer uma palavra.

Outra coisa, no entanto, apareceu por trás da cortina em seu lugar: um pato com uma mancha preta no bico. Sem Basen por perto, Baryou deve estar cuidando dela. Ele não era muito de companhia humana, mas talvez um pato fosse bom.

Sinto que há um risco real de ela ser comida pela Srta. Chue.

Aparentemente, a proteção do marido foi o suficiente para salvar o pato do cutelo da esposa.

"Oh, Maomao, você está aqui", disse Suiren, que apareceu de uma sala nos fundos. Maomao se virou para ela como se nada fora do comum estivesse acontecendo.

"Sim, senhora. Fui fazer um exame médico na neta do Mestre Gyoku-ou. Acho que a Srta. Chue lhe contou sobre isso. Tianyu, o médico, estava comigo; ele está no consultório médico agora."

Ele jogou toda a coisa de se reportar a Jinshi em Maomao, com base em "cada um fazendo o que faz de melhor". Quando ela pensou nele sentado para jantar — atrasado, mas ainda mais

cedo do que ela — ela prometeu secretamente servir-lhe outra xícara de chá swertia. Por enquanto, ela deu a Suiren um

breve resumo.

"Vou ligar para o Príncipe da Lua", disse a outra mulher. Antes de ir, ela recolheu as cartas descartadas e as colocou em uma cesta.

"Isso é um monte de começos falsos", comentou Maomao.

"Ele só tem escrito cartas para qualquer pessoa com quem ele acha que pode contar. Ele deve ter escrito perto de cem — não, duzentos, até."

"D-Duzentos?!"

Pelo que Maomao podia ver das cartas tentadas, cada uma começava com o tipo de descrição completa e vazia da estação esperada de uma mensagem de um membro da família imperial. Sim, provavelmente havia uma maneira mais ou menos prescrita de escrever essas coisas, mas mesmo assim, escrever cada uma dessas cartas à mão teria sido o suficiente para causar tendinite em uma pessoa.

Talvez eu devesse preparar uma compressa úmida. Infelizmente, ela veio armada apenas com suas ataduras e bálsamo de sempre.

A julgar pelo número de rascunhos espalhados,

Jinshi deve ter se correspondido não apenas com os burocratas mais proeminentes, mas também com os governantes regionais.

“É ótimo que ele esteja realmente fazendo seu trabalho e tudo, mas não vai implorar por ajuda para todos à vista, tipo... tirar sua seriedade?”

A pergunta de Maomao provocou um suspiro em Suiren — ela parecia concordar que aqueles que viviam “acima das nuvens” não deveriam ser tão rápidos em enviar cartas para aqueles que viviam abaixo delas.

“Você acha que esse é o tipo de coisa que incomodaria o Príncipe da Lua?”

“Não... Não, eu não acho.”

Este era um homem que passou seis anos fingindo ser um eunuco, uma posição que lhe deu uma familiaridade completa com as fundas e flechas da opinião pública. Ele provavelmente estava menos preocupado do que qualquer um aqui sobre o tratamento um tanto grosseiro que estava recebendo na capital ocidental.

"É por isso que precisamos que você diga algo a ele, Maomao!" Suiren disse. "Mas..."

"Mas o quê?"

"Bem... Boa sorte." Suiren deu um tapinha no ombro de Maomao. Por algum motivo, ela estava sorrindo.

Maomao logo descobriu o porquê, pois Jinshi saiu do quarto. Chue e Gaoshun estavam com ele, e desde o momento em que Maomao viu o sorriso no rosto de Chue e a maneira como Gaoshun estava pressionando uma mão em sua

testa, ela teve um mau pressentimento sobre isso.

Jinshi não parecia estar de muito bom humor.

"Chue me contou tudo", ele disse. "Imagino que você tenha se divertido na vila agrícola?"

Huh! Não o via nesse tipo de humor há um tempo, pensou Maomao. Ela não estava muito feliz com Chue por delatá-la.

“Você e esse homem, Rikuson, parecem ser muito próximos”, Jinshi continuou. Bem o que ela esperava.

“Não tenho certeza se diria isso, senhor”, respondeu Maomao. “Ah? É mesmo?”

Sim? Sim. Sim, é mesmo. Maomao olhou para ele. Chue mostrou a língua e deu um tapinha brincalhão na testa. Gaoshun olhou para a nora como se estivesse sem palavras.

Tudo bem. Estou com raiva. O que você disse a ele? Sim, Maomao entendeu que Chue estava apenas fazendo seu trabalho. Mas saber disso só a levou até certo ponto.

“Então por que você estava tão decidido a ir com ele especificamente para aquela vila?”

“Porque eu sei que uma carruagem é mais barata do que duas. Além disso, eu pensei t seria útil se pudéssemos compartilhar informações um com o outro.”

“Hrm.” O raciocínio de Maomao não pareceu satisfazer Jinshi.

“Posso voltar agora? Atendi a convocação porque presumi que você queria saber sobre a cirurgia, mas considerando a hora, talvez tudo isso possa esperar até amanhã?” Ela pretendia verificar o ferimento de Jinshi também, mas parecia que a coisa a fazer era sair dali. O assunto da neta de Gyoku-ou também poderia esperar.

Um muro alto, no entanto, apareceu na frente de Maomao. Thoom. Jinshi havia se levantado de seu assento e estava bem na frente dela.

“Sim, senhor?” ela perguntou. Jinshi continuou parecendo menos do que satisfeito.

“Chegou ao meu conhecimento que esse homem de quem você afirma não ser especialmente próximo recentemente lhe propôs casamento.”

Pelo menos ele foi direto ao ponto.

“Me deram a entender que era uma piada, senhor.” “Alguém diz essas coisas de brincadeira?”

“Talvez tenha sido uma gentileza social, como o grampo de cabelo que o Mestre Lihaku me deu na festa no jardim.” Ela lembrou que Jinshi também tinha sido petulante naquela ocasião. Maomao, por sua vez, tinha fé de que não haveria problema se ela fosse direta e honesta.

Jinshi ficou em silêncio. Ele parecia querer muito, muito mesmo dizer algo, mas — apesar de todas as aparências em contrário — ele era um homem ocupado com muito a fazer.

Numa tentativa de mudar de assunto, Maomao decidiu fazer o relatório que ela tinha vindo aqui esperando fazer. “A cirurgia na neta do Mestre Gyoku-ou foi um sucesso. No entanto, eu gostaria de continuar fazendo exames periódicos para verificar o progresso de sua recuperação. Eu presumo que não vai dar problema?”

“Ah, sim... Eu já entrei em contato com o Senhor Gyoku-ou. Ele me disse que você pode fazer o que achar melhor.”

“Entendo, senhor.” Os avôs não costumavam mimar suas netas? A resposta de Gyoku-ou pareceu tão... desinteressada. Talvez só soasse assim porque ela estava ouvindo através de Jinshi.

Então ele odeia sangue estrangeiro, não é? Maomao pensou, lembrando o que a filha de Gyoku-ou havia dito a ela.

“E qual era o problema com o paciente?” Jinshi perguntou, sentando-se em uma cadeira.

Maomao soltou um suspiro mental profundo e decidiu evitar o assunto Rikuson no futuro, se possível. “Foi um bloqueio intestinal. Um objeto estranho preso em suas entranhas, que removemos em um procedimento cirúrgico. A cirurgia em si foi feita por Tianyu, o novo médico. Eu servi como assistente dele.”

“Hoh. Aqui eu teria imaginado que você estaria ansioso para fazer você mesmo.”

“Eu estaria disposto.” Afinal, era uma oportunidade rara de ganhar experiência cirúrgica

com um procedimento relativamente seguro, e Maomao estava tão ansioso quanto qualquer um para tirar vantagem disso. “No entanto, o fato simples é que Tianyu me supera em habilidade cirúrgica.”

“Que surpresa.” Jinshi quase pareceu um pouco desapontado, como se desejasse que Maomao tivesse feito a cirurgia.

A última coisa que eu quero é alguém reclamando do meu tratamento cirúrgico. Talvez fosse tarde demais com Jinshi — ele sabia sobre a vasta experiência pessoal de Maomao com venenos, e também sabia que ela havia cortado o braço de um homem em nome de salvar sua vida.

"Então, o que era esse bloqueio?" Jinshi perguntou. "Confie em mim, senhor, você prefere não saber."

"Diga-me que não eram gafanhotos." Maomao o viu empalidecer um pouco.

Ela balançou a cabeça. "Não, não eram. O bloqueio era um pedaço de fruta e cabelo."

"Cabelo?" Jinshi parecia perplexo, e Chue e Gaoshun também olharam para Maomao, curiosos.

Ela deu a eles o resumo. Isso incluía mencionar a aversão de Gyoku-ou por estrangeiros, mas isso não pareceu ser um choque para Jinshi. Ele simplesmente disse: "Ele odeia estrangeiros, não é?"

"Você tem alguém em mente, senhor?"

Maomao perguntou.

"Sim", ele murmurou, então entrelaçou os dedos e estreitou os olhos. "Você está ciente do relacionamento entre a Imperatriz Gyokuyou e Sir Gyoku-ou?"

"Vagamente."

Algum tempo atrás, houve uma comoção quando a Imperatriz perdeu um grampo de cabelo. Haku-u, uma dama de companhia que era bem próxima da Imperatriz, disse algumas coisas que voltaram à mente de Maomao agora.

"Isso é sobre a questão das damas de companhia da Imperatriz Gyokuyou, não é?" ela perguntou.

"Isso mesmo. Quando eu estava na região central, a Imperatriz parecia se dar perfeitamente bem com seu irmão."

"Só parecia, senhor?" Maomao lançou-lhe um olhar confuso.

"Quer dizer, eu presumi — porque durante seu tempo no palácio traseiro, ela frequentemente recebia cartas de 'seu irmão'. Isso era verdade, até onde ia — que Gyoku-ou não é seu único irmão."

“Ah!”

Gyoku-ou e Gyokuyou tinham uma diferença de idade suficiente para serem pai e filha. Não seria surpresa se houvesse outros irmãos entre eles.

“Quando percebi isso, vi que havia sinais, mesmo quando eu estava no comando do palácio traseiro. O número mínimo de suas damas de

companhia, por exemplo, deveria ter sido uma dica, você não acha?"

Certamente era verdade que Gyokuyou tinha menos damas do que as outras consortes superiores. Até mesmo o fato de Maomao, uma simples lavadeira, ter sido admitida no Pavilhão de Jade foi apenas graças à trapaça de Jinshi. Sim, Gyokuyou havia perdido várias damas de companhia para degustação de comida, e sua casa ficava bem longe no oeste, mas agora transparecia que tais coisas eram apenas disfarces, desculpas.

"O Mestre Gyoku-ou vê a Imperatriz Gyokuyou como uma inimiga, então? Quero dizer, porque ele tem exceção ao sangue estrangeiro dela?" perguntou Maomao.

"Isso, eu não sei. Apesar de todo o seu suposto ódio, ele enviou uma filha adotiva que se parece muito com a Imperatriz para o palácio dos fundos."

"Com um franzido no rosto, talvez."

Gyoku-ou teve alguma experiência negativa com estrangeiros no

passado? É verdade, era considerado falta de educação ter preferências fortes — em pessoas como em comida — mas a própria Maomao tinha pessoas que ela, ahem, não suportava. Ela não estava em posição de julgar.

No entanto, ela disse: "Se ele realmente odeia

estrangeiros, ele deve ter uma vida difícil. Vivendo como ele vive no único lugar em Li com mais estrangeiros do que em qualquer outro lugar.”

“Esse pode ser precisamente o problema. Mais pessoas, mais pontos de atrito.”

Maomao estava começando a sentir que uma discussão mais aprofundada sobre esse tópico não os levaria a lugar nenhum. Hora de sair desse assunto. Ela olhou ao redor da sala, procurando alguma chance de escapar.

Nesse momento, a porta se abriu com um estrondo. “Príncipe da Lua!” Entrou um jovem personagem com com um pato na cabeça. Em toda a capital ocidental, havia apenas um homem que se encaixava nessa descrição.

"Você vai acordar metade da casa, Basen", disse Jinshi, sem dar atenção ao pássaro.

"Sinto muito, senhor. É urgente..." "Urgente? Bem, o que é? Diga-me!"

"O Grande Comandante Kan está vindo para cá!" "Ele sabe que horas são?"

O cabelo de Maomao ficou em pé, e se ela tivesse um rabo, ele teria ficado eriçado. Desde sua chegada à capital ocidental, a grande comandante visitou Jinshi em várias ocasiões, nas quais Maomao sempre teve o cuidado de se esconder, ou de deixar as coisas para o médico charlatão.

"Estou aqui..." disse uma voz terrível. Atrás de Basen apareceu o rosto de um velho, uma criatura tão imunda que parecia que seus pés deviam feder.

O pato pareceu confundir seu cabelo com material para fazer ninho, porque ela estendeu a mão de cima de Basen e bicou sua cabeça.

"Basen!" Jinshi encarou o outro homem.

"Sinto muito, senhor. O Comandante Grant está... já aqui", ele disse, corrigindo-se.

"Maomaoooooo! Graças a Deus você está seguro!" O velhote de monóculo tentou empurrar Basen, mas Basen não se mexeu. O melhor que a aberração conseguiu fazer foi meio que se enfiar entre Basen e a porta.

Gaoshun imediatamente se posicionou para defender Jinshi, enquanto Chue ficou na frente de Maomao e deu a ela uma piscadela de "deixe-me-cuidar-disso" e um polegar para cima.

Você pode agir tão amigável quanto quiser — isso não muda o fato de que você me entregou.

No momento, Maomao fez da sua prioridade colocar alguma distância entre ela e o velho que se esgueirava em sua direção.

“Todos aqueles insetos devem ter sido tão assustadores, Maomao! Mas, oooh, não se preocupe. Papai fez um esquadrão de extermínio de insetos e vai se livrar de todos aqueles insetos nojentos para você!”

Claro. É quando ele decide sair da sua bunda.

Maomao e o estrategista esquisito se arrastaram para a direita, depois para a esquerda, pararam e se arrastaram novamente, Chue entre eles.

Jinshi, observando o momento, limpou a garganta para chamar a atenção do estrategista para si. “Senhor Lakan. Acredito que pedi a você — repetidamente — para me informar antes de vir aqui. Mas já que você está aqui, qual é o seu negócio?” Uma veia azul saltou na testa de Jinshi. Ele sabia muito bem a resposta para sua pergunta.

Por apenas um segundo, o estrategista decidiu olhar para ele. “Céus. Não preciso de um motivo para vir visitar minha amada filha! Fui vê-la esta noite e descobri que ela estava fora, então tentei em outro lugar.” Ele lançou-lhes um olhar malicioso. Maomao se sentiu mal por aproveitar a oportunidade de Basen, que estava controlando seu temperamento muito bem, mas ela se perguntou se poderia dar um bom chute no estrategista.

Ele voltou seu olhar para Maomao e sorriu novamente, mas então seu rosto ficou sério. “Essa foi minha principal motivação para vir, de qualquer forma. Mas há mais uma coisinha. Eu gostaria que você levasse o Sábio.”

“O Sábio? Ele está aqui?” Jinshi perguntou, incrédulo.

Acho que reconheço esse nome. Como Maomao lembrou, era o homem que estava assistindo ao jogo de Jinshi contra o estrategista esquisito no torneio de Go. O instrutor pessoal do Imperador no jogo.

“Não, não, ele não. Talvez eu devesse chamá-lo de Sábio Ocidental. Ele é um prodígio em Shogi,

não em Go.”

“Shogi?”

O estrategista esquisito era um jogador brilhante em ambos os jogos, mas diziam que ele era ainda mais dominante em Shogi do que em Go. E ainda assim, aqui estava alguém a quem ele se referia como um "sábio" do jogo.

"Ele perdeu sua casa na praga de insetos, sabe. Então ele se voltou para mim, um velho amigo."

Velho amigo, hein?

Maomao tinha ouvido falar que o estrategista tinha passado algum tempo nas províncias em sua juventude. Não estava além do reino da possibilidade que ele tivesse visitado essas distantes regiões ocidentais.

"Entendo. Sim, houve problemas por toda parte", disse Jinshi, e murmurou pensativamente.

"Com licença!" Chue, com pouco respeito pela gravidade do momento, levantou a mão no ar. Sua sogra estava ausente hoje, então não havia nada para impedi-la. "Sem querer ser rude, mas você acha que pode estar inventando tudo?"

Rude — sim, era, mas Maomao concordou com a pergunta. Afinal, esse era o estrategista esquisito, um homem que não conseguia se lembrar do rosto das pessoas nem para salvar sua vida. Se alguém aparecesse se passando por um velho conhecido, como ele saberia a diferença?

"Duvido. Não há muitos generais de ouro por

aí, embora eu queira tentar ter certeza."

Um general de ouro! Luomen disse a Maomao que o estrategista frequentemente falava das pessoas em termos de peças de Shogi, mas o ouvinte médio provavelmente não teria ideia do que ele estava falando.

"Então talvez pudéssemos ter uma partida de Shogi aqui, só para ter certeza?", sugeriu o estrategista.

Sua ideia foi recebida com um momento de silêncio. Maomao não tinha certeza de como isso seguia para que houvesse uma partida aqui e agora, mas o ajudante atrás do Grande Comandante carregava um esplêndido tabuleiro de Shogi. O próprio estrategista evidentemente considerou a partida uma conclusão precipitada.

"Reitero... Você sabe que horas são ?" Jinshi disse.

"Oh, por favor. Se ele for real, você pode ganhar alguma informação útil, Príncipe da Lua." A aberração deu a Jinshi um de seus sorrisos untuosos.

Jinshi olhou para Maomao. Ela tentou responder com um gesto de não faça isso, mas desde o momento em que o estrategista a encontrou, não houve escapatória. Melhor deixá-lo perder seu tempo jogando seu jogo, então — e de qualquer forma, ela se perguntou sobre seu comentário sinistro.

"Tudo bem. Vou providenciar um lugar para

você jogar Shogi. No entanto, o jogo vai esperar até amanhã."

"Isso é muito gentil da sua parte, obrigado mesmo," o estrategista disse. (Era difícil dizer se ele estava genuinamente grato ou não.) Maomao tentou ignorar a aberração, que estava sorrindo para si mesmo. Em vez disso, ela esfregou sua barriga resmungona e esperou poder jantar logo.

Capítulo 3: Grande Lin

No dia seguinte, Chue praticamente arrastou Maomao para uma sala grande em algum lugar do anexo. Havia uma rede mosquiteira e um carpete grosso no chão.

Muito Anan-esque, pensou Maomao. Não havia mesas, apenas algumas cadeiras baixas. Chá e lanches estavam dispostos no carpete — não eram as melhores coisas; o enxame havia restringido tais luxos. Mas mendigos não podiam escolher.

No centro da sala havia um tabuleiro de Shogi. Olhando fixamente para ele estava um velhote imundo que Maomao reconheceu, e outro que ela não reconheceu. O primeiro peido era, claro, o estrategista esquisito, mas o segundo? Deve ser seu parceiro de Shogi.

Ela tinha ouvido que o homem tinha mais de oitenta anos. Ele devia ser imponente em sua época, mas agora estava curvado e seu corpo tremia visivelmente. Uma bengala resistente estava à sua direita, enquanto atrás dele um homem de meia-idade, aparentemente seu zelador, olhava preocupado.

"Eu a trouxe!" Chue disse com um levantar entusiasmado da mão.

Maomao tinha, naturalmente, resistido à ideia de vir aqui, mas Chue a arrastou. Lihaku até os

acompanhou como seu guarda-costas.
O estrategista esquisito olhou para cima do tabuleiro. "Ma... Maom—" ele começou, mas foi interrompido pelo que soou como algo batendo em um travesseiro. Era a bengala, que tinha sido batida firmemente no carpete, com tanta força que Maomao temeu que pudesse ter quebrado se não fosse pelo tapete grosso.
"Estamos no meio de um jogo!" o outro homem berrou, a força de seu pronunciamento chocante à luz de sua aparência vacilante. Então ele pegou uma de suas peças e a moveu para frente, quebrando-a com um clique perfeito.
O monstro de monóculo estreitou os olhos e voltou a se concentrar no tabuleiro, poupando Maomao apenas com um aceno de mão.
"Oooh, essa foi uma boa jogada", disse Chue, que pelo menos fingia prestar atenção.
"Se você diz! Não entendi. Você sabe o que está acontecendo aí, Srta. Chue?" Lihaku perguntou com uma risada amigável.

"Ah, pareceu a coisa certa a dizer. Você sabe, com o jeito que ele derrubou aquela peça."
Ela não tinha ideia do que o movimento significava; ela apenas disse o que parecia certo para ela. Como sempre.
"Agora, vamos, Srta. Maomao. Vamos tomar um pouco desse chá! A Srta. Chue precisa dele se quiser fazer seu lanche."

Maomao e os outros estavam sentados no carpete. O verão na capital ocidental era mais quente do que na região central, mas pelo menos não era tão úmido. A rede mosquiteira era, na verdade, uma rede de gafanhotos, pois alguns insetos ainda estavam por perto.

Você pode sentir o dinheiro, pensou Maomao, passando os dedos pelo carpete. Era frio como seda, mas macio como lã, e tinha um padrão delicadamente tecido, bem como bordados. Até a rede era feita de gaze de seda, que se movia e brilhava com cada brisa que passava.

Maomao sentou-se em uma das cadeiras baixas e pegou um pãozinho, um pãozinho de tangerina frito coberto com leite condensado. Acho que não importa o quão chique seja o carpete. Você ainda pode colocar migalhas nele.

O estrategista estava se empanturrando enquanto tocava, consumindo os lanches com tanto gosto que seu ajudante sofredor lutava para mantê-los abastecidos.

"Onsooou! Você consegue!" Chue gritou para ele.

Onsou? É esse o nome dele? Maomao não tinha ouvido antes — ela nunca teve um motivo para ouvir — e mesmo se tivesse, provavelmente teria esquecido. Parecia provável que ela veria mais Onsou no futuro, então ela teria que tentar se lembrar.

"Ha ha! Velho Onsou. Não é fácil ser ele, não

é?", disse Lihaku, sem soar muito preocupado. Como um colega soldado, ele pareceu reconhecer o homem.
Quando Onsou viu Maomao, ele ordenou que um servo próximo preparasse lanches suficientes para compensar a falta. Ele estava obviamente acostumado com isso.
Depois de depositar uma quantidade suficiente de doces na frente do estrategista, ele foi até Maomao. "Sinto muito. Sei que ele está sempre aparecendo para você." Ele se curvou para ela, profundamente apologético. O ângulo de sua reverência era perfeito; claramente, esta não era a primeira vez que ele tinha que pedir desculpas em nome do estrategista.
Este é um bom material aqui. A velha senhora teria matado por alguém que pudesse se desculpar assim. Onsou não era jovem o suficiente para ser

chamado de jovem, mas ele sabia como ser humilde sem parecer patético ou incompetente. Exatamente o tipo de pessoa que alguém precisa para apaziguar clientes irados depois que alguma cortesã inexperiente os aborreceu. Os verdadeiros reclamantes, aqueles que não conseguiam se satisfazer com um pedido de desculpas sincero, sempre podiam ser jogados para fora de suas orelhas pelos criados.
Eu me pergunto se ele estaria interessado em

uma nova linha de trabalho. Eu poderia apresentá-lo.
Ser o desculpador oficial de um bordel não era fácil para os nervos, mas tinha que ser melhor do que ser o assistente pessoal do estrategista esquisito.
Jinshi ainda não estava lá — talvez ele nem viesse.
Se ele não tomar cuidado, as pessoas podem ficar ainda mais bravas com ele por estar em um lugar como este. Em tempos de crise como o que agora enfrentavam, havia pouco tempo para Shogi ou banquetes. Este jogo só estava sendo permitido porque foi pessoalmente hospedado pelo estrategista esquisito.
"Certamente não parece que esse cara é um fraudador", comentou Maomao.
Qualquer um que conseguisse fazer o estrategista esquisito prestar tanta atenção a um jogo de Shogi tinha que ser um grande jogador.
"Não", concordou Onsou. "Esse é o Big Lin, em carne e osso." "'Big Lin'... Então ele é famoso ou algo assim?"
"Antigamente, diziam que os jogadores de Shogi vinham de longe para jogar contra ele, até mesmo da região central. Ele era forte assim. Se não tivesse passado por momentos difíceis, provavelmente seria ainda mais conhecido agora."
"O que aconteceu?", perguntou Maomao, seu

interesse despertado pelo comentário. "Oh... Ahem. Bem, já que tenho certeza de que acabaria explicando para você
mais cedo ou mais tarde, é melhor tirar isso do caminho. Está relacionado àquela informação útil que o Mestre Lakan mencionou." Onsou manteve a voz baixa, atento ao velho rabugento. “Big Lin já foi um burocrata de algum renome. Ele é bem versado na história da capital ocidental.”
“Eu podia acreditar”, disse Maomao. Os anos talvez o tivessem tornado menos obviamente carismático, mas seu grito estridente anterior a convencera de que ele não tinha morrido de forma alguma.
“Se eu lhe dissesse que o destino dele foi decidido há dezessete anos, você saberia o que eu quis dizer?”
“Você está se referindo à situação com o clã Yi?” Os olhos de Maomao se arregalaram.

“Sim, exatamente. Os Yi confiavam em Big Lin implicitamente, e mesmo depois que ele se aposentou da vida oficial, ele continuou a compilar sua história. Quando os Yi foram exterminados, no entanto, muitos oficiais se viram presos no expurgo — especialmente aqueles em quem os Yi mais confiavam. Big Lin emergiu com vida, mas os choques sucessivos daqueles eventos o empurraram para

a senilidade.”
“Essa é uma informação útil”, disse Maomao. Isso implicava que Big Lin poderia muito bem saber coisas que Maomao e Jinshi estariam muito ansiosos para aprender. Então, no entanto, Maomao fez um som de confusão.
"Espere. Você parece terrivelmente familiarizado com a queda dos Yi, Onsou. Até mesmo o Mestre Gaoshun não sabe muito sobre isso." Ela olhou para ele e estreitou os olhos.
"Oh, me desculpe, você não sabia? A destruição deles ocorreu exatamente na época em que o Mestre Lakan estava residindo na capital ocidental. Eu ouvi as histórias, só isso."
Maomao olhou furiosamente para o estrategista esquisito enquanto ele jogava Shogi. Eu não. Por outro lado, ela nunca perguntou — mas ainda assim, o pensamento a deixou irracionalmente irritada.
"Sendo o Mestre Lakan quem ele é, é claro, a maioria de suas lembranças consiste em salões de Go e dojos de Shogi. Dada sua tendência a esquecer qualquer coisa que não seja de interesse pessoal para ele, não tenho certeza se ele pode oferecer o tipo de informação que o Príncipe da Lua pode estar esperando. Neste caso em particular, suspeito que ele só se lembra tanto porque acha o próprio Big Lin memorável.”
“Não ficaria surpreso,” disse Maomao. Fazer

perguntas detalhadas ao estrategista sobre os Yi provavelmente seria inútil, mas eles já sabiam disso.
“Se ao menos Big Lin ainda estivesse são, ele provavelmente poderia lhe contar muito sobre aqueles tempos. Pelo que ouvi, ele tem momentos de lucidez... mas apenas momentos.”
“Momentos,” repetiu Maomao. Ela tinha, de fato, ouvido que pessoas sofrendo de senilidade às vezes voltavam repentinamente ao seu perfeito juízo. Onsou parecia estar sugerindo que eles deveriam tentar capturar Big Lin durante um desses períodos.
“De fato,” disse Onsou. “Oh, Mestre Lakan está me chamando. Eu tenho que ir. Podemos falar mais sobre isso depois.” Ele correu de volta para o estrategista — desta vez, o esquisito estava sem energia.
Maomao olhou ao redor da grande sala de estar. Ela viu o estrategista

anormal, Onsou, e Big Lin, junto com o zelador de Big Lin. Então, havia ela, Chue e Lihaku. Jinshi e sua comitiva ainda não estavam em lugar nenhum.
Pode não ter escolha dessa vez, pensou Maomao. Se Jinshi não aparecesse, ela e os outros teriam que tentar obter as informações eles mesmos. Seria inútil tentar qualquer coisa, no entanto, antes que o jogo de Shogi acabasse,

então ela decidiu pegar mais lanches.
"Senhorita Maomao, este pão frito é o melhor!" Chue a informou. "Quantos desses você já comeu, Srta. Chue?"
"Estou verificando se há veneno", ela respondeu com uma cara completamente séria. "Eu posso fazer isso por mim mesma, obrigada."
Os lanches que foram fornecidos eram realmente muito saborosos, mas a tragédia era que não havia vinho algum. Sim, sim, havia escassez de alimentos; eles tiveram sorte de conseguir comer, etc. Eles teriam apenas que engolir e suportar.
Enquanto o estrategista bebia seu suco reabastecido, Onsou voltou para os espectadores. "Talvez você possa levar isso", ele disse, entregando algo para Maomao.
"O que é?" ela perguntou.
Ele entregou a ela um livro. Feito com papel vegetal, era uma coleção de contos. Ela teria preferido uma enciclopédia de ervas medicinais ou talvez um tratado médico, mas esta também não era uma má escolha.
"Eu posso trazer qualquer outro livro que você precisar também. Ou talvez você prefira jogos de tabuleiro e cartas?" Onsou disse. Ele estava sendo tão prestativo com Maomao e os outros, na verdade, que ela estava começando a ficar desconfiada.

"Obrigada pela consideração, mas ficaremos bem", ela disse intencionalmente.
"Eu... Bem... Você tem certeza disso?" Onsou parecia claramente desconfortável. "Mestre Lakan e Big Lin começaram o jogo há duas horas, e... bem."
"Sim?"
"Acho que podemos esperar que dure pelo menos mais quatro horas." "Q-Quatro... horas..."
"Você pode querer saber que o Príncipe da Lua chegou aqui antes de você, mas ele saiu de novo. Ele disse que estava muito ocupado com o trabalho. Eu devo

ligar para ele quando o jogo acabar."
Para Jinshi, não existia tempo livre. Se trabalhar até o jogo acabar era a coisa sensata a se fazer, por que Maomao não podia ir embora também? Havia muitos remédios que a Dra. You pediu para ela fazer.
"Você acha que eu conseguiria sair daqui?
"Você pode me ligar quando o jogo acabar", ela disse, pegando uma bandeja de frutas e pães. Eles fariam o médico charlatão, ultimamente atormentado pelos infortúnios de uma vida sem lanches, muito feliz.
"Sinto muito, mas não. Se você fosse embora agora, o Mestre Lakan perderia a concentração. E se ele fizesse algum... movimento pouco

ortodoxo, Big Lin ficaria cansado e dormiria."
Argh! Que pé no saco. Maomao se preocupava que, depois de mais quatro horas de Shogi, o homem de oitenta anos pudesse simplesmente desmaiar. Mais um motivo pelo qual não posso ir embora...
Ela teria que ficar e garantir que o velho não desmaiasse.
Ela se comprometeu da melhor forma que pôde, trazendo seu almofariz, pilão e ingredientes medicinais e mexendo com Chue e Lihaku enquanto os velhos jogavam.
Esse cara vai durar?, ela se perguntou enquanto esmagava algumas ervas e observava Big Lin, cuja mão tremia toda vez que ele movia uma peça. De vez em quando, o homem que o atendia pressionava um pouco de algodão úmido nos lábios de Big Lin. Outras vezes, ele ajudava Big Lin a se levantar e o levava ao banheiro.
Parece que ele está acostumado a amamentar.
O outro homem devia ter mais de quarenta anos — um filho, ou talvez mais provavelmente, um neto. Parecia que a sobrevivência contínua de Big Lin era graças aos cuidados pacientes desse homem.
Quando Onsou veio ver como eles estavam, Maomao fez sinal para ele se aproximar.
"Quem é o homem com Big Lin?", ela perguntou.

"Algum parente distante. Big Lin não tem mais família próxima. Mestre Lakan sempre se refere a ele como Small Lin."
"Small Lin?"
Small. Isso certamente poderia se referir a uma criança, mas com a mesma frequência significava alguém de coração pequeno, um idiota. Mesmo que o uso fosse simplesmente um par com "Big Lin", ainda não era uma coisa particularmente educada para se chamar uma pessoa. Nesse aspecto, era muito característico do estrategista esquisito.
E assim foi, um tempo precioso escapando pelos dedos de Maomao. Depois de uma hora, eles encheram uma bandeja com pílulas redondas. Onsou, que

parecia menos nervoso perto deles do que com o estrategista, estava trabalhando duro para ajudá-los com a tarefa. Maomao sacudiu a bandeja para endireitar as fileiras — e naquele exato momento, Big Lin caiu.
Chocada, Maomao correu para os jogadores.
"Oh! Maomao", disse a estrategista esquisita com um sorriso. Ela o empurrou para o lado, para fora do caminho, e foi cuidar do outro velho.
Antes que ela pudesse alcançá-lo, no entanto, alguém gritou: "Não há nada errado!" Era

Small Lin, que apoiou Big Lin e se inclinou enquanto o velho começou a sussurrar algo. "Sim... Sim", disse Small Lin. Maomao não conseguia ouvir o que Big Lin estava dizendo, mas Small Lin estava anotando. Maomao deu uma olhada, apenas para descobrir linhas de escrita cujo significado ela não conseguia entender.

Por fim, o ditado de Big Lin pareceu terminar. Small Lin esfregou as costas do homem gentilmente e molhou seus lábios com o pano de algodão.

“Tudo terminado, Small Lin?” o estrategista esquisito perguntou com um olhar para Maomao.

“Ele está exausto. Deveríamos deixá-lo descansar,” Small Lin respondeu, evidentemente despreocupado com o tom do estrategista. Ele deitou o idoso gentilmente e começou a registrar o estado do tabuleiro de jogo.

“Cuidar não é fácil, hein?” disse Chue enquanto pegava outro pãozinho — dessa vez do prato do estrategista — e o enfiava na boca. Ela parecia totalmente indiferente ao assunto. Maomao se preocupava com Gaoshun e Taomei em sua velhice.

“Maomaaaooo!” gritou uma voz cadenciada. O estrategista começou a se aproximar dela. Maomao franziu a testa em desgosto. "Por

favor, não chegue mais perto. Você cheira como um cachorro que saiu na chuva."
"Uau, isso... realmente parece doloroso quando você diz assim", Lihaku comentou.
Para o bem ou para o mal, no entanto, a personagem envolvida era imune a quase tudo que Maomao pudesse dizer. "Ouvi dizer que você gosta de salgadinhos, então me certifiquei de ter muitos e muitos deles à mão! Que tal um pouco de vinho? Você gostaria de um pouco? Eu posso pegar para você!"
"Vinho..." Por um segundo, Maomao sentiu algo puxar seu coração, mas então ela balançou a cabeça vigorosamente.
A carranca em seu rosto deve ter sido realmente terrível, porque Chue interveio. "Se você está oferecendo, a Srta. Chue adoraria um vinho de frutas feito especialmente! Além disso, porque tecnicamente temos um trabalho a fazer aqui,

talvez você Você poderia me contar sobre o velho ali."
Ah, Chue. O prazer antes dos negócios. Ao lado dela, Lihaku podia ser ouvido dizendo, "O vinho pode esperar, obrigado."
O estrategista, enquanto isso, olhou para Chue, perplexo. "O Cavaleiro, você quer dizer?"
Ele comparou o homem não a uma pedra Go, mas a uma paz Shogi. Em outras palavras, era alguém que se destacava para ele como distinto.

Ele era, como sempre, um astuto juiz de caráter, se nada mais.
“Se você quer saber sobre meu tio-avô, por favor, deixe-me explicar,” disse Small Lin, se aproximando. Big Lin estava cochilando confortavelmente.
Quase por instinto, todos formaram um círculo solto ao redor dos lanches.
Chue fez chá e serviu aos outros. Maomao colocou pratos individuais na frente de cada um deles, e enquanto isso deslizou os vários medicamentos e ferramentas farmacêuticas para um lado.
“Posso perguntar o que você já ouviu sobre ele?” Pequeno Lin disse, olhando para Maomao e os outros calmamente. Ele pode não parecer grande coisa, mas pelo menos ele sabia como ser educado. Onsou disse que sua família tinha passado por momentos difíceis, mas ele pelo menos parecia ter tido uma educação respeitável. Ele até falou educadamente com Maomao e Chue.
Seu tio-avô, hein? Pequeno Lin parecia ter cerca de quarenta anos. Seu cabelo era preto, mas parecia temperamental, e seus olhos eram claros.
Grande Lin tem algo da aparência de um estrangeiro sobre ele, ele mesmo. Ele tinha o nariz angular que as pessoas com sangue estrangeiro tantas vezes possuíam, embora seu

cabelo ralo e sobrancelhas fossem brancos — era impossível dizer qual cor eles tinham sido. O cabelo que ele tinha era desgrenhado; talvez ele não gostasse de prendê-lo para trás.
Era incomum ver um homem da idade de Pequeno Lin cuidando tão de perto de um tio-avô. Ele realmente não tinha outros parentes?
“Ouvi que o chamaram de uma enciclopédia viva da história da capital ocidental”, disse Onsou. Enquanto isso, a estrategista tentava empurrar lanches para Maomao, então Chue se interpôs entre eles.
Evidentemente, ela ainda tinha espaço no estômago, pois os petiscos desapareciam rapidamente.
“Sim, as pessoas o chamavam assim uma vez. Mas agora ele é... bem, veja bem. Ele estava em plena posse de todas as suas faculdades até os eventos de dezessete anos atrás.”
“Você quer dizer a supressão do clã Yi, certo?” Onsou perguntou, prestativamente se certificando de que Maomao e os outros pudessem segui-lo. Maomao estava

feliz por ter contado um pouco dessa história antes do tempo.
Ele realmente sabe como fazer as coisas. Onsou não era exibicionista sobre isso, mas dava um empurrãozinho aqui ou ali para manter as

coisas andando bem. Obviamente, ele não estava há muito tempo a serviço de um superior que só sabia como perturbar ordens e frustrar planos.

“Sim, isso mesmo. Durante a campanha, ele foi atacado e atingido no lugar errado.” Small Lin levantou um pouco do cabelo ralo de Big Lin para revelar uma cicatriz proeminente. “Na época, meu tio-avô foi encarregado de compilar uma história da capital ocidental. Quando os Yi foram subjugados, no entanto, ele também foi considerado um rebelde. Talvez possamos nos considerar sortudos que pelo menos o resto de sua família escapou da punição.”

Uma ruga se formou na testa de Small Lin, um sinal de quão difícil era para ele contar essas coisas.

“Supressão é uma palavra que soa muito elevada, mas não foi mais do que uma fúria. Meu tio-avô foi preso, e eles queimaram não apenas a história que ele havia compilado, mas todos os livros e pergaminhos nos quais ele baseou seu trabalho. Quando ele finalmente voltou para nós meses depois, ele estava... assim. Seus parentes mais próximos o abandonaram. Somente meu pai o acolheria.”

Talvez os sintomas de Big Lin fossem resultado de ver o trabalho de sua vida confiscado e destruído, ou talvez de simples violência. Ser abandonado por sua família poderia ter sido

ainda pior.
"Havia tanta informação preciosa naqueles registros. Até hoje, lamento sua destruição!" Small Lin bateu no tapete demonstrativamente. Coisas fáceis de queimar... Não tão fáceis de desfazer.
A mente de Maomao ainda estava nas estranhas notas que Small Lin havia feito enquanto ouvia seu tio-avô. O que elas significavam? Se ele estava tentando reconstruir as histórias a partir dos resmungos do velho, seria uma tarefa difícil.
Onsou olhou para Maomao como se dissesse que estava deixando o resto nas mãos dela.
Quanto ao que o estrategista esquisito estava fazendo naquele momento, seu rosto estava vermelho e ele estava ficando embriagado. Ele estava segurando uma garrafa de vidro.
Maomao estava tentando se concentrar na conversa, mas não conseguia evitar olhar para ele.
Parece que ele misturou o suco e o vinho de frutas. Ficou claro para ela que o estrategista havia bebido por engano o vinho que Chue queria. Chue pegou a garrafa dele, mostrou a língua de brincadeira e começou a beber.

Vamos, deixe um pouco para mim! Maomao pensou. Ela tentou enviar a mensagem para Chue telepaticamente, mas não parecia haver

muita esperança de que ela a alcançasse.
Resignada, ela se virou para Small Lin.
"O que precisamos fazer para alcançar as memórias de Big Lin, então?" ela perguntou.
"Meu tio-avô é uma pessoa muito cuidadosa. Por exemplo, ele nunca teria colocado todos os seus livros, o que pode ser facilmente queimado, em um só lugar. Se você está procurando por registros, tenho certeza de que ele os escondeu em algum lugar."
"Quer dizer que você acha que ele tinha outra biblioteca além daquela que foi queimada?"
"Sim, eu acho."
Se Big Lin tivesse mantido cópias de seus livros em outro local, então os registros ainda poderiam existir. Só havia um porém.
"Se você não os encontrou, significa que ninguém sabe onde eles estão." "Isso mesmo. Ninguém encontrou esta biblioteca. Até mesmo a ideia de que os livros
podem estar todos lá é simplesmente uma possibilidade."
Era como agarrar-se à névoa — mas pelo menos a ideia de uma biblioteca separada tinha um toque de plausibilidade.
Maomao olhou para o velho, que respirava pacificamente. O estrategista esquisito realmente não passava de um espinho em seu lado — mas de vez em quando, ele poderia ser útil.

“Suponho, então, que você aproveite os momentos de lucidez dele para tentar descobrir onde fica a biblioteca”, ela disse. Seria preciso alguém com muita paciência para fazer uma coisa dessas.
"Você realmente acha que pode encontrá-la dessa forma?" Chue interrompeu, dizendo diretamente o que Maomao estava tentando sugerir.
O Pequeno Lin tomou um gole de chá, como se não tivesse certeza se deveria dizer o que disse em seguida. Então ele respondeu: "Na verdade, eles já foram encontrados antes."
Os olhos de Maomao se arregalaram. "Sério?"
"De fato. Imagino que alguém tenha procurado a casa em que meu tio-avô morava, com base nos fragmentos de coisas que ele lembrava. E quando a encontraram..."
"Sim? O que aconteceu?"
"Lá estavam eles! Registros de caça que meu tio-avô havia escondido há muito tempo, escondidos sob as tábuas do assoalho."
"Registros de caça", repetiu Maomao. Francamente, isso soou bem inútil. "Acho que todos ficaram bem decepcionados. Depois de toda aquela busca e tudo mais."

Parecia possível que esses parentes tivessem acolhido o Grande Lin em parte porque achavam que poderia haver um legado para

eles.
“Sim, muito decepcionado. Disseram-me que eles usaram os discos para acender o forno.”
Pensar, aqueles papéis provavelmente eram tesouros inestimáveis para Big Lin.
O valor estava nos olhos de quem via, e isso podia tornar a vida tão cruel. “Nossa, isso parece uma pena. Eles poderiam até valer alguma coisa se ainda estivessem por aí”, disse Chue, que ainda estava
bebendo o vinho. Sério, ela poderia pelo menos deixar uma xícara. “Você está tão certo”, concordou Small Lin. “Alguém até veio até mim
que queria vender aqueles discos de jogo, depois que ouviram o quão talentoso meu tio-avô era em Shogi.”
“Vender?”, perguntou Maomao. Havia um esquema que parecia familiar.
“Ah, sim. Parece que Go está na moda na província de Kaou, e que há um livro muito popular com jogos colecionáveis. Essa pessoa se perguntou se um livro de jogos de Shogi poderia ter sucesso semelhante.”

Maomao lançou um olhar furtivo para o velhote, que agora roncava placidamente.
De alguma forma, o mundo continuou a viver em sua sombra, embora nem ele nem o mundo soubessem.

“A família dele ficou quase frenética quando souberam que poderia haver dinheiro naqueles jogos, mas antes que pudessem descobrir o que fazer, o enxame veio... A família descobriu em algum lugar que o Mestre Lakan era um velho amigo do meu tio-avô e, embora eu tenha vergonha de dizer, eles o persuadiram a implorar por ajuda.”
O Pequeno Lin estava vermelho até as orelhas, humilhado até mesmo para contar a história. Maomao sabia muito bem que havia algumas famílias menos que ideais por aí, mas quanto mais pobre você fosse, menos sentimental você poderia ser. Se eles nunca tivessem passado por momentos difíceis, eles poderiam ter sido um grupo de pessoas perfeitamente bom. Talvez tenha sido o ponto de vista pessoal distorcido de Maomao que fez o devoto e atento Pequeno Lin parecer, de fato, o mais estranho de todos.
“Acho que o raro prazer de jogar Shogi com o Mestre Lakan trouxe um pouco da centelha do meu tio-avô de volta. Sei que isso pode parecer um pedido um tanto impertinente, mas quando o jogo acabar, você acha que os registros escritos dele podem nos ser concedidos?”
“Acho que não vejo por que não”, disse Maomao. O estrategista esquisito não parecia se importar.

“Então, supondo que os murmúrios do meu

tio-avô levem a outro esconderijo de papéis ou registros de jogos antigos?”
“Nós daremos todos os registros de jogos para você.”
“Lady Maomao”, disse Onsou, visivelmente preocupado.
“O estrategista esquisito não tem nenhum interesse especial em registros de jogos antigos, tem?”, ela perguntou.
“Não, mas se ele dissesse alguma coisa...”
“Apenas culpe a mim.”
“Eu certamente farei!” Onsou obviamente só queria obter um firme compromisso verbal de Maomao. O homem foi minucioso.
Isso deixou apenas a questão, a questão crucial, de onde esses livros e papéis poderiam estar.
"Você ainda tem aquelas coisas que escreveu antes? Poderíamos vê-las, por acaso?" Maomao perguntou educadamente.
"Aqui. Eu também tenho todas as notas que fiz até agora", disse Small Lin. Ele produziu uma coleção, não de folhas de papel ou mesmo tiras de madeira para escrever, mas pedaços de pergaminho.
"Esses também parecem registros de jogo", disse Maomao, intrigado. Os pedaços continham inscrições como "S59" e "+B83".
Até Maomao, que não tinha interesse em Shogi, o que é oever, reconheceu isso como uma notação mostrando como as peças em uma

partida de Shogi se moveram. Essa notação envolvia numerais estrangeiros não usados na Província de Kaou, talvez para facilitar a leitura.
Isso significa alguma coisa mesmo? Maomao conteve um gemido.
Em vez disso, ela se virou para Onsou e perguntou: "Você tem outro tabuleiro de Shogi e algumas peças que podemos pegar emprestado?" Quando você não entendia algo, não havia nada melhor do que tentar.
Onsou forneceu os materiais e, com um clique-clique-clique, Maomao começou a alinhar as peças.
"Vamos ver... S59 seria..." Ela tentou colocar as peças onde as notas indicavam, mas cada vez mais suspeitava que era um esforço inútil. Ela estava prestes a colocar um dos peões quando parou.
"Agora, isso é engraçado", Chue interrompeu, olhando para o tabuleiro. "Diz que o peão deve se mover para a linha dois."
"Huh! Até eu sei que isso é um movimento ilegal." Agora Lihaku estava entrando na jogada.
"E há três Dragões também. Isso não é normal. Talvez nem todas essas notas sejam relacionadas ao mesmo jogo", disse Onsou, olhando para o tabuleiro. "Eu me pergunto se isso faria mais sentido para mim se eu soubesse

mais sobre Shogi."

"Você não é muito versado no jogo, senhor?", perguntou Maomao.
"Eu sei jogar, mais ou menos, mas, por favor, lembre-se de quem eu sirvo. Não estou ansioso para transformar um passatempo em mais um trabalho." Onsou tinha um olhar morto em seus olhos.
"Rapaz, eu sinto isso!", disse Lihaku, não parecendo muito melhor. "Por que isso, Mestre Lihaku? Você não serve diretamente ao estrategista... Na verdade, acho que você não tem muito a ver com ele, tem?", perguntou Maomao. Lihaku era um soldado, é verdade, mas ele via muito menos o estrategista esquisito do que Onsou.
Em vez de responder, Lihaku disse: "Olhe para este esboço. Não lhe lembra um mapa da capital?"
"A capital?"
"Uma cidade disposta em uma grade perfeita, com o trono no topo. Está bem ali!" "Ah... Acho que entendi o que você quer dizer." Resumindo, Lihaku não conseguia olhar para um tabuleiro de Go sem ver a capital.
Sendo uma configuração de Shogi, não é exatamente a mesma coisa, mas ainda assim. Ela entendeu o que ele queria dizer. Como um soldado que passava muito tempo guardando a

cidade real, ele viu muitos mapas do lugar.
"Vamos começar alinhando todas as peças das notas", disse Maomao. Seguiu-se uma série de cliques enquanto ela colocava as peças no lugar — mas elas acabaram se agrupando distintamente em uma parte do tabuleiro. "Isso parece um jogo de Shogi para você?"
"Não muito", disse Small Lin. Ele parecia ser a pessoa mais capaz de Shogi que ficou acordada, com Big Lin e o estrategista ambos na terra dos sonhos. Não estava claro o quanto Chue sabia sobre o jogo, então Maomao desconsideraria sua opinião.
"Se não é um jogo de Shogi, o que você acha que é?" Maomao perguntou, levantando a mão em um gesto de derrota total.
"Sim, a peça do Rei está realmente voando por todo lugar", disse Lihaku.
"A Srta. Chue teve o mesmo pensamento! Aquele General de Jade realmente se movimenta."
Maomao concordou com seus companheiros. O General de Jade, que normalmente se movia lentamente uma casa de cada vez, havia chegado ao centro do tabuleiro.
"Jade", murmurou Maomao, olhando para o tabuleiro. "Gyoku".
O Rei, o líder adversário, estava sentado bem no centro, no lado norte do tabuleiro. Várias outras peças também pareciam estranhamente

fora de

posição.
"Mestre Lihaku", disse Maomao. “Sim?”
“Se você imaginasse este tabuleiro Shogi como a capital, como ele pareceria para você?” Ela virou o tabuleiro para que ele pudesse vê-lo.
“Hmm... Acho que esta peça do Rei teria que representar o trono.
O que significaria...” Ele gesticulou para os grupos de peças. “Esses lugares onde as peças estão todas amontoadas teriam que ser o mercado ou o distrito comercial, ou talvez uma área residencial.”
“E o General de Jade, então?”
“Huh... Talvez um inimigo? Um inimigo político? Ou talvez seja a casa de um burocrata particularmente poderoso?” Ele não parecia muito certo.
Sim! Isso faria sentido!
Maomao olhou para Chue. “Senhorita Chue, você tem um mapa da capital ocidental?”
“Ha ha!” Lihaku riu. “Você diz as coisas mais estranhas. Quem carregaria um—”
“Aqui está!” Chue puxou um mapa, desenhado em pergaminho, das dobras de suas vestes.
“Por que você tem isso?!” Lihaku exclamou, fornecendo a piada no lugar do Irmão de Lahan ausente.
“Porque eu sou a Srta. Chue!” ela declarou. De

fato, Maomao sabia que ela era; foi por isso que ela perguntou. Acontece que ela estava certa em fazer isso.
Maomao abriu o mapa e comparou com o tabuleiro Shogi. “Você vê o General de Jade aqui? Se você compará-lo com o mapa da capital ocidental, não parece que corresponde exatamente a este anexo?”
Os outros quase pularam. Todos se aglomeraram ao redor, olhando do mapa para o tabuleiro e vice-versa.
A capital ocidental, como a capital real na região central, havia sido disposta em um padrão de grade, com setores distintos. Mas as divisões não eram tão organizadas quanto a capital real, então eles perderam a semelhança.
“Então isso faria a peça do Rei...”
“O escritório administrativo ou Mestre Gy residência de okuen, talvez.
Mas eu diria que é o escritório. É a localização da mansão que o clã Yi ocupou dezessete anos atrás”, Small Lin disse a eles. Era muito útil ter um morador por perto, alguém que pudesse informá-los sobre os eventos passados.
“Isso explicaria todos os dragões por aqui”, disse Maomao. “Se bem me lembro, havia uma loja com a palavra Dragão no nome.”

Os designs reais de dragões deveriam ser tabu para todos, exceto para os membros da família

Imperial, mas às vezes a palavra “dragão” se esgueirava no nome de uma loja. Era considerado boa sorte.
“E esses, então?” Chue perguntou, apontando para os dois Peões em uma fileira.
“Da posição, eles parecem estar ao longo da via principal”, disse Maomao.
“Talvez eles representem uma livraria ou uma papelaria? Você sabe, algum lugar onde você iria para comprar pequenas coisas.”
“Hmm. Não tenho certeza se lembro de algum lugar assim”, Lihaku murmurou.

Pedaço por pedaço, Maomao tentou descobrir o que as peças de Shogi representavam.
Então Chue disse: "A Srta. Chue tem uma ideia. Talvez um mapa atual não possa nos ajudar."
Ela estava certa. Em dezessete anos, lojas poderiam ir e vir, alguns negócios entrando em colapso enquanto outros novos empreendimentos começavam.
"Se você me der licença, eu posso ir buscar um mapa antigo! Por favor, cuide do meu tio-avô por um momento", disse Small Lin, se levantando. Big Lin ainda estava dormindo.
"Vou chamar o Príncipe da Lua, então. Senhora Maomao, se você cuidar do Mestre Lakan, por favor", disse Onsou, também de pé.
"Cuide do Big Lin, entendi", disse Maomao.
"Não! Preciso que você fique de olho no Mestre

Lakan!" Onsou ficou perturbado, mas foi embora mesmo assim. Maomao e os outros se perderam comparando o tabuleiro de Shogi e o mapa moderno. As comparações pareciam estar indo muito bem.

Tão bem que todos eles deixaram passar algo crucial.

Capítulo 4: Pequeno Lin

Maomao examinou o mapa, que agora estava coberto de escrita. "Acho que preenchemos a maioria dos lugares sobre os quais tínhamos certeza." Eles adivinharam o significado de cerca de metade das peças, e o que viram transmitiu o quanto a cidade havia mudado.

"O Príncipe da Lua tem uma visita e não pode se juntar a nós. Ele está com o Vice-Ministro Lu do Conselho de Ritos", Onsou os informou quando retornou. Sua demora em voltar parecia ser explicada pelo livro grosso agarrado debaixo do braço — ele deve ter ido buscá-lo. Presumivelmente, pertencia ao estrategista esquisito.

"Vice-Ministro?" Maomao não era especialmente versada em títulos formais. Ela vagamente se lembrava deste ter aparecido no exame de serviço das damas da corte, mas ela tinha esquecido o que exatamente a posição envolvia. O nome, ela pensou ter reconhecido como um que o Dr. You havia mencionado.

"Ele é basicamente a segunda pessoa mais importante no Conselho de Ritos", Chue sussurrou no ouvido de Maomao. “Qualquer função cerimonial que o Príncipe da Lua possa realizar aqui precisará de alguém importante assim.”

“Entendo.” Ela não sabia que negócio poderia ter levado o Vice-Ministro Lu a visitar Jinshi, mas imaginou que eles conseguiriam fazer isso sem ele.

“Cara, o que está segurando esse cara?” Lihaku perguntou, olhando para o sol poente além da rede mosquiteira. “Já faz mais de meia hora. Eu sabia que deveria ter ido com ele.”

“Você não está errado. O Pequeno Lin é apenas um visitante. Com a aparência dele, aposto que um dos guardas o parou,” disse Chue. Ela e Lihaku eram conhecidos na mansão, e ninguém lhes dava problemas. Mas se o Pequeno Lin tivesse saído do local...

“Talvez eu devesse ter ido em vez dele,” disse Maomao—mas ela logo percebeu que estava errada.

“Fwaaah,” bocejou o velhote de monóculo, finalmente acordando de seu sono induzido pelo álcool. “Bom dia... Oh, eu ainda devo estar sonhando. Eu posso ver Maomao.” Onsou ofereceu ao seu mestre entorpecido uma bebida para acordar. Seu amado suco, presumivelmente. “Hrm?! Esse é Maomao!”

“Ugh. Aqui vamos nós.”

Opa. Ela tinha dito isso em voz alta?

Ela queria poder ignorar o estrategista, mas então eles nunca aprenderiam o que precisavam saber, então, em vez disso, ela fez uma fileira de

bandejas de lanches entre os dois. “Você não tem permissão para ir além desta linha”, ela disse.

“Uau! Isso é algo que minha irmã mais velha Maamei inventaria!” Ela deve ter feito algo parecido com o sogro de Chue, Gaoshun.

Maomao colocou o tabuleiro Shogi na frente da aberração. “Não tenho ideia se devo esperar uma resposta sua, mas vou perguntar.

Especificamente, minha pergunta diz respeito à capital ocidental de dezessete anos atrás. Se esta é a mansão do clã Yi, e este edifício diagonalmente abaixo dela é a residência do Mestre Gyokuen, você sabe o que as outras peças significariam? Ah, pensei que não. Obrigado de qualquer forma.”

“Hum, o velhote ainda não respondeu,” Lihaku disse, sem hesitar em usar o nome “velhote” bem na frente do velhote.

O velhote, no entanto, parecia imperturbável. De fato, o brilho de raposa em seus olhos ficou ainda mais afiado, e ele estendeu as mãos em direção ao tabuleiro com os calos característicos de um jogador de Shogi.

“Este Peão aqui, este seria o dojo de Shogi. Aquele abaixo dele

—havia uma loja que vendia suprimentos de Shogi e Go.”

“O Mestre Lakan tem uma memória de armadilha de aço para coisas que acontecem para interessá-lo,” Onsou explicou prestativamente.

“Huh. É mesmo?” Maomao respondeu, tão desinteressado quanto possível. “Este dragão é um restaurante. Se você pudesse vencer o dono em um jogo de

Shogi, sua refeição era grátis. Mas depois de três refeições grátis, eles me cortaram.”

O estrategista estava completamente falante agora. Estava começando a ficar claro que os lugares que Big Lin havia indicado estavam relacionados de alguma forma a Shogi.

Maomao não conseguia deixar de pensar Se ao menos esse cara tivesse se controlado...

“Não tenho certeza sobre esse Cavaleiro. Também não tenho certeza sobre esse Ouro Promovido.” Esses dois locais sozinhos pareciam iludir o estrategista.

“Um deles parece ser um santuário. O outro fica em algum lugar no distrito residencial, então talvez seja onde os registros do jogo foram encontrados pela primeira vez”, disse Chue, circulando os locais no mapa.

“Acho que isso torna o santuário o único outro lugar suspeito, então”, disse Lihaku.

Quando parecia que eles estavam finalmente prestes a descobrir algumas respostas, o estrategista começou a olhar ao redor, seus olhos varrendo a sala.

“Qual é o problema, senhor?” Onsou

perguntou. “Onde está o Pequeno Lin?”, perguntou o estrategista. “Ele foi buscar um mapa antigo.”

“Hrm.”

Quão incomum o estrategista demonstrar interesse em outra pessoa.

Eu poderia esperar que ele perguntasse sobre o Grande Lin, talvez, mas o Pequeno Lin...

Maomao pensou. Então ela repetiu para si mesma, “Pequeno” Lin...

Ela bateu no tabuleiro Shogi, fazendo com que todos olhassem para ela surpresos. “O que há de errado?”, perguntou Lihaku.

Maomao se levantou de um salto e fez uma careta para o estrategista esquisito. Havia pessoas no mundo que possuíam talento raro, mas o desperdiçavam. “O ‘pequeno’ de Pequeno Lin”, ela disse, seu olhar ainda fixo no esquisito. “Posso entender que significa ‘ruim’? É isso que Por que você o chama assim?”

“Bem, sim. Maomao, eu realmente não sei a diferença entre pessoas boas e más, ele só me parece um mentiroso.”

Maomao, ainda franzindo a testa, sentou-se novamente. “Por que você não disse isso?” “Bem, o que isso tem a ver comigo?”

Ah, sim. Lá estava o estrategista que ela conhecia.

Todos os outros na sala ficaram em silêncio atordoados. Então uma voz hesitante veio da

entrada. “Ahem. Desculpe-me por interromper quando você está em conferência...” A julgar pelo seu uniforme, o recém-chegado era um dos subordinados do estrategista esquisito.

“Sim? O que é?” perguntou não o esquisito, mas Onsou.

“Parece que há alguém no escritório administrativo que afirma estar procurando por um membro desaparecido de sua família.” O soldado lançou um olhar para Big Lin, que ainda dormia em um canto da sala. “A descrição dele combina com a de um velho arrastado aqui pelo Mestre Lakan ontem...”

O silêncio ficou ainda mais atordoado, e então outro soldado apareceu na porta. “Mestre Lakan, houve um incêndio no santuário oeste. Já enviei um pelotão de bombeiros para cuidar disso.”

Os subordinados da aberração realmente eram pessoas altamente capazes. Eles nem precisavam que seu chefe lhes dissesse para fazer o que era apropriado e necessário.

O membro da família desaparecido era Big Lin. O santuário em chamas era aquele que eles tinham acabado de concluir que valeria a pena investigar.

Foi quase satisfatório, à sua maneira perversa, ter sido tão completamente enganado.

Ninguém sabia quem havia dado início a esses eventos. No momento, tudo o que sabiam era que,

quem quer que fosse, parecia estar dois passos à frente.

Eles mudaram sua conferência para os aposentos de Jinshi, onde os três — Maomao, Chue e Lihaku — agora se ajoelhavam docilmente. Eles pensaram que o estrategista esquisito poderia segui-los, mas Big Lin acordou de seu cochilo, então o jogo Shogi foi retomado.

"Só posso oferecer minhas mais humildes desculpas", disse Maomao. Ela e os outros pressionaram suas cabeças no chão em um pedido de desculpas abjeto, e Chue estava até vestida com uma túnica branca como se estivesse preparada para se estripar a qualquer momento.

"Er, Chue... Não haverá necessidade disso", disse Jinshi. Com alívio evidente, Chue prontamente mudou de volta.

Resumindo, "Pequeno Lin" não existia. Havia um homem que alegava ser parente de Big Lin, mas ele era uma pessoa diferente, alguém que não se parecia muito com Small Lin.

"Pequeno Lin" sequestrou Big Lin durante o enxame de insetos, então aproveitou o fato de que Big Lin não é coerente para se passar por parente para tentar se aproximar do estrategista esquisito.

Ele certamente enganou Maomao e todos os outros. Ele era um zelador tão diligente de Big Lin que parecia estar fazendo isso há muito tempo. O

pior é que ele parecia estar ciente da habilidade do estrategista de ver através de mentiras, e sabia que, enquanto o velhote tivesse um oponente digno para jogar Shogi, ele se concentraria nisso em vez de no engano de Small Lin.

Se ele não soubesse sobre as qualidades especiais que a criatura possuía, então ele tinha tido uma sorte extraordinária — e se soubesse, então ele próprio era um mestre estrategista.

Big Lin estava agora com sua família real. O homem que veio perguntar por ele estava acompanhado por uma jovem — sua esposa ou filha, talvez — que era a verdadeira enfermeira de Big Lin. Maomao e companhia ficaram felizes em descobrir que Big Lin não havia sido abusado e abandonado da maneira que Small Lin havia descrito, mas a julgar pelo estado das roupas dos visitantes, a parte sobre a família passar por momentos difíceis era verdade.

Eles estavam com Big Lin agora, de olho nele enquanto ele tocava

Shogi.

Maomao estava frustrada. Ela sabia que ter o estrategista esquisito por perto só os faria desviar do assunto em todas as oportunidades. Ela pretendia explicar a situação para Jinshi, completa e completamente, e só então trazer o estrategista para obter sua história.

Se o velhote tivesse nos contado, ela pensou, mas não havia como prever o que ele faria. Ela nem tinha certeza do que o havia alertado de que Small Lin era um vilão. Ele tinha feito um trabalho excelente em parecer completamente inofensivo.

Ele cuidou de Big Lin de forma tão convincente. Eu me pergunto se ele realmente tem experiência em enfermagem. Caso contrário, seria difícil explicar como ele havia enganado todos eles tão completamente. Se foi apenas uma performance, foi muito boa. Até Chue foi enganada — não é algo que Maomao esperaria, mesmo que alguém conseguisse enganar a si mesma e a Lihaku.

"Ele até enganou você, Chue?" Jinshi perguntou.

“Sim, e estou tão envergonhada! Na minha casa, uma surra não seria o suficiente para compensar uma confusão dessas!” Ela imitou um choro abundante.

A família de Chue é tão cruel assim? Maomao se perguntou. Ela presumiu que devia ser um lugar muito laissez-faire para produzir um espírito livre como Chue

—mas isso foi tudo o que foi. Uma suposição.

“O que está feito está feito”, disse Jinshi. “Mas, por favor, descreva essa pessoa para mim.”

“Você não o viu, Mestre Jinshi?” Maomao perguntou.

“Só um vislumbre do rosto dele. Eu tinha uma visita e tive que vir direto para o meu quarto.”

Justo — o irmão mais novo do Imperador normalmente não ficaria por perto e conversaria com um plebeu aleatório.

“Mas você já terminou de se divertir, senhor?”

“Sim. Quando mencionei que Sir Lakan estava por perto, o homem pareceu um pouco doente e foi para casa. Aparentemente Sir Lakan e o vice-ministro Lu não se dão muito bem. O vice-ministro estava me aconselhando sobre o que deveríamos fazer sobre as cerimônias que planejamos para esta visita.”

Existe alguém que se dá bem com o velhote? Quem realmente sabia como lidar com a aberração de monóculo?

“Quero saber tudo sobre esse homem. Como ele agia, como ele era”, disse Jinshi — não para Maomao, mas para Chue.

“Sim, senhor. Ele era um homem completa e totalmente normal. Suas características faciais sugeriam uma pitada de sangue estrangeiro, mas, de outra forma, ele não tinha nenhuma característica distintiva. Talvez ajudasse se eu o descrevesse como sendo muito parecido com o irmão de Lahan?”

Ahh...

Maomao achou que isso realmente fazia

sentido. Não é de se espantar que esse cara tenha conseguido se misturar tão facilmente. Ele não era dado a explosões como o irmão de Lahan, mas ele compartilhava a habilidade do outro homem de simplesmente cuidar de seus negócios, nunca se destacando. E eles tinham exatamente a mesma qualidade de pressão.

"Uma coisa sobre eles realmente se destaca", disse Maomao. "Ah, sim, com certeza", disse Chue.

Então eles disseram em coro: "O jeito que você parece não conseguir se lembrar dos rostos deles!"

"Vou tentar, no entanto!", disse Chue. "Vou ver se consigo fazer uma semelhança." Ela imediatamente pegou um pincel e começou a pintar, e logo tinha um retrato que capturava a característica saliente de Small Lin de não ter características salientes reais. Maomao presumiu que o retrato seria mostrado à família de Big Lin.

"Tudo bem. E que tipo de homem você acha que ele era? Você pode me dar suas opiniões pessoais; eu aceito qualquer coisa." Desta vez, o olhar de Jinshi também atingiu Maomao e Lihaku.

"Se me permite, então, senhor", disse Lihaku. "Eu concordo principalmente com a Srta. Chue. Esse cara era totalmente comum. Mas ele também parecia realmente saber o que estava fazendo com Big Lin."

"Ele estava acostumado com seu papel, você

quer dizer? Sua performance foi realmente tão boa?"

"Foi mais do que isso. É como se, eu não tivesse certeza se a maioria das pessoas saberia como trabalhar tão bem com um cara velho. Você geralmente não pensa em homens cuidando de seus parentes idosos de qualquer maneira, certo? Geralmente é sua esposa ou irmã."

Maomao assentiu. Em Li, os homens estavam acima das mulheres na hierarquia social. O impulso só parecia mais forte aqui na província de I-sei, onde mulheres ou noivas eram frequentemente vistas como nada mais do que ferramentas.

Testemunhe o fato de que não era o homem que veio procurar Big Lin que estava cuidando dele, mas a mulher que ele trouxe com ele.

"E o que você acha, Maomao?"

“Eu concordo com os outros. No entanto, se ele realmente estava procurando

pelas cartas e papéis antigos de Big Lin do jeito que estamos, então acho que podemos presumir que ele está fazendo isso há muito mais tempo do que nós.” O próprio Small Lin, ou talvez um compatriota, estava vigiando Big Lin.

“Sim, isso seria razoável”, disse Jinshi.

Ele não parecia estar procurando ativamente pelo esconderijo, mas sim vigiando para ver se

mais alguém o encontraria. Parecia uma maneira terrivelmente indireta de conseguir o que ele alegava querer. Se ninguém encontrasse os papéis, tudo bem. Small Lin simplesmente não queria que eles fossem descobertos.

"Você acha que é seguro presumir que havia algo tão prejudicial naqueles materiais que ele queria eliminá-los, mesmo que isso representasse um risco considerável?" Maomao perguntou.

"A ponto de fazer contato deliberadamente com Sir Lakan?" "Quando você não consegue prever o que alguém vai fazer, quando eles

finalmente agem, pode ser devastador."

"Ahh." Jinshi assentiu rapidamente. Lakan tinha um dom para azarar as coisas.

Então, seja o que for, ele não quer que seja encontrado. Relatos secretos, talvez? Não, espere. O que isso teria a ver com a compilação de uma história?

"Eu me pergunto o que poderia valer esse tipo de risco", disse Lihaku. "Talvez tenha a ver com a rebelião Yi", sugeriu Chue.

"Se ele não quer que seja encontrado, então acho que é seguro imaginar que o que quer que esteja lá não é algo que ele queira saber, mas algo que ele já sabe", disse Maomao.

Se ele saiu do seu caminho para queimar a biblioteca, deve ser realmente algo que ele não quer que saia. Maomao se pegou pensando por que

Small Lin poderia ter deliberadamente ateado fogo nos livros. Ele não havia considerado a possibilidade de que a destruição poderia não ser completa se Maomao e os outros viessem imediatamente?

E se ele apenas fingisse queimá-los?

Se os livros fossem queimados, seus perseguidores poderiam desistir — mas também poderiam tentar desesperadamente decodificar quaisquer fragmentos restantes do texto. Não havia garantias de que o fogo consumiria tudo, afinal.

E se ele só fugisse com o que precisava?

O que Small Lin precisava, então? Maomao pensou tanto sobre isso que sua cabeça começou a girar.

Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu. "Maomao! Eu wooon!"

"Sim, ótimo."

Se ao menos ele os tivesse avisado sobre Small Lin como uma pessoa normal teria... Mas não, não adiantava ficar bravo. O estrategista esquisito disse a ela que não disse nada sobre Small Lin ser um cara mau porque ninguém perguntou a ele. Bem, ela tentaria perguntar algumas coisas a ele, então.

"Como você sabia que aquele homem era um charlatão?"

"Porque observá-lo era como assistir a uma peça interessante."

Maomao parou. Não, ela ainda não tinha ideia do que qualquer coisa que ele dissesse significava. O que Lakan saberia sobre assistir a uma peça? Os artistas pareceriam pedras de Go para ele.

"Todos no palco estão mentindo, mas alguns dos artistas são melhores nisso do que outros. Quanto mais naturais as falsidades, mais interessante a peça é", disse o estrategista.

"Quanto mais natural, mais interessante..."

Fazia um certo tipo de sentido para ela. Uma peça era algo fundamentalmente falso, e os atores eram pessoas especializadas em entregar essas inverdades ao público. Quanto melhores mentirosos eles eram, melhores atores eles eram, e mais envolvente era o drama. A ideia de que alguém poderia ser um mentiroso e um vilão porque assisti-los dava a sensação de assistir a uma boa peça de teatro era o tipo de conclusão que só um estrategista esquisito poderia ter tirado.

"Ahhh. Sim, isso meio que faz sentido", disse Chue quando fez sentido para ela. Talvez fizesse sentido porque ela, assim como a estrategista, vivia por sua intuição.

"Faz? Talvez você possa me explicar", disse Maomao.

"Sim, claro, a explicação da Srta. Chue chegando! Essa era alguém que não estava interpretando um papel — eles se tornaram esse papel. Você vê isso às vezes, entre vigaristas e

espiões."

"Espiões?"

"Ah, sim! Alguns agentes até se casam com um local para que não sejam suspeitos quando entrarem em outro país. Mas esse cônjuge, você os vê todos os dias. O espião tem que ser um verdadeiro marido ou esposa para eles. Eles não podem simplesmente agir como tal, eles têm que ser tal. A única coisa é que há algo mais importante para eles do que seu parceiro. Alguns espiões podem até ter filhos! Enquanto ninguém descobrir o que eles são, sua família nunca saberá a diferença."

Fale sobre ignorância sendo uma benção. A descrição de Chue estava terrivelmente cheia de... detalhes concretos, no entanto. Quase parecia sugerir... não. De qualquer forma, o ponto era que Small Lin tinha, para todos os efeitos, se tornado um membro real da família de Big Lin.

"Ei, Maomao, por que não jantamos juntos?", disse o estrategista esquisito. Ele ainda parecia relaxado e muito satisfeito consigo mesmo, totalmente alheio ao clima na sala. Atrás dele, o verdadeiro parente de Big Lin os observava. Ele realmente parecia estar vivendo uma vida difícil — quase tudo o que Small Lin havia dito a eles parecia ser verdade, exceto sua própria identidade. Onsou deu ao homem algum dinheiro em nome de

seu mestre.

Então ele disse ao estrategista, "Mestre Lakan, você já tem um jantar marcado com o Mestre Gyoku-ou. E precisamos passar o tempo até lá trabalhando."

Sim, esse homem era realmente um trabalhador esforçado.

"Aww, eu não quero!" o velhote gemeu. Patético. Ele se enrolou em um poste e se recusou a se mover enquanto Onsou tentava arrastá-lo para longe. Crianças fazendo birra se comportavam com mais dignidade.

"Senhorita Maomao, uma palavra sua seria útil aqui. Diga a ele 'Divirta-se!' ou algo assim."

"Eu não quero, Srta. Chue."

"Você prefere que ele fique aqui, Srta. Maomao?"

Maomao franziu a testa e conseguiu engasgar "Divirta-se" na voz mais baixa possível.

O rosto do estrategista se iluminou. "Eu vou! Eu vou me divertir!"

Maomao observou Onsou começar a levá-lo para longe. “Só mais uma pergunta,” ela disse antes que ele estivesse fora do alcance da voz.

“Sim? O que é? Você pode perguntar qualquer coisa ao seu pai!”

Ela realmente, realmente queria quebrar aquele monóculo, mas se forçou a ignorar o desejo. “Como o Mestre Gyoku-ou parece para você?”

Ela sentiu que a resposta para essa pergunta continha a chave para tudo. Até Jinshi engoliu em seco, imaginando o que o estrategista diria.

Mas o que ele disse foi: “Gyoku-ou? Quem é esse?”

“O homem com quem você vai jantar hoje à noite! Aquele que te mantém nadando em suco de fruta!” Maomao disse.

“Ohh! Ele,” o esquisito disse, batendo palmas. “Eu acho que ele deve ter querido ser ator. Ele parece estar a caminho de se tornar um herói.”

“Huh?” Maomao começou a sentir que estava perdendo tempo com essa linha de questionamento. Um herói neste caso era um papel masculino no palco, geralmente um guerreiro ou às vezes um jogador cavalheiro.

Maomao só se viu com ainda mais perguntas do que antes; ela começou a sentir o equivalente mental de indigestão. Não ajudou quando Chue disse: "Senhorita Maomao, talvez esteja na hora de você se deixar aproximar um pouco mais do Mestre Lakan. Você saberia que foi tudo calculado, mas você poderia ser um pouco mais legal."

"Acho que no momento em que qualquer um de nós se aproximasse mais do que já estamos, ele nunca me deixaria em paz, e então nenhum de nós conseguiria fazer nenhum trabalho. É isso que você quer?"

"Oh! Sim. Seu ponto está marcado." Chue bateu palmas, mas parecia uma atuação. Maomao só conseguiu dar a a dama de companhia de bom coração lançou uma carranca quase tão sombria quanto a que ela lançou ao estrategista.

Capítulo 5: O retorno de um irmão

Já se passaram dez dias desde a primeira onda da praga de insetos quando uma sombra escura apareceu no céu novamente.

Então eles estão de volta.

Maomao tinha acabado de voltar de verificar a menina em quem ela havia feito a cirurgia. A criança estava estável, mas esse novo enxame não poderia ter chegado em pior hora para ela. Maomao correu de volta para o anexo e trancou o consultório médico.

As pessoas na propriedade já tinham recebido a notícia via mensageiro de que o que parecia ser um enxame de gafanhotos havia sido avistado. Eles estavam mais prontos do que da última vez.

“Heek! Insetos de novo”, gemeu o médico charlatão, que estava encolhido em um canto. Maomao jogou uma jaqueta nele.

“Mestre Médico, esses insetos não vão esperar por nós. Você precisa se preparar.”

“O-O que faremos?”

“Para começar, você deve vestir roupas grossas que sobrevivam a algumas mordidas. Então

tranque todas as janelas que puder trancar. Depois disso, quero que você tampe todas as brechas em nosso prédio com lama ou argila para impedir que os gafanhotos entrem por ali.” Maomao apontou para fora. Não havia tempo.

Isso era tão urgente que eles precisariam até mesmo do médico charlatão para ficar alerta.

“Lama? Tem certeza de que devemos sujar esta bela casa? Tenho bastante papel oleado. Podemos usar isso!”

“Não desperdice. O lugar vai ficar sujo quando esses insetos aparecerem de qualquer maneira. Não adianta se preocupar com isso.”

O charlatão saiu arrastando os pés para fora e começou a pegar terra do jardim em um balde. O pato apareceu sabe-se lá de onde e começou a gritar ameaças para o céu.

“O que você quer que eu faça?” perguntou Lihaku, que já havia enrolado um pano em volta do rosto.

Maomao olhou para o fundo do consultório médico. “Acho que ainda temos algumas batatas-semente no depósito. Espalhe um pouco desses produtos químicos pela área para impedir que os insetos cheguem até elas.” Como não

ainda havia sinal do Irmão de Lahan, coube a Maomao manter as batatas seguras. Ela cerrou o punho: ela estava condenada se deixaria que

insetos as pegassem.

"Oooh! Seu famoso veneno!"

"É pesticida!" Maomao retrucou. Se ela deixasse o erro passar uma vez, todos começariam a cometê-lo, e então não haveria como voltar atrás.

A segunda onda de insetos foi modesta em comparação à primeira. Em apenas algumas horas, os gafanhotos partiram novamente, e nenhum penetrou no consultório médico ou no depósito cuidadosamente protegidos.

As pessoas da capital ocidental já estavam mental e fisicamente tensas, no entanto, e esse novo enxame era mais do que suficiente para roubar qualquer compostura que pudessem ter recuperado após o último episódio. A cada dia que passava, eles se sentiam mais drenados do pouco que tinham.

Dia 13:

Outro caso de incêndio criminoso. Alguém estava tentando roubar comida. O culpado foi logo preso, mas a loja inteira do comerciante pegou fogo.

Dia 14:

Não há médicos suficientes. O Dr. You se apropriou de Tianyu e ele não voltou. Um dia

muito agradável, de fato.

Dia 15:
Problemas com comida. As pessoas estão acumulando provisões em todos os lugares. Brigas estão acontecendo entre os plebeus, e há cada vez mais ataques às casas dos ricos.

Dia 16:
Vítimas do enxame começaram a chegar à capital ocidental de outras áreas. Uma delas supostamente exigia ver o irmão mais novo imperial.

Dia 18:
Convocada por um burocrata. Imagino o que está acontecendo.

"Então você está viva." Maomao olhou para o vagabundo. Vagabundo pode não parecer

uma palavra muito educada, mas era a única maneira de descrever o que ela estava vendo.

"Você está certa, estou viva! O que mais eu poderia ser?!"
Ele tinha pelos faciais grossos, o cabelo na cabeça estava desgrenhado e suas roupas estavam mastigadas em alguns lugares. Ele não parecia

mais como antes — mas era ele. O irmão de Lahan, que voltou de um país distante.

Quando um homem que parecia um refugiado começou a exigir que ligassem para o irmão mais novo do Imperador, ninguém o ouviu. Então ele tentou citar o nome de Maomao.

Foi quando o burocrata a convocou e ela se perguntou o que estava acontecendo.

Quando ela chegou, Chue e Lihaku a tiracolo, ela foi confrontada com o irmão de Lahan, maltratado e cansado da estrada. Ele parecia um pouco maltratado, e eles o colocaram em um quartinho apertado que parava um pouco antes de uma cela de prisão. Não era uma maneira muito legal de tratar alguém, mas tantos se voltaram para a violência recentemente que os oficiais estavam impacientes. Era difícil culpá-los.

"Você parece a morte!", exclamou Chue.
"Bem, desculpe-me! Não foi exatamente uma escolha pessoal!", disse o irmão de Lahan.
"Tudo bem, tudo bem. A bondosa senhorita Chue vai lhe dar uma muda de roupa imediatamente!"
"Obrigada", disse Maomao. Enquanto Chue pegava as roupas, ela esperava poder perguntar ao irmão de Lahan sobre o que estava acontecendo. "Estou feliz que você esteja seguro. Todos estavam preocupados com você", disse ela.
"Ah, sim. Muito preocupado", disse Lihaku educadamente. A realidade era que ninguém estava tão preocupado. O irmão de Lahan parecia estranhamente difícil de matar. Mas Maomao não podia dizer isso a ele. E ela definitivamente não lhe contaria que ele tinha sido alvo de mais de uma piada durante sua ausência.
"Deuses, levem esse enxame! Chegou muito mais cedo do que eu esperava! Tentei avisá-lo — eu tentei!"
Por mais bravo que o irmão de Lahan estivesse, ele não conseguiu ser intimidador. Maomao conseguia imaginar seu irmão mais novo Lahan passando por ele com um "Sim, sim" sempre que o irmão de Lahan ficava chateado.
"Sim. Recebemos seu relatório, e o Príncipe da Lua disse que tudo depois ocorreu conforme o planejado. 'Isso é um profissional para você',

acredito que ele disse."
"Profissional, meu— Ughhh! Eu tinha certeza de que ia morrer! E então quase morri! Talvez eu esteja morto agora..."
Ele devia estar terrivelmente cansado, a julgar pelo olhar distante em seu rosto.
"Não se preocupe. Posso garantir que você está vivo", disse Maomao, dando-lhe um tapinha gentil para provar que ele realmente estava lá.
"E bem mastigado na região da cabeça", disse Lihaku, passando um pente pelo cabelo desgrenhado do homem. Não era realmente o lugar de um guarda-costas, mas ele deve ter se sentido mal pelo irmão de Lahan.
Infelizmente, Lihaku era um pouco grande e mais do que um pouco forte, e o irmão de Lahan parecia agonizado por seus cuidados. Nesse ritmo, sua cabeça ficaria tão estéril quanto um campo devastado por gafanhotos.
"Uau! Ai! Pare com isso!" O irmão de Lahan gritou. Ele geralmente parecia o filho mais velho que era, mas hoje havia algo de criança mal-humorada nele.
Maomao estava tirando a poeira de suas roupas quando notou algo firme em suas costas. "O que é isso?", ela perguntou.
"Ah! Estou feliz que você perguntou." O irmão de Lahan tirou seu sobretudo,

que era pouco mais do que trapos de qualquer maneira, para revelar um pacote de trapos de

verdade amarrados em suas costas. Ele abriu o pequeno pacote para revelar várias sacolas.
Maomao olhou dentro de uma delas. "Trigo?"
"Parece que sim", disse Lihaku.
Maomao e Lihaku se entreolharam. Eram grãos de trigo perfeitamente comuns e banais.
"Sim, é trigo", confirmou o irmão de Lahan.
"Ok, mas... Por que é trigo?"
Sim, ela sabia o quão ansioso ele estava para salvar o trigo dos gafanhotos, mas trazer tanto para casa, nunca o deixando fora de vista? Qual era o motivo?
"Fico feliz que você tenha perguntado isso também", disse o irmão de Lahan, e então começou a voltar ao passado. Claramente dando o primeiro passo em uma longa e sinuosa estrada que explicaria tudo.
"Só o essencial, por favor", disse Maomao antes que pudesse começar. "Tem certeza?"
"Tenho certeza."
Infelizmente, ela não tinha tempo para a saga do irmão de Lahan sobre trigo e batatas.
"Bah. Tudo bem, faça do seu jeito. Isso foi pouco antes do enxame chegar..."
O irmão de Lahan contou a eles sobre uma certa vila em que ele esteve, um lugar que cultivava muito trigo. O chefe da aldeia, irmão de Lahan, disse que veio até ele para pedir conselhos.
"Ele disse que uma família em particular, veja bem, sempre teve colheitas maiores do que

todos os outros."
"Ah?"
"Ele me pediu para dar uma olhada neste lugar, ver se eles estavam fazendo algo diferente com seus campos ou como cultivavam o trigo. As pessoas da casa sempre juravam ao chefe que não estavam fazendo nada de especial e que não tinham segredos para contar a ele. Ele esperava que alguém com conexões com a região da capital pudesse fazê-los desembolsar algo."
No entanto, descobriu-se que as pessoas desta casa não estavam fazendo nada de especial, nem seu campo recebia muito mais luz solar do que qualquer outro, ou algo assim.
"Você começa cada safra de trigo com sementes da colheita anterior — e descobriu-se que este era um trigo especial."
"Especial como?" Maomao olhou atentamente para o trigo, mas não

pareceu incomum para ela.
"As roupas estão aqui!" Chue anunciou ao entrar. O irmão de Lahan tirou sua capa velha e surrada e começou a se trocar na hora.
"Uau! Que figura você tem!" Chue interrompeu.
"Não olhe! Eu não posso me trocar com você me encarando!" O irmão de Lahan disse, mandando-a embora.
"Ela está certa; você é forte! Você poderia ser

um soldado com músculos como esses", disse Lihaku.
"Um soldado? Você acha?" O irmão de Lahan não pareceu descontente com a sugestão — deve ter sido muito revigorante para ele depois de ser tratado como fazendeiro por tanto tempo.
"Desculpe, podemos voltar ao assunto?" Maomao disse. Ela lamentava ser um chato, mas eles não tinham tempo para isso.
"Tudo bem", o irmão de Lahan murmurou, embora não parecesse muito feliz com isso. "Quando comparei o trigo deles com o resto da colheita da vila, descobri que era flor, mais perto do chão. Presumivelmente, como eles usavam as mesmas sementes repetidamente em seus campos, o trigo começou a crescer cada vez mais baixo e gradualmente havia mais dele. Se eu não estivesse lá na época da colheita, eu nunca teria descoberto."
"Que diferença faz ser baixo?" Maomao perguntou. Chue, enquanto isso, estava sendo pega por Lihaku, já que ela tinha perdido o começo da conversa.
"Culturas mais altas — não apenas trigo; isso vale para arroz também — são mais propensas a serem sacudidas pelo vento, que pode derrubá-las e quebrar os caules. Então a planta apodrece, e é isso. Estando mais perto do chão, os caules são mais estáveis e mais capazes de produzir espigas."
"Huh!" Maomao disse. Então, por pura

coincidência, essa família tropeçou em trigo de crescimento mais baixo e continuou usando-o por anos e anos.
“Há mais uma coisa — embora isso seja apenas um palpite meu”, disse o irmão de Lahan. Ele parecia um pouco mais respeitável com roupas novas e um elástico para prender o cabelo desgrenhado. "Acho que os grãos parecem presos mais firmemente na espiga do que com outros tipos de trigo."
"Quer dizer o quê?"
"Um grande fator no tamanho e na qualidade de uma colheita é quantos grãos restam nas espigas de trigo. Imagine o que acontece se os grãos caírem das espigas antes da colheita. Os fazendeiros estão tão ocupados colhendo que não vão parar e pegá-los todos, certo? Se dez por cento dos grãos caírem

antes da colheita, dez por cento da sua colheita se foi. Se vinte por cento, então vinte por cento, e assim por diante."
Maomao conseguia ver como isso teria um impacto significativo e direto na colheita.
"Eu trouxe isso para casa porque pensei que se pudéssemos cultivar variedades de trigo mais baixas e resistentes, poderíamos ter colheitas maiores. E se compartilharmos as sementes que obtemos dessa colheita, então não precisa ser apenas um campo — cada campo pode produzir um rendimento maior. Claro, teríamos que

descobrir se o solo e as condições são adequados para isso primeiro."
"Então é por isso que você trouxe isso aqui", disse Maomao. Então ela, Chue e Lihaku disseram em coro: "Uau!" Eles ficaram impressionados.
Este é um fazendeiro de verdade. Um que pensa no futuro, nada menos!
Os outros dois estavam, sem dúvida, pensando a mesma coisa. Muitos fazendeiros estavam determinados a guardar seus segredos, não contando a ninguém quando tinham um método comprovado de cultivo para manter seus próprios lucros altos. Afinal, se houvesse comida abundante em todos os lugares, ela só ficaria mais barata.
Acho que esse cara não seria um grande empresário. Ele não olhava para o número um o suficiente. Além disso, ele era facilmente enganado. Algum vigarista na capital o enganaria em um minuto.
Agora que ela pensou sobre isso, ela se lembrou de que também foi uma carta do irmão de Lahan que os avisou pela primeira vez sobre a chegada do enxame. Ela estava começando a pensar que talvez fosse o irmão de Lahan quem tinha feito o trabalho mais duro, e o mais bom, de todos eles desde que chegou à província de I-sei.
Teremos que ter certeza de mostrar a ele que apreciamos todo o seu esforço.

Não havia muita comida para todos, mas talvez hoje, pensou Maomao, eles pudessem encontrar um pouco mais e fazer uma espécie de banquete.
Acima de tudo, ela estava feliz por finalmente receber boas notícias.

Capítulo 6: Da Capital

A notícia de que uma grande praga de insetos havia surgido na capital ocidental havia chegado dez dias e quatro horas atrás. Enquanto ouvia o relato do mensageiro em pânico, Lahan ponderou sobre um erro de cálculo: o enxame havia chegado pelo menos duas semanas antes do que ele havia previsto.

Agora, além de sua carga de trabalho normal, ele tinha que alocar apoio para a província de I-sei também. Ele diria que, como resultado, seu trabalho havia aumentado em aproximadamente quarenta e cinco por cento.

"Esses ocidentais precisam se controlar", disse o colega nº 1, que se ressentia do fluxo interminável de trabalho. Este homem era apenas seis centímetros mais alto do que a média para sua faixa etária, mas havia sido abatido por três damas da corte sucessivas sob a alegação de que ele era "muito rude". Enquanto o homem sorria seu sorriso viscoso por perto, Lahan trabalhou seu ábaco mental. Ele comparou suas contramedidas, seus números previstos, com o que estavam vendo na realidade; ele tinha que descobrir o quão sério era o erro de cálculo e pedir mais suprimentos para compensar. Ele imaginou que havia uma chance de sessenta por cento de que

seus superiores lhe dissessem que era impossível.

Antes de Lahan, havia uma carta ordenando que ele enviasse ajuda de emergência para a capital ocidental. Fácil para eles dizerem — ou, como pode ser o caso, escreverem. Esses suprimentos não surgiram do nada. Mas ele foi instruído a arranjar algum apoio, e arranjaria ele o faria.

"Alguns insetos aparecem e vêm correndo até nós, implorando por ajuda?

Há patético, e há patético."

Lahan desligou os resmungos contínuos do Colega Nº 1 enquanto estudava os estoques nos depósitos de grãos. O Príncipe da Lua havia reforçado os estoques aumentando o tributo anual no ano passado, e isso fez de seus próprios estoques o lugar lógico para começar a procurar provisões para enviar.

"Senhor Lahan, posso dar um soco naquele cara?" perguntou o Colega Nº 2. O Colega Nº 1 talvez não soubesse que o Nº 2 vinha da Província de I-sei. Ele tinha cabelos e olhos pretos, como qualquer outro homem puro de Kaou, mas seu nariz era cerca de seis milímetros mais alto do que a média, as linhas em seu rosto três milímetros mais profundas.

"Eu prefiro que você não faça isso. Sem você aqui, meu trabalho aumentará em

outros vinte por cento."

Lahan não era do tipo que falava mal das pessoas — pelo menos de outras pessoas além de seu honrado pai, talvez. As paredes tinham ouvidos, como dizia o ditado — mas isso não impediu o Colega Nº 1 de continuar a insultar a capital ocidental.

Lahan endireitou seus papéis, então deu um tapinha no ombro do Nº 1 e sorriu. "Se é assim que você se sente, eu vou tirar toda a papelada relacionada ao enxame de insetos das suas mãos. Em troca, cuide disso para mim."

"Diga o quê?"

O colega nº 1 olhou para Lahan incrédulo. O trabalho que Lahan lhe entregou estava relacionado a um burocrata de alto escalão em particular que o nº 1 estava procurando para se tornar um amigo. Especificamente, ele era o pai da próxima moça que esse colega tinha em vista. Depois de ser implacavelmente provocado no último banquete sobre seus três fracassos românticos consecutivos, ele estava ficando desesperado.

"Sim, ok, tudo bem. Mas você me deve uma", disse o colega nº 1.

Lahan manteve a paz; ele apenas continuou sorrindo. Deve a ele, de fato. Na verdade, ele corrigiu a papelada desleixada do colega nº 1 em quarenta e nove ocasiões diferentes no passado.

Em sua mente, o livro-razão agora marcava quarenta e oito.

O colega nº 1 saiu parecendo muito satisfeito, embora Lahan não tivesse certeza do porquê. O funcionário em questão era famoso por revirar a equipe. Lahan nunca soube que um de seus adjuntos durasse mais de três meses antes que o homem o expulsasse — e ele tinha certeza de que o Nº 1 não teria forças para aguentar nem tanto. Lahan ficaria surpreso se ele não tivesse desistido em seis dias. Por que seis? Porque todo sexto dia era o dia de folga do Colega Nº 1.

O próprio Lahan foi expulso por aquele oficial em particular, mas o rosto do homem não mudou em nenhum valor que indicasse que ele estava realmente bravo. Ele gritou e berrou, sim, mas sua voz estava firme, sem os tremores que indicavam emoção descontrolada. Acima de tudo, Lahan estava mais do que confiante de que não havia falhas em seu trabalho. O homem era perfeitamente bem-vindo para ficar chateado, mas Lahan sabia que o próprio oficial era a causa de seus próprios problemas, então ele passou três meses fáceis sem se preocupar particularmente com isso. Agora o homem era uma conexão útil que poderia lhe dar ingressos para as peças a duas pratas por ingresso.

"V-Você tem certeza disso? Deixá-lo ir? Ele pode não ser o melhor cara por aí, mas é nosso

segundo trabalhador mais rápido depois de você, Lahan",

disse o Colega nº 3. Ele serviu diretamente sob Lahan, embora fosse dois anos mais velho que seu chefe de óculos. Ele estava tentando soar respeitoso, mas Lahan estava bem ciente de que o nº 3 não tinha amor pelo Colega nº 1.

"Ele pode ser rápido, mas preciso é outra questão. Falando como alguém que tem que corrigir seus cálculos descuidados, estou melhor sem ele. Além disso, estou cansado de ser babá de alguém cujo trabalho é diretamente impactado por sua própria motivação pessoal. Só vamos ter mais jobs lidando com a capital ocidental de agora em diante. Se ele decidir que não se importa e sua eficiência diminuir em trinta por cento, isso vai arrastar o moral de todos os outros junto."

Lahan colocou alguns outros papéis na frente do Colega Nº 2. "Sinto muito, mas há um trabalho que preciso fazer. Você pode cuidar do cálculo dos suprimentos a serem enviados para a capital ocidental? E não será apenas comida naquele barco, então pense nisso também. Acho que esses papéis devem cobrir tudo."

"Claro." O Nº 2 começou a calcular imediatamente. Ele era doze por cento mais lento que o Colega Nº 1, mas era minucioso e cometia poucos erros. Além disso, saber que estava

ajudando sua amada terra natal aumentaria sua eficiência em trinta por cento, suspeitava Lahan, sem mencionar que o deixaria mais do que disposto a fazer horas extras.

“Tudo bem.” Lahan sabia que o problema com o enxame de insetos não havia acabado. Ele esperava um segundo e um terceiro pedido de suprimentos de emergência.

Eles teriam que equilibrar a reputação da capital real com suas finanças, sem mencionar a devastação que estava ocorrendo na capital ocidental. "Uma praga de insetos! É um problema. Um problema para todos nós..."

"Você não parece particularmente preocupado", disse um de seus subordinados, embora se desculpando.

"Oh, eu estou. Eu só tenho o hábito infeliz de achar algo mais interessante quanto mais problemas isso me causa."

"Você é um pervertido, senhor."

"Talvez sim. Talvez sim." Lahan riu — mas ele estava feliz por ter a persuasão de achar isso envolvente. Ficar paralisado no momento crucial, quando algo deve ser feito, não era bonito. Seria algo tão ruim, quando confrontado com uma pilha desorganizada de números, não se desesperar, mas encontrar significado em construir ordem a partir do caos?

Lahan pegou sua coleção de documentos

relacionados ao passado da capital ocidental. "Agora, acho que é hora de começar a trabalhar."

Ao anoitecer, o Colega nº 2 estava de fato fazendo hora extra por vontade própria. Lahan, no entanto, foi para casa. Sem seu honrado pai Lakan por perto, era seu trabalho zelar pela segurança da casa de La. Para isso, ele precisava de bastante descanso. Dormir menos de sete horas por noite diminuiu sua velocidade de reação em dez por cento.

Ir para casa, no entanto, não significava que ele estava livre de preocupações. "Mestre Lahan!"

Parados no portão da casa estavam dois dos colegas de sua honrada irmã mais nova, um par de jovens mulheres.

Lahan ajustou seus óculos pouco antes que eles tivessem a chance de deslizar de seu nariz e cumprimentou as adoráveis jovens com um sorriso. "Yao. En'en. O que parece ser o problema?"

Yao, dezesseis anos. De cima, seus números eram... Bem, um cavalheiro nunca conta.

A outra garota era En'en, de vinte anos. O mesmo que a honrada irmã mais nova de Lahan, Maomao. Um aviso estava escrito em seu rosto: se ele tentasse algo engraçado com Yao, ela acabaria com ele.

"Seja qual for o problema, de fato! Pedi para

você nos informar se soubesse de algo sobre o que estava acontecendo na capital ocidental, mas você não mandou nenhuma palavra!" Yao disse.

"Sim, eu disse que te contaria, não disse?" Isso se ele soubesse de alguma coisa, mas como nenhum relatório subsequente havia chegado, ele não sentia que tinha nada a dizer. Certamente, ele não tinha obrigação de dar todos os detalhes a duas damas da corte de um departamento completamente separado. A impropriedade número um entre os burocratas da corte era invadir o território de outra pessoa — mas a impropriedade número dois era vazar informações por causa de uma mulher. A mistura de negócios públicos e privados nunca foi bonita, não importa para quem você fizesse isso.

No entanto, o fato era que Lahan estava do lado de fora de sua casa sendo gritado por duas jovens mulheres. Não ficaria bem, quaisquer que fossem as circunstâncias. Lahan dava pelo menos a impressão externa de ser puro e decente com as mulheres. Nenhuma conversa escandalosa sobre o assunto o tocou, nem seu pai, apesar da vez em que o velho comprou uma cortesã alguns anos antes.

Na verdade, Lahan não estava tão preocupado consigo mesmo — ele estava com medo de que rumores indecorosos começassem sobre Yao ou En'en.

"Você deve me perdoar, mas talvez pudéssemos conversar lá dentro?", ele disse.

"Jovem amante", En'en disse insistentemente para Yao. Finalmente Yao disse: "Tudo bem".

"Excelente".

Lahan os guiou pela mansão em direção ao anexo. No caminho, ele avistou as três crianças que seu pai havia pegado. Uma parou de trabalhar e fez uma reverência para ele, então as outras seguiram o exemplo.

"Momento perfeito. Si, Wu, Liu. Peguem utensílios de chá e água quente da cozinha e levem para o anexo, certo? Contem até dez enquanto vocês estão distribuindo a água quente. Use o carrinho para trazê-lo — não podemos deixar vocês se queimarem."

"Sim, senhor," disse Si, cujo nome significava "Quatro," assim como os outros significavam "Cinco" e "Seis," respectivamente. Os outros dois apenas assentiram vagamente.

O honrado pai de Lahan não conseguia se lembrar de nomes particularmente bem, então ele chamava as crianças por números sucessivos. A maioria Lahan usava seus nomes reais, mas esses três tinham vindo de um ambiente onde os números eram e preferível aos seus nomes verdadeiros.

Os predecessores de Si, Yi e Er — "Um" e

“Dois” — tornaram-se soldados, enquanto San — “Três” — mostrou-se hábil com somas e permaneceu na casa como ajudante. Lahan fez San comprar produtos comerciais e ficar de olho nos mercados, e esperava que no devido tempo a criança se tornasse seu braço direito. Foi graças a San que as coisas estavam correndo bem, mesmo com Lakan fora e Lahan ocupado com trabalho extra por causa do enxame.

Lahan mostrou o anexo aos seus visitantes. En'en perguntou se ela poderia ajudar com alguma coisa, mas ele educadamente recusou e disse-lhes para se sentarem e lerem um livro por alguns minutos.

Sua insistência em tratá-los como convidados nasceu de uma recusa em ceder a iniciativa a eles.

“Mestre Lahan, eu trouxe o chá”, disse Si. “Obrigada.”

Ela até se lembrou de incluir lanches. Ele pegou três das guloseimas assadas e deu uma para cada uma das crianças. Então ele mesmo preparou o chá

—a casa empregava um mínimo de empregados.

“Isso é muito adorável,” Yao disse seriamente quando provou a bebida.

En’en, no entanto, parecia menos satisfeito. Lahan sempre foi preciso sobre a quantidade, tempo e temperatura quando fazia chá, mas um

profissional como En'en parecia estar procurando por outra coisa.

"Vamos direto ao ponto," Lahan disse, pousando sua xícara. "Para ser

completamente franco, não tenho nenhuma informação precisa que eu possa compartilhar com você sobre a praga de insetos na capital ocidental."

"Sério?" Yao perguntou.

"É verdade. A escala da devastação é fácil de adivinhar pela quantidade de provisões que eles estão solicitando. Isso não parece ser algo de curto prazo—eles precisarão de repetidas infusões de apoio se não quiserem uma fome generalizada."

Se não fizessem nada, dezenas de milhares de pessoas poderiam morrer de fome, e se isso precipitasse a agitação civil, muito mais do que isso poderia ser morto ou ferido.

Não deve ter sido fácil para uma jovem criada na vida confortável da capital entender o que significava fome. Mesmo para Lahan, era uma palavra um tanto remota. Ele estava endividado até o pescoço, mas nunca havia enfrentado a fome.

A fome não era bonita. Um homem ou uma mulher famintos, não importa o quão bonitos ou adoráveis eles possam ter sido, iriam definhar em

uma casca seca, músculos e gordura murchando, sugados pela fome. Lahan não tinha amor por coisas murchas; mesmo o espírito mais orgulhoso que já residiu no corpo mais bonito poderia ser reduzido a um fantasma enlouquecido pela fome.

Alguns alegavam que havia aqueles que, embora pobres, eram bonitos de coração — mas essas pessoas provavelmente eram apenas insanas. Lahan queria que o mundo transbordasse de coisas bonitas e, especialmente, queria estar cercado por elas. Ele não poupou esforços para realizar esse desejo.

"Tudo bem, bem, talvez você possa me dizer isso: Maomao está segura?" Yao perguntou.

"Não recebi notícias de Maomao", ele respondeu.

Não, nenhuma notícia. Mas seu pai (ou melhor, a julgar pela caligrafia, seu subordinado) havia escrito uma carta descrevendo a situação atual resumidamente, e não fazia menção a Maomao. Lahan interpretou isso como se ela estivesse bem.

De qualquer forma, se Maomao escreveu alguma coisa para ele, provavelmente não seria mais do que instruções sobre coisas que ela queria que ele obtivesse. Ele estava mais preocupado por não ter recebido nenhuma carta de Rikuson. Se as comunicações cessaram depois que o enxame atacou, ele poderia entender, mas

as cartas pararam de chegar meses antes disso.

"Duvido seriamente que ela tenha tempo para escrever cartas, dado o quão caótico

deve ser. E se tiver, deve haver pessoas mais importantes para quem escrever do que um intrometido tangencial como eu." Lahan começou a contar os dias desde o enxame. “Estamos vinte dias após uma grande catástrofe. Ou, pode-se dizer, apenas vinte dias. Mesmo em circunstâncias normais, enviar uma carta entre a capital ocidental e aqui leva duas semanas inteiras. Não é tão estranho se ainda não ouvimos nada dela, é?”

“A notícia do enxame chegou há mais de dez dias!”

“Sim, e eu garanto que uma mera dama da corte não tem acesso à mesma rede de comunicações que a família imperial e os administradores mais importantes. O quê, você acha que eles vão enviar um cavalo de correio com a mensagem dessa garota anônima? Prioridades, prioridades.”

Yao ficou em silêncio com isso. Lahan percebeu que talvez tivesse sido um pouco duro, mas não pretendia mudar de assunto. Ele ficaria feliz se esses dois o considerassem o gentil irmão mais velho de seu amigo, mas não deixaria que isso o levasse a misturar negócios pessoais e

públicos.

En'en, pelo menos, deve entender que mesmo que Lahan pudesse ter fornecido informações a eles, não haveria muito que pudessem fazer com elas. Se fosse só ela, ele poderia ter contado a ela tudo o que sabia. Mas, diferente de En'en, Yao ainda estava amadurecendo emocionalmente. Ele não queria que ela fizesse algo precipitado porque ele havia tolamente dado a ela muitos detalhes. Era para o melhor — o melhor para Yao — que ele não contasse nada a ela.

Yao cerrou os punhos. Ela entendeu o que ele estava dizendo intelectualmente, mas seu coração ainda estava se recuperando.

Lahan não estava fazendo isso apenas para atormentá-la. Ele estava simplesmente dizendo a verdade — apenas teve o efeito colateral infeliz de parecer um ataque. Ainda fez com que En'en lhe desse um olhar de não-intimide-minha-senhora. Sua bochecha direita havia subido três milímetros e desenvolvido uma leve contração.

Isso, na opinião de Lahan, era o que tornava as moças tão problemáticas para lidar. Era por isso que ele só passava seu tempo com mulheres mais velhas — para o bem ou para o mal, elas estavam por perto há tempo suficiente para saber como se comportar.

Por essa métrica, ele e sua irmã mais nova,

Maomao, deveriam ter se dado muito bem, mas toda vez que se viam, seus dedos dos pés pareciam acabar ficando cada vez mais gravemente feridos. Ele havia recentemente encomendado sapatos especiais feitos com aço nos dedos para se proteger. Pareciam perfeitos para artesãos que usavam materiais pesados, ou trabalhadores que carregavam objetos pesados, e ele já estava considerando se eles poderiam fazer um produto comercial viável. Eles só iriam perder mais tempo se Yao continuasse sentado ali cozinhando, então Lahan pensou em algo que ele sabia que ela gostava. "Talvez você leve um pouco de hasma para casa? Só uma pequena lembrança. Ganhei de um amigo, mas tem muita coisa para eu comer sozinho. Eu poderia usar a ajuda. Olha, está escuro lá fora. Vou chamar uma carruagem para você." Ele deixou seu tom se tornar um pouco mais amigável enquanto delicadamente os instava a irem para casa.

Mas Yao disse: "Vamos ficar aqui. Por favor."

Como um, Lahan e En'en responderam: "O quê?" Ambos pareciam completamente chocados.

"S-jovem senhora, o que você quer dizer com isso?" En'en perguntou. "Exatamente o que eu disse. Já ficamos aqui antes, não é?"

“Bem, sim, mas isso foi sob o pretexto de umas férias longas e agradáveis...” O ombro direito do servo racional de Yao abaixou seis

milímetros; ela estava preocupada.

“Eu ainda não li todos os livros de medicina desta casa. Não vou para casa até que eu tenha lido”, disse Yao.

“Você poderia simplesmente pegá-los emprestados e levar alguns com você!” En’en respondeu, agora abertamente horrorizada.

Até Lahan estava começando a ficar tensa. Por que Yao de repente quis passar a noite em sua casa? Ela estava tentando se vingar dele por não lhe dar nenhuma informação? Não, ela não parecia estar fazendo isso maliciosamente. Haveria mais turvação em sua voz se estivesse.

“Eu deixei você ficar aqui da última vez porque havia circunstâncias especiais”, disse Lahan. “Maomao ajudou a vender o pretexto também. Mas desta vez é diferente. Por mais que eu queira ser gentil com algumas jovens, não vou me permitir ser apenas uma ferramenta conveniente.”

Ele tentou ser um cavalheiro, sim, mas não iria simplesmente se deixar levar. Ele não estava tentando obter algo em troca — mas aqueles que devoravam vorazmente tudo o que podiam definitivamente não eram bonitos.

Houve uma pausa, então Yao disse: "Você acha que sou apenas uma criança egoísta fazendo exigências tolas."

Lahan não disse nada, não disse sim ou não,

mas o sorriso que surgiu em seu rosto deveria ter dito tudo a eles. Egoísmo — sem nenhuma sugestão da criança doce — ele tinha muito de sua mãe biológica; e temperamento, seu avô era o suficiente para isso.

"Posso ver que você não pensa muito de mim, Mestre Lahan", disse Yao. "Você

acha que as mulheres só conseguem o que querem dos homens sendo tímidas e exigentes."

"E não é?", ele respondeu sem pensar.

"Não, não é. Acredite ou não, tenho algo para negociar." "O que seria?" Lahan piscou exatamente três vezes.

“Você conhece meu tio, não conhece?”

“Sim, eu diria que conheço. Vice-ministro Lu, não é?”

Lahan tinha pesquisado sobre os antecedentes de Yao e En’en na última vez que eles ficaram em sua casa. Ele tinha aprendido sobre o tio de Yao, um membro importante do Conselho de Ritos. Ele sabia que o Vice-ministro Lu tinha passado grande parte de sua vida indo de um departamento para outro, e que ele era um homem astuto.

“Eu acredito que ele está na capital ocidental no momento, não é?” Lahan perguntou.

O Conselho de Ritos era responsável pelas observâncias religiosas e diplomacia, e o Príncipe

da Lua precisaria de alguém com ele na capital ocidental para ajudar a conduzir cerimônias religiosas. Nenhum funcionário de nível médio serviria; tinha que ser um membro de alto escalão do conselho.

"Você sabe por que meu tio foi obrigado a ir para a capital ocidental?" Yao perguntou.

"Para ajudar o Príncipe da Lua a conduzir quaisquer observâncias necessárias lá, eu presumo. Sem mencionar que seria útil, em uma terra tão próxima de nossas fronteiras quanto a província de I-sei, ter alguém com conhecimento sobre diplomacia por perto."

"Ambas as coisas são verdadeiras. Mas e se eu dissesse que ele foi pelo mesmo motivo que o Dr. You?"

"Isso não me diria nada."

Lahan não conhecia o Dr. You, então ele não sabia que conexão ele poderia compartilhar com o vice-ministro Lu. A única coisa que ele sabia sobre o bom doutor era que ele estava entre aqueles que tinham ido para a capital ocidental.

"Meu tio morou na capital ocidental uma vez, quando era mais jovem. Ele só voltou aqui para assumir a chefia da família quando meu pai morreu", disse Yao.

Lahan teve o cuidado de não deixar sua expressão mudar. Como forma de chamar sua atenção, não era ruim, nem um pouco ruim. Yao

queria que ele percebesse que sua conexão com seu tio lhe permitia saber algo importante que ele não sabia.

Lahan era filho adotivo de Lakan, e externamente ele não era membro de nenhuma facção política em particular. Com um olho no futuro, porém, ele poderia muito bem se ver se tornando um apoiador do irmão mais novo do Imperador. Se houvesse informações a serem obtidas que seriam benéficas para o Príncipe da Lua, Lahan estava muito interessado em adquiri-las. Mas ele teria que investigar o assunto um pouco mais.

“Eu admito que você tem uma relação de sangue com o Vice-Ministro Lu, mas e daí? Não consigo imaginar um homem tão importante quanto o vice-ministro simplesmente deixaria questões cruciais de estado escaparem para alguém, nem mesmo para sua sobrinha.”

“Jovem senhora, acho que é hora de desistirmos disso”, disse En’en, perturbado. Por mais que adorasse sua "jovem amante", ela podia ver que Lahan estava certa.

Yao, no entanto, a ignorou. Ela disse apenas uma palavra: "Carvão". "Carvão?" Lahan repetiu, tentando contextualizar, descobrir exatamente

qual significado a palavra tinha. "Você quer dizer, a rocha que vem do chão?" Seus olhos se

arregalaram.

Yao sorriu. En'en parecia muito confusa. Aparentemente, havia coisas que nem mesmo a onipotente dama de companhia de Yao sabia.

"Sim, é isso. Eles podem minerar na capital ocidental."

"Eles podem, sim, eu ouvi isso. Mas eles não fazem, porque no momento não têm utilidade... para isso..." Lahan parou. O carvão era uma pedra carbonizada que queimava facilmente, apesar de ser uma rocha. No entanto, produzia uma grande quantidade de cinzas e, considerando o tempo e o trabalho envolvidos em tirá-lo do chão, lenha e carvão sempre foram vistos como alternativas melhores — supostamente.

“Meu tio estava investigando o carvão da capital ocidental. Sim, ele é um homem capaz, mas até mesmo o ministro mais brilhante pode escorregar em um momento de fraqueza. Digamos, por exemplo, quando a filha de seu irmão morto estava chorando muito, e ele finalmente a confortou e a fez dormir. Ele pode falar de tal coisa, sem nunca saber que ela estava ouvindo.”

Yao riu e olhou para Lahan triunfantemente.

“Em outras palavras, você estava com sono, suas memórias nebulosas. Tal informação dificilmente seria crível,” Lahan respondeu.

Isso fez Yao parar.

En'en, enquanto isso, levantou a mão. “Mestre Lahan,” ela disse. Ela encolheu o queixo em três centímetros, e a maneira como ela não conseguia decidir para onde olhar traiu sua hesitação. No entanto, ela disse, “Mestre Lu foi para a

capital ocidental antes que o antigo imperador encontrasse seu fim, antes da morte do antigo imperador e da imperatriz viúva, a quem chamavam de imperatriz reinante. Considerando o que aconteceu, então e depois, não faria sentido se o Mestre Lu tivesse ido investigar algo?”

Lahan abriu os olhos vinte por cento mais do que o normal. Ele presumiu que, mesmo que En'en soubesse de algo, ela ficaria quieta sobre isso. Mas parecia que ver Yao intimidada pela atitude de Lahan tinha sido mais do que ela podia suportar. En'en era uma negociadora substancialmente mais competente do que Yao, mas no final, influenciada por seu amor por sua amante, ela não conseguiu evitar dizer algo.

“É isso que você acha que o Vice-Ministro Lu estava fazendo?” Lahan perguntou.

O vice-ministro tinha quarenta anos. Certo, ele havia começado seu serviço na corte sob o antigo imperador, mas um homem tão inteligente quanto ele saberia o que fazer quando confrontado com a escolha entre continuar a servir o soberano reinante, um fantoche da imperatriz reinante com

pouca vida restante para viver, ou se aliar ao herdeiro aparente.

Assim como Lahan, ele teria se perguntado o que poderia fazer para ajudar a dar ao príncipe mais liberdade na corte. Não era preciso fazer cálculos para ver o que aconteceria quando o novo governante assumisse o poder de uma imperatriz reinante que havia conduzido uma política de marionetes por tanto tempo. Ministros empanturrados de poder às vezes agiam como se tivessem esquecido que havia uma hierarquia na corte.

O príncipe — o homem que agora estava sentado no trono como Imperador — estava bem ciente dos perigos e havia tomado medidas para neutralizá-los. A razão pela qual Lahan podia dizer isso com confiança e não como um boato era porque seu honrado pai Lakan havia emprestado ao futuro soberano sua ajuda na época.

Lakan não hesitou em expulsar seu próprio pai e meio-irmão para garantir o poder. Ao mesmo tempo, ele havia providenciado para que vários administradores hostis recebessem postos punitivos em terras distantes. Para Lakan, até mesmo o Imperador sem dúvida parecia uma peça de jogo, um Rei.

Lahan havia desempenhado seu papel em tudo isso. Na época, porém, ele estava tão absorto em

resolver o quebra-cabeça que lhe foi dado, quebrando o código, que não parou para pensar no que tudo isso significava. Olhando para trás agora, ele desejou ter mantido um diário ou algo assim; então ele poderia ter sido capaz de voltar e fazer uma comparação.

"Hrm." Ele estava dividido. Pela primeira vez, ele não tinha certeza do que fazer. Ele não estava procurando por cem por cento de confiança na

informação. Se parecesse remotamente provável que fosse útil, então ele deveria tentar obtê-la. Mesmo que as chances fossem, digamos, menores que onze por cento.

Qualquer que fosse a veracidade da informação, agora que ele tinha recebido a dica, "carvão", ele precisaria investigar. Mas na medida em que essa informação justificasse investigação, expulsar Yao e En'en de sua casa agora seria dever algo a eles mais tarde.

No momento, tudo o que Yao queria era ficar aqui. Ela nem estava pedindo a ele todos os detalhes sobre a capital ocidental.

Parte dele pensou, seria realmente tão ruim deixá-la ficar? No entanto, ao mesmo tempo, ele abrigava uma ansiedade que não conseguia dar um nome. Era apenas um sentimento, algo muito tênue ainda para quantificar em números.

E Lahan decidiu ignorá-lo.

"Muito bem. Se este anexo lhe convier, você pode ficar aqui. No entanto, é tudo o que estou oferecendo. Não lhe darei nenhuma informação que possa violar meus deveres profissionais."

"V-Você fala sério? Podemos ficar?" Yao perguntou, seu rosto ficando trinta por cento mais alegre do que o normal. En'en, por outro lado, estava cinquenta e cinco por cento aliviada e quarenta por cento inquieta — enquanto os cinco por cento restantes estavam dedicados a encarar Lahan.

Por que ela lhe daria um olhar tão severo? Lahan se sentia muito a vítima inocente aqui.

Mais tarde, Lahan descobriria o verdadeiro significado do olhar de En'en, e ele teria mais motivos para se arrepender de ter permitido que Yao ficasse em sua casa — mas ele não podia saber disso agora. Não neste estágio.

Capítulo 7: As cartas que chegaram

Dia 20:

Bandidos apareceram por toda a província de I-sei. Os soldados estacionados nas aldeias agrícolas parecem estar bem ocupados.

Dia 21:

O irmão de Lahan está reformando um dos depósitos. Aparentemente construindo algo.

Dia 25:

Os suprimentos chegaram da região central. Muito antes do esperado. Além de comida, há um pouco de remédio incluído, mas ainda não é o suficiente.

Dia 27:

Algumas lojas estão começando a abrir. No entanto, o estoque ainda é mínimo e itens de baixa qualidade estão desenfreados.

Dia 28:

Observando um aumento de pacientes reclamando de sangramento nas gengivas.

Suspeita de desnutrição devido à falta de frutas

e vegetais.

Dia 32:

Os cozinheiros na cozinha tentaram fazer pratos de gafanhoto, mas não deu certo. Somos gratos pelo acompanhamento ocasional de ovo de pato — é uma fonte rara e preciosa de nutrientes.

Dia 37:

O irmão de Lahan estava brincando com o pato na frente de seu depósito. O pato queria entrar, e ele estava tentando mantê-lo fora.

Estranhamente, apesar da diferença de espécies, eles pareciam estar tendo uma conversa bem-sucedida.

"O que você está fazendo brincando com esse pato?"

"Quem está brincando?! Venha aqui e me ajude a pegar Jofu! Por favor, vamos!"

Foi a primeira vez que Maomao ouviu alguém além de Basen usar o nome do animal. O irmão de Lahan e Basen não conversavam muito na vila agrícola, mas talvez o pato tivesse sido um ponto de conversa compartilhado para eles.

De qualquer forma, Maomao obedientemente pegou o pato por trás. Os humanos podem estar

sofrendo de desnutrição, mas o pássaro era gordo e ostentava penas brilhantes. Se Jofu tivesse ousado sair do portão da mansão, ela logo se encontraria na mesa de jantar de alguém. Maomao teve que se conter para não torcer o pescoço do animal, lembrando-se constantemente de que patos botam ovos.

"Ela certamente parece querer entrar no depósito. Tem alguma coisa aí?", perguntou Maomao.

"Aqui. É isso que eu estava fazendo", disse o irmão de Lahan. Ele abriu a porta. Em um canto da sala, Maomao viu uma cortina preta; o irmão de Lahan a puxou para revelar uma pilha de bandejas. Elas tinham água e algum tipo de semente, que havia sugado a água e estava brotando.

"Brotos de feijão?", ela perguntou.

"Exatamente. Esta propriedade tem um lago — pensei que valeria a pena tentar.

Eu preferiria um pouco de água corrente, mas todos nós sabemos o quão preciosa é a água aqui."

"O que são essas sementes? Elas não se parecem com feijão-mungo ou soja."

O feijão-mungo, além de produzir brotos, pode ser usado para fazer macarrão e para fins medicinais. Soja — bem, os benefícios dificilmente precisam ser enumerados.

“Trevo-de-barriga”, ele respondeu. “É usado como forragem para cavalos, mas ouvi dizer que humanos podem consumir os brotos frescos, então pensei que valeria a pena cultivar. Trouxe as sementes de volta com meus grãos.”

“Ah, era isso?”, perguntou Maomao. Ela se lembrava agora que o irmão de Lahan tinha vários sacos amarrados ao corpo. O trigo era tão marcante que ela tinha se esquecido dos outros — mas agora ela via que o irmão de Lahan dificilmente conhecia uma semente que não quisesse tentar cultivar.

“Sim, é isso mesmo. E Jofu é tão perceptiva que tenta comê-las desde antes de eu plantá-las. Ei! Você! Sim, você! Basen e Baryou não compartilham a comida com você? Não é o suficiente? Você quer mais?

Só você tenta, seu pequeno...”

O irmão de Lahan deu um tapinha na cabeça do pato. Eles poderiam ser dois amantes em um pergaminho pintado — o guardião do pato, Basen, sabia o que eles estavam fazendo?

“Estou surpreso. Poucas pessoas conhecem o Mestre Baryou pessoalmente.” Até Maomao o achou tão simpático quanto um gato de rua quando se encontraram.

“Ah, sim. Uma vez, quando fui convocado depois de voltar para a capital ocidental, ele me

passou uma carta de trás da cortina com algumas palavras de apreciação. Acho que foi a coisa mais gentil que alguém fez por mim desde que cheguei aqui."

"Gosto de pensar que tento ser decente com você, Irmão de Lahan."

Ela só estava ocupada ultimamente e não tinha conseguido fazer nada especificamente legal.

"Isso é uma besteira. Mas, de qualquer forma, sim, dei uma resposta por escrito à Srta. Chue e recebi outra carta depois disso, e desde então temos tido uma boa correspondência."

"Um pardal mensageiro?" Maomao conseguia ver Chue voando de um lado para o outro como seu homônimo, cartas na mão.

"Bem, às vezes Jofu as pega."

"O pato carrega suas cartas." Maomao, profundamente desconfiada, olhou para o pássaro em seus braços. Jofu estava dando a seu cachorrinho olhares como se esperasse que ela logo o sacrificasse. Como o irmão de Lahan havia fechado e trancado o depósito novamente, ela decidiu que poderia deixá-la ir. Ela colocou o pato no chão e saiu cambaleando.

Maomao disse: "Não consigo deixar de pensar que você parece fazer seu melhor trabalho quando ninguém está olhando, irmão de Lahan."

"Esse é um elogio bem indireto."

"É um elogio. Mas ouça, coisas mais importantes: quantos brotos de feijão a mais você consegue cultivar?" Se a resposta fosse muito, ajudaria um pouco com a situação de desnutrição.

"As sementes no ssala de armazenamento representa todo o meu suprimento agora.

Mas não é como se fossem raros. Poderíamos dar uma volta nas aldeias mais próximas perguntando se alguém tem trevo-de-barriga. Ouvi dizer que a estação chuvosa é a época para esta planta, então as pessoas podem ter mais do que você esperaria agora."

"Você acha que poderia tentar obter o máximo que puder? Quero que todos nas distribuições de alimentos recebam brotos de feijão na sopa."

Claro, o que foi colocado na comida que foi distribuída não foi

A decisão de Maomao. Ela pretendia levar o assunto para Jinshi.

"As sementes são apenas metade da equação. O que fazemos com a água?", perguntou o irmão de Lahan. "Assumindo, é claro, que tenhamos sementes suficientes para secar o lago."

"Acho que podemos nos preocupar com isso mais tarde. De qualquer forma, eu também não diria não a um pouco de soja ou feijão-mungo."

"Bom ponto. Embora, mesmo se tivermos

sorte, acho que isso só representará um remendo para o problema.”

O irmão de Lahan parecia ter vários outros ferros no fogo além de seus brotos de feijão. Ele estava no processo de transformar um canto do jardim do anexo em um campo, algo para o qual Maomao gostava de imaginar que tinha obtido permissão. Enquanto isso, Chue estava construindo um galpão para cabras.

Maomao esperava que Gyokuen não ficasse muito surpreso quando ele voltasse para a capital ocidental.

"A propósito, irmãzinha de Lahan..."

"Desculpe, do que você me chamou?" Maomao parecia pronta para cuspir na cara dele.

"Ah, me poupe. Tenho certeza de que vi alguém indo para o consultório médico. Você não precisa verificar? Você confia naquele velho médico sozinho?"

"Entendido. Estou preocupada, então vou embora." Ela deu um pequeno aceno para o irmão de Lahan e foi para o consultório médico.

"Bem! Que bom ver você aqui", ela disse quando chegou. Quem deveria estar esperando no consultório senão Tianyu?

“Estamos sem remédios”, ele disse. “Ah, você está, não está?”

“Uh-huh.”

Ele lançou um olhar expectante. O que ele queria dela? O homem relaxado e tranquilo tinha adquirido um bronzeado do sol do deserto. O Dr. You claramente o estava colocando para trabalhar.

“O que exatamente você está sem?” Maomao perguntou, olhando para o armário de remédios.

“Stypticos, antissépticos e pomadas. Também remédios para resfriado, antipiréticos, curas para diarreia e quaisquer medicamentos para ajudar uma dor de cabeça.”

“Tem alguma coisa que você tenha?” Maomao franziu a testa. Parecia que foi ontem que eles tinham reabastecido.

“Na verdade, não. Tivemos muitos casos de diarreia em particular. Talvez haja um restaurante suspeito na cidade. E as curas para dor de cabeça... Bem, vamos

dizer que eu acho que nosso superior precisa delas atualmente.”

Eles só tinham dois “superiores”, o Dr. You e outro médico. De alguma forma, Maomao suspeitou que o homem em questão fosse o último.

"Remédios para o estômago podem ser melhores. Não que tenhamos algo disso", disse Maomao. Ela quis dizer isso como uma piada, mas as circunstâncias estavam ficando cada vez menos

engraçadas. "Este é o último dos nossos remédios."

"Bem, faça mais um pouco! Por favor?"

"Não temos ingredientes!" Maomao e seus companheiros estavam fazendo o máximo de remédios que podiam; até mesmo Lihaku e Chue estavam sendo pressionados a trabalhar.

"Use substitutos, então."

"Estamos. Estamos quase sem eles." "Sério? Isso não afeta a qualidade?" "Bem, não podemos ter tudo, podemos?"

Claro que Maomao teria preferido fornecer apenas os melhores remédios, mas eles não tinham o que não tinham.

"As ervas medicinais não são tão boas por aqui quanto na região central", disse ela.

Parte disso era o clima. A região ao redor da capital ocidental tinha sua própria vida vegetal endêmica, incluindo algumas com aplicações medicinais, mas Maomao, que passou a vida inteira na região central, não sabia realmente como usá-las. Esta área era um nexo de comércio e comunicação com outros países, e supostamente não havia nada que não pudesse ser obtido na capital ocidental.

Eu só queria que eles priorizassem os remédios nos carregamentos de suprimentos que enviam.

Talvez eles tenham imaginado que a comida

tinha que vir primeiro e que os remédios podiam esperar. Ou talvez os suprimentos simplesmente não estivessem chegando a Maomao no consultório médico.

"Huh", Tianyu resmungou. "Nesse ritmo, eu me pergunto se algum dia voltaremos para a capital real."

"Quem sabe."

"Você acha que Luomen vai ficar bem?" disse o médico charlatão, que apareceu sem que Maomao o notasse.

Certo. Pai...

Luomen estava servindo no palácio dos fundos no lugar do charlatão, então ela pensou — ela esperava — que ele ficaria bem. Se alguma coisa, ela achava que o charlatão deveria estar mais preocupado consigo mesmo.

Eles sabiam que a expedição à capital ocidental seria mais longa, mas como Tianyu disse, no momento não havia realmente um fim à vista. Maomao pensou que talvez Jinshi, pelo menos, devesse voltar para a sede imperial, mas ele não mostrou nenhum sinal de ir embora.

Ele poderia ter rejeitado a ideia, conhecendo-o.

As coisas na capital ocidental naquele momento estavam, francamente, ruins. Sim, eles sabiam o que estava por vir, e isso tornava tudo

um pouco melhor, mas eles estavam enfrentando um desastre natural.

Pragas de insetos supostamente já foram conhecidas por destruir países antes. Talvez tenha havido pequenas enxames de ller no passado aqui, mas um tão grande quanto esse? Deve ter passado décadas desde que algo assim aconteceu. Talvez cinquenta anos.

Jinshi havia solicitado apoio da região central, e sua presença pelo menos garantiu que fosse mais fácil obtê-lo do que seria de outra forma. Eles poderiam até enviar um pouco mais do que enviariam de outra forma, contanto que ele estivesse lá.

De onde Maomao estava, Jinshi e o Imperador não pareciam estar em desacordo.

Mesmo que eu ainda tenha algumas perguntas sobre o incidente que o fez ser enviado para cá.

Presumivelmente, simplesmente não havia mais ninguém para ir.

"Suponho que o honrado irmão mais novo Imperial ainda esteja em seu honrado quarto fazendo seu honrado trabalho", disse Tianyu sem um pequeno traço de sarcasmo.

"Não há mais nada para ele fazer!", o charlatão médico interrompeu. "O Príncipe da Lua não pode sair da mansão — é perigoso!"

“Sim, eu entendo, mas não é uma boa

aparência", disse Tianyu. "O que você quer dizer?"

"Soldados estão sendo enviados para cá e para lá, enquanto ele apenas dá ordens, devorando sua comida em seu quarto agradável e seguro — dizem."

"Quem disse?"

"Um dos soldados de patente mais baixa que ouvi comendo seu mingau de batata."

"Oh, meu Deus!" O charlatão colocou as mãos na boca e franziu a testa em angústia.

"Então, novamente..." Aqui Tianyu se voltou para o contra-argumento. "Outro soldado perguntou a ele: 'Então, quem você acha que lhe deu essas batatas?'"

"Huh!"

Resumindo, havia soldados que duvidavam dos motivos de Jinshi, mas havia outros que entendiam a posição em que ele estava. Ainda assim, se havia soldados — mesmo que não fossem todos — que tinham dúvidas sobre Jinshi, como deveria ser entre as pessoas comuns?

Tianyu forneceu a resposta. "O governador por aqui sabe mesmo como se tornar popular", ele disse. Tecnicamente, ele estava se referindo ao governador em exercício — Gyoku-ou.

"Como se tornar popular?", o charlatão ecoou.

“Você quer dizer que ele mesmo ajuda a distribuir a comida?”

“Ele não vai tão longe, mas as pessoas gostam dele. São os soldados locais que estão distribuindo a comida, então as pessoas automaticamente assumem que foi seu amado governador que a entregou a elas. E os soldados não fazem segredo quando saem para impedir que as pessoas causem problemas — dentro dos limites da capital, pelo menos!”

“Bem, agora sim, isso é alguma coisa!” disse o charlatão, que tinha começado a preparar chá. Não havia mais folhas de chá, então ele estava preparando folhas secas de dente-de-leão.

“Alguma coisa, claro. Mesmo que tudo pareça um pouco uma performance.” Tianyu parecia estar deliberadamente falando sobre Gyoku-ou.

Conversa de ator de novo, hein? Maomao pensou. O estrategista esquisito tinha dito algo parecido sobre o homem.

“Desculpe-me, mas se não se importa que eu pergunte, como o Mestre

Gyoku-ou parece para vocês dois?” Maomao perguntou. Ela realmente só precisava da opinião de Tianyu, mas o charlatão parecia tão ansioso para fazer parte da conversa que ela pensou que deveria incluí-lo.

“O Mestre Gyoku-ou é muito impressionante! Tão másculo e decidido. Admito que só o

vislumbrei rapidamente, mas ainda assim", disse o charlatão. Sua opinião era mais ou menos o que Maomao esperava. Ela tinha ouvido muitas pessoas falando sobre Gyoku-ou e, embora não tivesse tido a chance de confirmar com seus próprios olhos, pelo menos na superfície ele parecia inspirar esse tipo de impressão.

"Boa pergunta..." Tianyu tomou um gole de seu chá de dente-de-leão e colocou o remédio que Maomao lhe deu em uma caixa. "Ele parece... alguém que nasceu na era errada."

"A era errada?"

"Sim. Você sabe, muito parecido com seu estrategista esquisito."

Maomao não gostou do que estava ouvindo. "O que exatamente isso significa?"

"Tudo o que estou dizendo é que eles não foram feitos para se dar bem na vida cotidiana. Ou... talvez eu devesse dizer, eles não foram feitos para dias tranquilos. Eu só dei uma olhada no cara pela cidade, e ele parecia revigorado por toda a confusão."

"Engraçado, eu poderia ter dito a mesma coisa sobre você."

"Talvez eu seja um deles, então? Mas... talvez não tanto." Tianyu parecia genuinamente dividida.

"O que exatamente faz você diferente?"

Maomao perguntou.

"É como... o desejo de se destacar. O desejo de ser notado. Não consigo articular bem."

"Você quer dizer um desejo de aprovação?"

"Como eu disse, não tenho certeza. Eh, tanto faz." Tianyu bebeu o resto do chá e saiu carregando seu remédio. Cansado do assunto Gyoku-ou, provavelmente.

"Um deles, hein?" Maomao murmurou. Não parecia uma coisa muito boa para ela.

Talvez ela não tenha entendido. Em vez de se preocupar com isso, ela decidiu ver o que poderia fazer para reforçar o suprimento de remédios.

Depois de alguma consideração, Maomao decidiu que sua melhor aposta era recorrer a um fazendeiro profissional. Tendo cuidado de seus brotos de feijão, ele agora estava em seu campo.

"Cultivar ervas medicinais?" O irmão de Lahan havia trocado de roupa para trabalhar e carregava uma enxada. Seu próprio traje — sem mencionar a maneira especializada como ele balançava a enxada — traía completamente toda a sua insistência de que ele não era um fazendeiro.

O jardim meticulosamente cuidado do zelador agora era uma coisa do passado, transformado em um espaço agrícola experimental cheio de trigo e batata-doce. A terra estava sendo trabalhada pelos

outros fazendeiros que tinha acompanhado o Irmão de Lahan da região central, assim como o próprio zelador, que parecia completamente derrotado.

"É verdade, um campo para ervas medicinais pode ser uma boa ideia a longo prazo, mas acho que vai ser difícil por aqui. A capital ocidental em si é tão seca que não é realmente adequada para campos, e as pastagens são muito distantes para serem práticas. E este campo está fora dos limites! É para trigo e batatas e nada mais!"

"Mas você está sempre saindo para arar campos por toda parte, não é, Irmão de Lahan?"

"Esse é um trabalho legítimo! Disseram-me para plantar sementes de batata em todos os lugares que eu

pudesse!"

"Quem te contou?" Jinshi fez outro pedido especial a ele? "Meu pai", ele disse miseravelmente. "Não acho que ele tenha ideia do que

realmente está acontecendo. Recebi uma carta dele, aqui no meio desta emergência, e o que dizia? 'Estou esperando seu relatório!' E enquanto isso, pensei que ia morrer!"

Se o irmão de Lahan era um fazendeiro sério e adequado, o pai de Lahan era um louco.

“É verdade. Você fez bem em sobreviver, irmão de Lahan. Como voltou aqui?” Ele parecia ter sido separado de seus guarda-costas, e estava bem no extremo oeste da província; deve ter sido uma jornada e tanto.

“Urgh... Eu tinha meus guarda-costas parte do caminho, mas um foi atrás dos cavalos quando eles se assustaram com o enxame de gafanhotos e fugiram, outro seguiu seu caminho quando fomos atacados por bandidos... Consegui trocar a pouca batata seca que tinha pelo que precisávamos nos vários lugares por onde passamos — e então as pessoas tentaram roubar o resto das minhas batatas! No meu caminho para o oeste através das aldeias, em qualquer lugar que eu parasse para ensiná-los sobre o cultivo de batatas, eu também os avisei que poderia haver uma praga de insetos chegando, e no meu caminho de volta eu descobri que havia relativamente pouco dano a essas aldeias. Na primeira, eles até me agradeceram e me deram um lugar para ficar. E então na próxima aldeia...”

Isso não daria certo. Se Maomao ouvisse toda a sua história, ela teria o suficiente de suas façanhas para encher um livro.

“Ok, sim, eu entendi, eu ouvi você. Bem, se você encontrar um lugar que pareça bom para o cultivo de ervas medicinais, você me diz.”

“Oh, me ouça até o fim. Vamos, escute! Bah,

tudo bem. Eu posso ver que não há raciocínio com você. Só não espere muito."

O irmão de Lahan pode resmungar e resmungar, mas ele era uma pessoa muito boa; ele faria seu trabalho. Era a mesma razão pela qual Maomao orava para que as pessoas não o levassem ao chão.

"Isso me lembra — algumas cartas chegaram para você também", ele disse. "Ah? De quem?"

"A Srta. Chue estava aqui agora. Talvez vocês tenham se desentendido." "Certo."

As cartas eram provavelmente de Luomen, ou talvez da Casa Verdigris.

Maomao voltou ao consultório médico e pegou sua correspondência, depois foi para

seu quarto para abri-la. Ela havia gradualmente renovado a decoração até que, como era de se esperar, era uma sala simples com ervas medicinais penduradas por todo lugar. O médico charlatão, que tão gentilmente redecorou para ela em primeiro lugar, pareceu desapontado, mas nesse ponto Maomao não estava preparada para ceder.

Ela tinha três cartas, de Lahan, Yao e En'en, respectivamente.

Ah, certo. Ela se lembrou tardiamente que antes de partirem, Yao havia dito para ela escrever

às vezes. E eu não enviei uma única palavra.

As coisas estavam tão caóticas que ela não teve tempo nem motivação para enviar nenhuma carta. Ela nem pensou muito nisso, supondo que se algo realmente sério acontecesse, Jinshi a contataria no consultório médico.

Maomao olhou para as três cartas e ponderou como abordá-las. Depois de um momento, ela decidiu deixar a de Lahan para depois. Ela balançou o dedo para frente e para trás entre as cartas de Yao e En'en, sem saber qual ler primeiro, e seu dedo pousou na de Yao. Estava apoiada em papel oleado resistente, para dar a melhor chance de sobreviver à longa viagem.

Normalmente, Maomao poderia esperar que En'en adicionasse perfume, ou usasse papel fino, ou até mesmo enviasse algumas flores, mas neste caso eles pareciam ter priorizado a utilidade.

É longe o suficiente para que você nem possa presumir que a carta chegará.

A carta de Yao era a de sempre, pontuda e amuada até que de repente se tornou tímida e doce. Ela destacou que Yao não tinha recebido nenhuma carta de Maomao e se perguntou o que estava acontecendo. Dizia que ela tinha ouvido falar sobre a praga de insetos no oeste e que tinha tomado a iniciativa de escrever, e se Maomao estava bem? E assim por diante.

A carta foi escrita em colunas cuidadosas de

caracteres organizados que ocasionalmente ficavam ousados com emoção. Ah, Yao. Até sua caligrafia era transparente.

Não se preocupe! Eu prometo, eu escreverei de volta...

O verdadeiro problema era quanto tempo levaria para qualquer carta que Maomao enviasse para chegar a Yao, mas isso estava fora de suas mãos.

Em seguida, ela abriu a carta de En'en. Como a de Yao, ela tinha sido reforçada com papel oleado.

Ela olhou para a carta. Então ela a virou, olhou para o teto e suspirou. Ela pressionou sob os olhos com o polegar e o indicador.

Então ela virou a carta r voltou e olhou novamente. O papel era

do mesmo tamanho da carta de Yao, mas os caracteres de En'en eram pouco maiores que grãos de arroz, e corriam juntos em uma caligrafia cursiva, fluindo pela página como um sutra. Cerca de noventa por cento era sobre Yao. Esta não era uma carta; era uma coleção de notas de campo das observações de En'en sobre sua senhora.

Talvez En'en estivesse tentando dizer a Maomao algo importante, mas quanto mais da carta Maomao lia, mais a mensagem parecia ser simplesmente Minha senhora é tão fofa!

Havia uma coisa que pesava sobre En'en: que Yao ainda não havia desistido da ideia de fazer o mesmo trabalho como uma médica de pleno direito.

Parecia haver algo mais também, mas era apenas uma implicação, um sopro detectável em seu texto denso, e nada mais.

Desculpe, não tenho tempo para jogos de adivinhação, pensou Maomao, e deixou a carta de En'en de lado. Tudo bem, hora da última.

Ela ficou surpresa ao receber uma carta de Lahan. Não seria melhor para ele entrar em contato com Jinshi? Certamente ele percebeu que com Maomao, havia uma clara possibilidade de que ela jogasse a carta fora sem nunca lê-la.

De qualquer forma, ela chegou a ela em segurança, e pelo bem daqueles que a ajudaram a chegar lá, ela decidiu abri-la.

A carta de Lahan também estava apoiada em papel oleado, como as outras. Não surpreendeu Maomao que as cartas de Yao e En'en pudessem ser construídas da mesma forma, mas as de Lahan também? Isso parecia um pouco estranho. Por outro lado, talvez eles vendessem papel feito dessa forma, especificamente para enviar longas distâncias.

Tanto faz. Ela olhou para a carta, que dizia:

Yao e En'en já estão na minha casa! O que você acha que eu deveria fazer?

As frases evidenciavam uma rara demonstração de incerteza da parte de Lahan.

O resto da carta educadamente perguntava sobre a saúde daqueles na capital ocidental, mas a questão de Yao e En'en era claramente sua principal preocupação.

Droga, eu não sei.

Maomao dobrou cuidadosamente as cartas de volta. Ela precisava de um lugar para colocá-las por enquanto. O médico charlatão havia lhe dado, a seu pedido, uma caixa vazia de quando ele tinha comprado alguns pãezinhos de manju, e ela decidiu usá-la. Maomao era um plebeu de coração, incapaz de jogar fora nem mesmo uma caixa vazia.

Capítulo 8: As cartas que não chegaram

Outra pilha enorme de papéis se acumulou no escritório de Rikuson. Já estava assim há dias, mas eles eram necessários; não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso. Em vez disso, ele os lidou, lenta e firmemente, uma coisa de cada vez. Não havia administradores suficientes, e todo o trabalho que esse pessoal extra poderia ter feito caiu sobre Rikuson.

Já fazia mais de um mês desde a enorme praga de insetos.

Os gafanhotos atacaram várias outras vezes, mas depois disso as coisas se acalmaram. Bem, não "coisas". Apenas os gafanhotos. Tendo comido até se fartar, os insetos repugnantes agora estavam tentando deixar uma nova geração para trás.

O problema era que as pessoas estavam fixadas nas consequências da devastação. Elas estavam completamente ocupadas tentando compensar os danos à colheita, mas se não tomassem as medidas adequadas contra o próximo enxame, a destruição só pioraria.

Rikuson podia sentir uma dor de cabeça chegando enquanto confrontava todos os relatórios de danos e solicitações de provisões

de emergência. Ele queria ter o poder de salvar todas as pessoas, mas ele era, no fim das contas, um funcionário de nível médio. Havia apenas uma quantidade limitada de coisas que ele poderia fazer.
Ele teria que avaliar os danos a cada região e enviar suporte proporcional à população da localidade. Se ele calculasse mal, isso poderia causar mais saques ou até mesmo resultar em mais mortes por fome.
Rikuson queria arrancar os cabelos. Ao considerar quanto distribuir, ele também tinha que verificar os registros e solicitações em relação aos estoques de provisões. Não era que ele não soubesse fazer as contas, mas essa era uma responsabilidade pesada e abrangente que pesava sobre ele.
"Isso seria muito mais fácil se Sir Lahan estivesse aqui", ele murmurou. Um trabalho como esse teria sido moleza para ele. Ele poderia ter segurado um ábaco em uma mão e feito a maior parte dos cálculos de cabeça. Ele teria sido capaz de olhar para os números puramente como números e determinar a distribuição mais justa.
Falando em Lahan, fazia muito tempo que Rikuson não recebia cartas dele. A última tinha chegado talvez dois meses antes do enxame.

Rikuson tinha escrito para Lahan algumas

vezes depois do evento — ele sabia que o outro homem nunca foi avesso a informações desse tipo. Ele esperava uma resposta rápida. Ele percebeu que as comunicações não eram tão confiáveis quanto eram antes do enxame, mas duas cartas separadas poderiam deixar de chegar? Ou alguém descobriu o que estava escondido nas cartas que ele estava enviando para Lahan e o Príncipe da Lua?

Rikuson parou um oficial que estava prestes a sair. "Não houve nenhuma carta endereçada a mim, houve?", ele perguntou.

"Não, Mestre Rikuson, temo que não", disse o oficial categoricamente. Esse homem era alguém que Rikuson tinha visto muito desde que foi enviado para a capital ocidental. Ele havia levado cartas para os outros várias vezes, então se ele disse que não havia correspondência para Rikuson, provavelmente ele quis dizer isso.

Foi só Rikuson que achou isso estranho?

Sendo Lahan quem ele era, não havia como ele não saber sobre a praga de insetos que havia varrido a província de I-sei. Além disso, ele era um homem com sua cota de curiosidade — ele certamente deveria ter escrito para Rikuson em algum momento do último mês para tentar sondá-lo sobre o que estava acontecendo. As coisas estavam realmente tão movimentadas na capital?

Espere — Lahan havia escrito para mais alguém recentemente? Um pensamento da jovem mulher a quem Lahan se referia como sua irmãzinha passou pela mente de Rikuson. Ele pensou em perguntar se ela tinha ouvido algo dele, mas então pensou melhor. Seria melhor se ele mantivesse distância de Maomao. Ele sabia que ela manteria distância dele — que ela teria que fazer isso. Isso seria melhor para ambos. Foi por isso que Rikuson fez a proposta de casamento de brincadeira: uma piada, mas ele sabia que os elementos hiperprotetores ao redor de Maomao responderiam imediatamente. Ele mentalmente deixou o assunto de lado e decidiu enviar os papéis que havia terminado de revisar. Ele entrou no corredor para acenar para um oficial, mas então avistou Gyoku-ou do outro lado do jardim do pátio com vários soldados.

De repente, Rikuson não queria estar ali. Ele recuou de volta para sua mesa e pegou um dos pedidos de provisões.

Endereçado ao governador, veio de uma das aldeias agrícolas. Eles não conseguiram colher nada, então ele poderia, por favor, enviar um pouco de comida, pedia. A petição também tocou no recrutamento de soldados.
Isso não era algo que Rikuson normalmente veria — esse assunto deveria ter sido resolvido antes de chegar até ele. Os administradores devem ter incluído isso erroneamente entre a massa de papelada.
A petição incluía expressões de amor e lealdade que os fazendeiros sabiam reunir. Agradecia a Gyoku-ou por tê-los apoiado com suas finanças privadas várias vezes no passado. Em todos os sentidos, a carta parecia um grito inocente de ajuda de alguns fazendeiros inocentes se voltando para o melhor governante que conheciam.
Parecia uma história adorável de um governador gentil e generoso resgatando seu povo empobrecido e pressionado. Como Gyoku-ou deve parecer para eles? Era natural que estivessem dispostos a fornecer soldados a ele.
"Conscrição", Rikuson murmurou. Ele pensou em Gyoku-ou, com seus soldados. O que ele pretendia fazer com eles? Sim, o povo estava inquieto após o grande desastre que acabara de ocorrer, mas ele realmente

precisava levantar mais tropas para

suprimi-los?
Rikuson suspirou. Gyoku-ou, popular com seu povo. Um desastre sem precedentes. O estrategista e o irmão mais novo imperial, vêm da capital real.
Os jogadores estavam todos aqui, o palco estava pronto.
Mas pronto para quê? Rikuson ainda não tinha certeza. Porque no fundo do seu coração, ele ainda acalentava um desejo, ainda mantinha a esperança.
Esperança de que Gyoku-ou fosse um bom governador, afinal.

Capítulo 9: O encontro

HQuantas vezes Jinshi ouviu que algo era "para sua própria segurança"? Por mais de um mês, ele levou uma vida que beirava a prisão domiciliar. Ele não deveria ir a lugar nenhum fora do anexo de Gyoku-en. Ocasionalmente, ele poderia ser convidado para a casa principal ou para o escritório administrativo, mas nessas ocasiões ele seria acompanhado por uma panóplia de soldados. Certamente o suficiente para impedi-lo de fazer algo sem roteiro.

Mesmo pelos breves vislumbres que ele teve de sua carruagem enquanto ia de um prédio para outro, ele teve uma noção da destruição — mas ele sabia que, em qualquer outro caso, teria sido muito pior.

Jinshi tinha vindo para a capital ocidental em parte supondo que essa praga de insetos iria ocorrer. Ele havia pesquisado registros antigos sobre pragas passadas. Eles descreviam plantações inteiras aniquiladas, pessoas tão desesperadamente famintas que recorreram ao

canibalismo. Não era exagero quando as pessoas diziam que uma praga de insetos poderia destruir um país inteiro.

Naturalmente, a insatisfação e a raiva eram direcionadas principalmente à família imperial, que estava no topo da hierarquia nacional. Foi por isso que Jinshi continuou a se submeter ao seu confinamento.

No momento, Gyoku-ou controlava o que podia fazer. Ninguém na comitiva de Jinshi gostava disso — alguns deles até consideravam Gyoku-ou um herói de palco malfeito. Mas Jinshi tinha sua posição para pensar. Como irmão mais novo do Imperador, ele supostamente estava ali para inspecionar as coisas na capital ocidental. Como tal, ele era, em última análise, um convidado. Se ele fizesse algo para violar esse papel, isso poderia voltar para assombrá-lo mais tarde.

Ou pelo menos, era o que ele acreditava.

"Acho que você está deixando que eles o ofusquem um pouco completamente, Príncipe da Lua", disse Chue, embora seu rosto não revelasse

nada. Ela sentou-se em frente a ele na carruagem, que também estava ocupada por um guarda-costas e uma segunda dama de companhia, embora não fosse Suiren nem Taomei.

Ele escolheu seu pessoal mais capaz em resposta a uma situação muito inesperada. Neste caso, Gaoshun o acompanhou como seu guarda-costas — normalmente seria o papel de Basen, mas Basen não teria se dado bem com a pessoa que eles iriam conhecer. Basen estava mais bravo do que qualquer um com

a maneira como Jinshi foi tratado na capital ocidental. Ele pode ser fisicamente forte, mas agora Jinshi precisava de alguém que pudesse manter suas emoções sob controle.

"Nesse ritmo, as pessoas vão pensar que um príncipe indefeso veio da capital real apenas para desempenhar um papel de apoio ao Mestre Gyoku-ou." Com um movimento hábil, vários pequenos pedaços de jade apareceram entre os dedos de Chue. Sua mão trabalhou ativamente:

mais surgiram, então alguns desapareceram.

"Eu sei", disse Jinshi. Era exatamente por isso que ele estava a caminho do escritório administrativo.

Sim, Jinshi estava lá como convidado, mas ele gostava de pensar que tinha feito tudo o que podia pela capital ocidental. Ele ofereceu a eles provisões que trouxera especificamente para esse propósito, e elas foram prontamente distribuídas. Ele enviou mensageiros para aldeias próximas para ajudar a determinar a extensão dos danos e então calculou quanta comida cada local precisaria com base nessas avaliações. Ele estava feliz por ter trazido um oficial civil capaz como Baryou.

A razão pela qual a ajuda chegou tão rápido da capital real foi porque Jinshi despachou um cavalo de correio no momento em que ouviu do irmão de Lahan. Se, naquele momento, nada tivesse acontecido — se não houvesse enxame — teria sido fácil descartar como um erro por parte da família imperial.

A possibilidade de um enxame de insetos tinha

sido um tópico de conversa entre o Imperador e alguns de seus conselheiros e subordinados mais próximos, e eles estavam cientes da possibilidade de que ele atacasse na capital ocidental. Mas a decisão de solicitar apoio recaiu apenas sobre Jinshi. Ele não tinha garantias de que o enxame chegaria — nesse caso, o navio de suprimentos poderia até ter tido a permissão de atracar negada.

Portanto, e correndo o risco de manchar sua própria reputação, Jinshi decidiu permitir que Gyoku-ou assumisse o controle dos eventos. Quando o mensageiro de Gyoku-ou chegou até ele logo após a chegada do enxame, Jinshi relatou que estava seguro e perguntou se seria aceitável que ele solicitasse apoio da capital real. Ele também comunicou a Gyoku-ou que gostaria que o governador recebesse os suprimentos.

Foi assim que as provisões que Jinshi preparou e adquiriu, Gyoku-ou distribuiu.

Aqueles que vieram com Jinshi da capital e sabiam da verdade ficaram furiosos, mas esta era a capital ocidental. Mesmo que Jinshi tivesse tentado

assumir a distribuição de alimentos ele mesmo, ele não tinha pessoas suficientes para fazê-lo. Ele não havia trazido servos suficientes para cozinhar e distribuir toda aquela comida. A maneira mais rápida e melhor de levá-lo às pessoas que precisavam era trabalhar com Gyoku-ou.

A coisa que mais aterrorizava as pessoas durante um desastre natural era a incerteza. Só conseguir uma tigela de congee e um pouco de arroz já aliviaria muito a ansiedade.

Depois, havia a questão de preços de mercado. Jinshi recebeu sua cota de exasperação por não ter ideia de quanto as coisas custavam, mas ele vinha trabalhando nisso nos últimos anos e gostava de pensar que estava melhorando. Mesmo na capital com toda a sua riqueza, havia crianças famintas que pediam esmolas nas ruas com tigelas de arroz vazias, ou andarilhos noturnos com seus rostos escondidos que acenavam para os clientes em cantos escuros, ou pais que vendiam seus próprios filhos para bordéis. Se ele não tivesse visto o suficiente da carruagem enquanto passava,

ele testemunhou mais do que o suficiente andando por aquelas ruas.

Jinshi usou seda fina a vida toda, sempre teve sopa clara para beber todas as noites e mingau sem enchimentos. Mesmo agora, ele não corria risco de passar fome, ao contrário de todos os outros na capital ocidental. Por quê? Para que tudo isso?

Ele faria melhor em jogar fora o orgulho tolo. Se Gyoku-ou queria ficar no centro das atenções, então deixe-o. Melhor para Jinshi se deixar ser usado como uma ferramenta do que se recusar teimosamente e egoisticamente a ajudar. Na verdade, talvez fosse Jinshi quem estivesse usando.

Que o irmão mais novo do Imperador fosse inútil. Quem se importava se as pessoas zombassem dele? Seria muito melhor que ele fosse alguém que ninguém desejaria manipular.

O que Basen pensaria de tudo isso? Ele ficaria louco de raiva, talvez — mas, incapaz de atacar Jinshi em sua raiva, ele destruiria qualquer outra coisa na sala que não estivesse pregada.

Jinshi, por sua vez, gostava do nome Jinshi. Mesmo que fosse uma identidade que ele inventou para enganar os eunucos e as damas no "jardim" do Imperador. Ele preferia Jinshi, um nome que as pessoas podiam dizer, a Ka Zuigetsu, que ninguém conseguia falar. Mesmo que ele soubesse que se tornar acessível e fácil de conversar era um exercício inútil.

O tempo passou enquanto ele ruminava, até que se viu em seu destino, o escritório administrativo.

"'Kay! Chegamos!" Chue olhou para fora e sorriu.

Jinshi ajustou deliberadamente sua mentalidade. Ele pode ser acessível, mas

eles não iriam tomá-lo por bobo.

Ele foi levado a uma sala com uma mesa redonda. Gyoku-ou e Lakan já estavam sentados. Lakan, aparentemente com tempo para matar, estava trabalhando em problemas de Go. Em um canto da sala, esperavam burocratas com papéis de algum tipo.

Gaoshun e Chue trocaram um olhar: esta não parecia a última vez que eles tinham encontrado Gyoku-ou, ou a vez anterior. Eles estavam especialmente curiosos sobre Lakan. Nem sempre era possível prever como o gênio inconstante se comportaria — e isso tornava ainda mais difícil adivinhar por que ele estava naquela mesa.

“Minhas desculpas por chamá-lo aqui”, disse Gyoku-ou, levantando-se. Jinshi já sabia que tinha sido a escolha certa não trazer Basen. Estar sentado quando um membro da família imperial entrou na sala poderia ser considerado um sinal de desrespeito. Com isso em mente, Lakan não mostrou nenhum sinal de tirar os olhos de seus problemas de Go.

“O que posso fazer por você?”, Jinshi perguntou. “Se for sobre o enxame de insetos, trouxe alguns materiais relacionados ao assunto.”

Gaoshun apresentou os papéis. Eles diziam respeito a alguns cálculos preliminares sobre as doações de alimentos que Jinshi e seu povo fizeram. Eles também descreveram pesquisas sobre plantações resistentes que passavam rapidamente do plantio à colheita, alimentos que poderiam ajudar a aliviar a fome se as provisões se mostrassem insuficientes. Nisso, o conhecimento de Maomao e do irmão de Lahan provou ser inestimável. Finalmente, houve alguns relatórios sobre remédios e outras coisas que precisariam ser fornecidas assim que a situação alimentar fosse resolvida.

"Sim, sim. Você tem sido uma grande ajuda para nós diante desse desastre, Príncipe da Lua. Nunca imaginei que a ajuda viria tão rapidamente das regiões centrais."

Bem, Jinshi tinha. Porque ele havia solicitado o apoio vários dias antes de mencionar o assunto a Gyoku-ou. Ele estava apostando no fato de que o pedido passaria pelo menos esse tempo no comitê quando chegasse à capital real.

"Você precisa de mais suprimentos?", perguntou Jinshi. Ele mesmo havia revisado os

relatórios. Esperava-se que o estoque atual de provisões durasse apenas dois ou três meses, no máximo — mas havia um limite para a quantidade de suporte que poderia ser fornecida. A solução real era fazer algumas plantações crescerem o mais rápido possível.

"Gostaria de pedir mais suporte, se possível. Na forma de pessoal."

"Pessoal? O que você quer dizer?" Verdade, Gyoku-ou estava claramente com falta de pessoal, mas apenas enviar novas pessoas à toa não resolveria o problema. Se ele quisesse mais fazendeiros, seria melhor ensinar os locais do que trazer forasteiros.

"Preciso de soldados", disse Gyoku-ou.

"Por quê? Você precisa de ajuda para suprimir bandidos?"

A escassez de alimentos tendia a tornar o abismo entre os que tinham e os que não tinham

especialmente aparente. À medida que os pobres começavam a passar fome, eles logo se voltavam para o crime. A razão pela qual Jinshi se apressou para fornecer comida extra foi para neutralizar essa possibilidade, para encher o estômago das pessoas antes que elas se voltassem para a violência.

Gyoku-ou deu a Jinshi um sorriso que beirava um olhar malicioso. Era uma expressão que ninguém jamais teria visto em seu pai. Não era o olhar de um mercador, mas de um soldado, de um homem menos interessado em gentileza e decência do que em valor marcial.

Um burocrata atrás de Gyoku-ou entregou-lhe um grande pedaço de papel. "Gostaria que você desse uma olhada nisso", disse Gyoku-ou, e colocou o

papel na mesa. Era um mapa da província de I-sei, com várias áreas circuladas em tinta. Alguns dos círculos eram pretos e alguns eram vermelhos, com mais círculos vermelhos quanto mais se ia para o oeste.

"Hmm", disse Lakan pensativamente,

erguendo os olhos de seus problemas de Go. "Ataques de bandidos?"

"Exatamente."

Eles tinham circulado em todos os lugares onde um incidente ocorreu. "A julgar pelos locais, presumo que os vermelhos sejam incursões de

tribos estrangeiras."

"Sua mente é tão afiada quanto dizem, senhor." Gyoku-ou olhou para Lakan, visivelmente satisfeito. O estrategista normalmente parecia um idiota trêmulo, mas quando se tratava de ler o comportamento humano, ele não tinha igual.

Então os círculos vermelhos eram ataques que se acreditava terem sido perpetrados por estrangeiros. Verdade, a província de I-sei ficava bem na fronteira — mas mesmo assim, o número de círculos vermelhos parecia descomunalmente grande para Jinshi. "Eles estão ficando mais frequentes?", ele perguntou.

"Estão", Gyoku-ou confirmou. "Houve um bom número no ano passado também, mas este ano foi particularmente ruim. Fizemos alguns, ahem, modestos preparativos militares, mas não poderia haver um momento pior

para uma praga de insetos."

Jinshi tinha ouvido falar que os recrutamentos estavam aumentando — mas ouvir tais palavras da boca do próprio governador o deixou sem palavras. Gyoku-ou não era idiota.

"Acho que podemos presumir com segurança que o enxame levou aqueles réprobos para Li", disse Gyoku-ou. O enxame cobriu uma área ampla, e quanto menos preparado o lugar estivesse, pior seria o dano.

Certamente outros países teriam sido atingidos pelo menos tão duramente quanto o seu, e possivelmente até pior.

“Então esses soldados que você quer são para a supressão das tribos?” Jinshi perguntou.

Houve uma excursão assim alguns anos antes, mas foi apenas para empurrar os estrangeiros de volta — como ele se lembrava, não foi para a província de I-sei, mas para a borda ocidental da província de Shihoku.

Gyoku-ou, no entanto, disse: “Não”, e colocou outro mapa. Este mostrava uma área ainda maior, incluindo Shaoh, Hokuaren e Anan. “O que você diria se mirássemos aqui?”

Ele apontou diretamente para Shaoh.

Jinshi olhou para ele. “O que exatamente você quer dizer com isso?”

“Bem, é como você pode ver neste mapa. Os limites ocidentais da província de I-sei foram os mais atingidos. Com o enxame devastando todos os países ao nosso redor, importar alimentos vai ser difícil. Então, o que? Tentamos transportar provisões por terra?”

Provavelmente seria impossível transportar alimentos suficientes — e se os ataques das tribos não fossem o suficiente, uma invasão por um país estrangeiro também era uma possibilidade real. Os alimentos duramente conquistados da província de I-sei seriam roubados.

“Qual é a maneira mais rápida de levar provisões para esta área ocidental?” Gyoku-ou perguntou. “Acredito que não seja por terra — mas por mar.”

E lá estava Shaoh, um centro comercial central, bem conectado a outros lugares por terra e água. Sim, ter uso livre dos portos de Shaoh certamente tornaria muito mais fácil garantir um suprimento estável de alimentos. Shaoh, no entanto, cobraria uma taxa pesada pelo uso de seus portos. Sem mencionar a probabilidade de que muitos deles já estivessem dedicados a resolver os próprios problemas internos de suprimento de Shaoh após a praga.

"Você está sugerindo que comecemos uma guerra por isso?" Jinshi manteve a voz o mais calma possível. Ele estava mais do que pronto para ceder o centro do palco para Gyoku-ou, para

deixá-lo no comando — mas isso estava além do aceitável. Para

colocar comida na boca do seu povo, ele estava propondo roubo. Isso não o tornaria diferente dos bandidos que ele desprezava.

"Oh? Você é contra a ideia? Parece que me lembro de que é você mesmo, Príncipe da Lua, quem tem a maior queixa contra Shaoh. O motivo mais maduro para ir à guerra."

Gyoku-ou exalava confiança. Jinshi sabia a que ele estava se referindo — a sacerdotisa Shaohnese. Ele permitiu que ela morresse no ano passado, e isso deixou Shaoh com vantagem sobre ele. Jinshi suspeitava, no entanto, que Gyoku-ou não sabia que a sacerdotisa estava de fato viva e secretamente se refugiando em Li.

“Foi outra mulher Shaohnesa que matou a sacerdotisa”, disse Gyoku-ou. “Admito que ela foi admitida no palácio traseiro como consorte, mas certamente Li não pode ser responsabilizada

por tudo que uma mulher de um país estrangeiro pode fazer.” Certamente, Li tinha saído pior na opinião do mundo em geral — e a família Imperial em particular tinha ficado envergonhada. “Shaoh usou o assassinato de sua sacerdotisa para tentar chantagear nosso país. Mais do que razão suficiente para ir à guerra, eu diria. Mas você não faria isso, irmão mais novo Imperial?”

Dependendo da era, uma “razão para ir à guerra” poderia ser quase qualquer coisa.

Afinal, simplesmente manchar a família governante poderia fazer com que um clã inteiro fosse exterminado.

Agora Gyoku-ou se virou para o estrategista. “O que você acha, Sir Lakan?”

Lakan uma vez gain parou de trabalhar em seus problemas de Go e estudou o mapa atentamente. Ele tinha o mesmo olhar com o qual avaliaria um jogo de tabuleiro. Ele estendeu a mão para seu ajudante, que lhe deu uma bolsa. Havia peças de Shogi dentro.

"Não sei sobre suas razões ou desculpas. Tudo o que sei é como vencer no Shogi", disse Lakan, e então começou a organizar as peças no mapa. O ajudante lançou a Jinshi um olhar de desculpas.

Não havia malícia em Lakan — mas também não havia virtude. Contanto que algo não o prejudicasse ou a sua família, ele não dava importância. Se houvesse uma chance de participar de um jogo interessante, no entanto — isso, ele não perderia.

Jinshi viu agora por que Gyoku-ou havia incluído Lakan nesta conferência. Para o estrategista, a guerra era apenas uma combinação de seus jogos favoritos: era uma partida de Shogi usando peças humanas e um jogo de Go em que você capturava território real.

“Se você se posicionasse à nossa frente, Príncipe da Lua, não tenho dúvidas de que o povo do oeste se uniria a você.” Era isso, então, que Gyoku-ou realmente queria dizer com Jinshi. “Você não acha que o povo deseja vê-lo não apenas como um visitante, mas como um líder?”

Havia uma coisa que Gyoku-ou parecia ter entendido mal. Ele acreditava que Jinshi estava ansioso para que as pessoas o vissem em seu verdadeiro disfarce. Ele estava tentando bajular o orgulho de Jinshi como parte da família Imperial.

"Se você se apresentasse, eu o apoiaria de todo o coração — eu seria seu braço direito!" Gyoku-ou disse, seu olhar penetrante. Jinshi se pegou imaginando se Gyoku-ou realmente era parente de Gyokuyou. Ela também podia ser obstinada, mas não era nada assim.

Jinshi podia ver nos olhos de Gyoku-ou: ele queria guerra. Ele estava ansioso por isso.

"Posso convocar soldados, mas as pessoas vivem aqui."

"Sim, eles fazem. Nossas terras ocidentais são o lar de muitos corações leais. Eles podem ser meros fazendeiros, mas se a necessidade surgisse, muitos deles lhe emprestariam sua força. Imagine! Você nos liderando e Sir Lakan formulando nossa estratégia. E finalmente, embora eu conceda que nosso poder seja modesto, o clã You estaria aqui para ajudá-lo."

“O clã You?”

Gyoku-en pode ter começado a vida como um comerciante, mas ele tinha influência em toda a província de I-sei. Seu poder atual pode até superar o dos Yi, que foram destruídos dezessete anos antes.

Jinshi estreitou os olhos. “Diga-me. Sir Gyoku-en sabe sobre esse plano?”

Houve um leve tremor na sobrancelha de Gyoku-ou. “Meu pai falou há muito tempo sobre o que poderíamos ganhar se pudéssemos estender nosso alcance ao território de Shaoh.”

“Ahh. Então ele não sabe. E ainda assim todo o clã You estaria ao meu lado?”

Jinshi, aproveitando suas experiências naquele covil de mulheres, o palácio traseiro, permaneceu resolutamente calmo. Comparado às mentiras que as mulheres contavam, a fanfarronice dos homens era rude, suas fachadas eram fáceis de furar.

“Uma rota marítima”, ele disse. “Sim, os

benefícios seriam grandes. Faz alguém desejar os portos de Shaoh, não é? Mas teria um preço muito alto. E os outros países com os quais Shaoh compartilha uma fronteira terrestre? Eles podem parar de enviar mercadorias comerciais. E então há a questão de atacar uma nação que se tornou estudiosamente neutra, como Shaoh fez.

Não seríamos vistos como bárbaros que se recusaram a respeitar os acordos? Sir Gyoku-en, tenho certeza, pesaria todas essas coisas cuidadosamente em seus cálculos."

Gyoku-en, como dissemos, era um comerciante de coração, e ele sabia que não deveria se fixar no lucro bem na frente de seus olhos. Ele certamente perguntaria o que sacrificaria para obtê-lo. Mesmo que seu filho tivesse escrito para ele pedindo seu conselho sobre o assunto, Jinshi estava confiante de que Gyoku-en teria dito a ele que era muito cedo para tal movimento.

Jinshi pensou ter visto um lampejo nos olhos de Gyoku-ou ao mencionar o nome de seu pai; ele

pensou que o outro homem estava um pouco abalado.

Gyoku-ou adotou um ar descontente. Jinshi, enquanto isso, se recusou a deixar sua expressão suavizar. O irmão mais novo do Imperador ele poderia ser, mas ele sabia que mesmo assim, Gyoku-ou o veria como um jovem arrivista, dificilmente metade de sua idade. Talvez ele pensasse que poderia sobrepujar Jinshi com sua presença absoluta.

Ele não podia.

“Estou aqui como representante da região central, mas também sou os olhos de Sua Majestade, e não seria apropriado que os olhos assumissem a responsabilidade de comandar.”

As palavras Sua Majestade causaram arrepios nos burocratas que esperavam por perto. Todos eles vinham da capital ocidental, o que significava que eram aliados de Gyoku-ou e presumivelmente viam Jinshi como pouco mais do que uma criança despreocupada. Houve um murmúrio audível quando a criança empurrou seu próprio mestre.

Gaoshun deu a Jinshi o mais leve dos sorrisos. Talvez ele tivesse um pouco menos de azia agora. Chue poderia poupá-los do polegar levantado, no entanto.

Gyoku-ou não seria desencorajado tão facilmente. “Você diz, então, que como os olhos do Imperador, você não pode tomar decisões por conta própria?” Sim, definitivamente a escolha certa deixar Basen para trás. Ele teria aceitado essa provocação óbvia e só piorado as coisas.

“Eu digo isso porque eu decidi. Você determinou que um ataque a Shaoh faria mais bem do que mal? Um mercador deve ser habilidoso em tais cálculos.”

Jinshi devolveu provocação por provocação. Ele sabia que estava muito no território de Gyoku-ou aqui, e não tinha desejo de se envolver em uma batalha perdida. Ele desejou ter reforços

neste momento. “Se atacarmos Shaoh, não posso imaginar que Hokuaren ficará quieto.”

“Aquela confederação desorganizada de bárbaros espreitando no norte? O que temos a temer deles?”

“Justo. Você sabe, há um animal que pode ser caçado em Hokuaren — o veado vermelho. Seus chifres são um excelente tônico energético, preparado todas as noites para o Imperador e suas damas no palácio traseiro.” Não havia pouca autodepreciação na observação de Jinshi. Ele passou anos fingindo ser um eunuco. Ele sabia como deixar o ridículo rolar para trás. “Então há os tigres. Eles têm uns muito grandes no norte — os ossos são usados para fazer vinho.”

Era chamado, apropriadamente, de vinho de osso de tigre, e diziam que era altamente nutritivo.

Nem preciso dizer que Jinshi tinha se tornado bastante conhecedor de remédios. “Um médico com vasta experiência em remédios me ensinou, então era bem eficaz”, ele disse.

A rigor, não tinha sido um médico, mas seu ponto foi feito. Além disso, ele não tinha tanta certeza se o elixir tinha sido eficaz ou não. Ele deixou para os chefs no palácio dos fundos servirem as refeições medicinais.

“Remédios e... álcool...” Lakan murmurou. “Diga, Onsou. Quando essa guerra começar,

ainda seremos capazes de obter essas coisas?”

“Podemos conseguir, senhor, mas provavelmente serão muito mais caros”, seu ajudante respondeu. “Remédios tendem a ser escassos em tempos de guerra. É difícil para médicos e boticários.”

“Entendo.” Lakan devolveu as peças de Shogi que estava colocando na bolsa de onde vieram e se levantou.

Onsou era um ajudante de campo altamente capaz. Ele naturalmente entendeu o que Jinshi estava tentando comunicar a Lakan.

"Qual é o problema, senhor Lakan?" Gyoku-ou perguntou, intrigado. "Desculpe. Estou indo embora", disse Lakan, e com isso, ele se virou e foi. "Mestre Lakan, espere por mim!" Onsou gritou, correndo atrás dele.

Os ocidentais mal tinham levantado suas mandíbulas do chão quando Jinshi também se levantou. "Parece que nosso estrategista não está com humor para guerra. Talvez eu também esteja a caminho, então?"

Gyoku-ou não disse nada. Jinshi decidiu interpretar isso como se ele pudesse ir.

"Ele não parecia ter gostado muito disso", sussurrou Chue.

Infelizmente para Gyoku-ou, se havia um reino em que Jinshi tinha muito mais experiência do que ele, era o que fazia Lakan funcionar.

Capítulo 10: A proporção áurea

"O que fazer?" O irmão de Lahan estava preocupado, um grande mapa aberto diante dele na mesa do consultório médico.

"Sim, o que fazer?" O médico charlatão também estava preocupado. Maomao precisava que ele fizesse algum trabalho, então ela colocou um pilão e algumas ervas ao lado dele.

"O que você está fazendo aqui, irmão de Lahan?" ela perguntou a ele. Este era o consultório médico; não era um lugar onde pessoal não médico deveria simplesmente se acomodar e começar a se preocupar. Por outro lado, ela conseguia entender — de todos os lugares da mansão, este era talvez o menos tenso.

"O velho disse que eu podia", protestou o irmão de Lahan.

"Lahans está tão cansado, mocinha. Ele precisa de um lugar para descansar!" O charlatão parecia ter a impressão de que o nome do irmão de Lahan era Lahans, mas parecia muito trabalhoso corrigi-lo. Até o próprio irmão de Lahan não disse nada. Dia após dia de fadiga extenuante o havia drenado de todo desejo de discutir? Ou ele não percebeu? Ou ele sequer aceitou esse estado de

coisas?

Ele definitivamente trabalhou mais do que qualquer um de nós.

Suas ações podem ter salvado dezenas de milhares de vidas da praga de insetos, e ele mal pareceu perceber. Talvez quando tudo isso acabasse, ela pudesse perguntar a Jinshi sobre dar a ele uma recompensa de algum tipo.

"O que você está olhando, afinal?" Maomao perguntou, olhando para o mapa. Agora que ela deu uma boa olhada, ela percebeu que estava coberto de anotações, descrevendo coisas como o clima e o tipo de solo de cada região em detalhes consideráveis.

"Eu mantive notas neste mapa quando fui em minha jornada de caça aos gafanhotos. Eu queria anotar quaisquer qualidades únicas dos campos, já que tive a chance, mas no final eu mal cheguei à metade deles."

Oh, cara! Esse cara é útil!

Infelizmente para ele, seu trabalho neste caso era ser usado e usado novamente, apenas para ver outros roubarem seus melhores momentos. Maomao jurou novamente que o veria reconhecido por suas contribuições desta vez, se não nunca mais.

“Pelo mapa, presumo que você esteja tentando decidir onde cultivar

colheitas? Você já não fez isso?"

"Desta vez é mais concreto. Os poderes constituídos querem saber quais colheitas podem ser cultivadas onde. Não podemos simplesmente continuar enviando alimentos da região central para sempre, podemos? Estou tentando descobrir o que podemos cultivar rapidamente, com um olho nas colheitas que podem ser estocadas."

"E suas batatas?"

"Não posso dar a eles nada que eu não saiba com certeza se vai crescer. Os próximos anos serão um experimento."

Aparentemente, ele não pretendia imitar seu pai.

"E quanto a, você sabe, trigo comum? Poderíamos limpar os campos que não foram colhidos e replantar imediatamente."

"Ah, vamos cultivar trigo. Só nos campos onde foi planejado inicialmente. Plantar trigo no mesmo campo ano após ano reduz a colheita."

"Oops." Certo. Maomao assentiu.

"O que é tudo isso sobre campos e colheitas?", disse o charlatão. Ele não estava conseguindo acompanhar a conversa, como sempre, mas de qualquer forma, ele estava lá.

"Feijões podem ser viáveis, mas a colheita deles está atrasada. Pode não haver muito que

possamos fazer sobre isso.” O irmão de Lahan parecia ter um almanaque na cabeça. “O verdadeiro problema são as sementes.”

“Sementes? Você quer dizer, como... sementes normais?”

“Sim. Quando você não tem nada para comer, você também não tem margem para deixar sementes para o ano que vem. E então você está acabado, certo? Usei parte do meu suprimento nos brotos de feijão. Ainda há alguma margem de manobra no trevo, mas quando se trata de soja ou feijão-mungo, não podemos ter pessoas arrancando-os pela raiz.”

Ponto justo: se as pessoas arrancassem exatamente as coisas das quais os feijões cresceram, não sobraria nada.

“Então, estou tentando pensar em algo que possamos colher, e colher rápido, junto com campos que nos permitirão cultivar trigo.”

Foi surpreendente perceber que o pensamento desse homem revolucionaria a agricultura local, e ele não se intimidou com a escala do projeto.

O irmão de Lahan não estava procurando a contribuição de Maomao e do charlatão, mas parecia estar colocando seus pensamentos em ordem falando em voz alta com eles. Às vezes, quando uma pessoa pedia “conselho”, ela não estava realmente procurando uma solução.

“A questão é que preciso manter a

produtividade, a população e a qualidade do solo em mente ao mesmo tempo. Nunca fui muito de calcular...”

“Se Lahan estivesse aqui, ele faria isso em um segundo”, disse Maomao. “Não mencione óculos desgrenhados para mim!”, o irmão de Lahan retrucou.

Seu aborrecimento era compreensível; ao contrário de seu irmão mais novo adaptável e politicamente astuto, ele teve que viver com a palha curta a vida toda.

“Ele é seu irmão mais novo, não é?”, perguntou Maomao.

“Ele é seu irmão mais velho, não é?”, retrucou o irmão de Lahan.

As coisas pareciam propensas a piorar a partir daí, então Maomao ficou quieto e fingiu que o episódio todo não tinha acontecido.

“Falando nele, não houve nenhuma carta dele”, disse o irmão de Lahan.

“Sério? De Lahan, você quer dizer? Recebi uma outro dia.”

“Eu não. Só recebi cartas do meu pai. Lahan adora escrever cartas — eu esperava receber mais dele.”

Se Lahan se deu ao trabalho de escrever para Maomao, parecia estranho que ele não escrevesse

para o irmão de Lahan. Aliás, o charlatão parecia estar gradualmente percebendo que o irmão de Lahan não era "Lahans", mas o irmão mais velho de Lahan. Ele ainda não perguntou seu nome.

Maomao fez uma pausa pensativa. "O que é?", perguntou o irmão de Lahan.

"Nada", ela disse. Ela estava simplesmente pensando na carta que recebeu alguns dias antes. Ela a havia descartado sem pensar muito, mas agora...

Ela se levantou. "Eu já volto." "Hrm? Ah, claro."

Maomao subiu para seu quarto, onde encontrou um pequeno vaso de flores. Ela havia tirado do lugar qualquer coisa muito feminina, mas o charlatão ocasionalmente deixava pequenas decorações como esta.

"Aqui", disse Maomao, retornando com a caixa em que guardava suas cartas.

"O que é isso?"

"A carta que recebi de Lahan."

“Huh. Este papel não parece estranhamente... legal para você?”

“Inicialmente, presumi que era para ajudá-lo a sobreviver a uma longa jornada.” Maomao olhou para a carta de Lahan. O papel de carta comum era reforçado com um suporte de papel oleado. As cartas de Yao e En’en, que chegaram ao mesmo

tempo, foram construídas da mesma maneira.

“Ei, o que significa esta frase?” O irmão de Lahan perguntou, dando a linha Yao e En’en já estão na minha casa! O que você acha que eu deveria fazer?

um exame muito minucioso.

“Ah, você sabe”, disse Maomao, dando a ele um breve resumo da situação de Yao e En’en.

Imagine como estava o rosto do irmão de Lahan então! Os cantos de seus olhos, arregalados e surpresos, estavam erguidos em fúria, suas narinas dilataram e ele mostrou os dentes como uma fera. Seu cabelo ficou em pé tão violentamente que parecia se esticar até o céu.

"Yeek!", gritou o charlatão, encolhendo-se.

Maomao ficou quase tão surpresa quanto ele. Ela nem sabia que o irmão de Lahan era capaz de parecer tão bravo. Se alguém tivesse esculpido sua imagem em madeira naquele momento, poderia ter passado por uma divindade irada.

"Aquele bastardo... Ele me persegue até um campo insignificante em algum lugar, enquanto vive em uma mansão com uma jovem elegível... Duas jovens elegíveis!"

Com En'en por perto, Maomao tinha certeza de que não haveria encontros, encontros ou encontros românticos de qualquer tipo, mas ela não achava

que tentar explicar isso ao irmão de Lahan ajudaria no momento.

"Ele sempre foi assim! Sempre entrando para roubar meu trovão..."

O médico charlatão ainda estava encolhido, então Maomao agarrou o pato quando ele passou. O irmão de Lahan enterrou o rosto em suas penas.

Terapia de pato...

Depois de alguns minutos, o rosto do irmão de Lahan voltou ao normal. O pato, evidentemente não querendo trabalhar de graça, começou a importunar o charlatão por um pouco de comida.

Com o irmão de Lahan finalmente calmo, Maomao pensou que talvez pudessem voltar aos trilhos. "Você não acha que há algo estranho nessa escrita?", ela disse.

"Ah? Hein. Como assim?"

Ele até parecia diferente agora. Apesar de todo o sangue La em suas veias, ele era uma pessoa surpreendentemente normal, e relativamente bonito, mas naquele momento ele parecia extremamente mal-humorado. Se a terapia de pato não fosse o suficiente, um gato parecia a próxima melhor coisa, mas infelizmente a pequena bola de pelo de malha estava muito, muito longe.

"'De novo' eu teria entendido, mas 'ainda'? Isso não faz sentido.

Aqueles dois já foram para casa uma vez."

"O que você quer dizer com eles foram para casa uma vez? Esta é a segunda vez que eles estão lá?"

“Irmão de Lahan, por favor, mantenha distância quando estiver fazendo essa cara.”

“Eu disse para você não dizer o nome de Lahan na minha frente!” “Sim, ok.”

O irmão de Lahan parecia estar bravamente enfurecido pelas relações de seu irmão mais novo com o sexo frágil.

Suponha, apenas suponha, que Yao e En’en tivessem buscado abrigo na casa de Lahan novamente por causa de coisas com o tio de Yao. Maomao podia imaginar isso. Mas ela também tinha certeza de que Lahan, de todas as pessoas, nunca escreveria ainda quando quisesse novamente.

Há algo acontecendo aqui.

Ela estudou a carta de Lahan. Estava firmemente presa ao papel oleado; não parecia haver nenhuma maneira de separá-los.

Não, espere. Parece que alguém tentou descascá-los.

Cada um dos quatro cantos do papel oleado parecia ter sido descascado, embora os traços fossem tênues.

Alguém os separou e depois os colou de volta.

Ela examinou as outras duas cartas. Se algo havia sido feito com a missiva de Lahan, parecia mais do que provável que as outras duas tivessem sido tratadas da mesma forma.

Quando ela olhou atentamente para o texto, ela pôde ver que os caracteres estavam um pouco borrados. Provavelmente um produto de colar o papel oleado depois que a carta foi escrita, com a cola vazando para a frente.

O que aconteceu com as cartas? Se alguém tivesse dado a Yao e En'en alguma ideia, alguma coisinha para fazer com suas mensagens, elas poderiam estar todas conectadas de alguma forma.

Talvez eu deva colocá-las sobre uma chama aberta?

Não; elas estavam em papel oleado. Queimaria se expostas a uma chama. Talvez a razão pela qual as cartas fossem apoiadas com papel oleado fosse para enganar qualquer possível adulterador: isso os forçaria a realmente olhar para as cartas, e então eles descobririam ver que não havia nenhuma informação sensível nelas. Mas isso era um blefe.

Maomao continuou a olhar para as cartas. O irmão de Lahan se juntou a ela. O charlatão, não querendo se sentir excluído, assumiu uma expressão pensativa.

"Você tem certeza de que isso veio de Lahan?" O irmão de Lahan perguntou longamente. "O que faz você dizer isso? Essa é a letra dele. Eu sei que

isso te dói,

mas tente aceitar a realidade."

"Não é isso que eu quero dizer! Você sabe o quão obcecado ele é por números,

certo?"

"Sim."

Nossa, ela sabia.

"Mas essa carta não parece feia para você?" O irmão de Lahan abriu a carta de seu irmão mais novo.

"Eu não diria que parece incomum."

"Não, é. Quando ele escreve uma carta, é sempre em um papel com cinco linhas de frente por oito de trás."

"Nunca soube disso."

Talvez fosse o que Lahan chamaria de uma bela proporção.

Infelizmente, Maomao não tinha tanto interesse nas cartas de Lahan. "Talvez ele simplesmente não tivesse papel suficiente."

"Não, não. Você não entende o quão obcecado por números ele é! Uma vez eu dei um corte de cabelo rápido — eu só precisava que ele fosse mais curto, sabe? — e no meio da noite, ele entrou e cortou tudo enquanto eu dormia. E se estivesse irregular na largura de uma unha, ele continuou cortando, até que quase não sobrou nada! Você

consegue imaginar como eu me senti?! Ele tinha cinco anos!"

"Ok, então você não tem o melhor irmão mais novo do mundo." Ou família, para falar a verdade.

"É com ele que estamos lidando. Se ele desistiu de seu estilo de escrita perfeitamente ordenado, há uma razão." O olhar do irmão de Lahan quase fez um furo na carta.

Maomao, enquanto isso, virou-se para as outras duas cartas. A de Yao era mais longa que a de Lahan, mas substancialmente mais curta que a de En'en. Maomao tinha lido mais do que o suficiente da carta de En'en, na verdade, que não era apenas extensa, mas escrita em caracteres do tamanho de grãos de arroz. Os caracteres de Lahan e Yao eram do tamanho perfeito — muito fáceis de ler.

Por capricho, Maomao colocou a carta de Lahan sobre a de Yao. Elas tinham o mesmo número de linhas. Mas a carta de Yao tinha exatamente três vezes mais colunas. Com seus caracteres sendo quase do mesmo tamanho, eles poderiam ser facilmente sobrepostos. Se a carta de Yao fosse mais longa, bem, ela poderia ficar emocionada às vezes.

"Olhe para isso", disse Maomao. "Olhe para o quê?"

A Casa Verdigris recebeu mais do que sua cota de alunos que estavam fazendo, ou que tinham passado, no exame de serviço público. Eles sempre

disseram que, de longe, a parte mais difícil do exame era ficar confinado no que equivalia a

uma caverna por dias a fio, escrevendo, escrevendo, escrevendo. Eles tinham que escrever em caracteres perfeitamente ordenados e equilibrados, assim como os cadernos.

"As colunas e linhas", disse Maomao. Não era apenas o tamanho dos caracteres: o número de caracteres na página também era idêntico.

Ela combinou as bordas das duas letras, então notou a palavra em Yao que correspondia ao yet em Lahan. Então ela deslizou a letra mais adiante, observando a próxima palavra que se sobrepunha a yet.

A letra de Yao era precisamente três vezes maior que a de Lahan. Ela moveu a letra de Lahan mais uma vez e observou a sobreposição final.

Encontre... o... carvão.” “Carvão?”

“Sim. É uma pedra que queima. Pode ser usada medicinalmente, mas ouvi dizer que também pode fazer muito mal.”

O pai de Maomao, Luomen, sabia muito bem que qualquer droga também poderia ser um veneno, e ele se esforçou para usar medicamentos com o mínimo de efeitos nocivos possível. Portanto, Maomao não sabia muito sobre carvão.

“Então por que estamos procurando por esse, uh, carvão?”

“Eu também não tenho certeza. Mas acho que deveríamos reportar.”

Maomao colocou as cartas de volta na caixa, esperando que tudo fosse apenas uma estranha coincidência

Capítulo 11: A mina de carvão

“Senhorita Maomao, Senhorita Maomao!” “O que foi, Senhorita Chue?”

Esse tipo de troca quase se tornou uma rotina para elas. Era incomum, no entanto, que Chue aparecesse depois de um dia de trabalho, pouco antes de Maomao ir dormir.

“O que a traz aqui tão tarde?” Maomao perguntou.

“Bem! Tenho uma coisinha para lhe contar sobre o código de carvão do Senhor Lahan!”

Maomao havia contado a Jinshi sobre a carta de Lahan — e se Chue estava vindo até ela àquela hora, isso sugeria que algo havia acontecido.

“O fato é que não chegaram muitas cartas do Senhor Lahan para o Príncipe da Lua.”

“Eu meio que pensei que não.”

“Estimamos que apenas metade das cartas dele chegaram aqui. Mas mesmo em uma jornada longa e difícil como esta, não parece estranho que tantas cartas endereçadas pessoalmente ao Príncipe da Lua desapareçam acidentalmente?”

“Ahh...”

Em outras palavras, alguém estava deliberadamente descartando as comunicações de

Lahan. Se ele estivesse tentando dizer algo a eles, isso explicaria por que ele havia enviado essas cartas enigmáticas para Maomao. Um plano B caso ele não alcançasse Jinshi, a mensagem transmitida de uma forma que apenas Maomao e seus companheiros provavelmente notariam.

"Ainda foi muita sorte termos visto", ela disse.

"Com certeza foi! Sem você e o irmão de Lahan juntando suas cabeças, vocês nunca teriam descoberto. E imagine se você tivesse comido a carta de Lahan antes de perceber!"

"Eu não vou comer nenhuma carta", disse Maomao. Às vezes ela não entendia as piadas de Chue.

"Talvez não, mas as cabras da Srta. Chue às vezes entendem." "Você ainda está tentando criar essas cabras, hein?"

"Sim! Graças a elas, posso beber leite gostoso, fresco e com cheiro estranho sempre que eu quiser."

"Você não faz isso parecer muito apetitoso. Toda vez que vejo carne de cabra no jantar, penso que talvez seus amigos finalmente tenham conhecido o açougueiro."

“A mãe cabra teve um filhote e agora dá leite. O filhote é um menino, então ele pode ser o marido da terceira cabra. Quanto ao pai cabra, ele fez uma viagem muito longa para um lugar

distante. Eles vêm, eles vão — mas sempre são três. O pai cabra viverá para sempre no coração da Srta. Chue... e no estômago."

O que pareceu dar certo: uma das cabras foi comida.

Talvez fosse o animal em que Tianyu estava praticando sua dissecação. "Agora! Talvez voltemos ao assunto."

"Sim, por favor", disse Maomao. Se ela aceitasse todas as digressões de Chue, logo seria de manhã.

"Sobre aquele carvão — parece que a província de I-sei extraiu um pouco, embora só um pouquinho."

"Ah?"

"De fato! Mas isso foi há quase vinte anos. Não há registros de nenhuma operação de mineração recente."

Ainda assim, que pensamento intrigante.

"Deixe-me adivinhar — não há registros de vinte anos atrás?", perguntou Maomao. A supressão dos Yi ocorreu dezessete anos atrás, durante os quais grande parte da trilha de papel da era foi queimada.

"Você está absolutamente certo! Nossa suspeita é que havia alguém entre os suprimidos que estava encarregado da mineração de carvão."

"Bem, isso não nos ajuda muito, então. Mas deve ter havido algumas pessoas que fizeram a

mineração real, certo?"

"Sim, mas você sabe, o que acontece com as pessoas depois de um grande conflito como esse, quem pode dizer? A mina nunca rendeu tanto, de qualquer forma, então foi abandonada..."

"Mas nesse caso..."

"...Ou de qualquer forma, criaria algumas oportunidades muito atraentes se as pessoas acreditassem que isso era verdade", disse Chue. Agora, essa foi uma reviravolta marcante na conversa.

Chue continuou: "Senhorita Maomao, você sabia que o Mestre Gyoku-ou convidou o Mestre Jinshi e o velho estrategista para uma conversinha?"

"Não. E eu não quero saber", ela disse firmemente.

"Eu entendi que o Mestre Gyoku-ou sugeriu começar uma guerra contra outro país."

"Você não se importa muito com o que eu penso, não é, Srta. Chue?"

"A Srta. Chue acredita que informações devem ser compartilhadas com as pessoas certas!"

Essa informação, no entanto, definitivamente não era algo que Maomao queria ouvir. Estava claro por que Chue tinha ido ao quarto de Maomao à noite, no entanto — se o médico charlatão soubesse disso, ele teria ficado muito

perturbado.

“Agora, qual país você acha que o Mestre Gyoku-ou sugeriu lutar?”

“Eu não consigo ouvir você”, Maomao disse, pressionando as mãos nos ouvidos. Chue sorriu e fez cócegas nela.

“Ei! Não é justo!” Maomao caiu desamparadamente na cama e Chue pulou sobre ela, prendendo-a. Tanto para tapar os ouvidos. Chue sussurrou para ela: “Ele não está atrás de Hokuaren. É Shaoh que ele está atrás.”

Eu não queria ouvir isso!

Não, ela teria preferido não saber — mas agora que sabia, ela tinha uma pergunta.

“Por que Shaoh? Eu teria pensado que atacá-los nos faria mais mal do que bem. Deixando de lado o fato de que atacar outros países é completamente estúpido para começar.”

“Boa pergunta. Um benefício é que se capturarmos a cidade mais próxima, isso vem com portos. Teríamos uso livre das rotas marítimas, e isso vale muito. Importar colheitas seria muito mais fácil.”

Verdade, talvez; mas para Maomao, não parecia o suficiente. “Além disso, considerando o que Shaoh fez conosco no ano passado sobre a donzela do santuário,

temos uma desculpa pronta. Ainda mais se a Moon Prince, a quem eles mais injustiçaram do

que qualquer um, nos liderasse.”

Pode parecer uma boa desculpa externamente, mas não houve muita negociação nos bastidores? Se a antiga sacerdotisa estivesse disposta a fornecer informações, elas poderiam de fato obter alguma inteligência extremamente útil sobre como atacar Shaoh — mas Gyoku-ou sabia que a sacerdotisa ainda estava viva? Certamente não.

“Mais uma coisa. Todo mundo está nervoso agora, e isso torna as pessoas propensas à violência. Se pudermos direcionar essa raiva para longe de nossos líderes e para outro país, isso não seria útil? Pense em todas as pessoas que perderam seus empregos por causa do enxame. Quantas delas se tornaram bandidas? Imagine o que o velhote poderia fazer com 'peças' como essas para usar na batalha.”

Não era um motivo incomum para começar uma guerra. Mas Maomao não era

tolo de ninguém. “Eu pensei que Shaoh deveria ser um país neutro. Se invadirmos, Srta. Chue, outras nações não ficarão bravas conosco?”

“Eu acho que sim. Hokuaren, em particular, levaria isso a sério. Você poderia argumentar que se pudermos tomar o porto de uma só vez, poderemos administrar as coisas de alguma forma, mas ainda teríamos dificuldades. E custaria muito dinheiro!” Ela se levantou de um salto. “Mas e se,

digamos, houvesse uma montanha com uma mina de carvão na extremidade oeste da província?"

"A extremidade oeste..."

Na fronteira com Shaoh, em outras palavras.

"O carvão não é muito usado em Li, mas é um importante recurso de combustível em lugares sem muita madeira", disse Chue.

"Foi o que ouvi." Ela não sabia em primeira mão; ela nunca tinha usado o material, mas um combustível que pudesse ser usado sem a necessidade de fazer carvão certamente teria suas utilidades. "Dizem que fede quando você queima, então as pessoas não gostam tanto dele quanto do carvão."

Luomen usou carvão durante seus estudos no exterior. Queimá-lo produzia produtos secundários que eram venenosos, mas também podiam ser medicinais. No entanto, se fosse muito trabalhoso minerar o carvão, não havia sentido. Sim, a antiga imperatriz reinante havia proibido a extração de madeira, mas mesmo assim, o carvão continuava sendo um combustível melhor e mais barato do que o carvão.

"Uau, sério? Qual é o cheiro?", perguntou Chue.

"Quer dizer, eu mesmo não senti o cheiro, mas me disseram que é acre. Dizem que se você sentir o cheiro uma vez, sempre o reconhecerá. Acho que a única maneira de saber com certeza seria

queimar um pouco nós mesmos." Maomao permaneceu sentado na cama e observou Chue.

"Hoh! Bem, suponha que houvesse uma grande quantidade de carvão que pudesse ser extraída do lado de Shaoh. E se pudéssemos importar isso com nossa rota marítima recém-obtida? E se Shaoh nem soubesse que havia carvão lá, ou quanto valia? Embora... Para ser justo, duvido que eles realmente não saibam quanto vale."

Isso mudaria a equação: se haveria lucro ou não. Se ir ou não à guerra.

"Se houvesse outra maneira de usar carvão também, isso mudaria as coisas ainda mais — mas vamos deixar isso de lado." Chue fez mímica colocando um objeto de lado.

"Agora entendo por que Lahan me disse para procurar..." Maomao estava subitamente muito cansado.

Lahan descobriu, de alguma forma, que havia carvão na província de I-sei.

Ele encontrou e examinou registros e materiais sobre a província, o que quer que tenha sobrado na região central — e descobriu que oficialmente não houve mineração.

Isso é completamente diferente do superrelatório das colheitas.

Se os visitantes da região central soubessem disso, realmente seria um problema.

Então eles estavam minerando o carvão sem informar o governo?

Isso certamente explicaria como havia recursos suficientes para fornecer aos fazendeiros em tempos de colheita ruim. Além disso, seria difícil acreditar que tal coisa tivesse sido feita exclusivamente por iniciativa pessoal de Gyoku-ou.

Maomao começou a suar muito, mas Chue parecia tão tranquila quanto possível.

"Senhorita Chue", disse Maomao. "O que foi, senhorita Maomao?"

"Diga-me... Tudo isso está estritamente dentro do reino da especulação, não é?"

Nunca aja com base em suposições era o lema de Maomao. Agora, de todos os tempos, parecia o momento de seguir o conselho de seu velho.

"Sim, é. Mas há algumas evidências muito convincentes", disse Chue, acabando com as esperanças de Maomao. "A mineração é uma atividade muito perigosa, então acreditamos que inicialmente eles usaram muitos escravos. Os Windreaders sobreviventes não foram escravizados?"

Maomao não disse nada. Conhecendo a rede de informações de Chue, ela já deve ter falado com alguns dos antigos mineradores. Aliás, ela pode muito bem estar ciente de que a mãe de Gyoku-ou era uma antiga integrante da tribo Windreader.

“Se seus parentes estivessem em sérios apuros, ajudá-los não seria uma excelente justificativa para... bem, quase tudo? Você seria um benfeitor. Do lado da razão! Poderia até explicar a destruição do clã Yi dezessete anos atrás.”

Maomao mal ouviu o que Chue estava dizendo. Sua cabeça estava cheia de um único pensamento. Senhorita Chue.” “Uh-huh?”

“O Mestre Jinshi acredita que há um benefício a ser obtido aqui? Ele vai para a guerra?”

Chue apenas sorriu e respondeu a sua sagacidade h uma pergunta própria. “Você

acha que ele conseguiria?”

Não sozinho. Não seria possível.

Chue sorriu novamente e, quase como se pudesse ler a mente de Maomao, disse: “São os tempos de paz — e somente paz — que fazem do Príncipe da Lua o grande homem que ele é.”

Isso foi um elogio? Maomao não tinha certeza — mas a fez se sentir um pouco melhor.

Capítulo 12: Mãe versus filhos

Na hora em que Jinshi estava terminando o café da manhã, um homem parecido com um javali — er, ahem, isto é, Basen — apareceu. Jinshi mal se incomodou com o pato que se empoleirava alternadamente na cabeça e nos ombros de Basen. Infelizmente, ele já estava acostumado com isso.

"O que está acontecendo? Eu podia ouvir você vindo pelo corredor." Taomei não estava satisfeita com seu filho. Havia pelo menos uma outra coisa pela qual ela poderia ter repreendido ele, mas infelizmente, ela também tinha se acostumado.

"Mãe! Não consigo ficar em silêncio com as coisas do jeito que estão!" Basen exclamou. O pato deu um grasnido simpático e bateu as asas.

"Quem você está chamando de mãe? Estamos no trabalho, aqui!" Ela deu um tapa em Basen, assustando o pato, que voou para longe e saiu da sala. Pode ter parecido um pouco duro, mas era assim que as coisas eram feitas na família de Gaoshun. Jinshi também estava acostumada com isso. Embora ele ainda achasse isso exaustivo.

“““Meu Deus!” Suiren colocou as mãos nas bochechas e riu, enquanto Chue estava estranhamente silenciosa, tentando não chamar atenção para si mesma. Como de costume, Baryou estava escondido atrás de sua cortina. Jinshi podia ouvir papéis sendo arrastados lá atrás, então ele sabia que o homem estava se preparando para trabalhar.

Gaoshun, por acaso, estava fora naquele momento. Se ele estivesse lá, ele teria parecido mais magoado do que qualquer um pelo comportamento de sua esposa e filho.

“Você é o guarda-costas real, Basen — você poderia agir como tal!” Taomei disse. “Um mestre fica envergonhado quando seus servos fazem papel de bobos.”

“Mas Lady Taomei!” Basen disse, sabendo que não deveria cometer o mesmo erro duas vezes. (Chue reprimiu um sorriso pelo modo de tratamento que escolheu.) “Diga-me — você pode ficar parado e assistir isso acontecer?! Os oficiais da capital real sabem segurar suas línguas, mas os administradores desta cidade zombam do Príncipe da Lua e dizem as coisas mais horríveis! "Ele é um líder de nome, mas não de ação!", dizem. "Ele poderia aprender uma coisa ou duas com Gyoku-ou!"

A mão de Taomei se levantou novamente, as costas dessa vez. Chue gritou e colocou as mãos

nas bochechas, apertando-as. Até Baryou estava evidentemente interessado o suficiente para espiar pela fresta da cortina, embora ele fosse apenas um observador.

"Você vai se referir ao governador com respeito! Não importa o quão baixo pedaço de humanidade ele seja, ele ainda está acima de você. Se você der o menor motivo para ficar chateado com você, você só vai manchar o nome do Príncipe da Lua!"

Um pedaço baixo de humanidade — Jinshi percebeu que Taomei mal conseguia conter seu desgosto.

Para o bem ou para o mal, Jinshi estava mais do que acostumado a suportar tal zombaria durante seu tempo como um "eunuco", então as supostas provocações mal o comoveram.

Seria contraproducente para mãe e filho começarem a brigar, então Jinshi interveio. Ele poderia ter instruído Suiren a interceder também, mas ela estava olhando diretamente para ele — então parecia que ele tinha que fazer isso.

"Vocês dois, por favor, se contenham?" ele disse. "Mas senhor!" eles disseram em uníssono, pela primeira vez em harmonia.

"Seu ponto é que eu não sou visto favoravelmente na capital ocidental. Bem, eu sabia disso. Qual é exatamente o benefício em ficar chateado com isso?"

"Príncipe da Lua", disse Basen. "Você fez tanto por esta cidade, e Gy... Sir Gyoku-ou está levando o crédito. Você não deveria tornar seu trabalho

mais visível?"

"Você acha que isso me daria algum ganho?" Todos na sala ficaram em silêncio.

Primeiro, Jinshi olhou para Suiren.

"Teríamos que encontrar mais guarda-costas para você", ela disse. Então ele se virou para Taomei.

"Devo obter a permissão de Sir Gyoku-ou? "Por uma questão de formalidade", ela disse. Mesmo para ela, evidentemente, o respeito por Gyoku-ou parava em "Senhor" e não chegava ao nível de "Mestre".

"Poderíamos enviar um médico com você em nome de visitar os doentes e feridos." Uma sugestão incomumente sóbria de Basen.

"Eu quase esqueci completamente de me preocupar com isso recentemente, mas quantas pessoas realmente temos que podem suportar seu semblante, Príncipe da Lua?" Chue perguntou. "Acho que a vida reclusa pode realmente ser mais fácil para você!" Todos os outros gemeram audivelmente.

"Eu odiaria ter que limpar sua bagunça quando noivas e amantes mudam de ideia depois de vê-lo, Príncipe da Lua. Isso faz as coisas mais terríveis

para o meu estômago", veio o murmúrio de Baryou por trás de sua cortina.

Mais uma vez, todos ficaram em silêncio. Silenciosos o suficiente, na verdade, para que uma comoção pudesse ser ouvida do lado de fora. Mais um dia, mais uma briga acontecendo em algum lugar.

Por fim, Chue se aventurou: "Que tal isso?" Ela tirou um cinto do baú de roupas de Jinshi e colocou na frente de Basen.

"Ah, então é isso que você tem em mente", disse Suiren, que parecia supor tudo o que Chue estava dizendo a partir dessa única peça de roupa.

"O quê? O que ela tem em mente?" perguntou Basen, que certamente não tinha.

Chue sorriu. "O Príncipe da Lua não precisa sair sozinho.

Contanto que pareça que ele está fazendo algo, está tudo bem." Jinshi começou a entender o que Chue queria dizer. "Basen", ele disse.

"Sim, senhor? O que é?"

"Eu lhe concedo esse cinto. Coloque-o e vá trabalhar no meu lugar." "Senhor?" Basen disse, olhando para o cinto com espanto.

Capítulo 13: Uma Visita aos Doentes

Dia 49:

Mais remédios chegaram, mas não é o suficiente. Também estamos sem os dentes-de-leão que estavam substituindo as folhas de chá.

Dia 50:

Tarefa de desinfetar curativos. Essas coisas são trapos esfarrapados agora; não podemos usá-los. Teremos que coletar qualquer pano que as pessoas não precisem.

Dia 51:

Chue me disse para manter o amanhã aberto.

Dia 52:

Um prédio abandonado perto da praça principal da cidade foi transformado em uma clínica simples. Eles ainda não começaram a atender pacientes e já há uma fila.

A clínica era um lugar animado: eles disseram que atenderiam os doentes e feridos por conta do enxame de graça, além de não ficar longe das doações de comida.

"Você está aqui para ajudar, Niangniang?", perguntou o Dr. Li. Ele era um dos médicos de nível médio e um homem dedicado, embora às

vezes teimoso. Ele também pegou o nome errado para Maomao.

Ele, Dr. You e Tianyu viram pessoas na clínica que tinham se machucado.

Isso foi obra de Jinshi.

"É Maomao", disse Maomao. "Maomao?"

"Sim, senhor. Maomao", ela repetiu, querendo ter certeza de que ele tinha acertado.

Ela teria que corrigir o Dr. Liu na próxima vez que o visse também. Felizmente, ela, ao contrário do irmão de Lahan, não foi interrompida pela intervenção de algum poder superior.

Eu sabia que qualquer coisa poderia acontecer quando chegássemos à capital ocidental, mas olhe para isso.

O médico dedicado estava bronzeado pelo sol, e dias de

trabalho contínuo deixaram suas bochechas finas. Ele parecia mais magro do que magro, e havia uma certa qualidade selvagem agora adicionada ao ar de superdotado que ele sempre possuiu.

"Para responder à sua pergunta, senhor, sim, o Príncipe da Lua me ordenou que viesse aqui.

O Mestre Guen não pode sair do lado do Príncipe da Lua, então eu vim no lugar dele."

Viu? Maomao também podia aprender um nome. Ela se lembrava do médico charlatão.

Mesmo que ele esteja aqui como dublê do meu

velho.

Este era um dos poucos lugares onde ela podia usar o nome verdadeiro do charlatão — na clínica era só ela, seu guarda-costas Lihaku, Chue, Basen e o Dr. Li. Ela estava apenas dando um rápido oi; ela se sentiu mal por afastar os pacientes.

Maomao também queria ser breve porque Basen já tinha terminado suas apresentações e estava olhando ao redor da clínica como se não tivesse certeza do que fazer consigo mesmo. Havia dois outros guardas postados do lado de fora da sala para mantê-lo seguro — e era justo dizer que até Basen poderia precisar de guarda-costas nessa situação.

Isso deixaria uma pessoa nervosa.

Basen não estava vestido com seu uniforme de soldado habitual, mas com roupas elegantes, e usava um cinto que Jinshi lhe dera. Era de um roxo brilhante, usando uma tinta derivada de conchas — algo que um plebeu jamais teria. A maneira perfeita de dizer a todos o quão importante ele era.

Em suma: Basen apareceu em nome de Jinshi para fazer uma visita aos doentes e feridos.

Isso é legal e tudo, mas não tenho certeza sobre isso, pensou Maomao.

Todos eram adequados para certas tarefas e não para outras. No entanto, ela sabia que Jinshi não podia exatamente se mostrar em público agora.

Dra. Li olhou para Maomao. "Tianyu nos disse que você assumiu a responsabilidade de reabastecer nosso suprimento de remédios."

"Ah, ele fez?" Maomao perguntou, preparando-se mentalmente para ser repreendida por não conseguir dar a eles nenhum remédio de verdade.

"Os medicamentos que você enviou estavam bons, eu suponho. Você obviamente está trabalhando duro para encontrar ingredientes substitutos."

Isso foi um elogio, ela pensou, até onde foi. "Há algo em que eu possa ajudá-lo, senhor?" ela perguntou.

"Se você quiser fazer algum trabalho, não temos fim. Lavar

ataduras, fervê-las, tratar o desfile de pacientes feridos em inúmeras discussões, brigas, brigas e brigas. Depois, há os casos de escorbuto e beribéri que começamos a ver por desnutrição."

"Entendido, senhor. Devo considerar o tratamento de ferimentos como a primeira prioridade?" Maomao largou seus pertences e lavou as mãos. Ferimentos, eles poderiam tratar. Sobre desnutrição, eles poderiam fazer pouco ou nada.

"Vou começar a lavar essas ataduras!" Chue interrompeu. "O que devo fazer?" Lihaku

perguntou.

"Como guarda-costas, gostaria que você apenas se sentasse e ficasse quieto. Uma influência calmante é o que precisamos mais do que tudo", disse o Dr. Li.

"Sim, senhor! Não preciso ocupar um dos seus assentos, no entanto", disse Lihaku, parado perto da porta.

"E-E eu?" perguntou Basen, claramente incomodado com seu status desconhecido. Ele olhou para o Dr. Li, claramente esperando que alguém lhe desse ordens.

"Er, você, Mestre Basen?" O Dr. Li, sempre do tipo que faz grandes realizações, não parecia ter certeza do que dizer. Ele parecia preocupado que seria rude dizer especificamente para Basen fazer algo.

Basen também vem de um dos clãs nomeados. Sem mencionar que ele estava lá como o segundo em comando de Jinshi. Ele superava amplamente o Dr. Li.

"Talvez você pudesse se sentar aqui e distribuir remédios, Mestre Basen. Eu preparo as receitas, você apenas as coloca em sacos e as entrega aos pacientes."

"Tudo bem."

Eles não podiam colocá-lo em tarefas aleatórias ou trabalho físico, então esse foi um bom acordo.

"E tente dizer algo reconfortante para eles!"

Chue gorjeou. “Como c-como o quê?”

“Ah, você sabe. ‘Quero que o povo de Li seja saudável e saudável!’ Algo assim. Um simples ‘Sinta-se melhor’ não soaria bem vindo de você, Mestre Basen.” Até ela achou apropriado se referir ao cunhado como “Mestre” naquele momento.

“Esse é um bom ponto. Enfatizar ‘o povo de Li’ seria uma excelente ideia”, disse o Dr. Li.

A maneira como ele disse isso chamou a atenção de Maomao. “Onde está o Dr. You?”, ela perguntou a ele.

“O Dr. You está visitando pacientes que não podem vir à clínica. Ele é

desses lugares, então ele conhece a situação.”

“Entendo.”

Havia algo menos que amigável no tom do Dr. Li quando ele falou do outro médico. Maomao não conseguiu se conter. Ela perguntou: “Aconteceu alguma coisa com o Dr. You? Parece que há algo em sua mente.”

Normalmente, seria uma pergunta rude, mas no momento o Dr. Li parecia estar procurando alguém para reclamar. “O Dr. You não é parente do Mestre Gyoku-ou, embora eles compartilhem o mesmo nome — mas o paciente médio tende a pensar que ele é. Ele é um médico excelente, mas nunca teve uma mente para política. Esse é o problema.”

Ahh. Maomao bateu palmas. Em outras palavras, as pessoas pensariam que o médico era parente do governador e, embora ele não quisesse, o Dr. You implicitamente afirmaria isso ao não negar. E quanto mais pacientes ele visse, mais crédito iria para seu "parente" Gyoku-ou e não para Jinshi.

Eu me pergunto se eles fizeram uma escolha ruim, trazendo-o junto.

Não — ele era a pessoa certa para o trabalho quando eles começaram. Foi apenas o momento ruim.

Pensar nas pessoas que eles trouxeram a lembrou de outra pessoa na equipe médica.

"Onde está Tianyu?", ela perguntou.

"Atendendo o Dr. You hoje. Por conta de suas excelentes habilidades cirúrgicas e de costura."

Maomao estava bem ciente das realizações de Tianyu nessa área. A maneira como ele lidou com a cirurgia na neta de Gyoku-ou foi exemplar. Maomao havia removido os pontos da menina e não a via desde então.

Ainda assim, Tianyu era o homem mais jovem da equipe, e eles pareciam determinados a tirar o máximo proveito dele.

"Tudo bem", disse o Dr. Li. "Há pacientes esperando por nós. Posso ir em frente e abrir a clínica?"

Maomao e os outros assentiram.

Assim como o Dr. Li os havia avisado, eles foram inundados de pacientes.

As pessoas estavam desesperadas para aproveitar a oportunidade de atendimento médico gratuito. Até soldados de plantão apareceram, então a equipe realmente não teve chance de descansar.

A maior parte dos exames foi deixada para o Dr. Li, enquanto Maomao e seus companheiros faziam o que ele mandava. Dependendo da condição da pessoa, Maomao trataria seus ferimentos ou dispensaria o medicamento apropriado.

Embora Basen ainda parecesse claramente desconfortável, ele conseguiu oferecer palavras de conforto e encorajamento e ensacar com sucesso o medicamento para os pacientes. Assim que ele pareceu estar pegando o jeito, Maomao entregou-lhe papel e tesoura e pediu que ele cortasse papel para os pacotes de medicamentos, se ele fosse gentil — e assim ele fez; com bastante sucesso também. Ele parecia pensar que era melhor do que ficar sentado de mãos vazias enquanto todos os outros estavam trabalhando duro. O único problema era que Maomao não queria que os pacientes o vissem fazendo trabalho sujo, então ela o colocou em algum lugar onde ele não fosse visto.

Ele pode trabalhar, quando precisa.

Na verdade, Basen estava indo tão bem quanto qualquer funcionário civil. O problema para ele era que, como braço direito de Jinshi, as pessoas simplesmente presumiam que ele deveria ser capaz de fazer três vezes mais trabalho do que qualquer outra pessoa, então ele parecia mal em todas as comparações. Pobre rapaz. Dado seu passado militar e sua designação como subordinado direto ao irmão mais novo do Imperador, parecia que ele deveria ser capaz de fazer esse tipo de coisa.

Não ajudou que Gaoshun provavelmente fizesse tudo isso sem esforço.

Chue tinha um jeito engraçado de trabalhar; ela parecia se arrastar, se mexer e se movimentar muito mais do que o necessário. O estranho era que, mesmo assim, ela trabalhava muito rápido. Ela desinfetou uma pilha inteira de bandagens pela manhã e, com a ajuda de Maomao, começou a preparar o almoço com o que estava disponível. Às vezes, ela parava para fazer um truque de mágica para encantar um jovem paciente.

Quem realmente tinha tempo livre era Lihaku. Como guarda-costas, todo o seu trabalho envolvia ficar parado na porta. Chue ocasionalmente colocava os outros dois guardas para trabalhar, mas Lihaku simplesmente ficava de pé o tempo todo.

"Cara, pareço um galo em um tronco", disse ele. Ele riu um pouco, mas a verdade era que ele

estava servindo a um propósito importante. O Dr. Li, apesar da aparência desgastada que adquiriu, era substancialmente mais magro do que a maioria dos ocidentais. E ele mencionou quantos tipos rudes e desordeiros passaram pela clínica para um exame rápido. Ter um homem de 189 centímetros parado na porta, mesmo que ele fosse efetivamente uma estátua, era um impedimento útil. E se algum visitante parecesse que ia começar alguma coisa, Lihaku silenciosamente

foi até perto deles, o que foi uma grande ajuda.

Não era tão horrível se eles fossem para Maomao ou Dr. . Li, mas se alguém tentasse ir atrás de Basen, isso seria um problema real. Ele estava lá como representante pessoal de Jinshi, então eles não poderiam deixá-lo perder o controle — e, além disso, se alguém iria se sair pior em um encontro como esse, seria o paciente. Eles quase certamente não derrotariam Basen em uma disputa de força; eles teriam sorte se saíssem com apenas um ou dois ossos quebrados. Pior, embora Maomao não soubesse exatamente quais eram as leis na capital ocidental, colocar as mãos em um membro da família imperial — ou mesmo em seu representante — parecia uma ofensa passível de decapitação.

De qualquer forma, as coisas continuaram até o Dr. You e Tianyu voltarem. "Estamos de volta!" Dr. You gritou como se estivesse entrando em sua

própria casa. Sua pele bronzeada

realmente o fazia parecer um local. Tianyu veio atrás dele, parecendo um pouco esfarrapado.

O primeiro a responder foi Chue. "Bem-vindo de volta, bom senhor! Você fará alguns exames? Ou comerá algo? Ou talvez fazer alguns exames?" Ela não parecia saber o significado da palavra cansado, e, em sua saudação amigável, havia uma mensagem nada sutil de que o Dr. You deveria continuar trabalhando.

"Eu adoraria comer alguma coisa, mas tenho certeza de que o Dr. Li também não comeu, não é?"

"O quê? Não vamos comer nada?" Tianyu gemeu. Ele estava cansado. Na mão direita ele carregava algumas ferramentas, enquanto na esquerda havia um pacote embrulhado em pano. Ele pode ser espertinho e ocasionalmente desagradável, e Maomao pode nem sempre saber o que ele está pensando, mas aparentemente ele não conseguia levar a melhor sobre o Dr. You. Francamente, Maomao adorava ver isso.

"Vamos fazer uma pausa para uma refeição, então! Você tem trinta minutos!" Chue disse, batendo palmas. Quem a fez a mestre de cerimônias?

"Ótimo! Qual é o acompanhamento?" Tianyu perguntou.

"Acompanhamento! Nós deveríamos ter muita sorte. A Srta. Chue pegou tudo o que havia e

colocou tudo nesta refeição: Arroz Frito Caseiro Especial da Srta. Chue! O segredo do sabor é o estoque de mexilhões secos que eles guardam para acompanhar a bebida!"

Com um shwp! ela sacou uma concha e um prato e fez uma pose. Sim, o arroz frito era basicamente feito com sobras, mas com os condimentos, temperos e ovo frito, parecia bem atraente. Chue sempre disse que preferia comer a cozinhar, mas ela claramente sabia

se virar na cozinha.

"Para beber, você tem a opção de suco de uva diluído ou leite de cabra. A água está parecendo um pouco turva, então eu não recomendaria."

Esse foi um bom conselho — havia gafanhotos flutuando no poço.

Chue estava coando-os enquanto lavava a roupa.

Talvez precisemos distribuir água potável também, pensou Maomao. Se as pessoas bebessem água contaminada, elas só ficariam doentes. Talvez isso explicasse para onde todo o remédio para diarreia tinha ido.

As pessoas precisam pelo menos filtrar a água e, de preferência, fervê-la.

Na verdade, lavar e ferver as ataduras era um luxo na capital ocidental, onde água e combustível eram mais preciosos do que na região central. A água, obviamente, mas quanto

ao combustível, carvão e lenha eram escassos; o que havia de sobra era esterco animal.

Carvão, hein...

Na região central, as pessoas pensavam no carvão como um substituto para lenha ou carvão, na melhor das hipóteses; as pessoas aqui na província de I-sei valorizariam o recurso de forma muito diferente.

Pode valer tanto para elas que elas realmente o retirariam de uma montanha para usá-lo.

Ouro e prata tinham que ser minerados; não havia substituto para eles. Mas ninguém — pelo menos ninguém na região central — pensaria em extrair algo da terra quando havia árvores por toda parte que eram exatamente tão boas. As pessoas da província de I-sei, no entanto, queriam uma fonte de combustível que não acabasse, algo que pudessem usar em uma escala maior do que excrementos de gado.

Certamente havia vantagens...

Mas o suficiente para entrar em guerra por isso? Deve haver algo melhor. Maomao soltou um gemido — assim que alguém deu um tapinha em seu ombro. “Senhorita Maomao, Senhorita Maomao! Você parece estar perdida em pensamentos

muito ultimamente! Sua mente está muuuuuito longe!”

“Senhorita Chue, Senhorita Chue. Eu estou realmente tão desligada?” “Sim! Ou, bem, de

qualquer forma, você parece suspirar muito.” Maomao colocou a mão sobre a boca.

“Tudo bem, vamos lá, Senhorita Maomao. Vamos comer alguma coisa. E acho que o Dr. You tem algo a dizer para Basen.”

“Huh. Tenho certeza de que será divertido.”

“Oh, sim! Vai ser muito interessante, sem dúvida.”

Maomao às vezes pensava que ela e Chue não queriam dizer a mesma coisa quando diziam coisas assim.

Quando Maomao chegou à mesa onde o arroz frito estava disposto, ela encontrou um Dr. You sorridente e um Basen com aparência bastante infeliz. Tianyu claramente queria se apressar e comer, mas ele não podia tocar na comida antes deles. Aparentemente, até ele entendia as regras básicas de etiqueta.

"Ha ha ha! Então você é o substituto dele, Sir Basen?" Dr. You perguntou a ele. "Posso perguntar o que exatamente há de tão engraçado nisso?" Basen respondeu. As coisas

entre eles pareciam tensas. Talvez eles devessem ter trazido o pato para manter o clima leve.

Maomao deu uma cotovelada em Chue. "Sim? Qual é o problema?"

"Eles se conhecem ou algo assim?” Maomao sussurrou.

“Não, acho que é a primeira vez que se encontram”, Chue sussurrou de volta. “Então, que tipo de pessoa é o Dr. You?”

“Oooh! A Srta. Chue também gostaria de saber!”

“Oh, não faça isso. Só me diga. Prometo que vou sugerir uma volta pela cidade.”

“Oh! Essa é uma ótima ideia!”

Chue costumava seguir Maomao sempre que saía. Ela parecia adorar brincar pela cidade, então foi rápida em aceitar o plano de Maomao — como Maomao havia adivinhado.

“O Dr. You é um verdadeiro otimista, muito dedicado ao seu trabalho. Mas ele usa o coração na manga. Ele faz amizade com qualquer pessoa rapidamente, mas acho que ele nunca entenderá verdadeiramente meu marido se ele viver até os cem anos. Porque ele é um homem da luz!”

Nem Maomao tinha realmente visto o marido de Chue, o irmão mais velho de Basen. Ela temia enlouquecer se chegasse muito perto de alguém que a irritasse daquele jeito.

"O que você quer dizer com ele usa o coração na manga?" ela perguntou. "Assim como o Dr. Li disse, ele não parece ter nenhum interesse em política.

Ele conhece o clima e a configuração da terra na capital ocidental, e é um excelente médico — e não tem interesse em política. Ele foi uma excelente escolha para esta viagem."

Era. Tempo passado. Porque houve um erro de cálculo.

"Quem poderia ter previsto uma praga repentina de gafanhotos, e que o Príncipe da Lua não se importaria com sua reputação, e que o filho mais velho do Mestre Gyokuen seria extremamente popular aqui?"

"Então, Dr. Você...?"

"Ele é uma ótima pessoa que certamente nunca trairia o Príncipe da Lua."

Maomao achou isso reconfortante, embora não tivesse certeza do porquê. Se ela se sentia melhor, no entanto, havia uma pessoa que não parecia convencida.

"O que você está procurando aqui?" perguntou Basen, que estava conseguindo agir com calma, embora suas narinas estivessem visivelmente dilatadas.

"O que eu estou procurando?" ecoou o Dr. You, parecendo genuinamente confuso. "Sim. Você veio aqui sob as ordens do Príncipe da Lua — mas e quanto à

reputação do Príncipe na capital ocidental? Não é só a comida para as esmolas. A generosidade do Príncipe da Lua é a razão pela qual você tem esta clínica, não é?"

"Sim, certamente. Ele é um homem de grande discernimento. Toda vez que olho em volta, lembro-me de que o fato de a capital ocidental

estar tão quieta, apesar daquela terrível praga, é graças ao Príncipe da Lua."

"Você quase soa como se esta não fosse a primeira praga de gafanhotos que você experimentou. Como se você soubesse o que está acontecendo, e é por isso que você está tão relaxado", disse Basen. Era exatamente o que Maomao queria perguntar, e ela o aplaudiu energicamente em sua mente.

"Não, como se fosse sobre isso. Eu já vi muitos enxames na minha vida."

"Você viu, Dr. You? Muitos deles? Mas eu pensei que não houvesse um enxame aqui em décadas", disse Maomao.

"Oh, houve. Só nada grande o suficiente para incomodar a capital real."

Isso certamente era plausível. Mas Basen insistiu no ponto. "Você não os denunciou? Isso não é negligência?"

"Negligência? Deixe-me perguntar uma coisa, Sir Basen. Quantas colheitas devem ser consumidas pelos insetos antes que seja considerado uma praga?"

"Bem... O suficiente para tornar a vida das pessoas mais difícil, eu acho."

"E quanto é isso? Contanto que cada pessoa tenha grãos suficientes para se alimentar, qual é o problema? Há outras coisas que podemos vender; contanto que compensemos o déficit, não há problema. Suponha, então, que plantássemos o

dobro do normal, mas então houvesse um enxame de insetos e, no final, só colhemos a mesma quantidade de um ano comum. E então?"

"Er... Bem..." Basen não sabia o que dizer.

Dr. You era um médico superior e tinha inteligência para provar isso. Ele falava como se tudo isso fosse hipotético, mas presumivelmente era algo que

realmente aconteceu no passado.

Aumentar o tamanho da área a ser plantada, mesmo que a colheita não tenha mudado, exigiria muito mais trabalho e despesas. Se, no entanto, a mesma quantidade de impostos fosse cobrada — agora, isso tornaria a vida mais difícil.

"Li é um país vasto e amplo", disse o Dr. You. "Mas a grandeza de seu tamanho significa que o olho real não vê todo o caminho até sua borda ocidental. Se a colheita é conhecida apenas como uma série de números, então de que adianta relatar um enxame de insetos? Isso seria descartado de imediato. Nesse caso, eu acho que seria evidente que a única escolha para a província de I-sei seria lidar com o assunto em si."

O Dr. You estava com o coração na manga — então ele não se conteve em dizer a Basen o que pensava.

Este é o Dr. You, e até ele se sente assim, pensou Maomao. A baixa opinião de Jinshi na

capital ocidental parecia ter muito a ver com a percepção de que a região central não fazia nada pela província de I-sei.

“O Príncipe da Lua, no entanto, agiu apropriadamente. Isso me lembrou do clã Yi.”

“O clã Yi?” Maomao perguntou antes que pudesse se conter.

“Sim. Você os conhece?” perguntou o Dr. You, imperturbável com a invasão de Maomao na conversa. Basen teria que absorver isso antes de poder voltar à conversa, então Maomao decidiu assumir.

"Diga, talvez devêssemos ter essa discussão enquanto comemos alguma coisa?" Dr. You disse finalmente. "Vamos, vamos comer."

"Comida!" disse Tianyu, extasiado por finalmente conseguir uma refeição. Evidentemente era pura falta de energia que explicava seu silêncio.

"Sempre que havia um enxame de insetos, o clã Yi se adiantava e dava instruções", Dr. You disse.

"Se me perdoar por perguntar, senhor, eles não eram rebeldes?"

"Rebeldes? Hrm. Bem, tudo o que eles fizeram, eu confio que fizeram pelo bem da província de I-sei. Eu pessoalmente nunca soube que nenhum deles fosse rebelde." Dr. You deu uma mordida no arroz frito com sua colher enquanto falava.

"Como exatamente eram as pessoas do clã Yi?" Maomao perguntou, dando uma mordida também. O arroz deu bastante corpo ao prato e o ovo deu bastante sabor, matizado pelos temperos e mexilhões. Ela lançou um discreto sinal de positivo com o polegar para cima para Chue.

"Eles eram lindos, todos eles. E se você chegasse perto deles, eles tinham um cheiro maravilhoso."

"Um cheiro maravilhoso?" Maomao repetiu. Então ela disse, "Ouvi dizer que eles eram matriarcais."

"Sim, exatamente. As mulheres comandavam o clã. Não é tão diferente da história da fundação de Li, é? Com Wang Mu, a Mãe Real? Não é tão surpreendente se uma mulher tão boa e poderosa tivesse outras mulheres talentosas em seu círculo íntimo. O clã Yi era descendente dessas mulheres."

Maomao descobriu que não conseguia continuar comendo. Tianyu, completamente desinteressada na história, não teve tais dificuldades.

"Estou impressionada que você soubesse sobre esse elemento, que eles eram matriarcais. A maioria dos jovens de hoje é tão lamentavelmente ignorante sobre o clã Yi." O Dr. You estava abertamente grato a ela.

"A Srta. Chue também sabe!"

“E eu também”, acrescentou Basen. Aqueles que serviam a família imperial provavelmente aprendiam essas coisas naturalmente. Mas o cidadão médio da região central não veria razão para saber nada sobre os governantes de uma terra distante a oeste. Especialmente governantes que foram aniquilados há muito tempo.

“Provavelmente era porque eram mulheres que defendiam a fronteira tão teimosamente. O clã Yi não tinha maridos, mas sempre tinham os filhos mais lindos; pareciam ter vindo de outro país. O clã Yi criava suas filhas para serem governantes, e seus filhos homens eles mandavam para a estrada.”

Foi a mistura contínua de sangue que produziu as pessoas bonitas e que ajudou a manter outros países na linha.

“Eles se davam particularmente bem com Shaoh, com sua donzela do santuário.

Mas a ex-imperatriz viúva, aquela chamada de imperatriz reinante, talvez não se desse tão bem com ela, mesmo que ambas fossem mulheres.”

“Vou me abster de comentar sobre as brigas de mulheres”, disse Maomao. No entanto, ela havia aprendido algo muito surpreendente — algo que Jinshi nunca havia mencionado a ela. Talvez ela fosse a única ali que não sabia.

"Então, onde você estava dezessete anos atrás, Dr. You?" Maomao perguntou. "Já praticando medicina nas regiões centrais, infelizmente."

"Ah?"

Enquanto Maomao e Dr. You conversavam, Basen terminou seu arroz frito e pousou sua colher com gosto. Ele deve ter absorvido o momento enquanto comia, porque disse: "Entendo o que você está dizendo, Dr. You. O

Príncipe da Lua agora está pagando a conta de uma região central que não fez nada. Tudo bem, vamos supor que você esteja certo sobre isso. Isso não muda o fato de que todos os seus sucessos agora estão sendo creditados a Sir You Gyoku-ou, e devo dizer que não gosto disso. E você tem parte da culpa, doutor."

"Eu? Como?"

"As pessoas acham que você está agindo em nome de Sir Gyoku-ou por causa do seu nome."

"Sério?" Ele olhou para Tianyu em busca de confirmação.

"Ah, o Dr. Li disse a mesma coisa, lembra? Ele disse que você deveria começar toda interação mencionando que veio da região central. Acho que o que ele quis dizer é que você deveria comunicar que estava lá por ordem do Príncipe da Lua." Tianyu não parecia muito feliz em ter que explicar tudo isso. Ele tinha um pouco de arroz grudado na bochecha.

"Que coisa estranha de se dizer, 'Eu venho da região central.' Eu não, eu venho daqui. Muitas das pessoas que vimos até me conhecem."

"Bem, então diga que você está aqui por ordem do irmão mais novo Imperial ou algo assim."

"Hrm. Isso não faz parecer que estou dizendo ser... próximo da família Imperial? É um pouco embaraçoso."

"Huh?" disseram duas vozes ao mesmo tempo. Do que esse cara estava falando? Ele tinha ido para a cidade grande e feito fortuna, e agora estava tímido demais para deixar seus amigos e conhecidos o celebrarem por isso?

"Senhorita Maomao, senhorita Maomao. Posso pensar nele como estando na mesma categoria do senhor Quack?"

"Não sei; não acho que ele se encaixe na caixa do 'velho adorável'. Coloque-o em outro lugar. Mais perto do pato, talvez."

"Entendido!"

Maomao pensou que tinha uma boa ideia do que era essa "categoria" que Chue estava imaginando.

"De qualquer forma", o Dr. You estava dizendo, "qualquer um dessas partes deveria saber a diferença entre os velhos Yous e os os novos."

"O velho e o novo... o quê?" Maomao perguntou, inclinando a cabeça. "A família de médicos You são os Yous mais velhos. Gyokuen e seus parentes

chegaram depois. Agora ele tem uma família grande, filhos e netos de todos os tipos, mas

quando Gyokuen e sua esposa chegaram aqui, eram apenas eles e seu único filho, seu filho mais velho. Embora eles tenham trazido muitos servos com eles."

"Eu não sei. Acho que até mesmo um local teria que ter pelo menos quarenta anos

para estar ciente da diferença," Chue sugeriu. E entre os plebeus, cujas vidas muitas vezes mal chegavam aos cinquenta, não havia muitas pessoas com mais de quarenta anos para saber a diferença. Além disso, Gyokuen e sua família eram o rosto da capital ocidental agora. Para pessoas mais jovens, You quase certamente significaria Gyokuen ou Gyoku-ou.

"Huh. Então é assim," Tianyu murmurou.

"Estou surpreso. Eu tinha certeza de que a família era muito mais velha do que isso", disse Maomao.

"Houve uma época em que as pessoas começaram a vir aqui para fazer comércio. Acho que eles se mudaram para cá nessa época. Você poderia descobrir exatamente quando se verificasse o registro da família", respondeu o Dr. You.

"Não, acho que não. O registro da família foi queimado", disse Chue enquanto bebia um pouco de leite de cabra.

"É uma pena."

"Então, de qualquer forma, certifique-se de

dizer aos seus pacientes que é pelas boas graças do Príncipe da Lua que você os está tratando", disse Chue, enfatizando o ponto em vez de Basen.

"Você acha que eu tenho que fazer isso?", disse o velho-mas-não-tão-velho, parecendo envergonhado.

"Você nem tem medo de alguns bandidos, Dr. You, então como pode ficar envergonhado com isso?"

"Quieto, Tianyu", ele retrucou.

Aparentemente, ele era do tipo que tinha vergonha de se fazer parecer muito bom, mesmo que tivesse a habilidade. Ele provavelmente só conseguiu ser promovido a médico superior porque tinha o Dr. Liu como chefe — alguém que procurava pessoas boas e as encontrava.

"Com licença?", disse alguém que agora olhava fixamente para Maomao e os outros. "Se vocês terminaram de comer, poderiam vir aqui e me substituir?" Era o Dr. Li, olhando com reprovação por uma fresta na porta.

Capítulo 14: Tianyu

Depois de alguma discussão sobre como lidar com a timidez do Dr. You, foi determinado que Jinshi deveria lhe dar algum objeto que ele pudesse usar ou carregar.

"Contanto que tudo o que eu tenha que fazer seja usá-lo!" disse o bom doutor, mas ele estava efetivamente convencido. Maomao pensou que tal presente provavelmente o deixaria ainda mais bajulado do que apenas dizer que estava lá por causa do Príncipe da Lua, mas ela não tinha certeza se ele percebeu isso.

Eles deveriam apenas dar a ele uma faixa ou um anel de jade para colocar em seu cinto ou o que quer que seja e pronto.

Foi decidido que o Dr. Li deveria ganhar algo também, e ele, por sua vez, estava muito honrado. Quando, depois do trabalho, eles lhe contaram sobre isso, ele realmente recusou.

"C-Certamente não há razão para eu ter nada!" "Espere! Eu não posso ser o único que ganha algo!" Dr. You

exclamou. Dr. Li olhou para seu chefe inquieto.

"São só os dois?" Tianyu interrompeu. "Se o Dr. Li não quiser o dele, eu aceito. Meu nome também é Li."

De fato; o fato de o Dr. Li e Tianyu compartilharem o mesmo sobrenome não era problema algum. E Maomao certamente não sabia o nome pessoal do Dr. Li. Sem mencionar que Lihaku também estava lá, o que significa que havia nada menos que três Li's ali naquela sala.

"Você não vai entender!", Dr. Li retrucou. Não deve ser fácil, ter personalidades tão... distintas acima e abaixo dele.

"Bem, está ficando tarde. Acho que deveríamos ir para casa", disse Chue, arrumando seus pertences. A clínica estava fechada para a noite. Chue era altamente capaz em tudo o que fazia, e isso parecia se estender à limpeza de um quarto.

Então ela perguntou: "Diga, o que é esse pacote?" Maomao pensou que Tianyu o havia trazido de volta com ele.

“Ah, isso é só...” Tianyu tentou roubar o pacote de Chue, mas ele caiu. O conteúdo rolou pelo chão.

Todos olharam em silêncio. Eles tiveram sorte que Basen e os outros guardas tinham ido ao banheiro e não estavam lá para isso.

“Diga, mocinha,” disse Lihaku, dando a Tianyu um olhar severo. “Você acha que eu deveria conter esse cara?” Ele parecia estar falando sério.

“Não, vamos ver se conseguimos descobrir o que está acontecendo aqui primeiro,” disse Maomao, dando outra olhada no conteúdo espalhado do pacote. Era um braço humano. Apenas um braço, uma única parte do corpo humano caída no chão. Não ficava muito mais estranho do que isso, mas as pessoas na sala naquele momento incluíam os médicos, Maomao, Lihaku e Chue.

“Se importa em explicar o braço?” Maomao perguntou.

“Quero dizer, olhe para ele. Não acho que possa ser recolocado, não do jeito que foi cortado”, disse Tianyu, pegando o apêndice e mostrando alegremente o estado do toco.

Estava uma bagunça, tudo bem; não parecia provável que grudasse mesmo se tentassem recolocá-lo.

“Os gafanhotos roeram uma corda que prendia uma placa. A placa caiu e o braço se soltou imediatamente. O cara a quem pertencia disse que não precisava mais, então eu peguei.”

“Você... pegou.”

O cara provavelmente estava no fundo do desespero por perder o braço; Maomao imaginou que ele pensou que Tianyu o pegaria para dar a ele um enterro adequado. Não para fazer... o que quer que fosse isso.

“Niangniang, pensei que talvez você e eu

pudéssemos dissecá-lo junt—”

Ele foi interrompido pelo Dr. Li, que arrancou o braço dele— e então deu um soco em sua cabeça.

Ooh! Ele é forte.

“Uau! Ai! Eu só estava tentando aprender uma coisa!” Tianyu objetou. “Já chega! Vamos enterrar isso, e enterrar

de forma adequada! E não deixe isso aí! Isso fede!” “Aww...” Tianyu olhou feio para as costas do Dr. Li.

O Dr. Li ficou mais forte, pensou Maomao. Às vezes, as pessoas passam por transformações quando são levadas além dos seus limites. O Dr. Li parecia frágil demais para essa tarefa, mas ele realmente se transformou em um bom material. Por outro lado, talvez o Dr. Liu tenha visto isso nele o tempo todo — isso seria impressionante.

Tianyu, por sua vez, podia ser um pouco assustador — basta olhar o que estava acontecendo — mas se havia uma coisa boa que Maomao poderia dizer sobre ele, era que nada o perturbava. Além disso, eles absolutamente não podiam dar a ele o token de Jinshi.

O Dr. Li arrastou Tianyu para fora da sala para ir enterrar o braço. A clínica

não receberia ninguém enquanto os dois estivessem fora. Se algum paciente visse dois dos

médicos enterrando um braço, quem sabia que rumores começariam? Eles pediram para um dos guardas ficar de guarda enquanto eles trabalhavam, especificamente para que ninguém os visse.

O Dr. You se virou para Lihaku e Chue com um sorriso. "Vamos fingir que não vimos isso, certo?"

"Vamos! Longe da Srta. Chue ter lábios soltos!" "Eu entendo", disse Lihaku.

As dissecações dos médicos eram tecnicamente proibidas e deveriam ser secretas. Pelo menos esses dois saberiam como jogar junto.

Maomao estudou o Dr. You, que sorriu tão prontamente enquanto tentava manter as coisas em segredo. "Hm? Algum problema, Niangniang?"

"Não é Niangniang, senhor. É Maomao."

"Sério? Tudo bem, Maomao, então. Maomao. Certo. Vou me lembrar disso.

De qualquer forma, está tudo bem?”

“Sempre ytá tudo bem, senhor. Eu estava pensando, você parece ser muito legal com os médicos mais jovens.”

Havia um toque de desprezo em suas palavras, mas o Dr. You parecia imperturbável; ele continuou sorrindo. “Ah, você quer dizer Tianyu. Fomos o Dr. Liu e eu que o trouxemos para este mundo, então sinto alguma responsabilidade por

ele. Tianyu é rápido em reclamar sobre nepotismo, mas ele se beneficiou mais do que qualquer outra pessoa de suas conexões.” Ele cruzou os braços e assentiu como se afirmasse seu próprio ponto.

“Você e o Dr. Liu o colocaram na medicina? Que conexões você quer dizer?” Maomao perguntou, intrigado.

“Oh, você não sabe?”

“Por mais que Tianyu goste de meter o nariz nos negócios dos outros, ele não se oferece muito.”

Por outro lado, Maomao também não perguntou.

“Você quer saber sobre Tianyu, então? Já que você vai trabalhar com ele no futuro?” Dr. You perguntou enquanto limpava suas ferramentas.

“Você acha que está tudo bem?”

“Se eu conheço Tianyu, a única razão pela qual ele não ofereceu a informação é porque ninguém perguntou a ele.”

“Justo.” Maomao não podia criticar; o mesmo se aplicava a ela.

“Ele vem de uma família de caçadores. Lembro-me de ir com o Dr. Liu para pegar um pouco de fel de urso uma vez. Encontramos um garoto — talvez você possa chamá-lo de

um jovem, apenas — dissecando o urso

sozinho. Cuidadoso, preciso, totalmente despreocupado com nada disso. Ele arrancou apenas e exatamente os órgãos de que precisávamos. Até o Dr. Liu ficou impressionado. E aquele garoto era Tianyu."

O Dr. You continuou a limpar enquanto falava, então Maomao continuou fazendo remédios enquanto ouvia. "Foi assim que você descobriu o talento dele e os colocou no caminho para se tornarem médicos?", ela perguntou. "Mas isso faz parecer que ele conseguiu o emprego por causa de suas habilidades, não de suas conexões."

"Foram suas conexões, de certa forma. Eu disse ao pai dele, o caçador — eu disse, 'Já pensou em mandar seu filho para ser médico?' Eu estava só brincando, mas ele empalideceu e começou a tremer. Se ele soubesse o que os médicos faziam em segredo, talvez não parecesse uma piada para ele. A maneira como seu medo se manifestava, no entanto... Era estranho."

Por que ele teria medo do trabalho de um médico? Sim, poderia ser perturbador para uma pessoa comum, mas Maomao esperaria que um caçador entendesse.

"Eu perguntei a ele por que ele estava tão chateado, mas ele não me disse. Na verdade, ele praticamente nos expulsou."

"O que você achou que estava acontecendo?"

"No momento, não havia nada para fazermos

além de ir para casa — mas Tianyu veio atrás de nós. Ele implorou para que o tornássemos nosso aprendiz. Ele sabia que seu pai se oporia, mas ele estava pronto para fugir de casa para fazer isso. Claro que você sabe, Maomao, que o Dr. Liu não é do tipo que deixa um garotinho ir junto e abandonar sua família."

Isso é verdade. Ela praticamente conseguia imaginar.

"Tianyu nos disse que ele era descendente de Kada, que ser médico

deve ser sua vocação."

"Kada, senhor?" Maomao não conseguiu evitar; ela parou de trabalhar e olhou para o Dr. You.

"Isso mesmo, mas não o famoso médico da lenda. O Kada que foi punido por cortar o corpo de um príncipe imperial para satisfazer sua curiosidade intelectual. Você faz o trabalho de um médico, Maomao. Tenho certeza de que você já ouviu a história."

"Sim, senhor."

Há muito tempo, havia um médico chamado Kada por causa de seu conhecimento e habilidades médicas superlativas. Mas a combinação de habilidade e ambição pode deixar um homem curioso, e a curiosidade de Kada o fez ser severamente punido.

Se Kada tivesse sido de fato uma pessoa real,

não havia razão para que seus

descendentes não existissem ainda — mas eles poderiam muito bem estar investidos em garantir que não repetissem os erros de seus antepassados.

"Então os descendentes de Kada se tornaram caçadores?", perguntou Maomao.

"Faz sentido, não é? Caçadores têm sido conectados ao trabalho dos médicos na coleta de materiais médicos desde os tempos antigos. É perfeitamente plausível que Kada possa ter se envolvido com a filha de algum caçador, e quando um nome é passado adiante, por que não deveria ser o nome mais famoso?"

Maomao teve que admitir que fazia sentido.

"Então você fez de Tianyu um médico porque ele era descendente de Kada?", ela perguntou.

"Não, de forma alguma. Nem seu talento nem sua linhagem eram uma razão para apenas torná-lo um médico. Se alguma coisa, a razão... eram seus olhos." Dr. You parou e suspirou. Ele estava segurando uma pequena faca escorregadia com gordura humana. Ele deve ter usado isso no curso de seu trabalho. “O Dr. Liu disse que se o deixássemos viver uma vida de caçador, com o tempo ele viria a retalhar humanos assim como fazia com ursos ou veados.”

Maomao ficou em silêncio. Ela não podia negar. Na verdade, ela estava quase convencida

de que ele teria feito exatamente isso.

"Por natureza, o animal humano segue seus desejos. Ao educar uma pessoa, criamos o que chamamos de racionalidade. Mas mesmo assim, nem todos conseguem superar seus apetites." O Dr. You limpou a faca e a colocou em uma cesta. "O apetite de Tianyu assume a forma de curiosidade, e ele não consegue superá-la. Era a opinião ponderada do Dr. Liu que quando ele se cansasse dos animais, ele se voltaria para as pessoas. Quem sabe quantas pessoas um caçador vivendo sozinho na floresta poderia ismantle antes que alguém percebesse?"

"Você não acha que isso ainda pode ser um problema, mesmo como médico?" Maomao perguntou francamente.

"Isso é uma questão do caminho que ele guiou. Pelo menos, foi o que o Dr. Liu disse. Qualquer navio navegará em linha reta se você mantiver uma mão firme no leme. O Dr. Liu pode ser um homem severo, mas ele tem um lado mais suave."

"Se você diz", Maomao respondeu, sem acreditar muito. Ela, no entanto, acreditava na história das origens de Tianyu. "Por que você está me contando tudo isso?" Oficialmente, ela não era nada mais do que uma ajuda para os verdadeiros médicos.

Não havia necessidade do Dr. You sair do seu

caminho para deixá-la saber dessa história.

“Oh, sem motivo. Ver os frutos dos ensinamentos de Luomen apenas me deixou com um humor falante, eu acho.”

Ele conhece Pops? O Dr. You era médico há muito tempo; não seria surpreendente se ele e Luomen se conhecessem. Eu me pergunto... Se eu não tivesse tido meu velho para me criar, eu teria parecido da mesma forma para eles?

Por mais que ela odiasse admitir, ela e Tianyu compartilhavam um temperamento semelhante em alguns aspectos. Se Luomen não estivesse lá, administrando sua loja de boticário no distrito de prazeres, e a tivesse criado ele mesmo, ela não tinha ideia de como ela poderia ter se tornado.

"Eles devem estar quase terminando de enterrar aquele braço", observou o Dr. You. "Vamos voltar?"

"Tudo bem", disse Maomao, e se preparou para sair. Ela sabia que Tianyu retornaria em breve, provavelmente arrastando os pés com os ombros caídos, mas ela decidiu não mostrar nenhuma simpatia particular por ele. Na verdade, ela pretendia chutar a bunda dele e dizer para ele se apressar.

A visita à clínica tinha ocorrido sem problemas, mas ainda havia a viagem para casa, e

seria longa.

Os problemas começaram quase assim que Maomao saiu pela porta da clínica.

"Senhorita!" Lihaku gritou, agarrando-a e puxando-a para trás. No mesmo momento, uma bola de lama caiu com um respingo em seus pés.

"Você trouxe os insetos! A culpa é sua!", gritou uma criança. Maomao olhou ao redor, mas não conseguia dizer onde eles estavam.

"Senhorita Maomao", disse Chue, que tinha vindo atrás dela. "Eu vi quem era. Eu ainda poderia pegá-los. O que você quer que eu faça?" Ela estava perguntando a Maomao porque era Maomao que tinha sido o alvo.

Estou feliz que fui eu, ela pensou. Talvez a criança a tivesse escolhido como alvo porque ela parecia a mais lenta. Eles tiveram sorte de não terem escolhido Basen.

"Nem me atingiu", ela disse. "Não há necessidade de puxá-los para dentro, Srta. Chue." Ela complementou isso com um olhar que dizia: Absolutamente não vá atrás dessa criança.

"Entendido!" Isso também foi mais fácil para Chue. De que adiantaria perseguir e colocar uma coleira em uma criança aqui e agora? Depois que as pegassem, teriam que puni-las. Tudo bem se pudessem ser libertadas com um tapa suave no traseiro, mas se houvesse um pretexto — se, por exemplo, elas ficassem violentas com uma dama

de companhia servindo o representante do irmão mais novo do Imperador — essa modesta

palmada poderia rapidamente se tornar cem chicotadas. Maomao não queria isso, e Chue provavelmente também não.

Embora a conhecesse, ela faria isso se eu pedisse.

Às vezes, porém, a discrição realmente era a melhor parte do valor. Pode parecer que ela estava sendo suave — mas Maomao achava que o mundo poderia usar um pouco mais de suavidade às vezes.

Nós trouxemos os insetos, não é?

"Engraçado, considerando que os insetos vieram do oeste", ela murmurou. Não fazia sentido.

"Sim, e nós viemos do leste", acrescentou Chue.

Não era bem isso que a criança queria dizer com trazer. Aqueles que acreditavam em encantos, maldições e outras superstições viam apenas uma praga de insetos que coincidia com a chegada de pessoas na capital ocidental que não pertenciam ali. Claro que eles culpariam os visitantes pelo enxame.

Maomao adoraria sentar a criança e explicar a realidade, mas duvidava que conseguiria entendê-los. Duvidava que eles sequer tentassem

entender o que ela estava dizendo.

Em vez disso, ela ignorou a bola de lama completamente e se virou para a carruagem. "As coisas estão ficando feias aqui", disse ela

Capítulo 15: Violência

Maomao adicionou mais palha ao fogo crepitante no forno.

Esterco animal pode ser mais fácil.

Eles provavelmente estavam tentando ser atenciosos dando palha e não esterco para usar como combustível, mas a palha não se aglomerava, o que a deixava propensa a flutuar no ar quente. Carvão e lenha eram caros na capital ocidental, e raramente eram vendidos.

Remédio fervia na panela. Ela tinha que terminar de mergulhá-lo e então transformá-lo em pílulas, mas ela estava com muito sono.

É porque estou exausta.

Ela não achava que tinha feito muito além do seu trabalho habitual, mas dava para ver onde isso a deixaria cansada. Quando você estava realmente exausto, você não percebia que estava. Você passava do auge da fadiga, e então no momento em que tinha a chance de relaxar, seu corpo simplesmente entrava em colapso.

Não havia comida suficiente, não havia remédio suficiente, não havia nutrição suficiente. Não havia nada suficiente. Eles tentaram substituir outras coisas pelo que não tinham, e quando os substitutos acabaram, eles tiveram que

procurar algo para substituir os substitutos.

A alegria do irmão de Lahan nos campos se transformou em tristeza depois que as batatas-doces foram perdidas quando descobriram que elas não sobreviveriam ao frio da noite. Ele declarou que eles plantariam batatas normais, afinal. As folhas da batata-doce murcharam, mas os caules podiam ser comidos como videiras, ele disse. Quanto ao trigo, estava crescendo conforme o esperado.

Os brotos de feijão estavam sendo adicionados aos alimentos aos poucos.

O farelo de trigo deveria ser bom para o beribéri, então foi misturado ao pão — mas as pessoas não gostaram dos pães resultantes.

O estrategista esquisito viria ao anexo periodicamente. Maomao estava decidido a pelo menos acenar para ele. De acordo com as informações de Chue, seria perigoso para todos eles se ele decidisse ficar do lado de Gyoku-ou.

Após investigação, descobriu-se que o carvão estava sendo usado em vários locais, até mesmo aqui na capital ocidental. (Ficou imediatamente óbvio, Maomao foi informado, por causa do cheiro único.) Era usado em

ferraria e para acender os fornos usados para fazer cerâmica — ambos os locais associados a

Gyokuen.

Havia muitas coisas para pensar.

Sua cabeça estava tão cheia, e ela estava tão cansada, que demorou a notar a faísca que saiu e pegou na palha extra. Sou só eu, ou está um pouco quente aqui?, ela pensou, e foi só quando olhou que viu a palha queimando alegremente. Ela apagou em pânico, e não piorou mais do que isso, mas o médico charlatão estava profundamente preocupado com ela, e Tianyu, que tinha aparecido para pegar um remédio, riu muito às custas dela.

Não posso continuar assim.

Ela se forçou a se concentrar. Era quando a pessoa estava menos atenta que os piores incêndios começavam.

E o fogo em seu fogão não era a única coisa queimando naquele momento.

O incidente ocorreu no septuagésimo quinto dia.

Mais tarde naquela noite, Maomao foi acordada por gritos do lado de fora. Ela vestiu um robe e foi até a janela. Ela podia ver guardas no pátio e uma coleção inquietante de chamas brilhantes.

Maomao abriu os olhos sonolentos e se vestiu

rapidamente. No final da escada, ela encontrou Lihaku, já acordado e de pé, pronto. O médico charlatão estava lá segurando seu travesseiro e ainda de pijama, evidência de que Lihaku deve tê-lo arrastado para fora da cama.

"O que está acontecendo?" Maomao perguntou ao soldado. "Não sei exatamente, mas tenho algumas ideias." "Como?"

"Fweee", o charlatão chiou sonolento, mas Maomao fingiu não ouvi-lo.

"Alguns dias atrás, houve um mensageiro de um posto avançado a oeste. Uma incursão das tribos bárbaras. Eles atacaram os estoques de alimentos na área."

"Um depósito de alimentos? Mas isso significaria..." Até Maomao, alheia à política como era, conseguia ver onde isso estava indo.

"Certo. Aquele depósito continha as modestas provisões que as pessoas de lá conseguiram coletar."

Se esse posto avançado fosse a oeste, isso o colocaria perto da fronteira com Shaoh.

"Os figurões passaram os últimos dias tentando decidir o que

fazer", disse Lihaku.

"Isso explicaria por que o trabalho parece tão

tranquilo recentemente.” Jinshi nem mesmo havia convocado Maomao para nada. Então foi a calmaria antes da tempestade.

“Mesmo se quiséssemos ajudar, estamos ocupados agora. Nosso bom homem Jinshi tem trabalhado suas conexões para obter apoio de todos os lugares que pode, mas não adianta se for roubado. A questão é: o que fazemos sobre isso? E as respostas estão ficando feias.”

“Feias.”

“Falam sobre começar uma guerra.”

Sim, faz sentido.

Era o jeito dos humanos — aliás, de todo o reino animal — desde os tempos mais antigos: quando você ficava sem comida para comer, atacava outra pessoa.

"Mas o Mestre Jinshi não apoia isso, apoia?" "Não, ele não apoia. E agora..."

Maomao podia ouvir vozes do lado de fora. Ela não conseguia entender muito, mas pensou ter ouvido alguém gritar: "Dê-nos o irmão real!"

"...as pessoas estão começando a reagir contra o príncipe tímido e protegido."

Eles saberiam wn isso poderia e provavelmente aconteceria. Até Maomao sabia. Se alguma coisa, levou mais tempo do que eles esperavam.

A questão é, o que fazemos sobre isso?

Por outro lado, Maomao pessoalmente não podia fazer muito. Ela preparou uma carroça de fazenda e colocou um pano sobre ela. Então ela pegou o charlatão sonolento pela mão.

"Oh, é você, mocinha", ele disse. "Eu só quero... dormir um pouco mais..."

Ela guiou o charlatão, ainda meio na terra dos sonhos, para a carroça. Era bom que ele estivesse com muito sono para compreender o que estava acontecendo. Se ele estivesse acordado o suficiente para dizer o que estava acontecendo, ele teria ficado frenético.

"Você pode dormir, Mestre Médico", disse Maomao. "Basta dormir aqui." "Mm. Mm..." O charlatão, com seus membros saindo da carroça, voltou a

dormir. Lihaku olhou para ele, abertamente mistificado.

"É para que possamos fugir se precisarmos", explicou Maomao. "Se ele tivesse que correr, não acho que o médico-chefe conseguiria acompanhar uma concubina amarrada nos pés do palácio dos fundos."

"Huh. Justo. Eu poderia carregá-la debaixo de um braço e fazer trilhas se precisasse, mas não

acho que conseguiria fazer isso pelo velho. Bom acordo."

"Não acredito que eles estão se voltando contra a família real", disse Maomao, enchendo uma bolsa com bandagens e remédios para feridas. Até Lihaku se fez útil, carregando uma garrafa de óleo.

"Sim. Se isso acontecesse na capital, os líderes seriam executados e todos que se juntassem a eles seriam espancados", disse ele.

"Acho que isso só mostra o quão altas as emoções estão." As pessoas estavam com os pelos coletivamente arrepiados.

"É uma situação difícil", disse Lihaku. "Se fosse para matar ou ser morto... Tenho que admitir, eu começaria a matar." Ele tinha um sorriso infeliz no rosto enquanto rasgava um pedaço de pano e o enrolava na ponta de um pedaço de pau. Eles não tinham lenha para servir de tochas, então ele quebrou a perna de uma cadeira.

Ele era um soldado, treinado nas formas de batalha. Ele não queria lutar — mas se tivesse que lutar, ele poderia.

Então ele disse: "Com um surto de violência aberta como esse, são os governantes locais que realmente vão ter problemas."

"Sim..."

Maomao, novamente, não sabia muito sobre política. Mas ela sabia que isso era um problema sério.

Seu coração estava batendo forte em seus ouvidos, mas ter Lihaku ali lhe deu uma medida de segurança, e enquanto isso ela tinha a responsabilidade de cuidar do médico charlatão.

"O Mestre Gyoku-ou pode dizer que o povo se levantou por conta própria, mas foi ele quem deixou as coisas apodrecerem por tempo suficiente para que isso acontecesse. Algumas cabeças de plebeus não serão suficientes para pagar por essa afronta à dignidade da família real."

Maomao entendeu isso. As vidas da família imperial simplesmente pesavam muito mais do que as das pessoas comuns.

"O Mestre Gyoku-ou estava claramente cultivando sua própria popularidade. Eu sei que nosso homem Jinshi é um bom sujeito, mas não acredito que ele aguentou isso. E mesmo que ele esteja disposto a deixar isso de lado, as pessoas ao redor dele não estarão. A notícia já deve ter chegado à região central."

Se até mesmo o normalmente relaxado Lihaku se sentia assim, a raiva daqueles na capital real deve ser imensa de fato.

"Esse é um bom ponto. Eu me pergunto como

a Imperatriz Gyokuyou e o Mestre Gyokuen se sentem sobre isso.”

“Normalmente, você esperaria que eles tivessem uma palavra a dizer sobre isso.” “Sim, você esperaria...”

Considerando suas posições, nenhum deles poderia simplesmente largar tudo e vir para a capital ocidental. Mas eles poderiam enviar uma carta ou um mensageiro?

Ao mesmo tempo, havia outra figura importante aqui, além de Jinshi e do estrategista esquisito. Alguém que certamente não negligenciaria as comunicações com a capital.

"Qual era o nome dele mesmo? O outro cara importante que está aqui?" Maomao perguntou. Ela já tinha ouvido várias vezes, mas, como sempre, tinha esquecido.

"Você não é muito de lembrar nomes ou rostos de pessoas, não é, senhorita? Era... Uh... Vamos ver... Eu não lembro. Eu lembro que ele não era, você sabe, uma presença imponente."

"Parece que você não é muito melhor do que eu, Mestre Lihaku." "Espere! Esse cara, ele deveria estar encarregado de rituais ou

algo assim, certo?"

"Rituais... Então isso o tornaria parte do

Conselho de Ritos... Oh! Lu! Vice-Ministro Lu, esse era o nome dele!" Maomao disse, finalmente se lembrando.

"Certo, certo, Vice-Ministro Lu. Vamos apenas ter fé que ele está fazendo algo. Provavelmente."

"Podemos ter toda a fé que quisermos. O problema está acontecendo agora." "Entendido."

Ambos suspiraram, e então houve um barulho alto. Os plebeus estavam tentando forçar a entrada no anexo?

"O que aconteceu?" Maomao perguntou. Se alguém tivesse se machucado, ela queria ajudá-los, mas primeiro ela tinha que cuidar da própria segurança. O que, dadas suas opções limitadas, significava principalmente acender a tocha e jogá-la se algo acontecesse.

Não estou ansiosa para fazer isso. Mas se for a única maneira de me manter segura, eu farei.

Eles ouviram passos se aproximando. Maomao e Lihaku se prepararam para lutar.

"Senhorita Maomaooo? Você está aí?" Era Chue. "Você precisa que eu explique o que está acontecendo?"

"Sim, por favor."

Chue estava segurando um atraso e soou tão ansiosa quanto de costume. "Há uma multidão de plebeus lá fora. Assim como previmos, a

raiva deles finalmente explodiu. Eles estão gritando para que o Príncipe da Lua venha até eles, ou seja enviado até eles. Você sabe, esse tipo de coisa."

"Sim, eu posso imaginar. E ouvi-los também."

"Mas você está pensando, não houve um grande estrondo agora?" "Sim, eu estou."

"Foi a chegada do Mestre Gyoku-ou." Maomao pegou sua bolsa de equipamento médico.

"Por favor, não se preocupe. Nem o Mestre Gyoku-ou colocaria a mão em um membro da família Imperial. Mas eu acho que isso está ficando muito interessante."

"De alguma forma, as coisas que você acha interessantes sempre parecem ruins para mim."

"Bem, de qualquer forma, venha e dê uma olhada."

A pedido de Chue, Maomao começou a sair. Lihaku os seguiu. "E o mestre médico?" Maomao perguntou.

"Boa pergunta. Acho que deveríamos trazê-lo", disse Chue e começou a empurrar o carrinho, embora não parecesse muito feliz com isso. Ela continuou lançando olhares penetrantes para Lihaku até que ele assumiu o lugar dela.

Assim que estavam do lado de fora, Maomao pôde ouvir uma voz masculina ressonante. “Vocês todos entenderam?”, ele estava dizendo. “Vocês sabem o quanto o

Príncipe da Lua, que reside honrosamente nesta casa, fez pelo povo da capital ocidental?”

Ela ouviu as pessoas murmurando.

“Os grãos em suas distribuições de alimentos foram trazidos de longe pelo Príncipe da Lua. O fato de não estarmos passando fome agora é por sua generosidade! A clínica gratuita também foi obra dele. Aqueles que estiveram lá sabem tudo sobre isso.”

O que está acontecendo aqui?

Se a voz pertencesse a alguém do círculo interno de Jinshi, as palavras fariam sentido, mas, pelo que Maomao podia supor, era Gyoku-ou falando.

Ela acelerou o passo. Ela teria que estar mais perto se quisesse ver alguma coisa, mas chegar muito perto seria perigoso. Ela olhou ao redor em busca de algum lugar que pudesse servir como um bom ponto de observação.

"Senhorita Maomao, senhorita Maomao", disse Chue, acenando para ela. Ela já estava na metade de uma árvore próxima. Maomao subiu atrás dela.

"Por favor, tente não cair!", disse Lihaku. Ele ainda estava empurrando o médico charlatão em seu carrinho.

Nos galhos, Maomao e Chue tinham uma excelente visão do que estava acontecendo. Eles podiam ver Jinshi, atrás de quem estava Basen. Na frente dele estava Gyoku-ou, interpondo-se entre Jinshi e as massas. As pessoas estavam mantendo uma distância respeitosa, quase como espectadores em uma peça de teatro.

“““O Príncipe da Lua respondeu com presteza ao enxame de insetos. Por mais que eu tenha tentado cuidar de você da melhor forma possível, é inquestionavelmente graças a ele que você sofreu tão pouco. O apoio imediato da região central é graças à presença do Príncipe da Lua aqui. Você quer me dizer que não consegue entender isso?”

Maomao estava completamente perplexo. Gyoku-ou parecia estar se revertendo completamente. Ele estava mais do que feliz em levar o crédito pelo trabalho de Jinshi até aquele ponto, mas agora ele estava elogiando os esforços de Jinshi e informando em voz alta a população sobre eles.

Além do mais, Jinshi estava mostrando seu rosto diante do povo da capital ocidental pela primeira vez. Sim, ele se encontrava com um punhado de VIPs de vez em quando, mas uma multidão de plebeus? Seu porte cortês e sua beleza quase celestial não passaram despercebidos pelo povo. Maomao avistou várias mulheres que estavam claramente apaixonadas.

Normalmente, ele provavelmente tentaria ser modesto sobre tudo isso, pensou Maomao. Mas era verdade que Jinshi tinha feito todas essas coisas. Não havia sentido em negar. A única pessoa que poderia ter um motivo real para reclamar de Jinshi era aquele que tinha sido enviado em uma missão exaustiva para matar

gafanhotos, o Irmão de Lahan.

Falando nele, o Irmão de Lahan era um daqueles que observava as coisas se desenvolverem de dentro do anexo. Ele era tão comum que Maomao nunca o teria notado se não fosse pela enxada que carregava. Ele parecia tê-la apenas no caso de precisar se defender contra qualquer surto de violência — mas não havia realmente armas melhores que ele pudesse ter pegado? A enxada o faria parecer mais um dos camponeses saqueadores.

A voz de Gyoku-ou era clara, menos como se estivesse dando uma palestra e mais como se estivesse declamando, fazendo um discurso em uma peça. E as pessoas ficaram fascinadas por ela.

Um dos plebeus, no entanto, levantou a mão. "C-Como é que o irmão mais novo real sabia que esse enxame estava chegando? C-Como ele poderia saber, se ele mesmo não trouxe?"

Houve alguns gritos de concordância da multidão.

Essa é difícil.

Se Lahan estivesse aqui, ele poderia ter quebrado as estatísticas dos últimos anos, explicando como o clima e os enxames menores e locais apontaram na direção deste maior. Mas mesmo se você tivesse tudo escrito, muitas pessoas aqui não sabiam seus números. Eles

não saberiam o que os números significavam e não seriam convencidos por eles.

Jinshi deu um passo à frente. “Permita-me explicar isso. Quando realizamos nossos rituais de adivinhação na capital, isso produziu um sinal de grave infortúnio no oeste. Dado o quanto esta cidade floresceu sob o clã Gyoku nos últimos anos, que tipo de desastre poderia prejudicá-la? Um enxame de insetos parecia a única perspectiva provável.”

Um murmúrio percorreu a multidão pelo simples fato de que o irmão mais novo Imperial se dirigiria diretamente a um plebeu. Sua voz era adorável e estimulante, mas não era tão bem ouvida quanto a de Gyoku-ou.

Adivinhação, hein?

Seria possível que Jinshi tivesse trazido o vice-ministro Lu com ele? Ele deve ter percebido que falar sobre produtos agrícolas e estatísticas sobre enxames recentes passaria despercebido por muitos plebeus. Adivinhação seria uma explicação muito mais intuitiva para eles.

Se você sabe que as pessoas são supersticiosas, conforte-as com superstição. Não era um plano ruim, pensou Maomao — mas quase imediatamente descobriu que era um erro.

Gyoku-ou parecia estar esperando Jinshi dizer algo assim. "Exatamente! Neste momento,

precisamos do poder do Príncipe da Lua mais do que de qualquer outra pessoa!" Ele ergueu as mãos no ar como se estivesse chamando os plebeus para testemunhar por ele. "Se os oráculos daqueles que vivem acima das nuvens são para nós, o que pode impedir a capital ocidental — na verdade, a própria província de I-sei — de prosperar cada vez mais poderosamente?"

O povo começou a vibrar com as palavras de Gyoku-ou. Aqueles que olhavam para Jinshi com hostilidade há poucos momentos agora se voltavam para o irmão mais novo do Imperador com olhos de esperança. Muitos ainda pareciam descontentes, mas não gritavam mais e zombavam.

"O que você diz? Devemos pedir ao Príncipe da Lua para realizar um ritual em nosso nome?"

Gyoku-ou certamente sabia como lidar com a multidão. Os plebeus levantaram as mãos em aprovação.

"Oof. Então chegou a isso", disse Chue, não parecendo muito feliz. "Ele trouxe o vice-ministro Lu para realizar um ritual. A resposta teria que ser..."

Antes que Chue pudesse dizer qual seria a resposta, Jinshi agiu. "Entendido", ele disse: sua resposta foi afirmativa. Ele não tinha outra

escolha e, de qualquer forma, a realização de

um ritual sempre fez parte do plano durante sua visita aqui. Ele havia sido simplesmente adiado pelo enxame.

Gyoku-ou sorriu um sorriso brilhante — mas um que também falava de triunfo garantido, e mais do que um pouco de orgulho. “Então peça pelo crescimento futuro da Província de I-sei! Peça que o desastre do oeste seja ele mesmo derrubado!”

A expressão de Jinshi nunca mudou, mas aqueles mais próximos a ele sabiam. Eles podiam ver o mudança sutil em seu rosto que indicava um toque de consternação: Eu fiz isso agora. Maomao não conseguia ver a expressão exata de Jinshi por causa da distância e da escuridão, mas ela sabia como deveria ser.

"Ele está certo!" gritou um dos plebeus. "De que adianta culpar o Príncipe da Lua pelos insetos? Por que ele traria tal calamidade sobre nós? De onde esses insetos vieram? Do oeste! Bem a oeste de nós!"

"Sim, está certo!" concordou outra pessoa. Aparentemente, essa era a parte em que eles deveriam rir — vários plebeus riram, embora Maomao não soubesse o porquê.

"Exatamente", disse Gyoku-ou. "Se há falha a ser encontrada, ela não é do Príncipe da Lua, mas daquele a quem foi confiado o cuidado da capital ocidental — eu mesmo. Só posso implorar

perdão. Se a menor ofensa foi feita a você, nosso augusto visitante, por favor, me responsabilize." Ele se virou para Jinshi e fez uma reverência dramática.

"Meu Deus", disse Chue, parecendo não saber o que fazer com isso.

"Além do mais, se houve uma falha em proteger esta cidade dos gafanhotos, isso também é minha responsabilidade, incumbido como fui de liderar este lugar em nome do meu pai, Gyokuen. O povo passou fome, e a culpa é minha. A todos vocês, só posso dizer: sinto muito." Agora ele se curvou em direção aos plebeus.

"Mestre Gyoku-ou! Não se curvem para nós!"

"Isso mesmo! Fizemos isso sozinhos. Vocês não fizeram nada de errado!"

As pessoas estavam ansiosas para que Gyoku-ou levantasse a cabeça. Maomao percebeu que a cena havia mudado. Jinshi, que tinha sido a estrela até um momento atrás, tinha sido ofuscado por Gyoku-ou.

"Ele está certo. O honrado irmão mais novo Imperial não tem culpa aqui", disse alguém.

“Foram aqueles encrenqueiros do oeste que trouxeram os insetos!” “É, e agora eles estão tentando roubar nossa comida também!”

Houve mais gritos de concordância da multidão.

Gyoku-ou falou sobre “o desastre que veio do oeste”. Maomao presumiu que ele se referia aos gafanhotos. Mas então...

Espere, o que aconteceu?

Ele mudou o foco da raiva dos insetos para as próprias terras ocidentais. Imediatamente a oeste da província de I-sei estava Shaoh.

“Parece que um novo incêndio está começando”, disse Chue, com os olhos frios. “Um novo incêndio?”

“Estou quase impressionada. Eu me perguntava o que estava acontecendo, mas acontece que toda essa encenação estava levando a esse momento.”

“Encenação? Do que você está falando?”

Chue girou o dedo e um pombo apareceu em sua mão. “Tudo isso.

Chamar o Príncipe da Lua aqui, e o mestre estrategista, deliberadamente afetando uma atitude ruim em relação ao Príncipe da Lua, deliberadamente dando às pessoas comuns uma má impressão dele. Tudo isso foi calculado para esse propósito. Isso pode até incluir enviar sua filha adotiva para o palácio traseiro. Agora, isso seria alguma coisa."

O pombo saiu voando da mão de Chue. "O oeste tem que pagar!" Vamos pegar nossa comida de volta!" "Esmague as tribos bárbaras!

As pessoas começaram a levantar os punhos no ar. A energia assassina que havia sido direcionada à família imperial momentos antes havia assumido um novo foco.

"O Mestre Lakan disse que esse cara estava procurando ser um herói, mas me parece que ele é tão bom em interpretar papéis coadjuvantes. Talvez melhor, na verdade. Você não acha?"

"O que você quer dizer?" Maomao perguntou.

"Bem, você vê? Este é um palco, colocado aqui pelo Mestre Gyoku-ou. Ele fez o Príncipe da Lua subir no palco sem nunca querer — diabos, ele até o colocou no papel principal! Ele se desculpou requintadamente pela grosseria com a família Imperial e esclareceu o mal-entendido do povo de uma só vez. E agora o Príncipe da Lua está ali parecendo um ator lindo. Embora eu ache que você poderia dizer que no momento, ele e o Mestre Gyoku-ou estão dividindo os holofotes."

Maomao entendeu o que Chue estava dizendo. Gyoku-ou havia estabelecido o irmão mais novo Imperial e ele mesmo — o governador interino da capital ocidental — como as estrelas, e escalado um povo estrangeiro para o papel de inimigo. Ele não disse nada definitivo, apenas guiou o povo para as

conclusões que ele queria que eles chegassem.

"E se o Mestre Jinshi simplesmente roubasse

de volta?”

“Você acha que ele poderia? Essa multidão era um barril de pólvora com o nome dele até um minuto atrás. Além disso, estamos lidando com pessoas que são facilmente influenciadas. O Príncipe da Lua não disse nada falso, mas o Mestre Gyoku-ou também não. É que a atenção das pessoas foi — shwip! — trocada dos gafanhotos para os estrangeiros que roubaram sua comida.”

Maomao seguiu seu ponto aqui também. “Ele não suja as mãos.

Ele não sequestra ninguém. Mas ele efetivamente fez um refém. Coisa inteligente.”

Chue assentiu concordando. Jinshi começou a falar, mas não conseguiu oferecer uma refutação direta. Ele apenas disse que realizaria um ritual para expurgar a destruição. Era inquestionável, como Jinshi costumava ser, mas não foi o suficiente para dissipar completamente as dúvidas das pessoas.

Maomao engoliu em seco e olhou para Chue. “Então, o que é Gyoku-ou depois?” ela perguntou, abandonando qualquer termo de respeito ao governador em exercício, apesar de si mesma.

“Todo herói precisa de um palco. Mas talvez a capital ocidental não seja o palco que ele quer.” Chue olhou para o oeste. “Deve haver algum

motivo para ele estar tão ansioso para começar uma briga com Shaoh. Algo além do simples lucro."

Maomao também olhou para o céu ocidental. Em algum lugar no horizonte estava Shaoh, e além dele, Hokuaren.

Capítulo 16: Os Filhos de Gyokuen

Maomao observou Jinshi bater a cabeça em um poste. Era praticamente cômico vê-lo se bater contra um pilar na suntuosa câmara, cercado por atendentes.

"Jovem mestre, pelo menos use isso", disse Suiren, inserindo uma jaqueta de algodão amassada entre a cabeça de Jinshi e o pilar. O som foi de thump thump para bompf bompf, o que só fez parecer mais bobo. Suiren não chegou a tentar impedi-lo.

"Ele me tocou!"

"Como um violino de duas cordas, senhor." "Você está zombando de mim!"

"Sim, estou, senhor."

Maomao estava ocupada tentando oferecer respostas evasivas.

Apenas concordar com tudo que Jinshi disse era melhor do que se deixar escorregar e acidentalmente tentar sugerir uma solução real. Era a mesma maneira que ela lidava com cortesãs irritadas; isso sempre as acalmava.

"Você está me ouvindo?!" Jinshi exigiu. "Estou ouvindo, senhor."

Aparentemente, ainda era a escolha errada. Nesse caso, em vez de oferecer comentários inofensivos, ela deveria ter tentado sugerir uma solução. Mas naquele momento, Maomao nem

tinha ideias para oferecer.

Nem o resto da comitiva de Jinshi.

Gaoshun foi o primeiro a falar. "Príncipe da Lua, houve alguma comunicação da Imperatriz Gyokuyou desde então?"

Quando é "então"? Maomao se perguntou. Ela sabia que Jinshi e a Imperatriz tinham entrado em contato um com o outro sobre a filha de Gyoku-ou. Era isso que ele queria dizer?

"Comunicação? Sim. Mas não acho que ela esteja em uma boa posição para lidar com Sir Gyoku-ou. Por um lado, a Imperatriz não teria como saber sobre esse evento mais recente. Mesmo se eu a contatasse com a maior urgência possível, duvido que seria a tempo. Mas, felizmente, ela já me colocou em contato com certas outras conexões."

Faz sentido. Mesmo os membros de uma única família dificilmente estariam em sintonia. Maomao se perguntou quem eram essas conexões.

"E o Mestre Gyokuen, então?" Basen perguntou.

Jinshi parou por um segundo e então disse: "Não posso ter certeza, mas duvido que Sir Gyokuen tenha alguma coisa a ver com isso. Eu o mantive informado sobre a situação aqui, mas há certas coisas que acho que ele deseja deixar para o julgamento do filho. Ele envia apenas as respostas mais ambíguas. Só posso imaginar que o que ele

escreve para Sir Gyoku-ou é bem diferente do que ele escreve para mim."

"Você não acha que as respostas dele entram em conflito com o relatório que está recebendo, Mestre Jinshi?" Taomei perguntou. Ela parecia estar se perguntando se as cartas de Jinshi estavam chegando a Gyokuen.

"No momento, acho que não."

"Eu concordaria", veio uma voz de trás de uma cortina. Maomao foi pego de surpresa por um momento, mas então percebeu que era o outro filho de Gaoshun, Baryou. Chue se aproximou e cutucou a cortina.

Ele se acostumou conosco o suficiente para falar, hein?

Ela não tinha ideia, no entanto, de quantas vezes mais ela teria que visitá-lo antes de ver seu rosto. Talvez ele se abrisse com ela se ela usasse uma máscara de pato.

Gaoshun captou o pensamento. “A política do Mestre Gyokuen sempre foi manter relações amigáveis com os países vizinhos — e assim mantê-los sob controle. Ele pode fazer ‘sugestões’ ou negociar às vezes, mas nunca fez uma declaração aberta de hostilidade. Acho que isso significa que é seguro assumir que o Mestre Gyoku-ou fez isso por iniciativa pessoal. Ao mesmo tempo, posso ver por que o Mestre Gyokuen pode hesitar em criticar a abordagem de seu filho.”

“Sir Gyokuen não é mais um jovem. Ele não pode ficar sempre se intrometendo nos assuntos de seu filho”, disse Jinshi.

Verdade.

“Exatamente, senhor. Além disso, deve haver mais do que alguns entre a população que estão insatisfeitos com a maneira como o Mestre Gyokuen fez as coisas. O grupo principal de apoiadores do Mestre Gyoku-ou deve incluir muitos ex-crentes descontentes com o Mestre Gyokuen.”

“Um suspeito.” Jinshi colocou a jaqueta de algodão de lado e sentou-se. “Afinal, nem todos os vizinhos por aqui são necessariamente boas pessoas.”

Maomao lembrou-se de uma cerimônia de casamento que ocorreu na capital ocidental no ano passado. A futura esposa, horrorizada com a ideia de ser levada para Shaoh pelo marido, tentou fingir seu próprio suicídio para desaparecer. A família inteira estava envolvida, e resolver o caso não os deixou

mais ansiosos para prosseguir com o casamento.

Eles disseram que os estrangeiros marcam suas esposas como gado.

Não havia muitos idiotas no mundo que deixariam deliberadamente alguém pressionar uma marca quente em sua pele por vontade própria. Na

verdade, até onde Maomao sabia, havia apenas um.

Na verdade, ele fez isso consigo mesmo.

Ela olhou feio para aquele idiota enquanto refletia sobre as circunstâncias atuais em sua mente. Então o povo ficou chateado com o irmão mais novo do Imperador, e Gyoku-ou interveio. Ele de alguma forma conseguiu jogar a culpa de tudo nos estrangeiros, e agora Jinshi vai realizar algum tipo de ritual.

Pelo que parece, esse ritual tinha menos a ver com expurgar doenças e mais com se preparar para a guerra que se aproximava.

Naquele momento, Jinshi conseguiu adiar o ritual, brevemente, mas agora ele estava tentando descobrir o que fazer.

"Eu não suponho que Sir Gyokuen voltaria para casa", Jinshi murmurou, mas todos sabiam que isso era impossível.

"Infelizmente, senhor, não acho que isso vá acontecer", disse Gaoshun. "Você não pode confiar nos outros para resolver seus problemas", acrescentou Taomei.

Bem, isso se aplicava tanto ao marido quanto à esposa.

Essa conversa não parecia estar indo a lugar nenhum rápido. Maomao nem sabia por que ela estava ali. Ela tinha sido convocada pela primeira vez em vários dias, mas antes que ela tivesse a chance de inspecionar a queimadura de Jinshi, ele estava começando suas provações e tribulações.

Senhorita Chue... Maomao pensou relutantemente na caprichosa dama de companhia que a trouxera aqui.

Maomao decidiu tentar colocá-los de volta nos trilhos, à força, se necessário. “Eu entendo que você esteja preocupado, senhor, mas o objetivo geral do ritual foi determinado, não foi?”

“Sim”, Jinshi disse lentamente. “É isso.” Ele mostrou a ela um pedaço de papel. Havia dois caracteres: terra e pacificação.

"A pacificação da terra?"

"Foi ideia do vice-ministro Lu. Ele disse que seria uma justificativa apropriada para uma cerimônia de estado."

"Já ouvi falar desse tipo de ritual... mas não com frequência."

"Você entende o que significa ser uma cerimônia de estado, não é?"

"Sim, senhor. Geralmente é um ritual que Sua Majestade, o Imperador, realiza para

venerar os ancestrais e espíritos, não é?"

"Isso mesmo. Mas quando Sua Majestade está muito ocupado para realizar tal cerimônia, eu posso realizá-la em seu lugar."

Na verdade, uma dessas apresentações levou a um atentado contra sua vida. Se Maomao tivesse estudado mais diligentemente para o exame das damas da corte durante seu tempo como dama de companhia de Jinshi, ela poderia ter descoberto sua

verdadeira identidade mais cedo.

"Você gostaria de saber os detalhes da cerimônia?" Jinshi perguntou.

Maomao não mediu palavras. “Não, obrigado, senhor. Apenas me diga exatamente o que significa ‘pacificar a terra’.”

“Muito bem. Normalmente essas cerimônias têm a ver com venerar os ancestrais e os espíritos, ou às vezes os céus e a terra. Neste caso, no entanto, como estamos longe da capital, a sugestão foi que talvez o ritual devesse ser focado em aplacar o espírito guardião local. Em suma, rezamos para a terra devastada para que ela produza uma rica colheita.”

“Se me permite ser tão ousado, senhor, parece que você acabou de inventar um novo ritual do nada.”

“Talvez não do nada. Dizem que tais rituais são praticados nas ilhas a leste.”

“Deixe-me ver se estou entendendo você. Suas mãos estariam atadas se, imediatamente após o irmão mais novo do Imperador ter venerado os espíritos, o Mestre Gyoku-ou fizesse uma declaração de guerra a outro país.

Suponha que, em vez disso, você não venerasse os espíritos em geral, mas apenas o espírito muito específico desta área? E se o objeto do ritual não se estendesse além das fronteiras da província de I-sei? É isso que você está pensando?”

“Você demonstra uma percepção notavelmente

afiada para alguém que afirma não entender de política", disse Jinshi. Coisa engraçada para ficar impressionado.

"Parece que você estaria deliberadamente se colocando fora do escopo de sua própria cerimônia."

"Sim, assim como o vice-ministro Lu, que originalmente teve essa ideia. Se tivermos sorte — muita sorte — Sir Gyoku-ou simplesmente não tentará nada."

Em termos concretos, Jinshi estava preocupado que Gyoku-ou aproveitaria a ocasião do ritual para fazer uma declaração aberta de guerra a outra nação.

"Ele ainda não fez nada externamente, fez?" Maomao perguntou.

"Não. Ele conversou comigo e com Sir Lakan sobre a possibilidade de guerra, mas não fez nenhum movimento público. Ele estava apenas nos sondando; ele julgou que não poderia agir sem nosso apoio."

Foi isso que fez de Gyoku-ou um homem perigoso: ele não iria para a guerra sozinho; ele tentou arrastar todos os outros com ele.

O povo da capital ocidental confiava em Gyoku-ou implicitamente, e a política que ele estava agora contemplando era inspirada por suas visões. Poderia de fato fazê-los pensar que ele era um bom governador atuante — mas o mundo não

era tão simples.

O povo da capital ocidental tinha seus sentimentos. Sua raiva tinha que ir para algum lugar. Ela tinha sido apontada para o irmão mais novo Imperial — e agora estava apontada para uma nação estrangeira. Uma solução simples a curto prazo, mas uma má decisão a longo prazo.

“Eu me opus aos planos de Sir Gyoku-ou, então ele tomou medidas mais enérgicas.”

“Sim. Medidas repugnantes. Ele deveria ser bom o suficiente para declarar a guerra ele mesmo e sofrer as consequências ele mesmo,” Taomei cuspiu.

“Agora, já chega”, Gaoshun interrompeu. Basen pode parecer com o pai, mas talvez tenha herdado o sangue quente da mãe.

E isso quando há tantos estrangeiros na província de I-sei, pensou Maomao, preocupada com o perigo que isso poderia colocá-los. “Quantos estrangeiros há na capital ocidental agora?”, ela perguntou. Ela tinha visto o estado da multidão. Se aquela multidão encontrasse alguém com sangue estrangeiro, parecia provável que houvesse um ataque violento. Onde os estrangeiros estariam se escondendo?

“Isso foi resolvido por alguém com talento para such coisas.

O estrategista”, disse Jinshi.

“Aquele velhote?” Maomao retrucou, carrancudo.

“Assim que a primeira onda de gafanhotos chegou, ele trouxe todos os grupos de comerciantes estrangeiros para um único lugar onde eles poderiam ser protegidos. Porque, segundo ele, seria ‘uma dor’ tê-los misturados em todos os lugares.”

“Você acha que ele realmente entende o que está acontecendo?”

O esquisito com o monóculo fez tudo por instinto, então pode ser difícil entender suas ações.

“Muitos dos comerciantes voltaram para casa pelo mar ou continuaram por terra até a província de Kaoh. Mesmo assim, cerca de cem deles permanecem na capital ocidental.”

“Há algum lugar onde eles possam se esconder?”

“As pessoas aqui não são monolíticas. Alguns são xenófobos, sim, mas outros veem os estrangeiros como vizinhos inestimáveis. Há uma cidade-pousada perto do porto que atende estrangeiros. Ele alugou o lugar inteiro.”

“Esse é um truque muito bom.”

“De fato. Ele sabia exatamente a pessoa para perguntar. Na verdade, eles devem se juntar a nós em breve.”

“Ahem... Se vamos receber uma visita, gostaria de encerrar meu trabalho aqui e voltar,” disse Maomao. A única pessoa no consultório médico era o médico charlatão, que conseguiu dormir

durante a última grande comoção. Enquanto isso, não eram apenas os remédios que estavam sem.

Também não havia bandagens suficientes, então Maomao estava planejando rasgar alguns lençóis não utilizados para fazer novos.

“Receio que nossa ilustre convidada já tenha chegado,” disse Chue. Notícias muito desagradáveis.

Jinshi sorriu. “Você a ouviu. Espere lá atrás, por favor.”

“Sim, senhor... Mas onde é ‘lá atrás’?” Maomao olhou ao redor da sala. “Aqui, Srta. Maomao, por aqui.” Chue a levou para um canto que estava

separado do resto da sala por uma cortina. Atrás dela havia uma mesa e duas cadeiras, a mesa já posta com lanches para chá. O espaço era pequeno, mas não apertado. "Foi tão injusto que só meu marido conseguiu um lugar. A senhorita Chue fez um para ela também."

"Uau! É tão aconchegante", disse Maomao.

"Sim, de fato! Se você precisar de mais lanches, eles estão na prateleira de cima. Você gostaria de chá ou suco?"

"Chá, por favor."

"Já estou chegando!" Chue passou rapidamente por uma cortina do outro lado. "Maomao." Ela ouviu Jinshi do outro lado da cortina. "Eu acho

que as coisas vão ficar cansativas. Preciso de uma carga." Sua mão enfiou através das cortinas.

"Uma carga?" Maomao perguntou.

Ela estudou a prateleira que Chue havia indicado. Ela pegou um bolo lunar embrulhado em papel de uma cesta na prateleira e o colocou na mão de Jinshi.

"Huh?!"

O bolo lunar caiu no chão. O papel caiu e, infelizmente, tocou o chão. Maomao se moveu para pegá-lo, mas sua mão direita foi pega pela de Jinshi. Ela sentiu os dedos dele deslizarem entre os dela como se para ter

certeza de que ela estava lá. O fato de ambos estarem usando a mão direita tornava tudo estranhamente estranho.

Os dedos longos de Jinshi pressionaram as costas da mão de Maomao, enquanto a palma dele pressionava a dela. Ela podia sentir seu pulso. Suas unhas estavam bem aparadas, mas ela podia sentir os calos na palma da mão. Tinta manchava as pontas dos dedos e havia um brilho de suor na mão.

A palma da mão de Maomao também começou a suar. Ela esperava escapar antes que piorasse. "Senhor? O que você está fazendo?", ela perguntou. "Eu te disse. Atacando." "Atacando

Droga, então ele não estava falando sobre pegar um pouco de açúcar extra? Ela olhou com reprovação para o bolo lunar no chão.

"Eu queria fazer isso antes de ter que começar a

me esforçar demais." “Talvez seja melhor não se esforçar tanto?”

Maomao respirou lentamente, tentando manter o ritmo cardíaco baixo, tentando manter o rubor longe das bochechas e mãos. Mesmo assim, seu batimento cardíaco e o suor a deixaram, e ela podia sentir sua mão ficando escorregadia.

“Só os líderes mais incompetentes achariam isso uma opção, eu temo.”

“Se você deixa outra pessoa roubar o crédito por tudo o que você faz, você não parece muito um líder de qualquer maneira.”

“Isso não me incomoda. Aqueles que sabem saberão, e isso é o suficiente.” Ele apertou a mão dela com mais força. Então a qualidade de sua voz mudou: “Nossa visitante está aqui.”

“Você deve perdoar minha intrusão, Príncipe da Lua,” disse uma voz masculina. “De jeito nenhum. Minhas desculpas por chamá-lo quando você está tão ocupado,”

Jinshi respondeu facilmente, mas sua mão permaneceu enrolada na de Maomao.

Ele vai manter a conversa toda dessa forma?

Jinshi estava de costas para Maomao, mas ela não conseguia nem ver isso por causa da cortina entre eles. Tudo o que ela sabia era que a mão direita dele estava ficando cada vez mais suada, revelando as emoções que ele não podia deixar transparecer em seu rosto.

Quem era esse visitante que ele estava

entretendo? Que expressão ele estava fazendo para eles? Eles realmente não perceberam que Maomao estava bem ali, fora de vista?

Ela não conseguia mais suportar. Ela beliscou as costas da mão direita de Jinshi com a esquerda.

Isso não conta como desrespeito! Não conta!

"Por favor, sente-se", disse Jinshi. Era imaginação dela ou a voz dele tinha subido uma oitava? Finalmente Maomao libertou a mão dela, e a dele desapareceu do outro lado da cortina.

Maomao levantou a mão e a inspecionou.Havia leves marcas vermelhas nas costas.

"Atacando, hein?" ela murmurou. "Quem está atacando?"

Maomao quase pulou para fora de sua pele e teve sorte de não gritar. Chue estava ali com uma bandeja de chá.

"Não é nada", disse Maomao.

"Sério? Aww, olha, você deixou cair seu bolo lunar." Ela o pegou do chão, soprou a poeira e comeu. Então ela disse: "Você não parece muito relaxada, Srta. Maomao."

"É sua imaginação, Srta. Chue." Ela tentou o seu melhor para parecer calma enquanto sussurravam para frente e para trás.

"Ok, vamos dizer que é minha imaginação."

Maomao não respondeu imediatamente. Ela nunca poderia dizer o quanto Chue realmente sabia. Em vez disso, ela se sentou em uma das

cadeiras e tomou seu chá calmamente. Ela podia ver o visitante através da abertura na cortina. "Ele não vai notar que estamos observando ele?" ela perguntou.

“Não se preocupe. Lady Suiren está de olho para garantir que ele não nos veja. E ele não vai nos ouvir enquanto falarmos baixo assim.”

Se Suiren achava que não era um problema, então estava tudo bem.

O visitante parecia ter trinta e poucos anos, com pele bronzeada e cabelos ruivos que pareciam mais desgastados pelo sol e pela brisa do mar do que por sangue estrangeiro. Jinshi e o homem estavam sentados um de frente para o outro em uma mesa; Maomao e Chue podiam vê-los de perfil.

“Quem é ele?” Maomao perguntou. “Um dos filhos do Mestre Gyokuen!”

Um irmão da Imperatriz Gyokuyou e Gyoku-ou, então.

“Mas ele não se parece com nenhuma delas,” Maomao observou. “Isso é verdade. Ele tem uma mãe diferente. Mestre Gyokuen tem onze

esposas e treze filhos.”

Maomao ficou quieto por um momento. Muitos homens ricos tinham uma amante ou duas além de sua esposa oficial, e aparentemente o velho governador tranquilo não era exceção.

“Aquele homem ali é seu terceiro filho. O nome dele é — bem, você provavelmente

não se lembraria se eu lhe dissesse, então talvez possamos chamá-lo de Irmãozinho de Gyoku-ou.”

Chue foi muito indiferente para alguém dizer algo tão rude, mas como era a verdade inegável, Maomao não se opôs. Em vez disso, ela disse: “Como o Irmão de Lahan, você quer dizer? Faz sentido. Eu gosto.”

“Sim, exatamente. Apenas esteja ciente de que, ao contrário do Irmão de Lahan, este homem tem um nome real, verdadeiro.”

Ela estava insinuando que o Irmão de Lahan não tinha?

“O Irmãozinho de Gyoku-ou é o responsável pelo porto. É graças a ele que conseguimos alugar o distrito de pousadas. Ele foi muito receptivo — parece estar em bons termos com a Imperatriz Gyokuyou.”

“Então ele é a conexão misteriosa.” Mas então Maomao parou e inclinou a cabeça. “Huh? Se ele tem todo esse poder, por que ele não falaria sobre o que está acontecendo na capital ocidental agora? E quanto a todos os outros irmãos?”

Aparentemente eram treze deles, e Maomao só sabia de três. Os filhos de pessoas poderosas não deveriam brigar mais?

“Acho que isso tem algo a ver com a maneira como o Mestre Gyokuen educou seus filhos. A mãe do Irmãozinho de Gyoku-ou era marinheira. E todas as outras mães trabalham em um campo específico.”

“Então, basicamente, todos os irmãos seguem os passos de suas mães?” “Basicamente. O Mestre Gyokuen tem talento para mais do que apenas

colecionar esposas. Ele traz pessoas excepcionais em cada campo para sua família. Assim como ele manobrou seu caminho direto para a linhagem Imperial!”

Como comerciante, nada que Gyokuen fez foi desperdiçado. Ele havia enviado a Imperatriz Gyokuyou para o palácio traseiro, armada com as armas gêmeas de sua beleza e inteligência.

"Tudo bem, mas sejamos francos. O único sucessor real do Mestre Gyokuen é o Mestre Gyoku-ou, certo? Eu sei que ele é o filho mais velho e tudo, mas os outros irmãos realmente não têm problemas com isso?" Maomao perguntou. Quanto maior a casa e mais bens ela tinha, mais provável era que conflitos familiares surgissem. Onze esposas e treze filhos pareciam uma receita para o desastre nesse departamento.

"As esposas do Mestre Gyokuen parecem ter uma hierarquia. Uma divisão agradável e clara entre a mãe do Mestre Gyoku-ou, sua esposa oficial e o resto, que são todas concubinas."

"Entendo." Gyokuen tinha apenas uma esposa "verdadeira", a mãe de Gyoku-ou — o resto eram apenas amantes que ele havia tomado para forjar relacionamentos específicos.

Ele é mais implacável do que parece. Gyokuen

parecia um velho agradável, para não dizer senil, mas Maomao percebeu que sua imagem dele havia mudado completamente.

"Eu entendo o que ele está fazendo, então, mas não consigo deixar de pensar que as muitas famílias de suas muitas esposas podem ter algo a dizer sobre isso."

"Ao que tudo indica, ele lidou muito bem com essa situação." Chue enfiou um pouco de bolo lunar na boca e espiou pela cortina. O irmãozinho de Gyoku-ou estava relatando a situação dos estrangeiros escondidos nas estalagens.

"Estamos nos virando até agora, de alguma forma", ele estava dizendo.

"Isso é uma grande ajuda", respondeu Jinshi. "Mesmo que se considere a emergência atual uma circunstância atenuante, um ataque das pessoas aqui contra a população estrangeira pode rapidamente se transformar em um incidente diplomático."

"Um incidente diplomático", o homem bronzeado repetiu com algum sarcasmo. "Dependendo de como meu irmão mais velho ys suas cartas, pode ser que não tenha sentido eu esconder ninguém."

Isso foi algo muito perturbador de ouvir. O irmãozinho de Gyoku-ou tinha a constituição de um marinheiro rude e pronto, mas ele parecia saber como usar um tom educado na frente do irmão mais novo do Imperador.

“Se você me perdoar por dizer isso, Sir Gyoku-ou parece decidido a guerrear. Como ele se comportou entre vocês, irmãos?” Jinshi perguntou.

“Eu não poderia dizer com certeza, mas tenho uma ideia.” O irmãozinho de Gyoku-ou apertou suas mãos nodosas. “Todos nós chamávamos a mãe do nosso irmão mais velho de Lady Seibo, ‘a Mãe Ocidental’. Talvez você saiba que ela era anteriormente um membro da tribo Windreader?”

“Sim, eu ouvi.”

Talvez o nome tenha derivado do da deusa Sei-ou-bo, a Rainha Mãe Ocidental; ou talvez eles a chamassem assim porque ela era a “mãe” da capital ocidental. Ou talvez o nome dela até incluísse o caractere para "oeste". Maomao não sabia.

"Lady Seibo era uma mulher gentil, muito preocupada com aqueles que antes eram membros de sua tribo. Ela ia com nosso pai em suas expedições de negócios, e sempre que via um antigo Leitor do Vento entre os escravos, ela os libertava, ou foi o que me disseram."

"Isso significaria que Sir Gyoku-ou foi com ela?"

"Sim, senhor. Muitos membros da tribo Leitor do Vento foram encontrados em

Shaoh. Muitos deles foram cruelmente maltratados pelas pessoas de lá; eles eram praticamente pele e osso. Minha mãe conheceu

muitos deles em seus últimos momentos."

Maomao escutou. Isso meio que fazia sentido para ela... mas meio que não fazia.

Chue parecia ter a mesma opinião; ela estava franzindo a testa. "O que você acha, Srta. Maomao?" ela perguntou.

"Não tenho certeza de como responder a isso. Certamente seria uma razão para querer ir à guerra, mas parece que deve ser apenas uma razão entre muitas."

Essa era sua opinião honesta. Ela entendeu isso, como uma justificativa, mas por si só era muito pouco. Querer vingança pelo próprio povo era compreensível, mas tribos por todas as planícies atacaram os antigos Leitores do Vento. Enquanto isso, estrangeiros dificilmente tinham o monopólio de maltratar seus escravos. Como uma questão política, tais coisas eram pouco mais que desculpas.

Jinshi, como se viu, tinha as mesmas perguntas que Maomao e Chue.

"Essa é a única razão?" ele perguntou sem rodeios. "Eu percebo que Sir Gyoku-ou é seu irmão mais velho, mas certamente isso não silencia os membros mais jovens da família completamente. Não é precisamente porque você discorda dele, Sir Dahai, que você estava disposto a considerar o que eu tinha a dizer?"

Então o nome do Irmãozinho de Gyoku-ou era Dahai. Significava "Grande Mar", certamente um

nome apropriado para um marinheiro.

Mas ele não tem "gyoku" no nome.

Isso, Maomao percebeu, era o sinal de que esse homem não estava na linha de sucessão. Ela se perguntou se Gyokuyou sempre teve o elemento "gyoku" no nome por causa de suas qualidades excepcionais, ou se ela havia mudado seu nome quando entrou no palácio traseiro.

"Presumo que Sir Gyoku-ou não pode se dar ao luxo de ignorar o mestre dos portos só porque esse homem é seu irmão mais novo. O que ele usou para negociar com você?" Jinshi perguntou.

Dahai estremeceu, mas então sorriu. "Você deveria sair mais entre as pessoas, Príncipe da Lua. Então eles podem parar de acreditar que você não é nada além de uma figura de proa."

"Sair entre as pessoas e fazer o quê? Você me faria desfilar como um santuário portátil em um festival?" Jinshi continuou a parecer cada centímetro real, mas seu tom havia se tornado bastante informal. Ele já deve ter encontrado esse homem várias vezes antes; Maomao simplesmente não sabia

sobre isso. Caso contrário, Dahai nunca ousaria falar tão francamente quanto ele acabou de fazer.

“Meu irmão mais velho me tentou com os direitos dos portos de Shaoh.

Atualmente, navios de outros países pagam muito para usá-los. Produtos de muitas terras

chegam a Shaoh, vindos em muitos navios, e Shaoh os tem todos em um barril. Eles precisam desses portos. Meu irmão me informou de sua intenção de tomar os portos e me colocar no comando deles. Eu limparia pelo menos isso facilmente."

Ele levantou cinco dedos para indicar a quantia. Maomao não conseguia nem imaginar tantos zeros. E?" "E o quê?"

"Ele pode falar em lhe dar direitos, mas tudo o que vejo é um aumento drástico em sua carga de trabalho. Por mais capaz que seja, Sir Dahai, nem você consegue administrar sozinho dois grandes portos com navios estrangeiros indo e vindo.

A menos que tenha algum plano para se dividir ao meio e se tornar duas pessoas? Você se tornou um mestre das artes dos imortais sem que eu saiba?" Jinshi estava provocando-o — provocando-o.

A expressão de Dahai não mudou. "Eu tenho alguém que serve como minha mão direita. E minha esquerda. E ambos os pés. Vou deixá-los lidar com as coisas."

"Você enviaria seu pessoal mais valioso para uma terra que parece destinada a se tornar um campo de batalha? Ouvi dizer que os marinheiros valorizam seus companheiros de navio, mas talvez eu estivesse mal informado." Agora Jinshi estava provocando abertamente o outro homem.

O que ele está fazendo? Só testemunhar isso foi o suficiente para deixar os nervos de Maomao à flor da pele. Deve ter sido uma ll em Jinshi e Dahai. Agora entendo por que ele queria uma "acusação". Deve ter sido mental e emocionalmente desgastante manter essa conversa.

"Talvez isso sugira a você o quão importantes esses direitos são", disse Dahai.

"Muito bem. Então o que está mantendo o resto dos seus irmãos quietos? Não pode haver muitas cenouras tão grandes quanto esses direitos de porto. Se alguma coisa, eu esperaria o oposto — que eles achassem os custos de invadir outro país indevidamente onerosos."

Depois de um momento, Dahai disse: "Não tenho dúvidas de que meu irmão explicou a cada um dos nossos irmãos as vantagens de apoiá-lo."

Maomao e Chue ainda estavam espiando por trás da cortina. Eles estavam sem bolos lunares, e Chue passou a mordiscar um

twist de massa frita.

"Tem certeza de que eu deveria ver isso?" Maomao perguntou a ela. "Claro, está tudo bem!"

"Não, quero dizer... Se Dahai descobrisse, ele não ficaria chateado?" Maomao sabia que ficaria, se descobrisse que algumas damas de companhia estavam espionando conversas secretas que ela estava tendo.

"Acho que ele já está chateado só de ter que

lidar com o Príncipe da Lua.

O irmão mais novo de Sua Majestade pode ter uma opinião ruim sobre si mesmo, mas ele sempre consegue fazer o trabalho."

Verdade.

Dahai tinha que ser mais de uma dúzia de anos mais velho que Jinshi, mas foi o príncipe que tomou a iniciativa nessa conversa. Parecia que ele sabia de algo, algo importante.

A Imperatriz Gyokuyou deu a ele algum tipo de informação privilegiada? Não, espere...

Jinshi colocou um caroço preto na mesa.

"Seria essa a vantagem da qual você está falando?"

Era algum tipo de pedra. O brilho brilhante em sua superfície fazia com que parecesse obsidiana, mas não era.

"Eu acredito que na Província de I-sei vocês chamam isso de pedra ardente", disse Jinshi.

A pedra ardente... Uma pedra que queima... Carvão?

Maomao lembrou-se do que desgrenhado havia escrito em sua carta. “Dizem que há uma montanha perto do porto em Shaoh que produz carvão.

Assuma o controle do porto e alguém poderia — e sem dúvida iria — começar a escavá-lo, sim?” Jinshi perguntou. Então ele disse: “Vejo que a província de I-sei está mais desesperada por combustível do que nós na região central.

Diferenças drásticas de temperatura entre o dia e a noite, sem dúvida muitas mortes por congelamento no inverno. Sem muita madeira, suas principais fontes de combustível são palha e esterco animal, mas os suprimentos de ambos são instáveis. A sugestão de que pode haver um fluxo constante de combustível é algo que poderia facilmente influenciar uma família inteira de irmãos. Agora, aqui está a pergunta...”

Oh, cara, eu odeio esse olhar.

Jinshi estava fazendo a cara que sempre fazia quando estava prestes a trazer algum tipo de problema para Maomao. Ela perdeu a conta do número de vezes em que, no palácio dos fundos, ela encontrou aquela expressão untuosa com o olhar de alguém observando uma cigarra de cabeça para baixo.

“Senhor Dahai, nem você nem Sir Gyoku-ou tocaram no assunto do carvão. Por que não?”, perguntou Jinshi.

Argh! Eu realmente odeio esse olhar!

Maomao estava começando a simpatizar com Dahai. Jinshi podia ser brutal.

Ele só agia quando tudo estava pronto e não havia mais escapatória.

“Os registros mostram que costumava haver mineração na província de I-sei — uma quantidade modesta, admito, mas era lá. Agora você não faz mais isso. Posso perguntar por que não?”

“Uma mina não pode secar?” Dahai respondeu. “Secou?”

Dahai estudou Jinshi por um momento. “O que você está dizendo, senhor?” Havia uma pitada de aborrecimento em sua voz.

“Oh, nada. Eu simplesmente estava me perguntando o que aconteceria se a região central reconsiderasse o valor do carvão e talvez o incluísse em nossas pesquisas. O que você acha que aconteceria se descobrisse que alguém estava escondendo carvão que deveria estar nos enviando?”

A carta cheia de enigmas de Lahan era uma forma de tentar dizer a eles que a província de I-sei tinha uma mina de carvão escondida.

"Todos os relatos de mineração de carvão cessaram há dezessete anos. Aconteceu alguma coisa no meio do caos que cercava o clã Yi?"

"Receio não saber, senhor."

"Você está me dizendo que tem usado carvão sem saber?" "Isso é uma acusação?"

Dahai e Jinshi se enfrentaram. A simpatia fácil da conversa anterior só tornou esse momento mais difícil de suportar.

"Ouvi dizer que as siderúrgicas da capital ocidental estão completamente enegrecidas."

"Isso acontece quando você faz ferro."

"Verdade. Cinza é cinza, não importa se você queima madeira ou carvão." Maomao pensou ter visto Jinshi olhar em sua direção por uma fração

de segundo. "No entanto, o cheiro — isso não pode ser escondido, pode? Mais precisamente, temos a confirmação de grandes quantidades de carvão sendo trazidas para as siderúrgicas."

Chue havia contado a Maomao sobre o cheiro único do carvão. Isso os levou à siderúrgica, onde coletaram evidências indiscutíveis. Jinshi foi muito meticuloso.

Dahai continuou a brincar de ser evasivo, no entanto. “Não é tão incomum importar carvão de outros países. Eu questiono como você pode ter tanta certeza de que nosso suprimento vem da própria província de I-sei.”

“Talvez você me deixasse ver seus manifestos, então. Presumivelmente, qualquer

carvão importado teria que vir por navio.” Os lábios perfeitos de Jinshi se curvaram em um sorriso.

“Você parece disposto a ser muito mais firme com o irmão mais novo do que com o mais velho.” Dahai parecia abertamente exasperado.

“Quando uma pessoa tem provas, ela pode ser tão firme quanto desejar.” Era um pouco de folha de parreira para o irmão mais novo do Imperador, mas era sua maneira de sinalizar que ele não iria simplesmente forçar as coisas usando sua autoridade. “Além disso, não precisamos dificultar isso. Eu tenho uma saída fácil para você.”

Depois de um longo momento, Dahai disse:

“Eu deveria saber que nunca levaria a melhor sobre você.”

“Havia um acordo secreto com o antigo imperador — ou talvez eu devesse dizer com a imperatriz reinante — sobre o uso de carvão, não é?” Jinshi perguntou.

“O que lhe daria essa noção?”

“Você não tem ideia de quão espinhosos os contadores de feijão na capital real podem ficar. A mera aniquilação de um clã inteiro nunca os convenceria de que eles deveriam receber menos dinheiro de impostos do que receberam no ano anterior.”

Maomao conseguia imaginar Lahan trabalhando em seu ábaco, que ele sempre carregava, apesar de fazer todas as contas de cabeça. Era francamente desagradável.

"Então houve um acordo tácito com a corte sobre a questão do carvão. E ainda assim você vem aqui com suas acusações, Príncipe da Lua?"

"Eu disse, não disse? Que era um acordo secreto com a ex-imperatriz viúva, a imperatriz reinante. O atual soberano não teve, e não tem, nenhuma parte nisso. Digamos que o Imperador não saiba sobre isso, ou saiba, mas fique em silêncio. Como as pessoas reagiriam se eu falasse? Já posso ver o brilho nos olhos do Conselho de Receitas. Eles exigiriam dezessete anos de impostos atrasados, cada pedrinha que lhes é devida. Sim, acho que isso causaria uma

reavaliação do valor do carvão."

Cara idiota, idiota!

Ele realmente precisava de uma acusação? Ele parecia estar no controle da situação.

"Você está me ameaçando? Aqui eu pensei que você tinha salvado nosso povo das depredações dos gafanhotos. Seu verdadeiro objetivo sempre foi nos devastar no lugar deles?"

"Foi apenas uma sugestão. Eu não disse a você que havia uma saída fácil? Digamos que eu seja muito ignorante nesses assuntos. Eu mal sei

que o carvão existe, muito menos quanto vale. É só um monte de pedras. Bom o suficiente?"

"E... o que você pede em troca dessa ignorância?" Dahai fez uma careta para Jinshi.

"Para ser bem franco, não vejo vantagens em fazer guerra. Um homem é bem-vindo para apostar com seu próprio dinheiro se quiser — mas não posso aprovar arrastar o país inteiro para tal aposta. Se Sir Gyoku-ou usar a ocasião do meu ritual para fazer algo parecido com uma declaração de guerra, espero que o povo esteja muito do lado dele. Posso objetar, mas poderia facilmente nos ver deslizando para uma invasão de outro país do mesmo jeito."

"Você está dizendo que quer que eu pare o plano do meu irmão mais velho, então?"
"Exatamente. Se houver guerra, acho que as consequências para você serão muito

mais terríveis do que uma investigação sobre carvão pela capital real. Mas Sir Gyoku-ou não poderá fazer nenhuma guerra sem seus navios para transportar a força de invasão."

Foi como Jinshi disse. Maomao imaginou um mapa da região em sua mente da melhor maneira que pôde. A província de I-sei era o lar de vastas planícies, onde a comida era escassa. Uma invasão inteiramente por terra parecia impossível.

"Eu também acho que é você, Sir Dahai, quem entende melhor de todos os problemas que podem ser causados por conflitos entre irmãos. Você acha que poderia trazer alguns dos outros se usasse meu nome?"

"Haveria alguma vantagem para mim em fazer uma coisa dessas?" "Como eu disse. O carvão é apenas uma rocha, sem valor para a região central."

Maomao tomou um gole de seu chá, há muito tempo frio, e sentiu uma pontada de simpatia por Dahai. Deve ter doído, ser amarrado em nós por um garoto mais de dez anos mais novo. Mas se doeu, essa dor não era aparente em seu rosto.

Intrigado, Maomao se virou para Chue, que estava olhando tristemente para o último dos rolos de massa frita.

"Senhorita Chue, senhorita Chue", ela disse. "Sim, senhorita Maomao? O que é?"

"Acabei de ter uma ideia. É isso que eles chamam de jogo fraudado?" ela perguntou

distraidamente.

"Hoo hoo hoo! É difícil estar no topo, não é? Você precisa de um bom pretexto para convencer qualquer um dos irmãos!"

Maomao percebeu por que Dahai parecia tão plácido, mesmo quando Jinshi o usava impiedosamente. Ele estava, e sempre esteve, do lado de Jinshi. Mas havia uma hierarquia nas relações entre irmãos; ele não podia simplesmente fazer o que quisesse.

Ele precisava que houvesse algum motivo para ser forçado a cooperar com Jinshi, e ele tinha vindo aqui para obtê-lo.

De repente, Maomao se sentiu estúpida por ter ficado em suspense o tempo todo.

Uma acusação, minha bunda! O suor frio — tudo isso parecia bobo. Deus, eu odeio política.

Maomao foi lembrada, dolorosamente, do porquê ela detestava se envolver com qualquer coisa política.

Capítulo 17: Na sombra do Ritual

O octogésimo dia.

O ritual que Jinshi realizaria, Maomao concluiu, seria um rito intermediário. Ela não sabia muito sobre as sutilezas das cerimônias de estado, mas lhe foi dado entender que os rituais realizados pelo Imperador poderiam ser divididos em grandes ritos, ritos intermediários e ritos menores, e que a natureza exata da cerimônia variava com a escala.

O oficiante tem que se purificar por três dias antes de um rito intermediário.

Ela se lembrou de Jinshi fazendo isso uma vez quando ela foi designada a ele como uma dama de companhia. Envolvia-o comendo refeições ascéticas e realizando algum tipo de gesto ritualístico antes de entrar no banho. Ela também se lembrava de Jinshi, que ainda tinha um pouco de crescimento para fazer, parecendo bastante desapontado com a quantidade de refeições.

"Então o festival será amanhã", disse o médico charlatão com sua típica falta de preocupação enquanto enrolava uma tira de lençol rasgado.

“Eu acho que você poderia chamar isso de

festival, mas você sabe que não haverá barracas de comida ou algo assim, certo?" Maomao se certificou de que as pílulas que saíram do molde de madeira estavam perfeitamente redondas, então as colocou cuidadosamente em uma bandeja de vime. Era um remédio para o estômago, feito com ingredientes substitutos porque não havia nada parecido com remédio de verdade por perto. Se eles encontrassem a ajudante do estrategista esquisito, ela pretendia dar um pouco a ele.

A cerimônia seria realizada em uma grande praça aberta no meio da capital ocidental. Havia um santuário lá; era um local muito proeminente.

"Mestre Lihaku," Maomao disse.

"Hm? Sim?" O grande soldado vira-lata estava cortando uma folha em tiras perfeitas com uma faca.

"Temos certeza de que ter um festival neste momento não sairá pela culatra e causará violência em vez disso?"

"Essa é uma pergunta realmente difícil. Nossa única graça salvadora é que tudo o que vi daquela praça faz com que pareça fácil de defender. É circular, então podemos cercá-lo, e é grande, o que dificultaria atirar uma flecha nele." Então não era, da perspectiva dele, um local perigoso. "O único

problema potencial real é se as pessoas se transformarem em uma multidão e simplesmente passarem por nós." "Sim, não haveria muito que você pudesse fazer sobre isso."
Mesmo soldados impecavelmente treinados só podiam fazer até certo ponto para resistir aos números absolutos.
Maomao esperava que não houvesse feridos, mas quem sabia o que o dia traria? Era até possível que uma multidão indisciplinada arrancasse as vestes de Jinshi e descobrisse a queimadura em seu flanco.
"O que posso dizer é que houve menos violência nos últimos dias", disse Lihaku, entregando o lençol rasgado ao médico charlatão. "A multidão naquela noite parece ter ajudado as coisas a se acalmarem, pelo menos um pouco."
"Você quer dizer porque o Mestre Gyoku-ou falou diretamente com as pessoas?" "Uh-huh. E parece que seus irmãos mais novos têm tentado conversar com as pessoas também."
Isso deve ter vindo do irmão com quem Jinshi falou.
A família de Gyokuen controlava todas as indústrias na capital ocidental.
Qualquer um que fosse contra eles acharia a vida na cidade muito, muito difícil.
"A segurança ainda é rigorosa, no entanto.

Ainda há pessoas por aí alegando que é culpa do irmão mais novo Imperial que aquele enxame tenha surgido.” Como soldado, Lihaku era mantida a par dos preparativos de segurança de cada dia.

Então Maomao fez a pergunta que mais a incomodava. “Como você espera que o Mestre Gyoku-ou aja durante a cerimônia?”

Como ele se comportaria, esse homem que desejava guerra? Maomao não achava que ele ficaria parado em silêncio, controlado por seus irmãos mais novos. Ela só esperava que ele não começasse seu discurso no meio do ritual.

“Esperamos que ele faça uma saudação formal, é claro. No interesse da segurança, ele esperará no escritório administrativo até seu momento. Parece que seu discurso será no final, depois que todo o resto tiver terminado.”

Usar o escritório administrativo como uma área de preparação era perfeitamente compreensível; não era longe da praça. E ainda assim...

“Isso não parece estar colocando o Mestre Gyoku-ou diretamente no centro das atenções?” Maomao perguntou.

“Eu diria que sim”, respondeu Lihaku.

Fornecer segurança já seria difícil o suficiente; dividi-los em dois grupos parecia especialmente questionável. Gyoku-ou era aquele em quem as pessoas confiavam. Eles não ficariam mais calmos se ele estivesse na praça com eles?

Sem mencionar que ter a pessoa menos importante socialmente chegando atrasada normalmente seria inescrupulosamente rude. A visão de Gyoku-ou chegando do escritório administrativo com seus assistentes e guarda-costas a tiracolo deixaria uma profunda impressão nos espectadores.
“Deixe-me adivinhar. Foi ideia do Mestre Gyoku-ou?”
“Na verdade, não,” Lihaku disse, fechando os olhos e acariciando o queixo, que aos poucos estava adquirindo uma barba por fazer. Não havia mais lâminas finas o suficiente para raspar pelos faciais, então ele teve que ficar sem. “O que ouvi é que os irmãos e irmãs mais novos do Mestre Gyoku-ou queriam se reunir para discutir assuntos antes da cerimônia. Mas não havia muito tempo, e amanhã era o único momento em que eles poderiam fazer isso.”
“Bem, bem.” Maomao. ficou impressionada; Dahai tinha trabalhado mais duro do que esperava.
“Os irmãos parecem estar divididos em facções que apoiam o mais velho e o mais novo.”
“O mais novo?” Maomao ficou perplexa por um momento, mas então teve uma visão da Imperatriz ruiva. “Você quer dizer a Imperatriz Gyokuyou?”
Essa foi a primeira vez que ela ouviu sobre

Gyokuyou ser o mais novo dos filhos de Gyokuen, mas ela e Gyoku-ou eram tão separados em idade que não era tão surpreendente.
“Isso mesmo. O filho mais velho pode herdar a liderança do clã, mas a palavra da Imperatriz tem muito peso — mesmo que ela seja sua irmã mais nova. Todas as irmãs são pela Imperatriz Gyokuyou, e até mesmo alguns dos irmãos.”
“Você é muito bem informado, Mestre Lihaku.” Maomao cutucou o grande soldado com o cotovelo.
“Eu falo com os outros guardas que vêm aqui, e todos eles já passaram por aqui. Eu ouço muitas coisas. Os outros costumavam dizer que tinham inveja de mim porque guardar o anexo era para ser um trabalho confortável, mas desde aquela multidão na outra noite, não ouvi uma palavra de ninguém.”
“Sou só eu, ou o Mestre Gyoku-ou parece dado a políticas extremas? Isso não incomoda as pessoas da capital ocidental?”
“Isso tem a ver com qual ‘camada’ da base de apoio você está olhando. O grupo em que você está pensando, mocinha, tem um bando de apoiadores do Mestre Gyoku-ou nele. Se você mudar sua perspectiva, muitas outras coisas mudam com ele.”
“Eu sinto que não costumava ser assim,” Maomao objetou enquanto ajudava a

desembaraçar o charlatão das tiras de lençol em que ele se prendeu

.
“O tempo passa, as coisas mudam. Quanto mais chateadas as pessoas ficam, mais elas pressionam seus políticos. E depois, eles reclamam que não gostaram do resultado.”
“É assim que funciona?” Maomao enrolou o pano. Ela só esperava que o ritual corresse bem.

O dia seguinte estava claro e azul, sem uma nuvem no céu. Isso não era especificamente um sinal de boa sorte na capital ocidental, onde quase não chovia de qualquer maneira, mas ainda era um bom cenário para uma cerimônia. As festividades iminentes fizeram algo para dissipar a tristeza que se agarrava à cidade nos últimos meses.
“O que você acha, mocinha? Vamos subir?”, perguntou o médico charlatão, subindo as escadas com sua batata cozida no vapor na mão. Ele e Maomao tiveram que ficar e vigiar o consultório médico, mas a praça era visível do terceiro andar do anexo, e eles decidiram assistir de lá.
Maomao sugeriu que ela deveria ir ao local do ritual caso algo acontecesse, mas Jinshi rejeitou a ideia. Ele parecia pensar que sua vida seria muito mais difícil se Maomao se machucasse

do que se ele próprio se machucasse.
Eu realmente não espero que Jinshi se machuque, de qualquer forma — e o estrategista esquisito está na cerimônia. Se Maomao também estivesse lá, ele provavelmente interromperia os procedimentos. Em vez disso, ela conseguiu assistir do terceiro andar do prédio deles, que tinha uma vista excelente e uma brisa agradável. Na sala com ela e o charlatão estavam Chue, Lihaku, o pato e, por algum motivo, o irmão de Lahan.
"O quê? Você acha que é errado eu estar aqui?" O irmão de Lahan perguntou, olhando feio para ela. O pato levantou o bico imitando sua expressão. O irmão de Lahan deve ter cuidado do pato para Basen, que estava servindo como guarda-costas de Jinshi.
"Eu disse alguma coisa em voz alta?"
"Eu vi no seu rosto. Dói saber que eu estava certo."
"Sinto muito." Maomao tentou fazer o irmão de Lahan se sentir melhor oferecendo-lhe uma batata cozida no vapor, mas ele pulou para trás, dizendo que já tinha comido mais do que o suficiente. O pato o confortou.
"Eu posso vê-los, mas é tão longe. Eles são todos tão pequenos", disse o charlatão, apertando os olhos. O palco era visível de onde eles estavam, mas eles

não conseguiam distinguir os rostos dos participantes. Eles ainda conseguiam dizer qual era Jinshi, no entanto — mesmo a essa distância, ele era irritantemente imperceptível.
"Isso é uma coisa boa. De tão longe, nem o melhor arqueiro conseguiria acertá-los", comentou Chue, algo bastante perturbador de se dizer. Maomao examinou os prédios perto da praça; os únicos tão altos quanto o anexo eram o escritório administrativo e a casa principal.
O charlatão apertou os olhos um pouco mais. "Eu sinto que uma flecha poderia chegar de mais longe do que onde estamos." Do quarto deles até o centro da praça eram talvez duzentos metros em linha reta.
"Com um arco longo ou uma besta, talvez, mas como você acertaria algo assim? E mesmo que por algum milagre você fizesse isso, a flecha nunca teria força para realmente matar quem quer que ela atingisse. Nós chamamos isso de "alcance efetivo", e geralmente é menos de cem metros", disse Lihaku, fornecendo um histórico militar útil.
"Oh. Bem, isso me faz sentir melhor." O charlatão enfiou um pouco de batata na boca em alívio.
"Você tem certeza absoluta de que é seguro?" A objeção veio do irmão de Lahan. Ele sentou-se de pernas cruzadas no chão, acariciando o pato, que estava empoleirado em seu colo. "Quão

longe uma flecha voa ou se ela atinge seu alvo depende da habilidade e força do arqueiro, não é? Ou suponha que eles desenvolveram um arco mais avançado — pode ser muito mais perigoso do que você pensa, não é?"

O irmão de Lahan sabia fazer a maioria das coisas bem. Ele pode não ser o homem mais excepcional em qualquer campo, mas era tremendamente versátil.

"Você está absolutamente certo, irmão de Lahan. Mas eu simplesmente não acho que um arco e flecha serão uma grande ameaça aqui. O arco tem uma longa história — não vai mudar muito agora. Uma arma de fogo feifa — agora, é uma arma com muito a crescer. Isso pode ser realmente perigoso um dia."

"Uma feifa? Estou surpreso em ouvir você mencionar isso", disse Maomao.

Lihaku era um soldado, alguém que confiava em sua própria força. Ela ficou surpresa ao perceber que ele poderia apostar em armas de fogo.

"Uh-huh. Uma feifa é menos poderosa que um arco agora, mas veja como é portátil, apenas um pequeno tubo. Essa é a parte assustadora. As ferramentas ficam cada vez mais poderosas à medida que são aprimoradas. E ferramentas que não dependem da força do usuário — essas só ficam melhores e melhores à medida que mais melhorias são feitas."

“Er, bem, então, não seria perigoso se alguém tivesse uma dessas

fay...fay-fah?” o charlatão perguntou, claramente inseguro sobre o que uma feifa realmente era. “Com certeza seria!” Lihaku declarou. Tanto para tranquilizar o velho doutor.
“Lihaku! Se alguém mira nos oficiantes com uma dessas armas de fogo, qual o sentido de todos os seus guardas?” O irmão de Lahan perguntou, desesperado. Ele colocou o pato de lado.
“Pergunta justa. Mas as feifa ainda têm muitas deficiências para serem usadas em um assassinato. Só não espero ver ninguém tentar nada com uma nesta cerimônia. Pronto. Se sente melhor?”
Ele parecia tão seguro de si que até Maomao estava disposto a acreditar nele.
“A ameaça de violência me preocupa mais”, disse Lihaku. “Mas as coisas parecem calmas por enquanto.”
“E provavelmente continuarão assim, enquanto estivermos distribuindo comida,” disse o irmão de Lahan, cético. “Olha. Vê aquilo ali?”
“Vê o quê onde?” Chue perguntou, apertando os olhos. Maomao olhou também e viu multidões de pessoas cercando o que pareciam ser barracas de lojas.

“Eles estão distribuindo um pouco de comida extra que chegou. Bem, batatas, para ser mais específico.”
“Batatas,” Maomao ecoou. Quão louco o pai de Lahan era por batatas? O avô de Lahan e a mãe de Lahan pareciam ressentidos com sua moradia rústica, mas Maomao suspeitava que só por vender batatas, sua renda provavelmente ultrapassava em muito a da propriedade cheia de dívidas do estrategista esquisito. Eles construíram um verdadeiro Palácio da Batata.
“Eles foram até as pessoas que normalmente fazem as barracas de comida nesse tipo de coisa e fizeram com que distribuíssem as batatas. Eles contratam manipuladores de alimentos experientes, e isso ajuda com o emprego.”
“Hoh,” Maomao disse, tomando um gole de chá. Era ralo, feito com folhas bem usadas. As batatas facilitariam as coisas, porque elas nem precisavam ser descascadas: com um pouco de combustível, elas poderiam ser assadas. Era muito Jinshi-esco pensar não apenas em distribuir comida, mas em como usá-la para obter uma variedade de benefícios econômicos.
“Eles adicionaram um detalhe extra também,” o Irmão de Lahan os informou. “Eles marcam cada batata para identificá-la como vinda do irmão mais novo de Sua Majestade.”
Maomao cuspiu seu chá com tanta força que ele entrou em seu nariz e ameaçou voar em seus

olhos.
“Huh? Qual é o seu problema?” O Irmão de Lahan perguntou, dando um tapinha em suas

costas.
“N-Nada. Nada. Só que, não é meio impertinente colocar o símbolo do Príncipe da Lua em uma batata?”
“É uma versão simplificada, apenas uma lua crescente. Não seria possível fazer nada muito detalhado.”
Maomao se perguntou, preocupada, se Jinshi estava fazendo isso como uma forma de autoflagelação.
“Batatas de marca! Isso parece interessante. A Srta. Chue vai pegar algumas,” Chue disse, levantando-se rapidamente.
“Temos batatas bem aqui,” Maomao disse.
“Ela também vai ver se há algum lanche tentador por aí. Em outras palavras, a Srta. Chue está cansada de assistir.”
“Agora, isso não é justo, Srta. Chue. Você espera que eu fique aqui e observe o lugar?” Lihaku disse. Claro que sim! Divirta-se!” E com isso, Chue saiu
“.
Maomao enxugou o rosto com um lenço e olhou para a praça. Um homem com roupas muito chamativas — presumivelmente Jinshi — estava andando por ali. Ela não conseguia

ouvir o que ele estava dizendo, mas captou os sons fracos de instrumentos musicais, trazidos até eles pela brisa.
Ela mastigou uma batata e esperou que nada acontecesse.

Capitulo 18: A conferência dos irmãos

RRikuson olhou ao redor da sala de reuniões e se perguntou por que ele estava lá.

Ele estava na maior sala do prédio administrativo, e com ele estavam os filhos de Gyokuen. Oito deles, incluindo Gyoku-ou, todos sentados em uma mesa redonda.

Até onde Rikuson sabia, Gyokuen tinha treze filhos. Um deles era a Imperatriz Gyokuyou. A segunda filha de Gyokuen, Rikuson tinha ouvido, o acompanhou até a capital real como sua ajudante.

Isso deixou onze crianças na capital ocidental, o que significava que três delas não estavam aqui. Talvez fosse muito difícil reunir todos ao mesmo tempo, ou talvez apenas um representante tivesse sido enviado da ninhada de cada mãe.

Rikuson olhou ao redor para os irmãos, comparando-os com sua memória. Gyoku-ou era o filho mais velho, é claro. À sua esquerda estava o segundo filho, e à sua direita, o terceiro. O terceiro filho tinha boas relações com a Imperatriz Gyokuyou, e também se encontrou várias vezes com o irmão mais novo de Sua Majestade. Ambos às vezes vinham ao prédio administrativo.

A filha mais velha de Gyokuen sentou-se ao lado do segundo filho, e a terceira filha sentou-se ao lado do terceiro filho. Era costume na capital ocidental que a pessoa mais respeitada se sentasse mais longe da entrada, mas, ao mesmo tempo, a filha mais velha era mais velha que o segundo filho. Então eles não estavam indo estritamente por idade aqui, mas discriminando por gênero.

O quarto filho e a filha, bem como a quinta filha, estavam desaparecidos.

Havia também três rostos que Rikuson não reconheceu. Ele presumiu que eles eram os únicos irmãos que ele ainda não havia contabilizado — o quinto, o sexto e o sétimo

filhos. Supondo que eles estivessem sentados em ordem, isso faria do homem sentado diretamente em frente a Gyoku-ou o sétimo filho.

Atrás de cada um dos irmãos sentados havia outra cadeira, na qual estava sentado um ajudante ou atendente. Atrás de Gyoku-ou sozinho havia duas cadeiras — seu confidente estava em uma delas e, por algum motivo, Rikuson estava na outra.

Rikuson não poderia ter se sentido mais deslocado, mas Gyoku-ou o havia

convocado para esta conferência, então não havia nada que ele pudesse fazer além de ir. Por todos os direitos, Rikuson deveria estar na praça, observando o ritual.

"Então, irmão mais velho? Por que, diga-me, você nos chamou aqui hoje?" perguntou a filha mais velha, uma mulher em algum lugar na casa dos quarenta com um nariz

de falcão.

"Como já expliquei. Desejo discutir o futuro da capital ocidental — não, da própria província de I-sei." Gyoku-ou abriu bem as mãos. Sua estrutura grande e sólida fazia sua irmã mais velha parecer muito mais delicada e esbelta. As pessoas na mesa podiam ser todas irmãs, mas com cada uma delas tendo uma mãe diferente, todas pareciam muito distintas umas das outras.

“Não posso concordar com o que você está sugerindo, irmão mais velho”, disse o terceiro filho com voz firme. Sua pele e cabelo queimados pelo sol o marcavam como um homem do mar. Rikuson lembrou que esse filho era o responsável pelos portos e que ele poderia ser ainda mais influente do que o segundo filho.

Gyoku-ou teria que ter cuidado com ele.

“Ah, não, Dahai? O que aconteceu com ouvir seu irmão mais velho?” Gyoku-ou fungou. Ele não estava lidando com uma criança, mas com um homem na casa dos trinta.

“Eu entendo o que você está tentando dizer. Você está se referindo ao que já me disse, certo?” Dahai perguntou com um olhar para Rikuson.

“Não se preocupe. Todos nesta sala são livres para ouvir sobre isso”, disse Gyoku-ou. Sua maneira de indicar que Rikuson estava do seu lado, talvez. Ou talvez que ele não se importasse se a história chegasse ao irmão mais novo Imperial.

Dahai olhou diretamente para Gyoku-ou. “Você quer atacar Shaoh? Nosso pai nunca ficaria parado e deixaria você fazer uma coisa dessas. Você pode ser governador interino, irmão, mas isso está indo longe demais.”

“Eu concordo com Dahai,” disse o segundo irmão, um homem corpulento e bronzeado.

Ele era responsável pelo transporte terrestre, Rikuson lembrou. “Os lucros que você prevê dessa guerra parecem nebulosos comparados aos custos de travá-la. Eu sou um comerciante. Eu recuo diante da ideia de enviar meus trabalhadores para o campo de batalha

—e se perdermos essa guerra, imagine a dívida que teríamos!”

Vários dos outros irmãos expressaram sua concordância com a avaliação do segundo filho. Gyoku-ou, no entanto, parecia calmo. “Meu, meu. Vocês todos tiveram uma pequena conferência antes de virem me confrontar? Parece que me lembro de vocês estarem mais abertos à minha sugestão antes.”

“Eu não concordo.”

“Nem eu,” disseram a filha mais velha e a terceira. A terceira filha tinha um rosto marcante e um corpo amplo; ela parecia substancialmente mais jovem do que seus trinta e poucos anos.

Quando as irmãs mais velhas falaram, os homens mais jovens, do quinto filho para baixo, olharam ao redor, inquietos. A irmã mais velha ignorou o desconforto delas, continuando: "Onde eu vou vender meus

tapetes se começarmos uma guerra? Eu finalmente consegui fazer grandes incursões em Shaoh."

Então a terceira irmã falou. "E eu não poderei mais fazer meu vinho de uva. Já que eu presumo que você vai conseguir seus recrutas entre os fazendeiros? Você não pode levar meus viticultores, eu…Vou te dizer isso. Finalmente chegamos ao ponto em que as pessoas acham que nosso vinho tem um gosto melhor do que o importado. Mais e mais pessoas na capital real estão comprando!"

Nenhuma delas estava feliz. Embora fossem mulheres, elas tinham papéis reais a desempenhar aqui. Elas eram mercadoras de sangue puro, verdadeiras filhas de Gyokuen, e isso pareceu fazer os homens recuarem.

"Palavras duras, minhas irmãs mais novas. Palavras duras," Gyoku-ou disse com um sorriso sombrio.

"Duras? Fui incumbida de toda a indústria têxtil da capital ocidental. Se formos à guerra, nosso melhor trabalho deixará de vender. Você

sabe quantos artesãos acabarão nas ruas? Centenas, se não milhares de trabalhadores e suas famílias passariam fome — e você espera que eu simplesmente concorde com isso? Eu precisaria de uma garantia de pelo menos uma década de suprimento e segurança do outro lado, ou nem quero falar sobre isso."

"Meu. Que exigências." Gyoku-ou parecia preocupada. Por um segundo, quase pareceu que a irmã mais nova conseguiu falar mais que o irmão mais velho, mas a preocupação logo desapareceu do rosto de Gyoku-ou. "Pelo que ouvi, o transporte terrestre e marítimo, os têxteis e a vinificação estão indo muito bem. Eles conseguirão continuar felizes apesar do enxame." Ele coçou o queixo e então se virou para olhar os três irmãos silenciosos. "E quanto à siderurgia, cerâmica e criação de animais? Como estão indo?"

Um homem levantou a mão hesitantemente. Ele não podia ser mais velho que Rikuson, talvez até um pouco mais novo. Ele era pequeno, mas musculoso; de sua posição sentada, Rikuson o considerou o quinto filho.

“Para ser honesto, não muito bem”, ele disse. “Construímos um alto-forno na capital ocidental como o pai sugeriu, mas isso não melhorou a lucratividade. Nunca iria melhorar!”

“Por que não? Você não está fazendo o trabalho? Eu sei que há uma demanda constante por ferro.” A terceira filha estreitou os olhos grandes e olhou para o irmão mais novo.

“Estamos! Estamos trabalhando! Mas não acontece como você pensa. O porto da capital facilita bastante a obtenção de minério de ferro, mas não temos combustível! Palha e esterco de ovelha não são suficientes para aquecer um forno o suficiente para derreter metal. Lâminas e carvão são muito caros — e mesmo que pudéssemos comprá-los, a cidade está transbordando de produtos comerciais. Os clientes preferem metalurgia de alta qualidade do exterior. Poderíamos trabalhar o quanto quiséssemos e ainda teríamos que vender pelo menor preço.”

“Então faça itens mais valiosos!”, disse a terceira irmã. Ela claramente pensou que isso deveria ser óbvio.

“Faremos! Mas você tem ideia de quanto trabalho de base precisa ser feito antes que possamos fazer isso? Você mesma não recebeu a ajuda do nosso pai até que o vinho da nossa região começasse a vender?”

“Ahem! Bem, sim, mas...” A terceira irmã parecia nitidamente desconfortável.

"Estou com o Quinto Irmão", disse um homem até então quieto, na faixa dos vinte e poucos anos, levantando a mão. Eles pareciam estar falando por ordem de idade, o que o tornaria o sexto filho. Rikuson só conseguia observar os irmãos discutindo, tão inertes quanto a cadeira em que estava sentado. "Cerâmica também é difícil de fabricar sem combustível. Estou tão feliz quanto qualquer um de vocês em ver a capital ocidental crescendo aos trancos e barrancos como tem sido, mas, ao mesmo tempo, os preços estão subindo. Especialmente para combustível, pois nosso suprimento limitado é dividido entre

mais e mais pessoas. Esse é um fato simples da vida."

Ao contrário do quinto filho, o sexto falou calma e racionalmente, mas o que ele estava dizendo era muito parecido.

"Acho que isso me faz durar", começou o sétimo filho. Ele ainda tinha um rosto de bebê, mas suas bochechas e orelhas estavam cheias de cicatrizes. "No que me diz respeito, você pode se opor a esta guerra se quiser. Mas vou adicionar trinta por cento ao preço da lã dos meus rebanhos."

“O-O quê?! Por quê?!” Exigiu a filha mais velha, que era responsável pelos tecidos.

“Estou segurando o preço há séculos. A mãe, o pai e o avô têm conversado entre si — ela é família, dizem.

Dê a ela um bom preço, dizem. Mas quando estou no comando, quero fazer negócios pelo preço adequado. Honestamente? Trinta por cento ainda é um gesto de boa vontade. É como

nossos irmãos disseram — conforme a capital ocidental cresce,

os preços sobem. Então por que o preço da lã para fazer seus tecidos não deveria subir também?"

O quinto e o sexto filhos concordaram com o sétimo.

"Trinta por cento de uma só vez? Isso é absurdo", respondeu a filha mais velha. "O preço normalmente aumentaria em etapas menores!"

"E enquanto esse preço está subindo, o resto de nós vai morrer!", exclamou o sétimo filho, olhando com raiva para sua irmã mais velha. "Graças ao enxame de insetos, meu gado fugiu e minhas tendas estão em frangalhos. Eu estaria disposto a comprar comida, mas ninguém quer nem vender para mim — você sabe como é isso? Já tive que vender um décimo do gado que me restava. Sei que não posso obter um

preço justo agora pelo que já vendi para você. Eu estava vendendo a lã e a manteiga que me restavam para comprar comida, mas agora não consigo nem fazer isso. Você sabe, também tenho mantido baixo o preço do dun de ovelha g para as siderúrgicas e fornos de cerâmica. Este inverno parece que vai ser frio. Não terei combustível extra para vender, e tudo o que posso fazer é comprar comida para mim. Vá em frente e reclame sobre como eu deveria fazer um acordo com os membros da família. Não vai ajudar. Porque não haverá ninguém para lhe dar um desconto se eu morrer!"

O sétimo filho, Rikuson viu, era o mais novo, mas também o mais combativo dos irmãos. A filha mais velha estava carrancuda.

O sétimo filho parecia ter mais a dizer. Ele olhou para Gyoku-ou. "Irmão mais velho. Sendo esse o caso, peço a você, este ano, que abra os suprimentos."

"Os suprimentos," Gyoku-ou repetiu.

"Você sabe o que quero dizer. Presumo que seja seguro ser explícito aqui?" O olhar do

sétimo filho varreu aqueles ao redor da mesa. Por apenas um segundo, Rikuson sentiu o jovem encontrar seus olhos. “Se eu aumentar o preço da lã e tiver carvão para contar, podemos sobreviver. De alguma forma.”

Rikuson mal conseguiu manter seu ar de frio distanciamento com as palavras do sétimo filho. Ele ficou surpreso ao perceber que seu coração estava batendo forte, mas conseguiu — ele esperava — parecer genialmente perplexo. Por que, o que é isso? sua expressão parecia dizer.

“A pedra ardente? Sim, eu também preciso dela”, disse o sexto filho. “E eu! Dê um pouco para mim!”, disse o quinto.

Carvão — a pedra ardente. Como o nome indicava, era uma rocha que queimava quando você ateava fogo nela. Não era minerada nas regiões centrais; havia pouca utilidade para ela lá, então não era vista como valiosa, mas o mesmo não era verdade na província de I-sei. O carvão era frequentemente queimado aqui para ajudar a se manter aquecido em

um ano frio. Era essencial.

A essa altura, Rikuson tinha uma compreensão firme das relações entre os irmãos. Os mais velhos, cujos negócios eram bem-sucedidos, buscavam estabilidade e não queriam guerra. Mas os mais jovens foram forçados ao limite pelo enxame de insetos e poderiam entrar em colapso a qualquer momento. Foi aí que Gyoku-ou encontrou sua oportunidade.

"Em uma visão de longo prazo, os benefícios são numerosos. Se capturarmos Shaoh, tomaremos sua mina também", disse Gyoku-ou. "Mover carvão pelos portos será fácil, assim como transportar mercadorias para o interior. Nossas obras de ferro e cerâmica crescerão, e ninguém mais terá que morrer congelado." Ele falou claramente, fluentemente; o discurso foi bem ensaiado.

Dahai se levantou de seu assento. "Você fez todo o seu planejamento atrás de uma mesa, irmão. Pior, você não pode saber que isso vai

funcionar. O que o faz pensar que Shaoh cairá tão facilmente? Como você pode ter certeza de que eles têm uma mina da qual podemos obter carvão? Shaoh é um país neutro. Se Li os atacar sem provocação, outras nações não ficarão quietas. Você irritaria o Pai e, pior, irritaria o Imperador. O amor dele por nossa irmã Você não vai te salvar então, nem mesmo com seu sobrinho na linha de sucessão ao trono! Os Yi foram destruídos; você acha que eles não vão nos destruir?"

O coração de Rikuson começou a bater forte novamente.

"A destruição do clã Yi era inevitável," Gyoku-ou disse tristemente, começando a murmurar entre os irmãos e irmãs.

Rikuson respirou fundo. Acalme-se, ele ordenou a si mesmo. Ele olhou ao redor e viu que cada irmão tinha uma de duas expressões em seus rostos. Os mais velhos pareciam ansiosos, enquanto os mais novos pareciam perdidos. Ele percebeu que o mais novo deles, todos do quinto filho para baixo, nunca souberam dos detalhes do que aconteceu

dezessete anos antes.

"O clã Yi atraiu a atenção da imperatriz reinante," Gyoku-ou disse. "Se eles tivessem sido deixados por conta própria, toda a capital ocidental poderia ter sido obliterada. Fruta podre pode estragar a caixa em que está armazenada, então ambas devem ser jogadas fora. Era inevitável."

Ele se absteve de dizer por que eles tinham chamado a atenção da imperatriz. Foi o segundo filho que suspirou profundamente, levantando-se de sua própria cadeira para se colocar entre Gyoku-ou e Dahai. "Vocês dois, acalmem-se", ele disse. "Acalme-se, Dahai. Posso ver pelo menos que nosso irmão está tentando encontrar uma maneira de ajudar a capital ocidental a florescer. Estamos todos

nervosos por causa do enxame. O que faremos se você, que está acima

deles, também se irritar e se preocupar?"

“Mas Segundo Irmão...”

“Não entenda mal. Eu me oponho à sugestão do Irmão Gyoku-ou, assim como você. A questão do combustível é crucial, mas não pode ser apressada. Agora, acredito que devemos nos concentrar em nos recuperar do desastre que nos atingiu. Sim, será doloroso, mas o Pai não nos ensinou, irmãos, a ajudar uns aos outros? E você, Irmão Mais Velho, não pode esperar um pouco, até que o herdeiro aparente fique mais velho?”

Com isso, Gyoku-ou começou a rir. “Heh heh... Ha ha ha! Quantos anos você me faria esperar, irmãozinho? Que certeza temos de que meu sobrinho ascenderá ao trono em segurança?”

“Estimado Irmão Ou, você foi longe demais!”, disse a terceira irmã, batendo na mesa.

Os olhos de Gyoku-ou se arregalaram. “Você vai me chamar de Gyoku-ou!”, ele berrou, levantando a voz pela primeira vez.

Sua raiva colocou a terceira irmã de volta nos calcanhares; seus próprios olhos se arregalaram ligeiramente, mas em consternação. Ela havia cometido uma gafe, e sabia disso. "Peço desculpas, irmão mais velho Gyoku-ou", disse ela.

Quase imediatamente, o sorriso retornou ao rosto de Gyoku-ou. "Não é nada. Contanto que você perceba."

Os outros irmãos olharam para ele novamente. Até um momento atrás, Rikuson teria dito que eles estavam trocando suas opiniões livremente e sem restrições, mas quando viu como eles reagiram aos gritos de Gyoku-ou, ele sentiu um abismo enorme entre eles. Gyokuen teve treze filhos, mas apenas dois deles carregavam "Gyoku" em seus nomes: Gyoku-ou e Imperatriz Gyokuyou.

O pai de treze filhos ele poderia ter sido, mas Gyokuen só teve um sucessor, Gyoku-ou. Como aquele com a garantia de herdar, isso tornava seu poder entre seus irmãos absoluto. Seus irmãos e irmãs mais novos podiam se opor a Gyoku-ou apenas até onde ele

permitisse. Sua explosão os lembrou desse fato. Mostrou a eles que eles mantinham essa discussão somente para o prazer de Gyoku-ou. Eles eram atores coadjuvantes que Gyoku-ou havia reunido em seu palco.

Nem preciso dizer que "conselheiro anônimo" não era um papel falado. E era exatamente isso que Rikuson era.

O clima na sala havia se tornado intensamente desconfortável. O segundo filho hesitantemente retornou ao seu assento.

A conversa, pensou Rikuson, normalmente poderia ter sido mais amigável,

mas o enxame de insetos havia deixado todos vivendo vidas reduzidas por quase três meses. Os próprios filhos de Gyokuen dificilmente passariam fome, mas o peso das responsabilidades que eles carregavam desgastava seus nervos.

"Não estou falando de medos infundados", disse Gyoku-ou. "Falo da verdade. Você sabe quantos filhos de Sua Majestade pereceram no palácio traseiro nestes últimos dias?"

Os irmãos e irmãs se entreolharam em silêncio.

“Você não? Então vamos perguntar a alguém que vem daquela região.

Rikuson, quantos dos filhos honrados do Imperador deixaram o mundo muito antes do tempo?”

Agora toda a atenção se voltou para Rikuson. Tanto para aquele papel secundário: ele tinha recebido um nome. Ter todos os irmãos olhando para ele era quase insuportável, mas não havia nada que ele pudesse fazer, exceto responder.

“Quando ele ainda era o príncipe em espera, um. Desde sua ascensão ao trono, três de seus filhos morreram prematuramente.”

“Aí está. Pense em quão jovem o herdeiro aparente ainda é. Não se pode ter certeza da vida de uma criança até pelo menos sete anos de idade.”

As crianças da família imperial eram criadas em circunstâncias melhores do que as das pessoas comuns, mas mesmo assim, uma criança poderia morrer com muita facilidade, e até mesmo uma criança adulta ainda poderia sucumbir à doença.

“Nossa irmã mais nova You tem um filho, o herdeiro aparente, e uma filha, uma princesa. Mas outra das consortes reais tem um filho quase da mesma idade do herdeiro aparente também. Seu filho pode ser o próximo na linha de sucessão ao trono, mas podemos ter certeza de que ele ficará lá?”

Ao invocar essa outra mulher, Gyoku-ou levantou a perspectiva não apenas de morte por doença, mas de assassinato.

“Você quer dizer que a Consorte Lihua faria uma tentativa contra a vida do herdeiro aparente?” Dahai perguntou. Gyoku-ou

balançou a cabeça.

“Ha ha ha. Não há alguém muito mais terrível do que a Consorte Lihua?” Ele estendeu a mão em direção à janela — em direção à praça onde uma cerimônia de estado estava sendo conduzida.

“Irmão mais velho, o que você está dizendo?!” O segundo irmão bateu o punho na mesa e pulou da cadeira.

“Irmão mais velho Gyoku-ou, não posso tolerar essa declaração”, disse a irmã mais velha; ela e a terceira irmã balançaram a cabeça. Os outros irmãos também pareciam inquietos, cada um se virando para seus atendentes. Rikuson não estava prestando muita atenção neles — ele estava ocupado tentando vigiar todos os irmãos — mas eles também estavam obviamente abalados pelas palavras de Gyoku-

ou.

"Por que não? Certamente está claro por que nenhum dos descendentes reais parece sobreviver. Sua Majestade ama seu próprio irmão, o Príncipe da Lua, mais do que as crianças nascidas no palácio dos fundos."

Isso deixou a mesa agitada.

"Isso não pode ser... Espera, pode?" alguém perguntou. "O Príncipe da Lua?" outra pessoa disse.

Alguns ficaram chocados, mas para outros, parecia fazer sentido. Rikuson, por sua vez, não tinha certeza de como reagir. O Príncipe da Lua passou anos evitando os olhos do público sob o pretexto de estar enfraquecido pela doença.

Não havia outros membros da linhagem real, e sempre houve rumores de que o atual Imperador adorava seu irmão mais novo.

Afinal, ambos eram filhos da mesma mãe. O Príncipe da Lua foi afastado de deveres públicos por conta da superproteção de Sua Majestade, alguns disseram.

Quando o irmão mais novo finalmente apareceu, porém, descobriu-se que ele era tão bonito e tão fino quanto uma ninfa celestial — e que ele também era um jovem saudável tão habilidoso nas artes militares quanto nas administrativas. Mas o que abalou as pessoas que o viram foi mais do que a revelação de que o irmão mais novo do Imperador não era um homem a ser dispensado. Foi porque, sob o nome Jinshi, esse homem passou anos administrando o palácio traseiro, fingindo ser um eunuco. O que foi ainda mais chocante foi quando ele decidiu fazer sua aparição pública: na ocasião da destruição do clã Shi.

Desde seus dias como um "eunuco", a beleza do Príncipe da Lua atraiu muita atenção, não apenas de mulheres, mas também de homens. A revelação da verdadeira identidade de Jinshi causou muita consternação entre os eunucos reais do palácio traseiro; Rikuson viu pessoalmente. Muitos se perguntaram se deveriam se aposentar, ou talvez se enforcar ou cortar suas barrigas.

Quando perguntaram ao Imperador por que ele havia permitido que um membro da família real fingisse ser um eunuco, ele respondeu:

"Para procurar corrupção". De fato, o clã Shi, governantes da província de Shihoku, tentaram uma rebelião; sua destruição estava fresca na memória.

"E o que é esse amor de que você fala?" A terceira filha estava corando. Ela parecia ter outro significado de amor em mente, mas ninguém se preocupou em apontar isso. A possibilidade estava de fato implícita.

"Você não ouviu as histórias? Sobre se o Príncipe da Lua é

realmente filho do antigo imperador?" Gyoku-ou disse.

"Sim, mas é só isso que são — boatos. Até nosso pai disse que o Príncipe da Lua era muito parecido com o antigo imperador nos dias mais jovens do soberano. Então quem você propõe que era o pai?" o segundo filho perguntou, exasperado com todo o tópico.

A expressão de Gyoku-ou nunca vacilou. "Naquela época, a Imperatriz Viúva era simplesmente a imperatriz. Apenas algumas pessoas poderiam se aproximar de uma mulher em sua posição. Se não fosse Sua Antiga Majestade, só poderia ser um membro da família." Gyoku-ou sorriu — uma expressão que o povo da capital ocidental poderia ter considerado heróica. O que ele falava agora, no entanto, era sujo. "Diga, Sua Atual Majestade."

"Você está sugerindo que o Príncipe da Lua pode ser o próprio filho do Imperador?" o quinto irmão perguntou, empalidecendo. Não apenas os outros irmãos, mas seus acompanhantes começaram a resmungar uns com os outros.

Com as muitas tribos nômades na província de I-sei, o casamento entre parentes era comum — mas as relações entre pais e filhos eram tabu.

“É tão difícil de imaginar?”, perguntou Gyoku-ou. “O antigo imperador estava interessado apenas em crianças — e a Imperatriz Viúva não era tão jovem, mas ainda

assim era jovem. Mais próxima em idade do nosso atual soberano do que a anterior, ouso dizer. A consanguinidade nunca impediu a família imperial antes.

Há registros de membros anteriores tendo filhos com sobrinhas ou meias-irmãs."

"Isso é mais do que absurdo! O que você está sugerindo é absolutamente impensável!" Dahai gritou. Toda a sua deferência para com seu irmão mais velho havia evaporado.

"E ainda assim explica tudo. O 'irmão mais novo imperial' se parece com Sua Majestade? Bem, um filho se parece com seu pai. Sua Majestade adora o Príncipe da Lua? Assim como um pai adora seu filho. Finalmente, nenhuma criança foi criada no palácio traseiro por muitos anos — para permitir que seu filho mais velho tivesse certeza de herdar o trono."

A irmã mais velha marchou até Gyoku-ou, pressionando-se cada vez mais perto dele. "Você quer dizer que Sua Majestade nunca pretendeu que nenhum de seus outros filhos sobrevivesse até a idade adulta? Que as outras

crianças foram assassinadas, e o Príncipe Herdeiro também será? Com que prova? Que prova você tem?!" Sua dama de companhia, um tanto relutante, segurou sua senhora.

"Ela está certa! Com base em que você pode dizer isso?" a terceira filha

exigiu. "Se um dia descobrissem que você estava fazendo tais acusações com base em nada além de especulação, teríamos sorte de conhecer o destino do clã Yi — ou mesmo do clã Shi!"

"Você quer provas? Então deixe-me contar uma história." Gyoku-ou, sem se incomodar com o burburinho que havia estourado ao seu redor, lentamente descruzou e cruzou as pernas. "Quando o irmão mais novo Imperial nasceu, quase todas as damas de companhia que tinham atendido a imperatriz até então foram dispensadas do serviço. Uma delas foi casada com um homem na Província de I-sei, e seu marido era um conhecido meu.

Tragicamente, seu marido morreu, depois disso ela veio até mim com um pedido. Ela disse que tinha algo muito importante a dizer sobre o irmão mais novo Imperial."

Gyoku-ou não poderia ter parecido mais satisfeito consigo mesmo. "É... Isso é verdade?" a irmã mais velha perguntou, recuando lentamente.

"Oh, é verdade. Foi no ano passado. Logo depois que o irmão mais novo de Sua Majestade esteve na capital ocidental, por acaso."

Dahai lançou um olhar duvidoso para Gyoku-ou. "Esta é a primeira vez que ouço

disso."

"Esta é a primeira vez que falo sobre isso. Parecia muito estranho que ela

viesse até mim com sua história, mas pensei que o mínimo que eu poderia fazer era ouvi-la. No entanto, quase imediatamente depois disso,

essa antiga dama de companhia morreu — atropelada por uma carruagem em um acidente terrível." Ele abriu as mãos tristemente. A implicação era clara: ele queria que acreditassem que alguém havia tentado calar a mulher.

Rikuson sentiu-se suar úmido. Esse homem, Gyoku-ou, tinha uma fachada perfeita.

Ele sabia como preparar o cenário. E ele sabia como cutucar os outros em seus pontos mais fracos.

Ele não tinha nenhuma prova real de suas alegações, mas ele conseguiria semear dúvidas nas mentes de todos na sala sobre as circunstâncias do nascimento do Príncipe da Lua. Ele falou em círculos ao redor deles e os convidou a esta conclusão.

"Você acha que o Príncipe da Lua se dignaria a ouvir o que eu disse? Seria melhor eu não falar sobre isso? Ele sabe ou não sabe?" A voz de Gyoku-ou ecoou pela sala enquanto ele declamava. Seus gestos e movimentos eram tão estudados quanto os de um ator no palco, e

sua história, que por todos os direitos deveria ter sido risível, caiu docemente no ouvido.

"Nosso pai desejou e deseja o florescimento da capital ocidental. É isso que ganharemos simplesmente abanando nossos rabos para a família imperial? Se você diz que deveríamos ser seus cães, então eu digo que deveríamos ter sido destruídos dezessete anos atrás!"

O clã Yi recebeu o nome do cão do zodíaco, e Gyoku-ou agora brincava com o nome deles para invocar a memória do clã. Os irmãos e irmãs mais novos que se opuseram ao mais velho não pareciam mais tão certos. Eles começaram a se perguntar se deveriam apoiar humildemente a família imperial ou não.

Isso, Rikuson viu, era o que tornava Gyoku-ou tão assustador. Ele os faria fazer o que não desejavam.

Ele sabia agora por que havia sido chamado ali. Era uma provocação: Gyoku-ou não se

importava se o irmão mais novo imperial descobrisse sobre isso. Foi por isso que ele escolheu Rikuson, um homem com tendões. Assim como o morcego não era pássaro nem animal, Rikuson não pertencia à capital real nem à cidade ocidental.

O tom de Gyoku-ou encheu a mente de Rikuson. Ele o desafiou a falar se ousasse — e perguntou o que importaria se ele o fizesse.

"Agora, precisamos nos preparar", disse Gyoku-ou. “Não podemos deixar a cerimônia terminar sem a nossa presença. Todos vocês, vão, preparem-se.”

A pedido de Gyoku-ou, os irmãos se separaram, com corações pesados e rostos longos.

Finalmente, apenas Dahai entre eles permaneceu. Antes de sair da sala, ele se virou para olhar para Gyoku-ou. “Irmão mais velho. Esta cerimônia para a qual vamos...”

“Vou cuidar das minhas maneiras hoje. Sei

que seus corações ainda não estão resolvidos.”

Rikuson não tinha certeza se achava isso reconfortante. Ele permaneceu em sua cadeira, imóvel, olhando para o chão.

Capítulo 19: O Vento Chorão (Parte Um)

IEstava tudo bem. Tudo estava bem, Gyoku-ou continuou dizendo a si mesmo. Logo, tudo acabaria. Logo, tudo seria resolvido.

Ele sentiu como se um fio que estava enrolado em seus pés fosse cortado em breve. Enquanto isso, ele estava se movendo para cortar os incontáveis fios enrolados em seu pescoço.

O pesadelo que o atormentava por quase trinta anos seria dissipado.

Logo. Muito em breve.

Ele pegou uma pena de voo que estava na prateleira. Ela veio de um falcão que sua mãe adorava especialmente. Quando ela morreu, o pássaro partiu logo depois, como se a seguisse para a próxima vida. Ele se lembrou de sua angústia quando ela pediu que ele cuidasse do falcão para ela. Ele não sabia como cuidar de um pássaro e nunca esperou.

"Você protegerá esta cidade, não é?", ele se lembrou de sua mãe dizendo. Ela era uma mulher tão gentil; ela nunca se ressentiu de ninguém em sua vida. Seu pai, Gyokuen, a chamou de Seibo, a Mãe Ocidental, porque ele queria fazer dela a mãe mais venerada de toda a Província de I-sei.

Ela disse a Gyoku-ou que seu nome, que significava Rouxinol de Jade, vinha de um pássaro que vivia nas terras distantes ao leste. Ele desejou, no entanto, que ela o tivesse nomeado em homenagem à águia. Um nome forte.

"Papai salva mamãe. Como o herói em uma peça!"

Ele desejou, então, não ter sido nomeado em homenagem a um pássaro fraco como o rouxinol. Ele desejou ter um nome mais forte.

Assim que Gyoku-ou pousou a pena, alguém bateu na porta. "Entre", ele disse.

"Mestre Gyoku-ou, há alguém que gostaria de uma audiência com você. Você os receberá?" perguntou seu assistente, entrando na sala.

Gyoku-ou estava em seu escritório no prédio administrativo, se trocando. A discussão com seus irmãos havia se prolongado, e ele queria se apressar para a cerimônia. Ele não tinha tempo para entreter visitantes.

"Quem é?", ele perguntou.

"Um homem chamado Takubatsu, de uma vila a noroeste. O que você fará, senhor?"

A pergunta significava: ele queria um guarda na sala? Gyoku-ou estava com pressa; o que quer que fosse, ele queria que acabasse rápido. "Não se incomode com um guarda. E eu quero você fora daqui também."

Takubatsu era irmão de leite de Gyoku-ou. A mãe de Takubatsu tinha sido uma ex-Leitora do Vento escravizada. Seibo, por compaixão por um membro da tribo, libertou a mulher da escravidão e a levou para sua própria residência. A mãe de Takubatsu tinha sido próxima de Seibo, e isso a levou a se tornar babá de Gyoku-ou. Gyoku-ou se lembrava de sua mãe e sua babá cuidando do

pássaro juntas.

Gyoku-ou terminou de se trocar enquanto o ajudante mostrava Takubatsu para dentro do quarto. "Desculpe-me", disse Takubatsu e parou diante de Gyoku-ou. Ele era uma figura pouco imponente, com cabelos pretos rebeldes e olhos claros que revelavam sangue estrangeiro em suas veias. A babá de Gyoku-ou teve seu filho antes de ser libertada da escravidão — seu pai era seu dono.

Takubatsu trabalhou na casa principal junto com sua mãe, mas quando sua mãe adoeceu, ele largou o emprego. Gyokuen disse à babá que ela tinha se saído bem e lhe deu algum dinheiro, e ela e seu filho se mudaram para uma vila agrícola tranquila.

Gyoku-ou e Takubatsu não tiveram mais nenhum contato depois disso.

Takubatsu provavelmente estava ocupado se aclimatando ao novo ambiente. Gyoku-ou, por sua vez, estava igualmente feliz por ter Takubatsu fora de cena — ele parecia muito mais um irmão mais velho.

De acordo com Seibo, no entanto, depois de ir para a aldeia, a antiga babá de Gyoku-ou tornou-se sedentária e senil. Depois de trabalhar até os ossos como escrava, a velhice pareceu alcançá-la rapidamente.

Takubatsu veio pedir favores a Gyokuen várias vezes quando sua vida ficou difícil, e Gyokuen deu trabalho a Takubatsu. Mas cada vez mais fazendeiros vieram imitar Takubatsu, tentando pedir dinheiro emprestado ao pai de Gyoku-ou. A maioria deles também eram ex-escravos que sua mãe havia libertado. Isso, Gyoku-ou sempre pensou, era o que significava retribuir o mal com o bem. Ele nunca deixou de se surpreender com a suavidade de seu pai.

"O que é? É incomum você vir pessoalmente", ele disse agora, suprimindo seu desejo de perguntar por que Takubatsu tinha que vir em um momento tão movimentado. Gyokuen nem estava na cidade.

Takubatsu pode ter sido irmão de leite de Gyoku-ou, mas já fazia

algum tempo desde que se viam. Para ser bem direto, Gyoku-ou queria se apressar e terminar essa conversa. Ele não tinha vontade nem de ver o rosto de Takubatsu.

"Sinto muito por aparecer sem avisar", disse Takubatsu. "Mas tem uma coisa que eu simplesmente preciso saber."

Quando eles se viram pela última vez? Gyoku-ou tinha quinze anos quando sua babá deixou a propriedade. Até então, Takubatsu, que era um ano mais velho que ele, agia como seu irmão mais velho.

Na época, Gyoku-ou não se importava, mas agora isso o irritava profundamente. Ainda assim, ele não conseguia reunir motivação para gritar e se gabar. Ele lidaria com isso como um adulto.

"Vamos ser francos um com o outro. Acontece que estou ocupado. Tenho uma cerimônia de estado para comparecer em alguns minutos", disse Gyoku-ou.

“Então, no espírito de franqueza, eu simplesmente pergunto: Você pretende entrar em

guerra com Shaoh?” Takubatsu olhou para ele.

“Se essa for a única opção, então sim. Temos que fazer isso”, Gyoku-ou respondeu, ajustando o colarinho enquanto falava.

“Mas foi você quem nos colocou nessa posição! Por quê? Diga-me isso!

Você sempre dizia que queria ser como o Mestre Gyokuen — ir para outros lugares, construir relacionamentos com outras pessoas, ajudar o negócio a prosperar. Você queria ajudar a capital ocidental a se tornar grande! Você tem filhos, netos. Você quer colocar sua família em perigo?

Porque é isso que você fará se começar uma guerra!”

Takubatsu estava gritando. O irmão de leite de Gyoku-ou. Ele sempre pareceu tão grande para Gyoku-ou — mas agora ele parecia pequeno e maltrapilho. O declínio de sua mãe o deixou incapaz de conseguir um emprego decente, o que o deixou pobre, e então ele foi até o pai de Gyoku-ou para bajular e implorar. Gyoku-ou pensou que

talvez ele viesse hoje para fazer isso de novo, mas não. Era sobre isso que ele queria falar?

"Sim, eu vim — mas como você diz, isso é passado. E também como você diz, meu primeiro dever deve ser proteger minha família."

Takubatsu estava falando sobre os dias felizes da juventude de Gyoku-ou, quando o céu era sempre azul e sem dúvida o incomodava.

"Como você pode ver, a capital ocidental está em perigo. As pessoas estão exaustas pela devastação do enxame de insetos. Se eu for suprir o que falta, algum sacrifício deve ser feito, não é?"

"É o trabalho dos nossos líderes evitar precisamente esses sacrifícios! Se o Mestre Gyokuen estivesse aqui, ele estaria procurando por alguma outra maneira — qualquer outra

maneira. Você já procurou? Até o honrado irmão mais novo Imperial fez sua parte!”

Gyoku-ou achou a voz de Takubatsu irritante. O homem tinha cabelos com cólicas e olhos claros. Sinais de sangue estrangeiro. Não havia nada em Takubatsu que Gyoku-ou gostasse — nem a aparência dele, nem a maneira como ele agia.

"Isso não é problema seu. Eu disse a você, tenho negócios a tratar. Vou participar de uma cerimônia de estado. Estou sem tempo para entretê-lo."

"Uma cerimônia de estado onde você levará o povo ao frenesi da guerra, sem dúvida. Sempre foi um dos seus maiores talentos — dar a você um palco, e você poderia influenciar qualquer público. Assim como nossos irmãos e irmãs mais novos pareciam abalados antes."

"Cale a boca!" Gyoku-ou berrou apesar de si mesmo. Ele tinha que ter cuidado. Os burocratas deixaram os dois sozinhos, mas eles poderiam entrar se ouvissem gritos. Ele não podia permitir isso.

"Claro que é da minha conta. Eu sou seu irmão mais velho."

Gyoku-ou olhou para Takubatsu com um frio absoluto nos olhos. Ele não podia deixar seus ajudantes ouvirem uma conversa assim. Ninguém podia.

"Eu não sei o que você quer dizer," ele disse. "Irmãos de leite nós podemos ser, sim. Se você quiser sair por aí brincando de ser o mais velho, eu posso sorrir e brincar junto. Mas você não é meu irmão mais velho."

"Eu sei que você gostaria que eu não fosse," Takubatsu disse lentamente. "Mestre Gyokuen e Lady Seibo criaram você desse jeito. E tenho certeza que minha própria mãe concordou com eles."

Takubatsu jogou um livro na mesa, um pedaço desgastado de pergaminho de pele de carneiro. Era um registro de família. Obviamente bem antigo — décadas de idade, talvez. O irmão de leite de Gyoku-ou começou a folhear as páginas.

"Uma pena para você, está tudo escrito aqui."

O nome de Seibo estava lá. Listado como seu filho estava um nome que Gyoku-ou não

reconheceu. Eles nasceram, no entanto, no mesmo ano que Gyoku-ou.

"A história era que minha mãe deixou a casa do Mestre Gyokuen porque estava doente. Mas era apenas um disfarce. Mestre Gyokuen nos colocou para fora de sua casa para esconder a mim e minha mãe." As palavras saíram facilmente agora, suavemente. "Disseram-me que eu era filho de um comerciante Shaohnese. O homem perdeu seus filhos para doenças e acidentes, um após o outro, e quando sua família se foi, ele se lembrou de um filho que teve com uma escrava esquecida."

Gyoku-ou ficou em silêncio. Ele tinha uma cerimônia para fazer, mas não podia deixar esse homem sozinho enquanto fazia sua pequena viagem pela estrada da memória.

"Eventualmente, aquele comerciante encontrou o caminho para o Mestre Gyokuen, não foi? Você não pensou em nada quando o viu?"

Gyoku-ou não respondeu. Já fazia alguns dias desde que Takubatsu e sua mãe partiram. Um

homem estrangeiro que Gyoku-ou nunca tinha visto antes chegou à mansão e pegou Gyoku-ou pelos ombros. Ele falou em rápido Shaohnese; Gyoku-ou teve alguma dificuldade em segui-lo, mas ele podia dizer que o homem estava exclamando: "Meu filho! Meu filho!"

Este homem estrangeiro tinha cabelos ruivos e olhos verde-claros. A cor de seus olhos lembrava muito a de Takubatsu, assim como seu cabelo rebelde. Mas suas características faciais e sua constituição robusta eram a imagem cuspida de um Gyoku-ou mais velho.

O estrangeiro confundiu Gyoku-ou com Takubatsu. Antes que Gyoku-ou pudesse empurrar o homem para longe, Seibo estava entre eles. Ela abraçou Gyoku-ou e deu ao homem estrangeiro um olhar temeroso.

Gyoku-ou tinha ouvido falar que sua mãe era uma ex-Leitora do Vento. Ele ouviu que ela havia deixado sua vida nas planícies para se juntar ao pai dele nos negócios — e que ela libertou antigos membros da tribo que haviam sido escravizados.

Mas isso estava errado. Esses passos eram e

fora de ordem.

Foi Gyokuen quem libertou os escravos Leitores do Vento, incluindo Seibo e a ama de Gyoku-ou. Então, Seibo se tornou a esposa de Gyokuen e começou a fazer negócios com ele.

Como escravas, ela e a ama eram do mesmo homem. Quando Gyokuen a acolheu, Seibo já estava grávida de um pai estrangeiro. O estrangeiro, sem nunca saber disso, vendeu sua escrava, Seibo, para Gyokuen.

"Você e eu, Gyoku-ou, somos filhos do mesmo pai", disse Takubatsu. Ele parecia tão calmo, quando Gyoku-ou não queria ouvir isso — mas mesmo tapando os ouvidos não seria o suficiente para bloquear a verdade. "Minha mãe me contou tudo. Tenho certeza de que ela pretendia levar o segredo para o túmulo, se não tivesse ficado senil. Tenho certeza de que ela nunca quis falar sobre seu verdadeiro pai. Acredito que ela realmente ficou muito feliz com o casamento do Mestre Gyokuen e da Senhora Seibo."

A mãe de Takubatsu revelou como Gyokuen e Seibo se conheciam o tempo todo e, de fato,

estavam noivos. Então, outra tribo atacou, e a mãe leiteira de Seibo e Gyoku-ou foi vendida como escrava. O mestre deles se serviu de seus escravos, a babá deu à luz Takubatsu e Seibo engravidou de Gyoku-ou. Gyokuen comprou os escravos, dando a eles um trabalho decente e um

lugar para morar. Gyokuen procurou a mão de Seibo em casamento, mas ela o recusou, alegando que já estava grávida.

“Este é seu nome verdadeiro”, disse Takubatsu.

Para fixar residência na província de I-sei, era necessário estabelecer um registro familiar, que seria mantido no escritório administrativo na capital ocidental, supervisionado pelo clã Yi.

Gyokuen prometeu a Seibo que mesmo que a criança não fosse sua de sangue, ele a criaria como se fosse. Ela cedeu, e o menino foi renomeado Gyoku-ou.

Foi então que a babá começou a trabalhar na

casa de Gyokuen, e Takubatsu se tornou irmão de leite de Gyoku-ou.

Gyoku-ou era tão jovem que não se lembrava de nada disso.

Ele agarrou os joelhos sob a mesa. Ele sabia. Ele sabia de tudo. Ele não precisava que Takubatsu lhe dissesse — Gyoku-ou sabia a verdade. E ainda assim, ele tinha que ser o filho mais velho de Gyokuen.

A retidão estava com seu pai. Justiça na forma de proteger a capital ocidental. Era o que Seibo queria. Para realizá-lo, o filho mais velho de Gyokuen, Gyoku-ou, tinha que ser perfeito.

O mal necessário para atingir a justiça de Gyokuen? Comparado a outros líderes, dificilmente era maldade. O pai de Gyoku-ou era simplesmente um homem bom.

Gyoku-ou se lembrava de como os antigos escravos falhavam na prática pouco familiar da agricultura, repetidamente, e vinham até seu pai em busca de dinheiro.

Gyokuen, sempre gentil, emprestava a eles. O que eles não podiam pagar, ele permitia que pagassem trabalhando em seus campos na colheita. Foi um empréstimo tão gentil quanto já havia sido oferecido. Na verdade, considerando o tempo e o esforço necessários para ensiná-los, os tomadores saíram na frente. No entanto, apesar disso, o pai de Gyoku-ou nunca foi ganancioso. Talvez um homem com bolsos fundos pudesse simplesmente, literalmente, se dar ao luxo de ajudar os outros assim.

Mesmo assim, havia limites para o que poderia ser permitido. Eles foram quebrados pelos primeiros escravos que Gyokuen libertou. Pessoas que sabiam sobre as origens de Gyoku-ou.

Como dizem, o faisão quieto não é abatido.

Gyokuen realmente amava Gyoku-ou. Aqueles audaciosos o suficiente para tentar ameaçá-lo desapareceram um por um. Sejam eles ex-escravos ou membros da tribo Windreader que conheciam Seibo, eles desapareceram. Eles tinham que fazer isso. O Jade deve permanecer imaculado.

Se Gyoku-ou fosse suceder seu pai, então

qualquer um que estivesse no

caminho deveria ser eliminado.

"Onde exatamente você conseguiu esse registro?" "Big Lin o escondeu. Eu o peguei dele."

Takubatsu parecia estar falando sobre algo que havia agitado a casa há algum tempo. Até Gyoku-ou tinha ouvido falar sobre isso.

"O chamado Small Lin, aquele que desapareceu — era você?

Isso significa que você está trabalhando nisso há um tempo. Mas por quê?"

Depois de um momento, Takubatsu disse: "O Mestre Gyokuen me pediu. Ele disse que se Big Lin parecesse estar escondendo algum papel de muito tempo atrás, para avisá-lo. Ele me disse para queimar qualquer coisa que eu encontrasse. Foi por isso que ele me chamava aqui periodicamente."

Agora tudo fazia sentido. "Entendo", disse Gyoku-ou.

Gyokuen, como sempre, tinha os interesses do filho no coração. Ele tinha dado um inferno a Gyoku-ou pelo que ele tinha feito ao clã Yi aqueles dezessete anos atrás, mas mesmo assim ele não o tinha deserdado. Gyoku-ou trabalhou em nome de Gyokuen. Para que as pessoas o venerassem, para que a caridade pudesse ser dada aos fracos, para que todos o vissem como um herói em quem pudessem confiar.

Gyoku-ou sabia que seu pai perdoaria o que ele fez. Pois Gyoku-ou, que assumiria o lugar de seu pai, era o político perfeito, imaculado, sempre pensando no que ajudaria a capital ocidental a prosperar.

Foi assim que ele soube que o que estava fazendo agora era certo.

"Se você realmente se importa com a capital ocidental, por favor, pare com essa bobagem de atacar outros países", disse Takubatsu. "Se você não vai..." dobras de seu manto.

Gyoku-ou nem sequer deu um passo para trás. No entanto, ele não podia perder mais tempo com esse assunto. Ele forçou seu sangue a esfriar e soltou um grande suspiro. "Muito bem", ele disse. "Eu não farei nada."

"Você quer dizer isso?"

"Sim. Mas apenas me deixe ir a esta cerimônia. Se eu não aparecer, o clima vai azedar. Eu não quero prejudicar a reputação do irmão mais novo Imperial."

"Sim... Muito bem. Mas eu vou manter este registro familiar fechado. Eu pretendo levantar o assunto com o Mestre Gyokuen."

Com isso, Takubatsu colocou a faca na mesa e pegou o registro. Gyoku-ou confiava que ele não contaria a ninguém o que sabia.

"Eu quero que você saiba de uma coisa, Takubatsu. Pela capital ocidental, pela Província de I-sei, não há nada que eu não faça."

"Eu sei disso. Você sempre me disse o quanto queria ser um grande homem como o Mestre Gyokuen.” Takubatsu realmente sorriu.

“Exatamente.”

“Para você, ele é um pai nobre — e eu também o vejo como um pai que posso respeitar mais do que qualquer outra pessoa.”

Gyoku-ou não falou, mas com isso, um fio se rompeu dentro dele. Ele pretendia permanecer calmo naquele momento, não importa o que acontecesse. Mas já era ruim o suficiente para Takubatsu chamar Gyoku-ou de seu irmão mais novo. Agora ele chamava Gyokuen de seu pai.

Gyoku-ou tinha que ser o filho mais velho de Gyokuen. Tinha que ser seu orgulho, o líder da capital ocidental...

“Hrngh!” Takubatsu exclamou.

Antes que Gyoku-ou soubesse o que tinha acontecido, ele percebeu que havia uma faca em sua mão direita e uma bainha na esquerda. Algo

escorregadio correu por sua palma.

“O... Por quê?” Os olhos de Takubatsu estavam arregalados, e espuma sangrenta escorria do canto de sua boca. Seu sangue escorria pela mesa e no chão; o registro da família que ele segurava caiu de suas mãos na poça vermelha.

"Porque você está no meu caminho."

Com a faca ainda alojada em Takubatsu, a mente de Gyoku-ou se voltou para os eventos do passado.

Como ele desejava ser como seu pai, ansiava que seu pai o validasse.

Gyokuen pairava tão grande em sua mente. Gyoku-ou também havia crescido

—mas não era a mesma coisa.

No começo, ele não se importou muito.

Gyokuen e Seibo cuidavam dos negócios juntos, e a família estava cercada de servos.

Gyokuen era um homem de negócios brilhante, e Seibo era tão perspicaz quanto ele. Uma mulher extremamente capaz, ela descobriria o que ele precisava e então agiria para conseguir.

Gyoku-ou não tinha faltado nada em sua criação. Só que, quando ele tinha cinco anos, outra mulher e sua filha vieram morar com eles.

Gyokuen bajulou a nova criança — uma irmãzinha de Gyoku-ou, ainda com apenas dois anos de idade. Seibo estava quase tão apaixonado quanto seu marido. A nova

mulher também foi gentil com Gyoku-ou.

Dois anos depois, uma terceira mulher chegou, trazendo um irmãozinho. Então houve uma quarta e uma quinta...

A família ficou cada vez maior. Cada vez que isso acontecia, Gyoku-ou se preocupava. Para ele, parecia um pote cheio de mel sendo gradualmente diluído em água.

Gyokuen sempre escolhia mulheres inteligentes. Uma era mestre em equitação, outra habilidosa em aritmética. Cada uma delas passava seus talentos particulares para seus descendentes. As mulheres apoiavam o pai de Gyoku-ou, e seus filhos, por sua vez, as ajudavam.

Através dos laços familiares, a recém-chegada família You se tornou grande na capital ocidental. Ao mesmo tempo, Gyoku-ou sentiu o vínculo que o unia a Gyokuen enfraquecendo.

No entanto, provou o contrário. Gyokuen escolheu Gyoku-ou como seu sucessor.

Seibo ainda era a esposa oficial de Gyokuen; as outras mulheres eram apenas consortes. Certamente, era apenas Gyoku-ou que poderia governar a capital ocidental como Gyokuen havia feito. Não seus irmãos ou irmãs mais novos.

Mesmo depois de descobrir que não era o filho verdadeiro de Gyokuen, Gyoku-ou manteve sua equanimidade. E daí se eles não eram conectados por sangue?

Gyokuen valorizava Gyoku-ou acima de tudo.

Ele não poderia se importar mais com ele se ele fosse sua própria carne e sangue.

Então foi que Gyoku-ou foi capaz de ser gentil e gentil com seus irmãos mais novos. Tolerante com eles. Gyoku-ou sozinho era como um filhote de cuco, uma criatura diferente de seus irmãos e irmãs, mas enquanto seu pai o tratasse como seu filho mais velho, Gyoku-ou pretendia desempenhar o papel de irmão mais velho ao máximo.

A última mãe e filho que Gyokuen acolheu em sua casa, no entanto, Gyoku-ou não podia tolerar. Eles tinham cabelos ruivos e olhos verde-claros — assim como o mestre que atormentou Seibo quando ela era uma escrava.

Pouco a pouco, as maldições transbordaram, do jeito que a tinta pode manchar um pedaço de pergaminho.

O barulho de sangue pingando no chão trouxe Gyoku-ou de volta à realidade.

"...oku...o..." Takubatsu olhou para ele com os olhos injetados de sangue e disse algo, sua voz um sussurro, mas Gyoku-ou não conseguiu ouvir.

Gyoku-ou girou a faca em sua mão e estripou Takubatsu.

Incapaz de falar mais, ele apenas olhou para Gyoku-ou com olhos malignos.

Uma última misericórdia para um irmão de leite", disse Gyoku-ou, e então ele

puxou a faca antes de enfiá-la nas costelas de Takubatsu e em seu coração. Takubatsu gemeu, tw

Ele pegou uma faca da tched, e morreu.

A faca pertencia a Takubatsu. Ele tentou atacar Gyoku-ou, apenas para encontrar seu fim com sua própria arma. Sim, isso serviria para um cenário.

Gyoku-ou pegou o registro da família, embrulhou-o em um pano e colocou-o em uma gaveta.

Ele estava certo — alguém tinha ouvido os gritos. Houve uma correria de passos que pararam do lado de fora da porta, seguidos por uma batida.

"Mestre Gyoku-ou? Está tudo bem?" uma voz perguntou. "Entre", ele disse.

"M-Mestre Gyoku-ou?!"

Não foi seu ajudante que entrou, mas Rikuson. Ele estava na conferência com eles — ele deve ter vindo para verificar Gyoku-ou quando ele estava atrasado.

"O que diabos aconteceu aqui?" Rikuson perguntou, mantendo um ar calmo apesar de seu choque óbvio. Este era o homem que o pai de Gyoku-ou havia enviado da capital real para ser seu ajudante. Ele sabia o suficiente para não fazer uma cena imediatamente.

"Você está me dizendo que não consegue adivinhar?" Gyoku-ou perguntou.

"Este homem... Ele é quem pediu uma audiência com você alguns minutos atrás, não é?"

Rikuson deve ter visto Takubatsu quando falou com o ajudante. "Isso mesmo. Ele era meu irmão de leite, na verdade, então eu o atendi. Ele

veio implorar por dinheiro, mas quando viu que não conseguia arrancar nada de mim, ficou furioso." Gyoku-ou mostrou a ele a faca de Takubatsu.

"Você fez isso, senhor?"

"Sim. O quê, você acha que alguém como ele poderia me dominar?"

O rosto de Gyoku-ou ainda estava tremendo. Takubatsu havia causado isso a si mesmo. Falando como se ele e não Gyoku-ou fosse o filho mais velho de Gyokuen.

Gyoku-ou colocou a faca na mesa. Ele teria que se trocar rapidamente e pegar um perfume para disfarçar o cheiro de sangue.

"De jeito nenhum, Mestre Gyoku-ou. Ele não poderia superar sua força." Rikuson se ajoelhou e olhou para o corpo de Takubatsu. Inspecionando os

ferimentos, parecia.

"Eu não queria fazer isso, mas ele não me deixou escolha. Eu queria resolver as coisas amigavelmente. Tenho uma cerimônia para comparecer. Mas ele tentou ficar no meu caminho. Boa viagem para ele."

O olhar de Rikuson estava vazio enquanto ele vagava de Takubatsu para Gyoku-ou

e voltava. "Sim... Claro."

Então, por um segundo, Gyoku-ou perdeu Rikuson de vista. Ele se virou — para onde ele tinha ido? — para encontrar o outro homem bem ao lado dele.

"Aqui está o que direi a todos", disse Rikuson, e sua expressão era fria, exceto por um brilho de chamas no fundo de seus olhos. O que foi isso? "Mestre Gyoku-ou foi atacado por um traidor..."

De repente, Gyoku-ou se sentiu muito

aquecido. "...e ele encontrou seu fim."

O que isso significava? Gyoku-ou ainda estava tentando entender quando desmaiou.

Ele se viu cara a cara com Takubatsu. Havia sangue por todo o chão; ele podia ouvi-lo fluindo.

"Cheguei tarde demais para salvá-lo, mas consegui parar o traidor", disse Rikuson.

O que isso significava? Do que ele estava falando? Gyoku-ou não entendeu. Ele abriu a boca para dizer algo, mas descobriu que não conseguia falar. Havia uma espuma sangrenta no canto de sua boca.

Ele engasgou. Ainda assim, nenhuma voz saiu, mas apenas um gemido, como o gorjeio de um pássaro.

"Não faça essa cara. Não finja que não sabe o porquê. Você será capaz de ser a estrela.” O rosto de Rikuson estava inexpressivo, mas havia lágrimas em seus olhos. “O herói de uma tragédia.” As lágrimas correram por suas

bochechas e caíram no chão.

Ele não podia fazer nada — não assim. Ele não podia fazer nada pela capital ocidental.

Ele não podia governar a cidade como filho de seu pai.

Ele não podia ir até Shaoh e resgatar os escravos, como seu pai havia feito. Ele havia planejado punir o homem que havia feito sua mãe passar pelo inferno.

Gyoku-ou era o filho mais velho de Gyokuen. Ele não deixaria ninguém usurpar aquele lugar dele.

Tudo o que ele tinha que fazer era apagar cada último resquício de evidência de que Gyokuen não era seu pai.

Não havia nada que ele não faria para conseguir isso.

Mesmo que isso significasse derrubar o clã Yi, que havia manchado suas mãos com transgressões

em benefício da capital ocidental.

Um dia, um dia quando tudo tivesse acabado, ele iria governar com segurança no lugar de Gyokuen...

O barulho de uma carruagem, o relinchar dos cavalos, o ranger das rodas, os gritos do cocheiro.

Os sons do mercado, os gritos dos mercadores, o borbulhar da multidão, o riso das crianças.

O ar seco e a terra exausta. Embora a terra tivesse poucas bênçãos, as pessoas aqui viviam bravamente e bem. Ele iria torná-los mais prósperos, mais ricos.

Não mais.

E foi só então que Gyoku-ou percebeu algo. Era estranho. Errado.

Por que, quando ele deveria herdar a liderança da capital ocidental no lugar de Gyokuen? Por que,

quando cabia a ele ajudar a cidade a crescer?

Por que, com tudo isso sendo verdade, ele colocaria a capital ocidental em perigo?
Ele sentiu os fios que o prendiam por tantos anos se desfazendo um por um. Os fios que o prendiam por décadas se romperam e cederam, e ele estava livre. A vida de Gyoku-ou se espalhou como um colar de contas de jade, e o homem que a cortou estava bem ali diante de seus olhos, em seu rosto uma mistura de ódio e pena.
Quem é você?
Esse foi o último pensamento que Gyoku-ou teve. Ele não pensaria mais, não faria mais nada.
Ele não faria a capital ocidental florescer como seu pai. Ele havia buscado ser um herói, mas sua vida terminou em completo anticlímax.

Capítulo 20: O vento chorão (Parte dois)

HSua mãe sempre lhe dizia: "Quando você crescer, você se tornará o vento".

Quando ele chegasse à maioridade, aos quinze anos, ele sairia para o mundo — mas até lá, ela lhe disse, ele deveria estudar tudo o que o mundo tinha a oferecer. Mais dois anos desse aprendizado o aguardavam...

Torne-se o vento, ela lhe disse, e sopre para que o ar dos confins ocidentais possa permanecer limpo.

Era uma lembrança da época antes de Rikuson ser chamada de Rikuson. As mulheres protegiam a cidade enquanto os homens vagavam pelas planícies:

foi isso que lhe ensinaram. Ele estava triste por saber que teria que sair de casa algum dia, mas se ele pudesse se tornar o vento, se ele pudesse ajudar

sua mãe e sua irmã mais velha, então ele estava feliz por isso.

Ele gostava de suas caminhadas à tarde, tentando decidir como poderia usar melhor o troco que lhe davam, como obter algo bom com isso e não desperdiçá-lo. Em que ele deveria gastá-lo que fosse satisfatório? Esse era seu próprio tipo de estudo. Muitos de seus parentes homens que saíram por conta própria se tornaram comerciantes, e Rikuson esperava que esse fosse o caminho que ele também escolheria.

Ele foi de loja em loja, comparando sabores, preços e quantidades, até encontrar a melhor fruta seca ou leite de cabra e comprá-lo. Então, ele iria para o salão Shogi.

Estava cheio de adultos com tempo para matar conversando uns com os outros — e havia muita informação para ser obtida lá. Rikuson poderia ouvir ainda mais conversas na taverna, mas ele ainda não era maior de idade e eles não o deixariam entrar.

Havia muitos bêbados no salão Shogi também — mas de vez em quando você podia encontrar um

verdadeiro mestre.

"Oh, oi, garoto. De volta?" perguntou um velho sentado em um tabuleiro Shogi. Ele era um ex-secretário no prédio administrativo. Ele estava quase aposentado agora, mas estava coletando materiais para algum tipo de nova história que estava compilando. Ele era o melhor tocador de Shogi na capital

ocidental. Todos o chamavam de Big Lin.

“Uh-huh.” Rikuson sentou-se ao lado de Big Lin e estudou o tabuleiro. Ficar perto dele manteria os bêbados mais desagradáveis longe.

Então Rikuson inclinou a cabeça. “Huh?” Big Lin estava perdendo o jogo.

Você não via isso com frequência. Rikuson olhou para seu oponente e viu um homem ainda mais ou menos na flor da juventude, mas esfarrapado, imundo. Seu rosto tinha uma barba por fazer, suas roupas estavam sujas e seu cabelo

estava mal preso no lugar. Sua roupa era boa o suficiente, mas parecia que suas circunstâncias não eram. Ele parecia fraco e não tinha bronzeado; ele não parecia ser um residente da capital ocidental. Mas seus olhos — seus olhos brilhavam como os de uma raposa.

“Vejo que você tem um pequeno peão com você”, disse o homem — uma peça Shogi. Ele usava um monóculo sobre um de seus olhos de raposa, uma peça importada, mas nesse cara tudo parecia grosseiro em vez de chique.

O que ele quis dizer com isso? Ele parecia estar falando sobre Rikuson. Ele se irritou com a expressão, suas mãos se fechando em punhos. "Quem você está chamando de Peão?" ele exigiu.

"Não fique chateado, garoto. Lakan é exatamente esse tipo de criatura", disse Big Lin calmamente.

"Mas ele me chamou de Peão!"

"O que há de errado nisso? A maioria das pessoas, ele apenas as chama de pedras de Go." "Pedras de Go..."

Rikuson não tinha certeza da diferença entre uma pedra de Go e um Peão. Ele olhou para o tabuleiro enquanto ponderava a questão. Este "Lakan" poderia parecer suspeito e zombar de todos que conhecesse, mas ele o apoiava sendo um tremendo jogador de Shogi. Esta foi a primeira vez que Rikuson viu Big Lin perder um jogo. Mesmo que Big Lin não fosse exatamente o jogador que tinha sido em sua juventude, no auge de seus poderes, as pessoas ainda o chamavam de sábio Shogi; quase não parecia possível que ele pudesse perder. Mas este visitante parecia estar segurando-o em cinquenta-cinquenta em seus jogos.

Curioso, Rikuson voltou no dia seguinte, e no dia seguinte. Lakan estava sempre lá. (Ele tinha um emprego?) Quando ele não estava no salão Shogi, Rikuson descobriu, ele estava no salão Go. Tudo o que ele fazia era jogar.

Um dia, Big Lin não estava lá; Lakan estava brincando com outras pessoas, mas ele parecia terrivelmente entediado com isso.

"É ele de novo", alguém disse. "O garoto Yi!"

Ninguém ousaria dizer tal coisa na presença de Big Lin, mas eles não sentiam necessidade de se conter quando Rikuson estava sozinho.

Garoto Yi. Um filho do clã Yi; era assim que o chamavam. O

Clã Yi governava a capital ocidental, mas havia muitos que se ressentiam de seu sistema único de herança e estavam muito prontos para falar mal deles.

Geração após geração, o clã Yi era governado por mulheres; todos os meninos que nasciam deixavam suas casas quando atingiam a maioridade. As mulheres Yi não tinham maridos e não sabiam quem eram os pais de seus filhos.

Como animais, algumas zombavam.

Rikuson sabia que tal desprezo era esperado. Muitos membros das tribos nômades passavam pela capital ocidental, e essas tribos sempre tiveram uma forte inclinação patriarcal. Elas até

denegriam crianças de pais desconhecidos como "crias Yi".

Apesar de tudo isso, Rikuson ainda sentia orgulho de saber que os Yi haviam protegido esses confins ocidentais por séculos.

Sem Big Lin ali, ele fez a segunda melhor coisa e sentou-se ao lado de Lakan. Eles já tinham se encontrado várias vezes, mas o outro homem não fez nenhum esforço para se lembrar de Rikuson. Na verdade, ele não fez nenhum esforço para se lembrar de ninguém. Ele apenas sentou-se em frente ao seu tabuleiro de Shogi; se alguém colocasse algumas moedas na mesa, ele jogaria. Era isso. O máximo que ele poderia fazer era comparar alguém a uma peça de Shogi com base em se era fraco ou forte, ou talvez por algum outro padrão.

"Senhor, você não se lembra de rostos?"

"Eu não entendo os rostos das pessoas", disse Lakan. Ele podia ser um adulto, mas não falava como um.

"O que há para ganhar? Você os vê algumas

vezes, você se lembra deles, certo?" "Eu só vejo pedras de Go. Ou peças de Shogi, se eu tiver sorte."

Isso não fazia sentido para Rikuson, mas ele não achava que Lakan estava mentindo. Distinguir os rostos das pessoas provavelmente não era mais fácil para ele do que distinguir o gado era para a maioria das pessoas. Entre as tribos nômades, dizia-se que alguns pastores conseguiam distinguir cada uma de suas ovelhas — mas Rikuson nunca conseguiu fazer isso. Talvez Lakan visse os rostos das pessoas da mesma forma que Rikuson via as ovelhas.

"Bem, o que você faz quando realmente precisa se lembrar de quem alguém é?"

Lakan ficou em silêncio por um momento. Enquanto refletia sobre a pergunta de Rikuson, ele continuou um jogo implacável de Shogi. Seu oponente empalideceu, reconheceu que estava derrotado e colocou algumas moedas na mesa. Talvez Lakan estivesse se sustentando apostando em jogos de Shogi?

Finalmente, ele disse: "Eu me lembro deles

pelo formato de suas orelhas ou por sua altura. Eu olho para a qualidade de seus cabelos. Memorizo o fedor de seu suor.

Ou eu ouço o tom de sua voz..."

"Não seria mais fácil apenas lembrar de seus rostos?"

"Eu não entendo rostos. Eu posso ver que as pessoas têm olhos, nariz e boca, mas quando tento juntá-los, eles ficam todos emaranhados e tudo o que consigo ver é uma pedra de Go. Agora, o tamanho das narinas de uma pessoa, o comprimento de seus cílios — isso eu consigo entender."

Então ele não se lembrava de um rosto inteiro, apenas detalhes específicos sobre ele. Isso parecia exaustivo. Não é de se admirar que ele só fizesse isso pelas pessoas mais importantes.

"Você veio da região central, senhor?" Rikuson perguntou. "Sim, e um dia desses eu vou voltar. Eu

tenho que voltar.” Lakan casualmente

esmagou seu próximo oponente enquanto falava.

“A região central,” Rikuson murmurou. Sua mãe havia dito para ele se tornar o vento e soprar em seu caminho, mas ela aprovaria que ele fosse tão longe quanto a capital real? Se ele fosse vento, ele queria viajar o mais longe que o vento pudesse.

“Senhor,” ele disse. “Se eu ficar grande e famoso na região central, você me dará um emprego?”

“Hrm? Você sobe de Peão, claro.” “Tudo bem. É um acordo.”

Sua irmã lhe ensinou que era sempre bom fazer conexões. Rikuson não sabia se se tornaria um comerciante ou não, mas não faria mal conhecer todo mundo que pudesse.

À noite, todo o clã comia junto. Rikuson estava

cercado por mulheres. A linhagem produziu muitas delas para começar, e como o único outro menino tinha atingido a maioridade no ano passado, Rikuson era o único filho homem que restava.

Havia três meninas, no entanto, irmãs nascidas em anos sucessivos. Primas de Rikuson. Elas eram muito parecidas — o mesmo pai, talvez. Elas tinham três, quatro e cinco anos, e enquanto a mais velha tinha se mostrado bem inteligente, as duas mais novas ainda não conseguiam falar, e Rikuson frequentemente se via obrigado a cuidar delas.

Sua irmã mais velha já tinha passado da idade adulta e era aceita entre os adultos.

Ele ouvia os adultos conversando enquanto alimentava seus primos. Eles falavam sobre provisões de alimentos, produtos importados e exportações de Li.

A mãe de Rikuson era uma figura central no clã. Sua irmã mais nova,

A tia de Rikuson, era a atual governante dos Yi; ela não tinha tido nenhuma filha, e do jeito que as coisas estavam, era a irmã mais velha de Rikuson, bem qualificada por idade e habilidade, a próxima na fila para liderar. Então as pessoas se esforçaram para incluir a irmã de Rikuson em suas discussões.

Pelo que ele ouviu, Rikuson concluiu que o comércio exterior estava em um lugar ruim agora. Eles estavam no vermelho há anos, a ponto de a região central estar dando trabalho para eles sobre isso. Há muito tempo, eles produziam grandes quantidades de papel de alta qualidade, mas hoje em dia só havia material inferior disponível. Papel, leve e fácil de transportar, era um produto importante para eles, e a mãe de Rikuson e os outros lutaram para encontrar um substituto para ele.

Pior, houve uma praga de insetos na província de I-sei. O aumento das terras agrícolas, elas próprias o resultado natural da crescente população da capital ocidental, eram as culpadas. Tudo o que a capital real podia ver eram os números da colheita e, como eles continuavam altos, eles se recusaram a enviar qualquer apoio. Mas as pessoas extras significavam ainda menos comida para todos.

"Deveríamos trazer a pedra negra", disse sua tia. Sua mãe, sua irmã, a irmã mais velha de sua mãe e todas as mulheres do clã só podiam acenar com a cabeça em concordância.

Rikuson fez não sabia o que era a pedra negra; ele apenas continuou dando pão para seu primo de três anos.

À noite, sua irmã e sua mãe lhe ensinavam a história da província de I-sei.

Quando a nação de Li foi fundada, eles disseram, os três filhos da barriga de Wang Mu, a Mãe Real, tornaram-se os líderes das três províncias.

No início, o clã Yi, que governava o oeste, lutou terrivelmente. Nesta terra, a tendência de colocar os homens à frente das mulheres era especialmente forte. As pessoas zombavam dos Yi porque seu progenitor era uma mulher; as pessoas se aproveitavam deles e em um ponto parecia que o clã poderia se desintegrar.

Os bajuladores tentaram roubar seu nome com bajulação, enquanto outros tentaram fazê-lo pela força.

Então, para que seu clã não fosse tomado de dentro, eles adotaram um sistema matriarcal. Eles não trouxeram maridos para suas casas. Todos os seus sucessores eram mulheres.

Funções especiais surgiram para os homens do clã Yi. Um deles era se tornar o vento. O vento — ou, novamente, ouvintes das coisas.

Eles iam aqui e ali na província de I-sei, coletando informações. Como comerciantes, como nômades. Aqueles que se tornaram nômades mais tarde passaram a ser conhecidos como a tribo Windreader, e podiam empregar pássaros e manter os insetos afastados.

Só que houve um erro de cálculo. A tribo Windreader foi destruída décadas atrás.

Havia várias tribos Windreader, e uma delas

cessou sua comunicação regular com os Yi. Por anos, décadas, então séculos, eles mantiveram sua separação do clã. Os Yi ocasionalmente enviavam um garoto para tentar fortalecer os laços de sangue, mas não havia garantias de que a tribo juraria lealdade a um antigo líder do clã indefinidamente. Eventualmente, surgiram alguns que buscavam lucrar se comunicando com outros países.

Então veio o ataque. A tribo Windreader que não estava mais se comunicando com os Yi foi tragicamente aniquilada por outra tribo. Algum idiota decidiu que a habilidade de controlar pássaros deveria ser passada de sangue e sequestrou uma de suas mulheres, tentando ganhar o poder para si. Então, para que ele tivesse o monopólio do poder, ele matou os outros e vendeu todos os sobreviventes como escravos.

Os Yi não conseguiam suportar os Windreaders que tinham se recusado a se comunicar com eles. Eles também separaram os Windreaders restantes, enviando aqueles com habilidades úteis para viver na cidade. De vez em quando, Rikuson entendeu, eles também se livravam silenciosamente de qualquer um que abusasse das práticas aviárias da tribo.

Se a tribo Windreader tivesse continuado a existir, outra escolha estaria aberta para Rikuson. Ele poderia ter vagado pelas planícies como um de seus membros.

A mãe e a irmã de Rikuson nunca o ensinaram a lidar com os pássaros, mas o ensinaram a afastar os insetos e lhe contaram como as coisas funcionavam nas aldeias agrícolas que continuavam a pontilhar a área. Se outra praga surgisse, os homens Yi que viviam ao redor da província estariam mais bem preparados do que ninguém.

Um dos homens que havia deixado o clã Yi visitava frequentemente a casa de Rikuson.

Ele era um homem de ombros largos, de meia-idade, com um sorriso gentil. Seu nome era Gyokuen. Na capital ocidental, ele às vezes era chamado de "o novo Você".

Ele tinha um rosto cheio e gentil, e frequentemente dava doces a Rikuson.

"Ele parece um garoto muito inteligente. Posso levá-lo como meu filho?", ele

perguntou à mãe de Rikuson.

"Por favor. Você está brincando", ela respondeu. "As pessoas já riem de você, dizem que você tem muitas esposas. Seu velho mulherengo."

"Ahh, contanto que eu consiga manter minhas esposas e filhos na moda, não há problema."

Rikuson descobriu que estava surpreso com esta revelação: apesar de toda sua aparência modesta, Gyokuen amava mulheres.

Gyokuen era um importante comerciante na capital ocidental. Ele havia começado a produzir tecidos e cerâmica para exportar em vez de papel, e controlava a importação de artigos de vidro. Ele começou a fazer vinho de uva na província de I-sei e o vendia junto com o vinho estrangeiro. Algumas pessoas com gostos altamente cultivados preferiam o vinho importado, mas também havia um

mercado para a variedade local, muito mais barata e menos ácida.

"E aí está. Vou visitar Shaoh para fazer algumas compras, a fim de sustentar minha esposa e filhos."

"Bem, bem. A casa pode sobreviver com seu mestre ausente por tanto tempo?"

"Meus filhos agora estão quase crescidos. Meu mais velho tem uma esposa e um filho. De qualquer forma, enquanto minha esposa perspicaz estiver por perto, tudo será cuidado."

"Ouvi falar do seu filho mais velho. Dizem que ele é muito capaz." "Ah, sim. Ele é um excelente trabalhador. Mas tenho algumas dúvidas sobre ele." "Como o quê

"Ele está decidido a ajudar a capital ocidental a florescer, e eu aplaudo isso, mas ao mesmo tempo ele tem... uma inclinação excludente. Ele odeia estrangeiros." O rosto normalmente composto de Gyokuen escureceu.

“Esse seu filho mais velho, ele é filho de Seibo, não é? Certamente você não precisa se preocupar com o filho dela?”

“Seibo? Só minha família usa esse nome, e só em particular. Como você sabe?”

“Hah. As pessoas falam, você sabe. Elas dizem que o ‘O novo Senhor You’ tem muitas concubinas, mas valoriza sua verdadeira esposa acima de tudo. Há rumores de que ele desconsidera o chefe ocidental e chama sua esposa de Seibo, ‘a mãe ocidental’.”

A mãe de Rikuson sorriu para Gyokuen, que não conseguiu deixar de sorrir em resposta. “Parece que você me pegou”, ele disse. “Mas chega de falar da minha família. Há algo mais importante acontecendo. Ouvi corretamente

que você começou a distribuir a pedra negra?” Lá estava aquela frase de novo, pensou Rikuson.

“Sim. A colheita ruim, você sabe — nenhuma outra escolha. Acho que você tem um pouco de influência nesse negócio em particular”, disse a mãe de Rikuson.

Sua irmã mais velha ouviu em silêncio. Rikuson parecia ser o único que não sabia do que estavam falando.

“Sim, mas estou fazendo isso de forma honesta. Se você estiver com problemas, devo ser capaz de lhe dar pelo menos algum apoio.”

A mãe e a irmã de Rikuson pareciam sérias.

"Está na hora de você dormir", disse sua irmã, tentando expulsá-lo do quarto.

"Mas eu não estou cansada", disse Rikuson. "Já é tarde o suficiente. Hora de dormir."

Ela o perseguiu até o quarto ao lado. Frustrado,

Rikuson fingiu dormir, mas logo ele estava com o ouvido pressionado contra a parede, escutando.

"E o que teríamos que fazer para ganhar seu apoio?" Ele ouviu a voz de sua mãe, ligeiramente abafada pela parede.

"Por favor. Você me faz parecer pouco caridoso."

"Os homens Yi são criados para não doar nada como comerciantes. E você é um homem Yi, não é, Gyokuen?"

"Me pegou de novo." Após uma breve pausa, ele disse: "Quero que você me empreste o registro da família."

O registro da família. Era um registro de onde as pessoas na província de I-sei tinham vindo e quando tinham chegado. Havia aqueles sem registro, mas se quisessem fazer negócios na capital ocidental, teriam que fazer um — teriam que provar quem e o que eram.

“De jeito nenhum. Esse é um documento

oficial. Se você quiser ‘pegar emprestado’, só posso presumir que quer mudar alguma coisa. Isso explicaria por que está falando comigo e não com o chefe.”

“Você não vai ceder nisso?” Gyokuen perguntou.

“Não. De qualquer forma, o registro da família já está emprestado — para Big Lin, como material de referência.”

“Oh...” Gyokuen parecia desapontado.

“Por que você iria querer mudar o registro da família, afinal?” “É sobre meu filho mais velho.”

“Seu filho?”

“Sim. Gyoku-ou. O registro contém a verdade honesta sobre suas

origens. Acho que ele odeia estrangeiros porque percebeu de onde veio.”

Rikuson continuou a escutar, embora estivesse um pouco perdido com a conversa.

“Não há fim para os antigos Leitores do Vento que vêm fazer exigências a mim em nome da minha esposa. Meu negócio cresceu consideravelmente. Imagine o que as pessoas diriam se meu próprio sucessor não tivesse nenhuma conexão de sangue comigo. Se você acredita que a capital ocidental precisa da família ‘nova Você’, então, por favor, me ajude.”

Embora ele não pudesse vê-lo, Rikuson quase conseguia imaginar a angústia no rosto de Gyokuen.

“Sua primeira esposa, Seibo... Ela veio dos próprios Leitores do Vento, não é?”, perguntou a mãe de Rikuson.

“Sim, é isso mesmo. Da tribo traidora dos Leitores do Vento à qual eu deveria me juntar. Eu deveria ter sido o marido dela lá. Deveria ter aprofundado e fortalecido nossos laços.”

Esta era a tribo dos Leitores do Vento que havia sido destruída há tanto tempo. “Sim, minha esposa

era da tribo que nos traiu. Mas foram os adultos

que cometeram essa traição. As crianças não sabiam de nada. Sempre que a via depois disso, ela sempre parecia exatamente como era há anos. Nós nos vimos várias vezes, sabia."

Rikuson queria ouvir mais, mas sentiu sua irmã chegando ao quarto e rapidamente mergulhou na cama.

"Irmã... O que é a pedra negra?" ele perguntou, tentando soar sonolento. "Não é algo que você precisa saber ainda," ela disse.

"Mas você me disse... Você me disse para estudar. Que eu não deveria ser ignorante." Sua irmã fez uma pausa e então disse, "A pedra negra é carvão. Uma rocha que queima.

Temos que cavar e cavar e cavar nas montanhas ocidentais para encontrá-la." "O que a torna... tão especial?"

"Quando há uma colheita ruim, muitas famílias mal têm o suficiente para comer e não conseguem

comprar combustível, certo?”

“Uh-huh.”

“Nós damos para essas famílias.” “Huh...”

Isso não soou como uma coisa tão ruim.

“Mas é difícil desenterrar a pedra, certo?” Rikuson perguntou. “Sim, muito difícil. Usamos escravos.”

“‘Escravos’?”

A irmã dele não parecia muito feliz com isso. “Não queremos, mas fazemos. Quanto mais eles mineram, mais rápido são libertados. Ouvi dizer que os trabalhadores mais rápidos saem em cinco anos.”

“E os mais lentos?”

“Décadas. Alguns deles costumavam ser

Leitores do Vento, sabia?" "E eles... Você não os deixa ir?"

A irmã dele balançou a cabeça. "Eles nos traíram. Sua falecida avó os encontrou como escravos e ouviu a história. Eles disseram que planejaram pegar o segredo de como usar os pássaros e ir para outro país com ele. Eles disseram que era tolice ter mulheres governantes e fazer os homens irem embora. Ao longo de tanto tempo como nômades, acho que eles começaram a pensar que outras terras É certo colocar os homens à frente das mulheres."

"E é por isso que a vovó os mandou para a mina?"

"Sim. Ela pensou que se eles cavassem bem, ela poderia libertá-los. Ela comprou vários outros ex-escravos Windreader. Mas essas pessoas disseram que foram enganadas. Aparentemente, eles pensaram que a vovó os libertaria mesmo se eles ficassem sentados sem fazer nada. Gyokuen, ele é muito mole com as pessoas. Ele liberta os escravos assim que os compra."

A irmã de Rikuson parecia ver isso como um

problema. Rikuson queria fazer mais perguntas sobre Gyokuen, sua esposa e seu filho mais velho, mas ele se conteve. Seria muito óbvio que ele estava bisbilhotando.

"Mas se os escravos trabalharem duro na mina, eventualmente eles podem ser livres e ir embora, certo?" ele perguntou.

"Sim, mas é um trabalho perigoso. Aqueles que estão lá há décadas, talvez isso mostre que eles não estão fazendo nada. Talvez eles pensem que somos nós que somos maus e errados."

Eles, ela acrescentou, devem nos odiar. Eles devem nos odiar.

A quem as palavras de sua irmã foram dirigidas?

Ele não sabia. Ele sabia, no entanto, que o clã Yi era desprezado por muitos.

Houve uma comoção naquele dia, começando logo de manhã. As pessoas cercaram a mansão; pareciam estar expressando algum tipo de

reclamação. Rikuson segurou seus primos aterrorizados e tentou confortá-los, mas ele não sabia o que estava acontecendo mais do que eles.

"Irmã mais velha, o que é isso? O que é todo esse barulho lá fora?" ele perguntou. "Não é nada. Está tudo bem", ela disse. Mas claramente não estava. Seu

rosto estava sem sangue, pálido.

A mãe deles veio e falou com a mãe de seus primos. Uma tia diferente daquela que liderava o clã, a mãe dos primos era a irmã mais nova da mãe de Rikuson, bem separada em anos.

"Saia pelos fundos. Leve as crianças com você", disse a mãe de Rikuson.

As crianças o incluíam. "A casa da mais nova esposa de Gyokuen — a nova família You, você os conhece — não fica longe. Tenho certeza de que você se lembra dela. A antiga dançarina? Os filhos dela têm quase a mesma idade que os seus. Você é

próximo dela.”

“M-Mas—”

“Sem mas! Leve-os e vá!”, disse a mãe de Rikuson, seu tom autoritário. Ela praticamente expulsou sua irmã da casa, e Rikuson junto com ela.

Sua mãe e sua outra tia, a líder do clã, foram para a frente.

Elas ficaram lá conversando com a multidão, que parecia estar em um ponto de ruptura. Rikuson entendeu que eles estavam ganhando tempo.

“Vamos, enquanto temos a chance.”

Rikuson, sua tia e seus primos saíram pelos fundos da casa.

Quando foram até a casa da mais nova esposa de Gyokuen, encontraram uma mulher de cabelos ruivos e olhos verdes. Quando ela viu Rikuson e os outros, ela gesticulou para que eles dessem a volta para uma entrada nos fundos.

"O-O que diabos está acontecendo?", perguntou a mãe dos primos.

Ao contrário da mãe de Rikuson e da outra tia, ela era uma mulher tranquila e raramente era incluída nas discussões domésticas em termos iguais com sua mãe e os outros. Ela não entendia completamente o que estava acontecendo.

"Eles estão dizendo que o clã Yi foi desonesto — e que isso foi relatado ao governo central!" A mulher ruiva olhou para baixo enquanto falava, seus olhos sombreados por cílios longos.

"Desonesto?", perguntou a tia de Rikuson.

"Sim... Eles dizem que mentiram sobre a quantidade de carvão que mineramos."

"A pedra negra? Agora eles têm um problema?", disse sua tia, indignada.

Ela parecia não acreditar no que estava ouvindo. “Está piorando”, disse a mulher ruiva.

“Pior?”

“Eles dizem que o clã está fazendo reivindicações além de sua posição — que alega ter dentro do clã um homem descendente da linhagem Imperial, e que eles Yi dizem que isso os torna os herdeiros legítimos do trono. E então um decreto Imperial foi emitido... para a destruição dos traidores que iriam

usurpar a família Imperial.” “Não... Isso não é possível.”

A tia de Rikuson e a mulher ruiva olharam para ele. “Certamente as acusações são falsas”, disse a mulher. “Claro que são!” “Mas quem é o pai?” “B-Bem

“...”

O clã Yi tinha o costume de não ser explícito sobre quem era o pai de uma criança. Esse era o jeito do clã desde que, uma vez, um homem apareceu alegando ser o pai do filho do chefe em uma tentativa de assumir o clã. Nem Rikuson sabia quem era seu pai.

“É verdade que minha irmã foi para a capital real algum tempo antes do menino nascer, mas os tempos não batem. Ele não pode ser uma criança imperial, e certamente não podemos insistir que o pai se identifique!”

Sua tia estava certa: o clã Yi nunca forçaria um pai a se apresentar e se identificar. Rikuson tinha parentes que eram suspeitos de serem filhos de atores ou dignitários estrangeiros, mas ninguém disse nada publicamente. Era assim que as mulheres do clã Yi faziam política.

“Não acredito que o governo central seria tolo o suficiente para aceitar tal alegação pelo valor de face — e ameaçar nos destruir por isso! Quem enviou a eles tais alegações falsas?”

“Eu ouvi...” a mulher ruiva começou, e então ela fez uma pausa. “Minha família... O selo do Mestre Gyokuen foi usado no carta.”

“O quê?” Os olhos da tia se arregalaram. Os priminhos de Rikuson, angustiados com a explosão da mãe, começaram a chorar. Ele não podia fazer nada além de tentar confortá-los.

“Vocês estão bem?” perguntou uma garotinha, aproximando-se deles. Ela tinha cabelos ruivos e olhos verdes. Ela começou a confortar os jovens primos.

“Você, querida, levaria as crianças para dentro e as entreteria?” “Sim, mãe,” a garota ruiva disse, pegando os primos pelas mãos.

Ela puxou a mão de Rikuson também, mas ele balançou a cabeça, recusando. “Então você está dizendo que o Mestre Gyokuen fez isso?!” A tia de Rikuson

exigiu.

“Não. Meu honrado marido está em uma viagem para a distante Shaoh. Sinto muito. Eu realmente não sei mais nada sobre isso,” a mulher ruiva disse.

“Então... Então...”

“Venha, você deve se trocar. Eu tenho uma roupa de babá; você pode usar isso.

Do jeito que você está vestida agora, todos saberão que você é do clã

Yi.”

A tia de Rikuson se encolheu. Os primos foram levados para um quarto de crianças.

Rikuson se perguntou se era seguro confiar nessa mulher ruiva.

E então ele entendeu qual deles absolutamente não deveria estar lá.

"N-Não, pare!" a mulher ruiva disse, tentando segurá-lo, mas ele afastou a mão dela e voltou para a mansão. Falar das minas era falar da pedra negra. Tudo o que sua mãe e os outros estavam fazendo, eles estavam fazendo pela Província de I-sei. Mas a capital real, que julgava tudo puramente com base em números superficiais, não entendia isso.

O segundo problema, as falsas acusações — Rikuson era a chave para isso.

Se eu... Se eu estiver lá...

Mesmo se ele fosse até eles, não havia nada que ele pudesse fazer. E ainda assim ele tinha que ir. Um inexplicável senso de dever o compeliu.

A multidão estava pressionando ao redor da mansão. As pessoas derrubaram e pularam em cima dos guardas, espancando-os com toda a sua fúria reprimida. Alguns espectadores gritavam e vaiavam. Outros pareciam aflitos com o que estava acontecendo, mas ninguém se moveu para ajudar.

Você nunca sabe o que as pessoas farão em circunstâncias extremas.

Isso foi algo que sua mãe lhe disse.

A atmosfera era quase festiva. Às vezes, as pessoas achavam a violência prazerosa, e havia aqueles que achavam o clã Yi repugnante, enojados pelas mulheres que ousavam governar a capital ocidental.

Rikuson ouviu um grito como seda rasgando.

Isso foi...? Não. Não, não foi. Não era sua irmã mais velha. Nem sua mãe.

Ele reconheceu algumas das vozes, mas por mais terrível que parecesse, Rikuson tinha suas prioridades.

Empurrando homens fixados apenas em violência e saques, ele se dirigiu para a sala onde sua irmã e sua mãe sempre estavam. Membros femininos do clã se aproximaram, mas ele passou, repetindo silenciosamente, desculpe, desculpe.

Agora que esses homens tinham uma desculpa, eles se transformaram em demônios entregues à fome.

Rikuson estava banhado em suor. Seus punhos cerrados estavam encharcados; ele ofegava e sua língua pendia para fora da boca como um cachorro de verdade. Quanto mais água seu corpo excretava, mais seca sua garganta ficava.

Cada vez que ele parecia prestes a cruzar o

caminho de alguém, ele rapidamente se escondia. Apesar de seus esforços, porém, ele estava preso do lado de fora do quarto de sua mãe. Rikuson chutou os pés, lutando.

"O que você está fazendo aqui?!" alguém sussurrou. Era sua irmã. Com o rosto branco, ela colocou a mão sobre a boca de Rikuson antes que ele pudesse gritar. Ela parecia diferente, de alguma forma, do normal. Ela havia prendido o cabelo e amarrado com um lenço e estava usando roupas masculinas.

"Irmã mais velha. Onde está nossa mãe? Por que você está vestida assim?" “A mãe está lá dentro. E eu só estou pegando emprestado suas roupas de cerimônia de maioridade.” “O quê?”

Era a roupa que eles tinham feito para a maioridade de Rikuson, dois anos depois. Presumindo que ele cresceria, eles a fizeram um pouco grande; sua mãe estava planejando passar muito tempo bordando-a.

Mal sabendo o que estava acontecendo, Rikuson se viu arrastado para outra sala. Sua mãe tinha uma espada na mão, a ponta encharcada de

sangue. Homens jaziam mortos ao redor dela.

"Mãe!" Rikuson disse, mas antes que ele pudesse falar mais, algo foi enfiado em sua boca. Sua irmã havia rasgado um pano e enrolado como uma mordaça. Rikuson quase engasgou.

"Cale a boca, fique quieto," sua irmã ordenou. "Você fala muito alto."

"Você não deve ser notado. Você absolutamente não deve," acrescentou sua mãe.

Ela e sua irmã amarraram as mãos e os pés de Rikuson e o enfiaram em um grande baú. Então eles fecharam a tampa e colocaram um peso de pedra pesado em cima.

"Você deve proteger as terras ocidentais. É isso que os homens Yi fazem.

Empregue quaisquer meios, use qualquer pessoa que você deva." Sua irmã sorriu. Ele podia ver os dentes dela.

"Estamos a salvo do fogo aqui?"

“Sim, eu acho que sim. Não há muita coisa que possa queimar — e tenho certeza de que eles querem usar o prédio novamente, de qualquer forma.”

Rikuson não sabia do que eles estavam falando. Ele só conseguia olhar através da malha trançada do baú.

“Isso não parece nada mal em mim, não é, mãe?”

“Não, de jeito nenhum. Acho que é exatamente assim que ele ficaria em alguns anos. Agora, não fale.” “Eu sei

.”

Rikuson entendeu então o que eles estavam fazendo ng para fazer. Naquele momento,

ele era o único filho homem no clã Yi. Se fosse verdade que a multidão acreditava que o clã era um pretendente imperial, eles iriam atrás de

Rikuson.

Sua irmã pretendia servir como seu dublê de corpo.

Rikuson fez outro barulho sufocado, mas a mordaça o impediu de gritar. Suas mãos e pés estavam amarrados e ele não conseguia se mover. Mas ele podia ouvir a multidão se aproximando, os gritos bestiais e o cheiro de óleo e sangue.

Sua mãe brandiu a espada.

Sua esgrima era como uma dança, a ponta da lâmina traçando arcos perfeitos no ar — mas os golpes eram leves, efêmeros. Eles só cortavam seus oponentes.

Pare! Você tem que parar com isso!

Rikuson mordeu a mordaça. Cuspe derramou pelas bordas, o fundo do peito ficando escorregadio com saliva e lágrimas.

Ele não podia fazer nada, e isso o agonizava.

Ele não queria se lembrar do que estava prestes a acontecer com sua irmã, com sua mãe. Mas o rosto do homem que perpetraria aquele ultraje — seu rosto, sozinho, Rikuson tinha que memorizar.

Ele não conseguia piscar.

Ele conhecia aquele rosto. Um membro da família "nova Você" que ele tinha visto apenas uma vez, em uma visita à casa deles.

O filho mais velho de Gyokuen.

Os dentes da frente brilhando com saliva. A pele bronzeada. As mãos ossudas.

O formato de suas orelhas e a qualidade de seu cabelo. Sua voz, que soava como a de um ator. Rikuson não se lembrava apenas de seu rosto. Ele usou todos os cinco sentidos para absorver o máximo de informações que podia, guardando-as em seu cérebro. Para que ele nunca esquecesse...

Enquanto esse homem praticava sua violência, havia retidão em seus olhos. Uma justiça egoísta e inútil preparada para fazer qualquer coisa, até

mesmo o mal, se fosse necessário.

Mas também, uma justiça que faria qualquer coisa para proteger o que importava para ele.

O clã Yi estava prestes a ser destruído por um pretexto distorcido.

As emoções de Rikuson ferviam dentro dele; ele sentia como se uma pedra quente estivesse sendo pressionada contra ele. Toda a água parecia estar evaporando de seu corpo, e ainda assim ele estava tão quente que sentiu que poderia começar a fumegar.

Ele. Ele fez isso!

O homem agarrou a irmã de Rikuson pela cabeça, arrastando-a pelos

cabelos.

Rikuson queria bater no homem. Ele queria matá-lo. Mas ele não podia. Mesmo que ele

pudesse sair daquele baú, o homem mataria Rikuson antes que ele pudesse dar um golpe.

Sua irmã e sua mãe sabiam. Foi por isso que eles trancaram Rikuson aqui. Por que eles o amarraram para que ele não pudesse fazer nada.

Nenhuma lágrima mais veio aos olhos de Rikuson. Ele apenas se amaldiçoou por sua fraqueza, por ser pequeno e estúpido e incapaz de fazer qualquer coisa.

A raiva e as maldições eram demais para a mente de Rikuson, e em algum momento ele perdeu a consciência. Ele foi trazido de volta por um som. Os homens, a multidão, ainda estavam lá? Ele não aguentava mais.

Custasse o que custasse, ele os mataria.

Rikuson começou a se debater no baú como um inseto da batata. Eventualmente, ele conseguiu fazer o peso de pedra cair da tampa. Ele rastejou, se arrastou e pressionou o rosto no chão até conseguir tirar a mordaça da boca; então ele gritou com uma voz rouca: "Eu vou te dar uma guelra!"

Rikuson olhou o mais forte que pôde para um homem na frente dele que estava ajoelhado diante do cadáver maltratado da mãe de Rikuson e chorando.

"Como isso pôde acabar assim?", o homem perguntou. Ele era rechonchudo; Rikuson se lembrava de ver um sorriso suave em seu rosto.

Era Gyokuen.

Rikuson se lançou para frente, rastejando em direção a Gyokuen e agarrando-se a seus pés. Normalmente, ele poderia ter sido capaz de lidar com as coisas de forma mais racional. As lágrimas nos olhos de Gyokuen eram de pena e arrependimento; este não era um homem de quem Rikuson precisava se vingar.

Mas, ao mesmo tempo, ele era o pai do homem que Rikuson odiava mais do que qualquer outro.

Gyokuen não disse nada, apenas confortou Rikuson enquanto o garoto o mordia. "Sinto muito. Sinto muito. É minha culpa. É tudo minha culpa."

Ele não se importava que os dentes de Rikuson afundassem em sua perna; ele não se importava que o sangue fluísse. Gyokuen apenas continuou tentando oferecer conforto a Rikuson.

Gyokuen levou o maltratado e imundo Rikuson para a casa da mulher de cabelo vermelho.

Sua tia e primos ainda estavam lá. Ao contrário de sua mãe e irmã, sua tia nunca tinha aparecido na frente, e ninguém sabia que ela pertencia ao clã Yi. Ela estava vestida como uma babá, escondida.

"Você está indo embora, irmão?" perguntou a mais velha das três irmãs, Haku-

u, puxando sua manga.

"Sim. Vou para um pouco mais longe."

Rikuson não podia mais ficar na capital ocidental. Se ficasse, tinha certeza de que

esqueceria as palavras de sua mãe e irmã. Ele nunca poderia perdoar o filho mais velho de Gyokuen, Gyoku-ou, ou aqueles que se juntaram a ele no ataque aos Yi. Ele só poderia prejudicar as pessoas que viviam nesta cidade.

Embora isso exigisse cada grama de sua força, ele deu as costas para seus primos.

"Ei..." Uma criança ruiva o chamou. Ela era aquela que chamavam de You, ele pensou.

"Sim, o quê?" Rikuson não tinha tempo para ser doce e gentil só porque ela era tão jovem.

"Você odeia o irmão Gyoku-ou?"

"Eu nem quero ouvir o nome dele."

"Sério? Ele me odeia e também. Eu me pergunto, ele virá atrás de mim algum dia?" Rikuson fez uma pausa. "Se ele vier, talvez eu ajude você. Se eu tiver vontade." Com isso, Rikuson embarcou em sua carruagem.

A carruagem seguiu ruidosamente, levando Rikuson para o porto.

Por mais que isso o irritasse, ele não tinha escolha a não ser recorrer a Gyokuen para obter ajuda. Uma criança de treze anos não tinha como se sustentar sozinha. Havia alguém na capital, disseram a ele, que pertencera ao clã Yi. Essa pessoa tinha acabado de perder um filho da idade de Rikuson, um garoto que se parecia muito com ele, e essa pessoa estava disposta a acolher Rikuson.

“Não se preocupe com o registro da família. Você pode simplesmente assumir o nome dele”, disse Gyokuen. Ele não pretendia cometer o mesmo erro duas vezes.

Rikuson ainda guardava rancor de Gyokuen. Este homem se autointitulou a fonte de tudo isso — então Rikuson achou que tinha o direito de saber por que ele e os seus foram atacados.

"Alguém da família You fez isso — enquanto você estava fora! Por quê?!

Foi seu filho mais velho?!" Rikuson exigiu.

Gyokuen, angustiado, sussurrou: "Sim. Ou, foi Ou. Meus outros filhos não tiveram nada a ver com isso."

"Por quê! Por quê?! Por que ele faria algo tão horrível?!"

"O registro. Acho que ele queria enterrar a verdade. A revolta foi um disfarce perfeito. Aquele garoto, ele não é meu de sangue, veja bem. A mãe dele era uma ex-escrava, e o pai dele é um estrangeiro. Como sobrevivente de uma antiga tribo Windreader, talvez ele odiasse o clã Yi."

"Eu sei o que você quer dizer..." Rikuson se lembrou da conversa sobre emprestar o registro da família para Gyokuen, sobre mudá-lo, e ele tentou o seu melhor para juntar tudo em sua cabeça. “Você acha que pode escapar da culpa, só porque ele não é seu filho?”

Gyokuen balançou a cabeça. “Toda a culpa é minha. Eu deveria ter reconhecido Ou como meu filho desde o começo. Eu deveria ter me certificado de que tudo estava em ordem para que

nada o incomodasse.”

“Então você não deveria ter continuado colecionando concubinas! Não é de se espantar que te chamem de Mulherengo!” Rikuson cuspiu. Gyokuen se encolheu. “Gyoku-ou não era seu filho de verdade, mas você continuou dando a ele irmãos e irmãs! Não foi por isso que ele achou que valia a pena instigar uma rebelião por causa de um registro familiar idiota?!”

“Você está certo. Sim, você está certo. Mas não é só Ou. Nenhum dos meus outros filhos é meu por sangue.”

“O quê?” Rikuson ficou para trás. Quando o homem tinha tantas esposas e filhos... como?

“Eu acho que pode ser que eu não seja fisicamente capaz de gerar filhos.

Minha primeira esposa deu à luz Ou, sim, mas ela e eu nunca conseguimos conceber um filho juntos. Sinto-me péssimo, mas embora eu tenha tentado com outros, nunca adiantou.”

Rikuson abriu e fechou a boca. “Então... Então todos os outros são...? E aquela garota, a que chamam de Você?”

“Um comerciante sem filhos nunca conseguiria manter a cabeça erguida. Procurei viúvas que já estivessem grávidas — as mulheres mais inteligentes que pude encontrar.” Gyokuen olhou pela janela da carruagem. “A vida na capital ocidental é difícil para uma mãe e um filho sem marido ou pai para cuidar deles. Mas essa vulnerabilidade também era uma oportunidade. Como comerciante, ofereci um contrato absoluto. Garanti que sustentaria eles e seus filhos, e em troca as mães me forneceriam suas habilidades em um campo específico. Além disso, Ou sozinho seria meu filho verdadeiro, para que ninguém tivesse a ideia de assumir a família dele. Essa parte era um segredo dos meus filhos.”

“Então você...”

“Todos eles acreditam que sou seu verdadeiro pai. Ou pelo menos eles fizeram. Mas Ou descobriu. Ele descobriu que não era meu filho de nascimento. E houve muitos que ameaçaram usar a verdade de suas circunstâncias contra ele.”

Rikuson olhou e viu apenas um homem rechonchudo segurando a cabeça entre as mãos.

"O dinheiro calou a maioria deles, mas alguns queriam mais. Era minha intenção simplesmente sempre tratar Gyoku-ou como meu verdadeiro filho."

Mas todo o trabalho de Gyokuen foi em vão.

"Mesmo depois que ele soube que eu não era seu pai, Ou continuou a agir como se eu fosse. Então eu lhe ensinei coisas. Disse a ele coisas que o ajudariam."

"Huh." Rikuson não poderia ter se importado menos. Se ele encontrasse espaço para simpatizar, então ele teria que perdoar — e se isso acontecesse, então ele preferiria nunca ter ouvido nada disso.

"No curso de conduzir negócios ao meu lado, Ou começou a se fixar na pedra negra. Muitos de seus apoiadores nessa rebelião eram pessoas que

guardavam rancor contra o clã Yi — incluindo muitos antigos Leitores do Vento. Muitos deles estavam trabalhando nas minas, você entende."

Deve ter sido lá que Gyoku-ou soube do engano em torno da quantidade de pedra negra sendo extraída.

"Então a razão pela qual ele derrubou o clã Yi foi por causa do ressentimento equivocado dos Leitores do Vento? Você não vai punir seu 'filho'? Se você é um homem Yi, se você é um protetor da capital ocidental, então você pode pelo menos fazer isso!"

"Sim, um desejo de vingança como membro dos Leitores do Vento foi uma das razões dele. Destruir o registro da família foi outra. Mas havia uma terceira."

"De quantas razões ele precisava?"

Gyokuen olhou para Rikuson. "Ou tinha a impressão equivocada de que uma criança do clã Yi era meu verdadeiro filho."

Com isso, Rikuson mordeu o lábio.

"Ele parece um garoto muito inteligente. Posso aceitá-lo como meu filho?"

Gyokuen queria adotar uma criança Yi. Rikuson o ouviu negociando com sua mãe. Aquela piada despreocupada motivou a destruição de todo o seu clã?

Foi por isso que Gyoku-ou inventou a conversa sobre a linhagem imperial: para acabar com Rikuson.

Sua irmã tinha sido uma tola. Era ela quem deveria ter sobrevivido, não ele. Ela era muito mais importante.

Por que ela deixou Rikuson viver?

E por que ele deveria falar com Gyokuen agora?

Rikuson foi tomado pelo desejo de se jogar em Gyokuen e espancá-lo até virar polpa. Eles estavam em uma carruagem; talvez Rikuson

pudesse arremessá-lo para fora

dela. Gyokuen ainda tinha o ferimento na perna de onde ele o mordeu; até mesmo uma criança como Rikuson poderia matar um homem corpulento como Gyokuen, se ele estivesse disposto a ir com ele.

Ele se lembrou do que sua irmã havia dito.

"Você deve proteger as terras ocidentais. É isso que os homens Yi fazem.

Empregue quaisquer meios, use qualquer pessoa que você deva."

Rikuson não podia se deixar morrer aqui. Para não prejudicar as terras ocidentais, ele iria para a região central, para um lugar onde ninguém sabia quem era Rikuson.

Ele mordeu o lábio e deixou suas unhas cravarem em seus joelhos. De alguma forma, ele conseguiu engolir o desejo de matar com a saliva

em sua boca.

"A última razão foi a autoridade central? Aquele estúpido decreto imperial?"

Ele se lembrou da mulher ruiva falando sobre isso. O Imperador deve ser incompetente. Ele pensou que se lembrava de ouvir que a Imperatriz Viúva tinha um controle tão completo da política que as pessoas a chamavam de Imperatriz Regente. Sem a folha de figueira daquele decreto, Gyoku-ou, até mesmo Gyoku-ou, não teria sido capaz de destruir o clã Yi.

"Me deram a entender que aquele decreto não era o que o governo realmente queria."

"Com licença?" Rikuson disse, horrorizado. O quê, eles tinham de alguma forma

emitido acidentalmente o decreto errado?

"Ele tinha o selo do Imperador, mas não o da Imperatriz Regente — ahem, quero dizer, a Imperatriz Viúva."

Então ele tinha sido emitido pelo fantoche, não pelo marionetista? Era esse o problema?

"A saúde de Sua Majestade está ruim há alguns anos, e sua mãe, a Imperatriz Viúva, não é mais uma jovem mulher."

"E com um decreto mal concebido, eles..."

"Sim. Eles sabiam que as acusações de bastardia imperial eram infundadas, mas o engano sobre as quantidades de pedra negra que haviam sido mineradas, isso não poderia ser escondido para sempre."

“S-Sim, mas...”

Então o clã Yi também tinha culpa. A maneira como eles tinham reforçado colheitas ruins e circunstâncias ruins com a pedra negra tinha funcionado até agora, mas estava fadado a desmoronar eventualmente.

“É por isso que vou aproveitar esta oportunidade para tomar os direitos de mineração do governo central”, disse Gyokuen.

“O quê?”

O homem atarracado e frágil tinha fogo nos olhos. “O governo não entende o verdadeiro valor do carvão. Na capital real, ele rende uma mera fração do que vale aqui. E aí está uma oportunidade.”

“Você quer dizer...”

“Usarei esse decreto mal concebido como minha moeda de troca. Ele deixou um vácuo de poder no oeste — e esse é um problema grave.” Agora Rikuson viu nos olhos de Gyokuen a segurança de um comerciante em seu elemento. “Quando eu o levar para a região central, também comparecerei à corte como um membro do antigo clã Yi, para protestar formalmente. Isso foi feito sob meu selo, então eu assumo a responsabilidade.”

“Mas isso significaria desafiar o governo. O que... O que aconteceria com você? Com sua família?” Rikuson não se importava nem um pouco com o que aconteceria com o filho idiota de

Gyokuen, Ou, mas havia sua esposa, a mulher que abrigou seus primos. Ela podia não ser parente de sangue, mas ele não queria vê-la arrastada para isso.

“Aqui, olhe para isso.” Gyokuen tirou uma cesta do chão aos seus pés. Dentro havia vários pombos. “É por isso que procurei expandir meus negócios. Aquele que controla as informações controla os mercados. Eles podem me enforcar por minha reclamação; não importa. Os pássaros deixarão minha família saber antes que algo aconteça a eles, e nenhuma das minhas esposas é uma mulher fraca, para ser facilmente desfeita. Não seremos apagadas.” Ele bateu em sua barriga como se fosse um grande tambor. “Ainda não está convencido?”

“Não... Ainda não.” A mente e as emoções de Rikuson não conseguiam acompanhar. Ele ainda era uma criança. Ele não sabia dizer se um adulto estava mentindo.

"Nesse caso, deixe-me sugerir alguma papelada." "O que você quer dizer?"

"Eu sou um homem de negócios. E eu favoreço

aqueles que ajudarão a tornar a capital ocidental ótima."

Uma mentalidade orientada para resultados — ele era um homem de negócios de fato.

"Ao mesmo tempo, eu flerto com o perigo. Quase por definição, minha vida será mais curta do que a dos meus filhos. Temo que, quando eu partir, um deles possa ficar ganancioso e tentar algo."

Isso parecia algo que o homem Ou faria, pensou Rikuson. Na verdade, ele já tinha feito.

"Se isso acontecer, quero que você elimine essa criança. E então você

deve proteger a capital ocidental." "Que diabos… ?”

Isso não funcionou para ele se tornar o sucessor de Gyokuen afinal

de tudo? Ele preferiria morrer.

“Depois de tudo isso, agora você vai me pedir para limpar sua bunda?” Rikuson exigiu.

“Não é isso que estou fazendo. Esse é o destino dos homens que se tornam o vento.”

“Homens que se tornam o vento...”

Gyokuen, Rikuson percebeu, era exatamente o tipo de homem que sua mãe e irmã disseram que ele era.

Era uma maneira baixa e suja de pegá-lo. Quando ele colocou dessa forma, Rikuson não teve escolha a não ser aceitar. Não teve escolha a não ser aprender a mesma teimosia sob um sorriso gentil.

Rikuson pegaria seu coração áspero e o afiaria com uma pedra de polimento, trabalhando e trabalhando até que ficasse liso e bonito. E então ele se tornaria afiado como uma espada, preparado para derrubar qualquer um, qualquer um, quando necessário.

“Eu acredito que chegamos.”

Rikuson saiu da carruagem e chegou ao porto. Lá ele viu um homem se comportando de forma muito estranha.

"Nada de navios! Não! Você não pode me fazer entrar em um!" Lá estava ele, um homem adulto, agarrado a um poste e fazendo birra como uma criança.

"Você tem que entrar no navio ou não pode voltar para casa. Vamos, finalmente encontramos um para levá-lo..."

"Mas... navios! Não posso! Nada de navios!"

Rikuson reconheceu o homem... era Lakan. "Senhor? O que você está fazendo?", ele perguntou antes que pudesse se conter.

"Hrm? Quem é você? Um peãozinho..."

Lakan tinha se esquecido completamente de Rikuson. Ele já estava acostumado com isso, mas ainda era irritante.

"Você vai voltar para a capital, não é? Bem, acho que você se divertiria mais em um barco do que por terra." Cambalear em uma carruagem e cambalear em um navio não eram tão diferentes, então é melhor ir com a viagem mais rápida, pensou Rikuson.

"Gnrr", Lakan resmungou, mas ele embarcou no barco.

"Você realmente não consegue se lembrar dos rostos das pessoas, consegue, senhor? Você vai ficar bem?"

"Hrm... Acho que pode ser um problema quando eu fizer sucesso no mundo." "Então,

quando você fizer sua fortuna, me contrate! Vou me lembrar dos rostos de todos

para você e nunca esquecerei. Vai ser bom para você."

"Hm, sim, tudo bem."

Foi a mais simples das conversas — ele nunca imaginou que uma década depois, isso realmente se tornaria realidade. Naquela época, o homem que veio a ser conhecido como o estrategista esquisito tinha se esquecido completamente de Rikuson.

No final, o clã Yi foi destruído. Mesmo diante de um protesto formal, o governo central não reconheceu que o decreto imperial estava errado, mas eles pareciam ter chegado a um acordo.

Testemunha:

Item. Os sobreviventes do clã Yi não seriam caçados.

Item. O nome I-sei, a Província Yi Ocidental, seria mantido. Item. Gyokuen, não "do clã Yi", mas "anteriormente do clã Yi",

governaria a capital ocidental.

Item. A Província I-sei não pagaria impostos sobre o carvão que extraísse — como uma forma de dinheiro para silenciar. Extraoficialmente, é claro.

O clã Yi continuou desonrado, mas Gyokuen havia escolhido o florescimento da Província I-sei em vez da honra. Por mais que doesse Rikuson admitir, Gyokuen era seu principal modelo de um homem que buscava o bem da capital ocidental antes de tudo.

Capítulo 21: O Estrategista Assume o Comando

AEm meio ao sangue, Rikuson ficou ruminando sobre o passado.

O atual prédio administrativo ficava dentro da mansão do clã Yi; na verdade, para seu escritório, Gyoku-ou havia escolhido o mesmo cômodo que a mãe de Rikuson havia usado.

Ele estava morto a facadas no lugar onde havia cometido aquele ultraje dezessete anos atrás. Era quase perfeito demais.

Rikuson havia retornado à capital ocidental sob as ordens de Gyokuen, mas quando descobriu que seu superior imediato seria o único homem de quem ele se lembrava mais claramente do que qualquer outro, pensou que poderia enlouquecer. Ele havia suportado, no entanto, para que pudesse honrar as últimas palavras de

sua irmã.

Quando Gyoku-ou perguntou se ele fazia parte do clã La, Rikuson foi além da raiva; ele descobriu que tudo o que conseguia fazer era rir. O homem que ele nunca poderia esquecer, descobriu-se, não se lembrava dele de forma alguma.

Este era o homem que Gyokuen havia criado como seu filho, apesar de todas as suas falhas. Ele pode não ter uma conexão de sangue com seu pai, mas ele tinha o talento para ajudar as terras ocidentais a crescerem e serem grandes. Talvez a única coisa que realmente lamentasse sobre ele fosse seu senso de inferioridade. A percepção de que ele não era o verdadeiro filho de Gyokuen o havia distorcido.

Ele havia buscado, não tornar as terras ocidentais grandes, nem protegê-las, mas usá-las como um meio de atacar Shaoh. Talvez ele quisesse erradicar a fonte de seu próprio sangue.

Isso, Rikuson não podia ignorar.

O palco estava perfeito demais, como se tivesse

sido preparado para ele.

Rikuson sacou a faca e se ajoelhou ao lado do homem que Gyoku-ou havia matado.

As pessoas entraram correndo. "O que está acontecendo aqui?", disse um. Então eles viram o chão manchado de sangue e Rikuson com os dois corpos.

"O-O que diabos é isso, Mestre Rikuson?!", perguntou o ajudante de Gyoku-ou. Os outros com ele começaram a tagarelar ruidosamente. Uma dama de companhia deu um grito.

É como você vê", disse Rikuson. "Quando entrei, ele já estava morto.

Eu simplesmente encontrei uma oportunidade de pegar a faca e matar o traidor em troca. Foi tudo o que pude fazer."

"Isso é verdade?", disse o ajudante, olhando para ele. De fato, todos olharam para Rikuson com desconfiança.

Claro. Era natural que suspeitassem dele. Todos ali sabiam que Rikuson havia sido recebido com pouca hospitalidade e sabiam que era possível que ele não fosse confiável. Ele teria que jogar isso com muito, muito cuidado.

Ou não. Talvez fosse melhor ser enterrado no mesmo lugar que sua mãe e irmã mais velha...

Os pensamentos mal passaram por sua cabeça quando alguém disse: "Ele já estava assassinado quando você entrou na sala. Então você matou o rebelde

—não é isso?"

Era, de todas as pessoas, Lakan parado ali. Ele parecia meio adormecido e nem estava usando seu monóculo. Eles não estavam no meio de uma cerimônia de estado? O que ele estava fazendo aqui?

"Mestre Lakan. O que aconteceu com a cerimônia?" "Eu estava com sono, então saí."

Ah, Rikuson pensou, estava tudo acabado agora. Não havia como esconder nada de Lakan. Ele não tinha boas nem más intenções, mas simplesmente exporia os fatos. Rikuson agarrou a faca: se ele fosse descoberto aqui, isso permitiria que ele morresse no mesmo lugar que sua mãe e irmã.

"Vocês ouviram o homem", Lakan disse para aqueles ao redor deles. "O que-o que você quer dizer, Grande Comandante Kan?"

"Hrm? Ele está dizendo a verdade. Ele matou o rebelde que matou o homem. Onde está o crime nisso? Se alguma coisa, é tudo culpa sua por deixar uma segurança tão escassa."

"O quê?" disse o ajudante, surpreso com essa acusação. "Estou cansado. Vou dormir."

Houve muitos murmúrios, mas o consenso geral era que se o Grande Comandante Kan disse isso, então era isso, e todos começaram a se retirar. Suas suspeitas sobre Rikuson foram dissipadas em um instante.

Rikuson se perguntou, brevemente, se ele poderia viver com isso. No entanto, ao mesmo tempo, ele estava aliviado por ter mantido sua promessa à irmã.

"Podemos falar sobre isso mais tarde. Por enquanto, é melhor você se trocar", disse o ajudante a ele. A dama de companhia que havia gritado antes, trêmula, estendeu um lenço para Rikuson. Ela era magra; Rikuson a tinha visto várias vezes antes.

"Você está aqui a trabalho, Srta. Chue?" ele sussurrou em seu ouvido. "Aww, como você sabia que era eu?" Seu rosto parecia completamente

diferente, mas a voz era a da alegre dama de companhia.

"Ele foi servido para mim em uma bandeja de prata. Achei que devia haver alguém por trás disso."

A maneira como ninguém veio ao escritório,

embora as circunstâncias fossem suspeitas. Sim, Gyoku-ou havia dito a todos para irem embora, mas era um pouco conveniente demais.

Rikuson entendeu: o destino de Gyoku-ou era morrer, mesmo que não tivesse sido Rikuson quem fez isso.

"Ohh. Era muito óbvio?" Chue perguntou, mas ela não negou. "Como você sabia que era eu? Eu mudei a cor do meu cabelo e o tamanho dos meus olhos!"

"Foi o formato das suas orelhas. Você tem as orelhas mais lindas, Srta. Chue." "Eep! Você está realmente estudando as orelhas de uma mulher casada tão

de perto?" A voz era de Chue, mas a linguagem corporal nervosa parecia de uma pessoa completamente diferente. Ela trouxe uma muda de roupa para Rikuson, enquanto conseguia parecer completamente horrorizado com o sangue por todo o corpo.

"Você acha que vou encontrar meu fim quando o médico começar sua investigação?" Rikuson perguntou casualmente.

"O Dr. You é o médico responsável aqui. Ele é um trabalhador muito dedicado, mas um pensador flexível — e mais do que tudo, ele quer que a capital ocidental seja pacífica. A Srta. Maomao, agora, ela pode começar a cavar por pura curiosidade. E os outros dois médicos, eles têm suas peculiaridades pessoais."

"Entendo o que você quer dizer. Vou fazer do meu negócio não ver Maomao novamente depois disso." O pensamento entristeceu Rikuson, mas não havia como evitá-lo. Ele não poderia retirar o que tinha feito.

"Bom plano. Ah, e se você também ficasse quieto sobre mim?" Chue disse, não deixando de silenciá-lo.

"Certamente farei. Posso fazer um pedido em troca?"

"O que seria?" Rikuson conseguia ouvir a voz distinta claramente em seu ouvido, mas para qualquer observador, Chue poderia nem parecer estar movendo os lábios. Seu disfarce era quase perfeito; até Rikuson poderia não tê-la reconhecido se não tivessem passado tantos dias juntos na vila agrícola.

"Você pegou uma coisinha do quarto mais cedo, não é, Srta. Chue?"

Ela foi tão sutil sobre isso que qualquer outra pessoa poderia não ter notado.

Mas Rikuson viu que a posição da mão de Chue estava um pouco diferente depois que ela entrou no quarto do que antes.

"Aww, por que você tem que ser tão afiada?" ela disse. Então ela acrescentou: "O Pequeno Lin é a verdadeira vítima aqui, não é?" Ela foi surpreendentemente franca sobre isso.

"Nesse caso, ele deve ter vindo aqui para fazer alguma exigência com base naquela coisa roubada. Especificamente, um registro de família, sim?"

"Por favor, não diga mais nada. A cabeça da Srta. Chue pode não ficar presa aos ombros dela!" Chue disse, embora não parecesse muito preocupada. Ela estava, no entanto, tomando cuidado para que não houvesse mais ninguém

por perto.

"Posso pedir que você se livre desse objeto que obteve o mais rápido possível?" Rikuson não perdoou e não perdoaria Gyoku-ou, mas também não pretendia manchar sua memória.

"Terei que perguntar aos meus superiores."

"Seria benéfico para todos, livrar-se dessa coisa. E se se tornasse de conhecimento público que o verdadeiro pai da Imperatriz era um ninguém de lugar nenhum?" Rikuson sentiu que Chue já sabia a verdade.

"Eu sei, eu sei, não seria nada divertido." Ela ainda parecia imperturbável, mas seu rosto estava um pouco mais tenso do que antes. Ela devia ser uma espiã muito capaz. Rikuson se perguntou se ela simplesmente o mataria, mas ele gostava de pensar que ela não o faria.

Se alguém investigasse o registro da família, era possível que descobrissem o verdadeiro pai da Imperatriz Gyokuyou. Podia-se ver quem tinha sido o marido anterior de sua mãe, e mesmo que ele estivesse morto, sua família poderia ser investigada. Isso não seria nada

bom.

"A Srta. Chue sabe por que esse registro familiar é uma má notícia para ela, mas o que faz você querer se livrar dele, Sr. Rikuson?"

"Não é nada especial. É simplesmente, se você faz um acordo com alguém e então o segredo dele é exposto, o acordo se torna inútil, não é?"

Ele não estava fazendo isso por Gyoku-ou — o homem que teria tolamente exposto toda a região ocidental ao perigo. Aquela grande massa de inferioridade em relação a Gyokuen.

Havia uma razão, e apenas uma razão, para Rikuson querer destruir o registro familiar — e era porque ele sentia um dever para com Gyokuen.

"Entendido! Vou falar com meus superiores sobre isso." Chue entregou a muda de roupa a Rikuson, e então ela foi para algum lugar, disfarçada e tudo.

"Não parece que ela serve diretamente ao Príncipe da Lua", Rikuson refletiu, mas não quis se aprofundar mais. Para começar, ele agora estava com a consciência pesada.

Rikuson voltou para seu quarto, onde fechou a porta e se ajoelhou. Ele queria desesperadamente trocar suas roupas ensanguentadas, mas seu corpo não se movia.

"Não entendo. É para ter acabado." Lágrimas começaram a cair de seus olhos.
Ploop-ploop-ploop. "Estou errado? Está apenas começando?"

Ele fungou como uma criança chorando. Como um adulto, era constrangedor — mas naquele momento ele sentiu sua mãe e irmã cuidando dele.

Além do mais, por algum motivo, Lakan o havia acobertado. "Eu não menti... mas ele deveria saber que não era verdade."

Que coisa atípica seu antigo chefe tinha feito, ele pensou.

Seu próximo pensamento foi que ele continuaria. Para proteger as terras ocidentais, ele viveria, ele continuaria sendo o vento.

Capítulo 22: O Irmão Mais Novo Imperial Reclamação

EMesmo em uma parte completamente diferente da propriedade, Maomao conseguia ouvir as mulheres soluçando. Do segundo andar do anexo, ela conseguia ver a fila na frente.

"Meu Deus, que horrível", disse Chue, como se não tivesse nada a ver com ela. "Dizem que funerais são solenes, mas certamente fazem um espetáculo aqui no oeste."

"Acho que isso é bem solene para os padrões deles." Maomao se afastou da janela e olhou para as gramas na mesa, uma seleção de ervas que ela encontrou que cresciam nas planícies. Chue as havia colhido para ela. Ela estava apenas tentando organizar e usar tudo quando recebeu uma notícia perturbadora. Gyoku-ou, ao que parecia, havia sido morto.

Ela se perguntou o que estava acontecendo ontem, quando apenas os irmãos e irmãs de Gyoku-ou estavam na cerimônia, e ele não tinha aparecido.

Eles disseram que ele havia sido assassinado por um fazendeiro que o havia abordado repetidamente por dinheiro. Maomao ficou meio surpresa ao ouvir isso — mas a outra metade de seus sentimentos incluía compreensão, um alívio estranho e uma certa dose de ansiedade.

"Um fazendeiro? Sério?", ela perguntou.

"Uh-huh. Acho que você já sabe, Srta. Maomao. Sobre como o Mestre Gyoku-ou pode ser um pouco caridoso demais."

Essa foi uma maneira legal de dizer, mas o que Chue quis dizer foi a maneira como ele emprestava dinheiro.

"Ponto justo. Acho que as pessoas que recebem devem saber que a pessoa que está emprestando o dinheiro não é um deus. Quais foram as condições do empréstimo?" Maomao perguntou, imaginando que se alguém saberia,

seria Chue com suas amplas informações.

"Você está certa; é exatamente como você diz. Ele não emprestou dinheiro incondicionalmente. Ele basicamente pediu que dessem ajuda quando houvesse uma emergência, mas não acho que as pessoas pudessem realmente imaginar uma emergência. Pode ser diferente nas aldeias mais a oeste, mas não

há casos de tribos bárbaras atacando a capital ocidental."

Esses problemas pareciam tão distantes geograficamente, e se nada mais, certamente as pessoas não esperavam que uma guerra estourasse em suas vidas. Foi isso que levou à rebelião recente. Gyoku-ou parecia encobrir Jinshi enquanto na verdade incitava as pessoas à guerra — mas acabou sendo o que o matou.

"Acho que não posso dizer que não simpatizo." Maomao entendeu, pelo menos um pouco, como o fazendeiro que matou Gyoku-ou deve ter se sentido.

As pessoas sempre achavam que as coisas não lhes diziam respeito até que as faíscas caíssem em suas próprias cabeças. E quanto mais pobre a pessoa era, menos conseguia pensar em qualquer coisa que não estivesse bem na frente de seu nariz. Mas essa visão estreita também podia cegar alguém de desejo. “Posso perguntar uma coisa? O que aconteceu com o assassino?”

“Ele foi morto de volta. Mas ainda assim, a família do fazendeiro foi informada antes que as coisas se tornassem públicas.”

Chue explicou com presteza o que Maomao realmente queria saber.

Se alguém tentasse matar um membro da família imperial, toda a família poderia ser destruída. E embora Gyoku-ou não fosse um membro da linhagem imperial, ele era o irmão mais velho da Imperatriz Gyokuyou e filho de Gyokuen. Maomao e os outros podem não ter uma impressão muito favorável dele, mas ele tinha muito apoio na capital ocidental. Mesmo que o assassino já estivesse morto, a família do assassino ainda poderia estar em perigo.

"Você acha que a família conseguiu escapar?"

"A Srta. Chue não saberia. Posso dizer que a justiça da multidão é contra a lei na capital ocidental, mas ainda assim, se eles não saíssem daqui, eles poderiam ter alguns problemas."

O ato pode ser ilegal, mas era impossível saber o quão eficaz a lei seria realmente para conter as pessoas. A revolta havia batido na porta do anexo onde o irmão mais novo imperial estava hospedado. As pessoas claramente não estavam em seu perfeito juízo.

"Mais alguma coisa que você queira perguntar, Srta. Maomao?" Chue sentou-se em sua cadeira com um sorriso indolente no rosto. Maomao sentou-se também, com uma erva medicinal meio murcha nas mãos. Ela planejava arrancar as folhas dos galhos e secá-las.

Foi realmente um fazendeiro que o matou? Ela pensou em fazer a pergunta diretamente, mas então se conteve. Em vez disso, ela disse: "O que vai acontecer depois? Ele era o governador regional interino, afinal. Ele estava

lidando com muito trabalho."

"Sim, sobre isso..." Chue pegou um galho para ajudar. Ela podia ser um pouco desleixada, mas também era uma dama de companhia capaz, e agora imitava o que Maomao estava fazendo, arrancando folhas do galho com destreza. "No ano passado — bem, há cerca de um ano, eu acho — o Sr. Rikuson tem cuidado de muito do trabalho. Isso vai combinar com o que ele já estava fazendo como ajudante, e com uma pequena exceção, não deve haver problema algum."

"Por que tenho a sensação de que essa pequena exceção é crucial?"

"Porque é. Não há ninguém para servir como o rosto da operação. Más notícias, más notícias."

"Ahh..." Maomao entendeu. Mas, ao mesmo tempo, ela tinha uma pergunta. "Dado o trabalho real envolvido, faz sentido que o Sr. Rikuson

faça isso, mas ele vem do centro região central", disse Chue. Sua resposta ao enxame de insetos demonstrou amplamente sua capacidade de liderar, mas ele não era poderoso o suficiente para ser o sucessor de Gyoku-ou.

"O Mestre Gyokuen tem muitos filhos, certo? Os irmãos e irmãs mais novos do Mestre Gyoku-ou. Havia aquele, hum... Dahai, não é? Quem administra o porto?" Maomao arriscou.

"Certo. Sim, é ele. Gyoku-ou tem seis irmãos mais novos sozinho. Sem mencionar um filho, embora seus irmãos e irmãs provavelmente seriam os primeiros da fila."

"Um deles não pode fazer isso?"

"Bem, a questão é..." Chue parecia não querer dizer. "Todos eles têm empregos especializados, entende."

"Empregos especializados? Como o quê?"

"Como barcos ou cerâmica. Muitos artesãos naquela família! Não importa o quão competente

ele seja, um fazendeiro como o irmão de Lahan nunca seria capaz de governar uma nação, certo?"

Maomao tentou imaginar o irmão de Lahan fazendo trabalho de escritório em vez de jogar uma enxada por cima do ombro. Ele provavelmente conseguiria, ela imaginou

—mas ele também seria dez vezes mais eficaz nos campos. Sem mencionar que aqueles que estavam no topo não podiam ser meramente comuns.

Mesmo os mais excepcionais poderiam esperar ser substituídos se cometessem um único erro.

"Estou pensando que ele poderia ter pago mais uma pessoa com bom senso político", disse Maomao.

"Ele provavelmente só não queria que ninguém brigasse com seu filho mais velho. E

se você pensar sobre isso, na verdade é a Imperatriz Gyokuyou que subiu mais alto no mundo, politicamente falando. Parece que o filho do Mestre Gyoku-ou ainda não teve muito treinamento — eles pensaram, por que se apressar enquanto seu pai estava vivo?”

“Acho que isso faz um certo sentido.”

Não se pode ir muito mais alto no mundo do que forjar uma conexão matrimonial com o Imperador. Gyokuen, um comerciante, conseguiu se tornar o sogro de Sua Majestade.

Mas isso os deixou de volta à estaca zero: quem lideraria a capital ocidental?

"Acho que não podemos esperar que o Mestre Gyokuen volte para a capital ocidental neste momento", disse Maomao.

"Na posição dele, seria complicado. Mesmo que tenha sido seu verdadeiro filho que morreu, não acho que isso o traria de volta para a capital ocidental agora. Acho que haverá algumas conversas bem desconfortáveis para o Príncipe da Lua depois do funeral. Você não pode evitar a

questão de se foi realmente um fazendeiro da capital ocidental que fez isso."

Que gentileza dela: esse era precisamente o assunto no qual Maomao estava profundamente interessado.

Gyoku-ou tinha sido um espinho no lado de Jinshi com toda a sua conversa sobre guerra, é verdade — mas ele era um espinho ainda maior agora que ele tinha ido e morrido.

“Há alguns outros figurões por aí, certo? Eles não podem fazer algo sobre isso?”

“Oh, a Srta. Chue não poderia te dizer. Mas há uma coisa que eu sei com certeza.” Ela se inclinou para bem perto de Maomao.

“S-Sim? O quê?” Maomao perguntou, um tanto intimidado.

“Não importa qual seja o resultado, o Príncipe da Lua voltará para casa muito cansado. Isso exige uma bebida medicinal que afaste a fadiga — de preferência algo não muito amargo.”

“Vou ver o que posso fazer,” Maomao murmurou. Ela arrancou mais algumas folhas e se perguntou se o charlatão tinha comido todo o mel que eles trouxeram.

Fiel à previsão de Chue, Jinshi estava profundamente cansado no dia seguinte. Estava tão ruim que até o charlatão, que normalmente podia ser facilmente enganado para concluir seu exame sem comentários, começou a se preocupar que o Príncipe da Lua pudesse estar doente.

“Estou apenas cansado. Só isso. Você pode ir,” Jinshi retrucou, e o charlatão

saiu desanimado. Maomao, no entanto, permaneceu.

Bem, isso é estranho.

Foi a primeira vez que eles realmente se viram desde seu pequeno episódio de “ataque”. Ainda

assim, Jinshi obviamente não estava fingindo sua exaustão, e Maomao foi dominado pela curiosidade sobre o que poderia ter acontecido.

Sua comitiva habitual já devia saber, porque eles pareciam estar sob uma nuvem coletiva. Que história cansativa ele havia contado a eles?

“Você pode ir em frente e se sentar,” Jinshi disse, então Maomao se sentou. Ela já tinha dado a Suiren a poção que havia criado. “Pergunte-me o que aconteceu.”

“O que aconteceu, senhor?” Maomao perguntou obedientemente. “Você nunca vai acreditar!”

Já fazia um bom tempo, Maomao refletiu, desde que Jinshi parecia tão exausto na frente de seus retentores. Às vezes ele ficava assim quando só Gaoshun estava por perto, mas...

Com Suiren, Taomei, Chue e Basen?

Sem mencionar que Baryou provavelmente estava fora de vista em algum lugar próximo.

Jinshi ostentou sua indiferença na frente de todos eles. Maomao poderia esperar que Suiren ou Taomei o repreendessem, mas nenhuma repreensão veio. Isso mostrou o quão justificável era sua indiferença.

Suiren colocou o remédio gentilmente na frente de Jinshi. Na verdade, era mais parecido com um caldo; Maomao havia escolhido uma espécie de sopa porque tentar muito mascarar o amargor com doçura poderia resultar em um sabor simplesmente estranho.

Ela colocou vegetais junto com ervas medicinais que ajudavam com a fadiga e cozinhou com bastante leite e manteiga até que a carne musculosa estivesse macia o suficiente para ser fácil de mastigar.

Para ser perfeitamente honesto, muitos dos ingredientes eram um tanto grosseiros para um paladar imperial, mas Maomao pelo menos tentou escolher ingredientes que ela achava que seriam mais eficazes. O caldo era verde — ainda era remédio, no final — mas deveria ter um gosto bom. O charlatão, Chue e Lihaku deram seu selo de aprovação.

"Mmmhh." Jinshi tomou um gole de sopa e então soltou um suspiro. Ele certamente estava demorando, considerando que ele havia implorado para que ela o ouvisse.

O importante era que a sopa parecia concordar com ele, porque ele voltou para pegar outra colherada, e depois outra, experimentando todos os ingredientes diferentes.

Acho que ele está com muita fome, pensou Maomao. Depois de comer um bocado, parecia que ele não conseguia parar, e ele comeu tudo. Ele limpou

seus lábios brilhantes com as costas da mão — não era um comportamento muito principesco, mas apropriado para um jovem de sua idade.

No momento seguinte, porém, ele de repente parecia pronto. Ele se endireitou e não parecia mais tão cansado — fale sobre suas mudanças rápidas.

"Nós discutimos quem seria o líder da região ocidental daqui para frente, mas foi tudo muito andar em círculos, como esperávamos", disse ele.

"Eu imagino, senhor", Maomao respondeu com um rápido olhar para Taomei.

Se tivesse sido apenas Suiren ou Chue lá, isso seria uma coisa, mas os olhos de Taomei a assustaram. Ela teve que agir de forma um tanto formal e distante porque ela nunca conseguia ter certeza de qual aspecto de sua atitude Taomei poderia considerar desrespeitoso.

"Os outros filhos de Sir Gyokuen rejeitaram unanimemente a ideia de se apresentarem. Cada um deles se destaca em seu próprio campo, mas nenhum é adequado para a política. Isso vale para todos eles. Enquanto isso, o filho de Sir Gyoku-ou ainda não estudou o suficiente em política, ou assim me disseram. Ele não é poderoso o suficiente para de repente nomeá-lo governador interino." Jinshi parecia enfático. Seus punhos estavam cerrados. “Então consideramos os ajudantes de Sir Gyoku-ou. Eles são competentes o suficiente em seus trabalhos, mas nenhum deles tinha coragem para ficar no topo.”

“Suponho que eles sejam o tipo de pessoa que se sente mais confortável ajudando.”

“Certo.”

Às vezes é assim que as pessoas são. Nem todo mundo desejava subir implacavelmente no mundo. Havia aqueles que não precisavam de uma posição alta, desde que tivessem o suficiente para comer. Parecia que todos os ajudantes de Gyoku-ou possuíam essa disposição.

Ele se esforçou para se cercar de pessoas assim, ou elas simplesmente gravitavam em torno dele?

Se alguém quisesse um pouco de prestígio, mas não quisesse ficar no topo, eles poderiam ser mais felizes como ajudantes. Mesmo que aqueles que fossem muito diligentes pudessem se envolver demais em seu trabalho e acabar com problemas de estômago.

“Perguntamos entre as pessoas mais importantes e influentes da capital ocidental, mas a resposta era sempre não. De uma perspectiva mercantil, parece que as desvantagens superaram

os ganhos.”

“Eles são um povo muito comerciante, não são, senhor?”

“Sim, é assim que esta cidade funciona. É muito bom se alguém tem tanto poder quanto Sir Gyokuen, mas os outros comerciantes são todos

tão poderosos quanto os outros.”

Maomao não sabia quantos comerciantes influentes havia na capital ocidental, mas se um se apresentasse com muita ansiedade, ele poderia muito bem ser esmagado pelos outros. Além disso, todos estavam ocupados lidando com as consequências do enxame, e era difícil culpá-los se não quisessem assumir mais trabalho.

“Achei que havia uma pessoa que pudesse se encaixar no perfil...” Jinshi disse. “Sim? Quem era?”

“Rikuson.”

Sim, Maomao percebeu, é claro que Jinshi pensaria nele. O nome dele até lhe ocorreu, afinal. Acima de tudo, Chue certamente teria feito um relatório completo.

"Você parece estranhamente... aceitar essa ideia," Jinshi disse, parecendo levemente irritado.

É melhor sair na frente antes que ele se lembre de todo o negócio da proposta de casamento e isso se torne bobo.

"Senhor, quando o enxame chegou, eu o vi ficar completamente calmo e agir. Além disso, ele tem coragem de sobreviver como o braço direito da aberração, não tem?"

Objetivamente falando, ele era altamente capaz.

"Sim! A Srta. Chue concorda com isso!" Chue disse, sua mão disparando no ar. Um par de olhos predadores brilharam para um lado.

"Sim, bem, ele se desculpou alegando que tinha sido enviado aqui em nome do governo

central.”

“Imagino.”

Dado que Rikuson veio da região central, seria melhor se ele não arriscasse muito. Tudo exatamente como Chue havia dito.

Se ele fosse da capital ocidental, talvez as coisas fossem diferentes...

“Hrm?” Maomao disse. Algo sobre seu próprio pensamento a incomodava, mas ela presumiu que era apenas sua imaginação e ignorou.

"Na verdade, Rikuson disse que eu deveria liderar este lugar!"

"Ele o quê?!" Maomao exclamou; até ela não conseguiu evitar pular da cadeira e falar a plenos pulmões.

Os olhos predadores agora pousaram em Maomao. Ela se abaixou de volta na cadeira, sentindo-se um pouco enjoada. "O que você acha

que ele estava tinta, senhor?" ela perguntou com educada educação estudada.

"Exatamente o que ele disse, eu suspeito. Os negócios diários poderiam continuar

normalmente, com os assistentes cuidando de tudo. Mas ele achou que eu deveria permanecer como o 'rosto'. Maldição! Isso! Cara! Rikuson!"

Caramba.

Não é de se espantar que ele estivesse tão cansado. Ele parecia estar enfatizando seu ponto principal.

"Mas se ele veio aqui 'em nome', eu não sou nada mais do que um visitante. Estou errado?" Jinshi perguntou, olhando para ela.

"Não, senhor."

"Por todos os direitos, eu poderia estar de volta à capital agora, não poderia? Por que todo

mundo simplesmente fica parado olhando para mim? Hein?”

“Claro, senhor...”

Ela se lembrou dele dizendo que essa viagem duraria três meses, no mínimo. Mas ele nunca disse quanto tempo duraria, no máximo.

Quantos meses já se passaram? Maomao contou nos dedos.

Mais de cinco meses que eles passaram na capital ocidental. Incluindo a viagem de barco para chegar aqui, já fazia mais de meio ano desde que eles deixaram a capital real. Francamente, ela queria que Gyoku-ou tivesse tido a boa vontade de ser mais cuidadoso quando foi morto. Uh, não que ela estivesse feliz por ele estar morto, mas ele não poderia ter esperado para bater as botas até depois de resolver os mal-entendidos sobre Jinshi, sobre o irmão mais novo Imperial? Ele só incitou o povo para a guerra.

Quantos problemas um velho bastardo poderia causar?

Por outro lado, o que teria acontecido se ele tivesse sobrevivido?

Se um homem com tanta influência na região tivesse realmente pressionado pela guerra, até mesmo Jinshi, um membro da família Imperial, só poderia ter resistido a ele por um tempo. Poderia ter sido possível pelo menos evitar uma guerra real com Shaoh, mas...

"Mas Mestre J-Jinshi", disse Maomao, usando seu nome com alguma hesitação. Os olhos do predador eram assustadores. "Você pretendia permanecer independentemente, certo?"

Jinshi não disse nada sobre isso — o que significava que era verdade. Se ele realmente achasse isso tão insuportável, ele poderia facilmente ter voltado para casa no momento em que o enxame o atingiu. Considerando sua posição, ninguém poderia ou teria reclamado; na verdade, ele sem dúvida recebeu uma ou duas cartas encorajando-o a fazer exatamente isso.

Mas isso teria deixado as pessoas esfarrapadas de corpo e alma pelo enxame, com as tribos estrangeiras atacando e ninguém para liderá-las e

guiá-las. Mesmo no meio de uma situação profundamente desagradável, Jinshi estava usando

sua cabeça.

"Não podemos simplesmente deixar a capital ocidental assim, podemos?" Maomao perguntou.

"Você está absolutamente certo." Jinshi deu um suspiro. Ele estava de volta a parecer cansado e estava dando pequenas olhadas para Maomao.

"O que é, senhor?"

"Nas circunstâncias atuais, acho que seria mais seguro retornar para a região central."

Mais seguro para quem retornar, Maomao se perguntou, mas então ela percebeu — ele se referia a ela.

"Suponho que seria", ela admitiu. Ele poderia tê-la mandado embora para sua segurança

nominal, mas ela ainda acabou cercada por gafanhotos. Então uma insurreição chegou bem na porta dela. Mas isso foi um erro, aqui. "Você não pode me dizer para ir para casa, senhor, não agora. Eu garanto que você perderia seu estrategista esquisito também." Ela enfatizou o ponto.

Eu adoraria ir para casa. Deus, como eu adoraria.

Ela continuaria. Ela teve que escrever cartas para a madame, Yao e En-en.

"Se nos perguntarmos, quanta perda o estrategista esquisito realmente é para a autoridade central, acho que a resposta honesta é, não muito. Na verdade, ele provavelmente é mais útil para eles aqui, você não acha? Mesmo que ele possa tornar a vida um pouco barulhenta. E ele tem um companheiro Shogi e tudo mais."

“Mas—”

“Se você quer me mandar para onde, bem, se eu sou apenas um peão que não faz diferença para a situação estratégica, acho que não tenho o

direito de me opor. Eu sou um peão para você, Mestre Jinshi?"

Ele ficou em silêncio.

"Há algo que você gostaria de me dizer?"

"Sim. Eu quero..." Ele começou a responder, mas se recusou a olhá-la nos olhos. Finalmente ele disse, "Eu quero outra tigela desse ensopado."

"Claro," Maomao disse depois de um segundo. "Vou pegar mais."

Aparentemente, ela imaginou, essa era a maneira dele de dizer que ela era útil o suficiente para mantê-la por perto.

Ela esperava que o médico charlatão não tivesse comido o resto do ensopado como um lanche da meia-noite. Ela teve um pequeno pensamento travesso de que talvez ela devesse ter colocado uma placa nele: Somente para uso Imperial.

Epílogo

AComo você quiser.

Essa era a totalidade da carta para Rikuson.

Ele pensou na garota ruiva, You. A filha mais nova de Gyokuen, filha de um atraente artista viajante, criada para que um dia pudesse ir para a região central. Ela abrigou os sobreviventes do clã Yi. Ele tinha certeza de que Haku-u e suas irmãs, da mesma forma, foram salvas pela garota cujo sorriso nunca vacilou.

Assim como Gyokuen havia previsto, You cresceu linda, e ele mudou seu nome para Gyokuyou. Ele a enviou para o palácio dos fundos, e agora ela havia se tornado Imperatriz.

Gyoku-ou havia procurado seguir os passos de seu pai Gyokuen, qualquer que fosse a forma que isso assumisse.

Embora ela tenha feito isso à sua maneira, Gyokuyou era a mesma.

O que Gyokuen valorizava mais do que tudo era a proteção da capital ocidental. Gyoku-ou tentou fazê-lo florescer, enquanto Gyokuyou trabalhou para se insinuar com a autoridade central.

O trio que Rikuson uma vez tratou como irmãzinhas também cresceu linda. Ele só as viu novamente depois que Gyokuyou se tornou Imperatriz. As três serviram entre suas damas de companhia; elas deixaram o palácio traseiro com ela e viveram no palácio da Imperatriz.

As irmãs mais novas não se lembravam de Rikuson, mas a mais velha, Haku-u, o conhecia. Isso embora ele tivesse abandonado seu nome anterior e estivesse vivendo como outra pessoa. Talvez tenha sido culpa dele por examinar as irmãs muito de perto enquanto elas passavam.

Haku-u entrou em contato com ele — em parte porque ele era um rosto familiar, mas em parte para instá-lo, como um membro sobrevivente do clã Yi, a retornar à capital ocidental e se tornar seu líder. Mas isso era impensável.

Rikuson era filho de um rebelde; ele não deveria existir.

Ele pensou que talvez Haku-u estivesse tentando devolver o antigo poder aos Yi — mas na década e mais desde que eles se separaram, ela se tornou uma leal dama de companhia da filha de Gyokuen, Gyokuyou.

Por que, então, ela tentou fazer com que Rikuson governasse a capital ocidental?

Ele logo teve a oportunidade de descobrir. Na visita do ano passado à cidade, Rikuson havia tomado parte no lugar de Lakan.

Ele estava assombrado pela possibilidade de que alguém o reconhecesse, ou descobrisse quem ele realmente era, e ele se encolhia a

cada momento da jornada. Para seu espanto, no entanto, ele foi tratado como todos os outros convidados — e nada mais. Ninguém sabia que ele era filho do clã que outrora havia segurado a capital ocidental na palma de sua mão. Mais notavelmente, Gyoku-ou parecia não dar a mínima para Rikuson.

A capital ocidental estava florescendo. Muito mais, ele pensou, do que provavelmente já havia prosperado sob os Yi. Não importa a tragédia do passado; os habitantes desta cidade eram empresários por completo. À luz da riqueza que a cidade agora desfrutava, o que aconteceu poderia quase ser descartado como um mal necessário.

Rikuson, no entanto, estava alerta às sombras que o florescimento lançava. Durante sua breve estadia na capital ocidental, Gyokuen o convocou. "O que você acha da capital ocidental?", ele perguntou.

Gyokuen tinha visto, a distorção que afligia Gyoku-ou. O que poderia começar como uma pequena distorção, se não fosse resolvido por décadas, poderia, em última análise, deformar-se além do reparo. Além disso, agora

estava decidido que Gyokuen iria para a região central. Sem dúvida, ele estava contemplando o que Gyoku-ou faria sem ele para agir como um cheque.

Rikuson sabia que Gyoku-ou não era digno de confiança.

Foi Rikuson quem Gyokuen escolheu para agir como seu cheque na capital ocidental.

"Por que você mesmo não faz algo sobre ele?!" Rikuson exigiu, adotando um tom veemente que não usava há mais de dez anos. Embora tivesse jurado a si mesmo que não falaria daquele jeito novamente depois que se tornasse Rikuson.

Então foi que ele voltou para a capital ocidental, Gyokuen o tendo escolhido pessoalmente.

Ele seria o vigia de Gyoku-ou — e, se algo acontecesse, seu carrasco...

Rikuson suspeitou que Gyokuyou sabia sobre a decisão de Gyokuen. Ela enviou cartas para ele via Haku-u. Sempre usando pombos. Como

Rikuson suava enquanto o irmão mais novo Imperial tentava descobrir como os bandidos estavam se comunicando! Os pombos eram um meio especial de comunicação, não algo a ser compartilhado com a família Imperial.

Como você vai.

Ele não conseguia agir de acordo com o conteúdo da carta da Imperatriz Gyokuyou.

Ele se preocupou; todo esse tempo, ele se preocupou com isso.

Se ao menos o homem Gyoku-ou tivesse reconhecido sua própria responsabilidade, em algum momento, de alguma forma.

"Eu poderia ter tido mais azar?"

Se ele pudesse ter sido apenas o vigia de Gyoku-ou. Por que aquele bastardo tinha que ser tão deformado?

Por que ninguém tentou consertá-lo? Por que eles fizeram Rikuson fazer isso? Não... Isso não é verdade.

Rikuson desejou isso, ansiou por isso.

Para finalmente se vingar de sua mãe e irmã. E seu desejo foi atendido.

"Agora não sinto mais vontade de fazer nada", ele disse longamente.

Ele tentou passar a responsabilidade para outra pessoa, tentou nomear alguém além dele para liderar o capital ocidental agora que Gyoku-ou se foi. Em tempos de paz, pode ter havido alguns interessados, mas ninguém queria assumir o papel de governador interino com a crise do enxame de insetos ainda recente.

Ele até começou a ouvir pessoas dizendo que ele próprio deveria assumir o cargo, e foi quando ele finalmente deu voz aos seus pensamentos: "Eu acho que você, Príncipe da Lua, pode ser apropriado."

O irmão mais novo Imperial ficou boquiaberto. Rikuson realmente se sentiu mal. Mas ele teve um pequeno pensamento insolente, que pelo menos então ele teria companhia na miséria de estar sobrecarregado de trabalho.

"O que devo fazer?"

Rikuson estava bem e verdadeiramente esgotado. Ele não conseguia reunir desejo de fazer nada, e até tentou empurrar as coisas que não queria fazer para outras pessoas. Na verdade, ele estava se esquivando do trabalho naquele exato momento, reclinado nos galhos de uma árvore.

O propósito pelo qual ele viveu por mais de dez anos se foi, deixando um vazio enorme em seu lugar. Não seria surpreendente se ele simplesmente tivesse morrido.

O que Rikuson fez foi imperdoável — mas, ao mesmo tempo, eles perderam a chance de puni-lo. Foi cruel, mesquinho e sujo.

Rikuson achou sua própria existência repulsiva e hedionda.

A luz do sol espiava entre as folhas, e pequenos pássaros voavam pelo

ar.

"Pássaros..."

Quando ele os viu planando sem esforço pelo céu, isso trouxe de volta

memórias de uma época em que ele acreditava que se tornaria o vento. Quando chegasse o dia de sua cerimônia de maioridade, ele vestiria a roupa bordada. Então ele poderia se tornar um comerciante, ou um marinheiro, ou viajar para algum lugar distante. Naquela época, tantos e tão grandiosos sonhos estavam lá para ele sonhar.

"Longe..."

Isso pode ser bom, ele pensou, enquanto
da árvore. Vá para algum lugar onde
mais ninguém, viva uma vida e
finalmente, caia morto em algum campo.

De repente, ele pensou ter ouvido uma voz: "Não, você não pode!" Rikuson olhou ao redor, mas não havia ninguém lá. Apenas o vento soprando e os pássaros voando.
"Você não vai fazer algo pela capital ocidental?"
Ele estava apenas ouvindo coisas. O vento e o canto dos pássaros de alguma forma soaram para ele como a voz de uma jovem mulher.
No entanto, ele disse como se estivesse em resposta: "Devo continuar trabalhando, Irmã Mais Velha?" O vento soprou, um grande grito.
"Ha ha ha! Agora você está apenas sendo má." Rikuson riu e deitou-se no chão. O céu se estendia acima dele, amplo e azul, e a brisa era adorável em sua pele.
Essa jornada teria que esperar. Ele poderia ir depois que a vida retornasse à capital ocidental, depois que as pessoas mais uma vez se cumprimentassem com um sorriso ao passarem.
Tudo para dar à sua mãe e irmã o que elas desejavam. Por elas, ele poderia trabalhar um pouco mais.

Notas do tradutor – *The Apothecary Diaries* vol. 11

Mostre-me o Shogi!

Olá e bem-vindos às reflexões da equipe de tradução para o volume 11 de The Apothecary Diaries! Passamos muito tempo nestes ensaios falando sobre as formas comuns que os desafios de tradução assumem. Desta vez, vamos analisar um problema de localização de um tipo que você não vê todo dia.

No capítulo 3, os personagens descobrem registros de jogos de Shogi, que são dados na notação Shogi padrão.

Os restos continham inscrições como "S59" e

"+B83". Até Maomao, que não tinha interesse algum em Shogi, reconheceu isso como uma notação mostrando como as peças em uma partida de Shogi se moviam. Essa notação envolvia numerais estrangeiros não usados na província de Kaou, talvez para facilitar a leitura.

Isso significa alguma coisa mesmo? Maomao conteve um gemido. Em vez disso, ela se virou para Onsou e perguntou: "Você tem outro tabuleiro de Shogi e algumas peças que podemos pegar emprestado?" Quando você não entendia algo, não havia nada melhor do que tentar.

Onsou forneceu os materiais e, com um clique-clique-clique, Maomao começou a alinhar as peças.

"Vamos ver... S59 seria..." Ela tentou colocar as peças onde as notas indicavam, mas cada vez mais suspeitava que era um esforço inútil. Ela estava prestes a colocar um dos peões quando parou.

"Agora, isso é engraçado", Chue interrompeu, olhando para o tabuleiro. "Diz que o peão deve

se mover para a linha dois."

"Huh! Até eu sei que é um movimento ilegal." Até Lihaku estava entrando na brincadeira.

Nosso desafio neste volume veio na forma de como os registros de partidas de Shogi são formatados em notação japonesa versus notação ocidental. Ao abordar esta passagem, começamos com a premissa de que "semelhante traduz

semelhante" — em outras palavras, para dar aos leitores ingleses uma experiência semelhante à dos leitores japoneses, era justo transpor a notação japonesa de Shogi para o estilo aceito em inglês. Parece simples o suficiente, certo?

O problema era que a notação Shogi padrão difere substancialmente entre textos em japonês e em inglês, e isso criou um quebra-cabeça para a tradução.

Em sua essência, a notação Shogi japonesa requer apenas que duas propriedades sejam listadas para um movimento: o destino de uma peça no tabuleiro (escrito como dois caracteres: o primeiro escrito em algarismos arábicos e representando a coluna no tabuleiro, e um numeral kanji representando a linha) e a peça sendo movida (escrita como um único caractere kanji representativo daquela peça). No texto acima, o que transcrevemos como S59 na notação inglesa é 5九銀 (go-kyuu-gin) na notação japonesa — coluna 5, linha 9 (九 sendo o kanji para 9) e a peça sendo 銀, o que chamamos de Silver General em nossas traduções.

A notação inglesa requer os mesmos aspectos da notação japonesa, mas com um recurso extra: o movimento que a peça faz. O inglês denota cada peça com uma letra (S para Silver General), e o destino é escrito como dois numerais, ambos arábicos (a coluna 5 linha 9 é

escrita como 59). A notação ocidental coloca um símbolo denotando o tipo de movimento entre a peça e seu destino (- significando um movimento simples, etc.) P-24 indicaria que um peão (P) faz um movimento simples (-) para a coluna 2, linha 4 (24) no tabuleiro.

Então, para resumir, ambos os sistemas indicam a peça que faz o movimento, mas a notação ocidental a coloca no início da sequência, enquanto o japonês a coloca no final; a notação ocidental inclui o tipo de movimento (movimento simples, movimento com captura, etc.), o que não é obrigatório em japonês; e ambos os sistemas incluem o destino, mas, novamente, isso vem no início em japonês e depois na notação ocidental.

Isso pode parecer direto até certo ponto, embora haja algumas outras peculiaridades que podem fazer a notação parecer ainda mais exótica na tradução do que no original. Por exemplo, um dos outros movimentos mencionados é 8三馬 (árabe 8, kanji 3, “cavalo”). Uma, “cavalo”, é a abreviação japonesa para “ryuma”, “cavalo

dragão", que é a forma promovida do Bispo (kakugyou). Enquanto o japonês tem kanji separados para indicar cada uma das peças promovidas, como aqui, a notação ocidental usa o código para a peça original precedido por um sinal de mais. Então o Bispo promovido é notado como "+B", e a notação completa para este movimento é

"+B83." (A propósito, a linha sobre a notação usando "numerais estrangeiros não usados na província de Kaou" é uma tradução direta do que está no texto japonês. Como Maomao e seus companheiros evidentemente escrevem usando o que chamaríamos de caracteres chineses, achamos que seria justo descrever os numerais arábicos como "estrangeiros", quer houvesse um ou dois deles. Apenas mais uma das muitas pequenas considerações que entram em linhas aparentemente incidentais.)

O principal problema de localização aparece com a linha

de Chue, que renderizamos como "Diz que o peão deve se mover para a linha dois". Em japonês, a linha é bem breve: "Nifu desu yo!" A palavra "nifu" é a notação Shogi 二歩, ou um kanji 2 seguido pelo caractere para "peão" (literalmente, "soldado de infantaria"). Em outras palavras, o numeral arábico inicial (a coluna no tabuleiro) não é fornecido — não, provavelmente, porque não esteja nos registros que eles estão estudando, mas porque não é no que Chue está interessado. Já sabemos que o número kanji indica a linha onde a peça termina. Um peão na linha 2 é impressionante para ela porque — como aparentemente até Lihaku sabe — os peões começam na terceira linha e não podem se mover para trás.

Tudo isso é muito bom, mas como a notação ocidental usa peça, arquivo de destino, linha de

destino, não podemos indicar apenas a peça e a linha sem deixar uma lacuna. Teria que ser escrito como algo como "P...2", o que parece engraçado e pode nem fazer sentido — sem mencionar a questão de como seria pronunciado em voz alta, já que Chue está falando a linha. Portanto, precisávamos de uma maneira de obter apenas as informações relevantes na linha — e lançá-la como uma declaração explicativa parecia a maneira mais suave de fazer isso.

É um ponto relativamente menor no grande esquema das coisas — todas essas considerações são para o benefício de praticamente apenas esta linha, e não é um assunto que surge novamente em outro lugar do livro. Na tradução, até as menores coisas podem ter histórias surpreendentemente grandes por trás delas.

Até a próxima, divirta-se, leia bastante, e nos vemos no volume

12!